CARTAS INÉDITAS

DA

RAINHA D. ESTEFÂNIA

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Estephania, Queen Consort of Pedro V, King of Portugal

CARTAS INÉDITAS

DA

RAINHA D. ESTEFÂNIA

PREFACIADAS E COMENTADAS

POR

JÚLIO DE VILHENA

SÓCIO EFECTIVO DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1922

Ao terminar a parte principal do nosso estudo ácêrca de D. Pedro V e o seu reinado, escrevemos que, se o Príncipe de Hohenzollern-Sigmaringen nos facilitasse o conhecimento das cartas da Rainha D. Estefânia, existentes no seu arquivo, o nosso último livro teria por objecto a vida e virtudes desta Princesa.

Vamos cumprir a nossa promessa, visto estarmos hoje na posse dos papéis com tanto empenho solicitados, e com tamanha generosidade concedidos.

Mas antes de principiar a nossa tarefa, cumpramos o dever que impende a todo o historiador, ainda que seja o mais humilde cronista como nós, de mostrar a autenticidade dos documentos em que assenta a sua narração.

As cartas da Rainha D. Estefânia que são, além de uma fotografia da formosa alma da sua autora, também documentos de alto valor para a história do reinado de seu marido, encontram-se no Arquivo da casa de Sigmaringen há mais de sessenta anos, sem que, até agora, fôsse conhecida a sua existência ali.

¿ Como as descobrimos e como as obtivemos?

Convém dizê-lo, porque também isso deve ficar pertencendo à história.

Quando discutíamos a questão, não levantada por nós, mas posta em debate havia tempo, da real ou suposta anafrodisia de D. Pedro, lembrou-nos que talvez no Arquivo da família da Rainha houvesse qualquer documento redigido por sua mão, uma confidência, por exemplo, com sua mãe, que viesse subministrar algum esclarecimento que contribuísse para a solução do problema.

Pedimos à Academia das Sciências de Lisboa e, em especial, ao seu ilustrado secretário, sr. conselheiro Cristóvão Aires, que nos auxiliasse neste propósito, pois que apadrinhados por esta notável corporação scientífica, conhecida em todo o mundo, poderíamos mais fàcilmente conseguir o que desejávamos.

Perguntou-se, pois, se existiam os documentos que se procuravam.

A pergunta foi dirigida em 1 de Março de 1921, e logo em 21 recebia-se esta carta:

ARQUIVO
DA
CASA E DOS DOMÍNIOS
DO
PRÍNCIPE DE HOHENZOLLERN

« Sigmaringen, 21 de Março de 1921. — A Academia das Sciências de Lisboa. — O Arquivo do Príncipe con-

firma a recepção da vossa estimada carta de 1 do corrente mês, que foi dada ao conhecimento de sua alteza real, o Príncipe de Hohenzollern. Sua alteza, o Príncipe, concedeu licença de vos fazer a remessa da cópia das cartas da defunta Rainha Estefânia, de Portugal, Princesa de Hohenzollern, com a condição que estas cartas sirvam exclusivamente para elaboração duma obra histórica e que todo o abuso seja excluído.

« O Arquivo do Príncipe contém um grande número (mais de 100 ex.) de cartas da Rainha D. Estefânia, que Deus haja, dirigidas a seus pais, irmãos, preceptores, etc., falta porém quási por completo a correspondência com o Rei D. Pedro, da qual aparecem apenas alguns rascunhos. As cartas estão na sua maioria escritas em francês. O Arquivo do Príncipe está pronto a mandar copiar todas as cartas para a Academia das Sciências em Lisboa, caso assim o deseje, e pede o favor das vossas notícias em caso afirmativo.

« A pequena biografia da Rainha escrita em português e publicada em 1859, assim como uma outra publicada em 1864, por Catarina Diez, sob o título Estefânia, Rainha de Portugal *e editada por Scheitlin em Stuttgart, devem ser-vos conhecidas. —* Dr. Hebeisen, *Arquivista do Príncipe. — Ao Sr. Christ. Aires, Secretário geral da Academia das Sciências ».*

Animados com esta resposta, escrevemos novamente, e agora com a direcção pessoal ao sr. dr. Hebeisen, dizendo que, por emquanto, não desejava a Academia toda a correspondência da Rainha, mas sòmente qualquer trecho, que porventura existisse, concernente à frigidez de D. Pedro nas suas relações conjugais.

Em 29 de Abril de 1921, respondia-nos o sr. dr. Hebeisen:

« *Sigmaringen, 29 de Abril de 1921. — Ex.mo Senhor. — Em resposta à vossa amável carta n.º 55, de 8 de Abril do ano corrente, participo a V. Ex.a que as cópias das cartas da Rainha D. Estefânia seguirão para aí por estes dias.*

« *Ao mesmo tempo, peço queira desculpar-me o atrazo dêste assunto, mas intrometeram-se trabalhos inadiáveis e em conseqüência disso as cópias só agora puderam ser concluídas.*

« *Com a mais alta consideração* — Dr. Hebeisen ».

E ainda sôbre o mesmo assunto:

« *Sigmaringen, 22 de Junho de 1921. — À Academia das Sciências de Lisboa. — O Arquivo do Príncipe confirma a recepção da vossa carta de 4 de Abril do ano corrente. A correspondência muito volumosa da Rainha D. Estefânia foi entretanto minuciosamente examinada, no sentido do assunto especial indicado por V. Ex.a*

« *Encontrei, porém, só duas passagens apropriadas ao vosso fim, cuja cópia remeto junto a esta carta. Não encontrei mais nenhuns elementos para o vosso trabalho.*

. . . .

« *Com a mais alta consideração* — Dr. Hebeisen, *Arquivista do Príncipe* ».

As cartas, ou antes os trechos das cartas, relativos à questão, chegaram, e foram aproveitados no livro D. Pedro V e o seu reinado, *vol. II, págs. 401 a 406, mas como tivessemos dúvidas sôbre se ésses trechos*

haviam sido escritos em francês ou em alemão, interrogámos sôbre o caso o sr. Hebeisen, que nos respondeu:

> *« Sigmaringen, 2 de Agosto de 1921. — Ex.mo Senhor — De posse das vossas duas cartas de 21 e 27 de Julho, tenho o prazer de comunicar a V. Ex.a o seguinte:*
>
> *« Quanto à vossa pergunta se as cópias das cartas remetidas a V. Ex.a são traduções ou textos originais posso assegurar-vos que todas as cópias das cartas da Rainha D. Estefânia foram tiradas de textos originais ».*
>
> . . . .
>
> *« Com o protesto da mais distinta consideração —* Dr. Hebeisen, *Arquivista do Príncipe ».*

E, ainda sôbre o mesmo ponto, em vista duma nossa insistência, o sr. Hebeisen confirmara a carta anterior:

> *« Sigmaringen, 7 de Outubro de 1921. — Ex.mo Senhor — Em resposta à carta de V. Ex.a, datada de 27 de Setembro, tenho o prazer de comunicar que todas as cópias das cartas da Rainha D. Estefânia são textuais e podem, sem mais preâmbulos, ser inseridas num trabalho scientífico. Não existem aqui mais cartas ou documentos, que se relacionem com o assunto em questão. Parece-me ser esta a resposta que a carta de V. Ex.a requer, mas caso haja, contra a minha vontade, algum êrro ou mal-entendido, peço desde já desculpa e prontifico-me a dar todos os esclarecimentos.*
>
> *« Com a mais alta consideração — De V. Ex.a —* Dr. Hebeisen, *Chefe do Arquivo do Príncipe de Hohenzollern ».*

Estava publicado o livro D. Pedro V e o seu reinado; *estava feita a promessa, aliás sob condição, de nos ser enviada a cópia das cartas, sem a qual era impossível escrever ácêrca da Rainha qualquer coisa que passasse de um pequêno, embora sentido panegírico, porque as mulheres virtuosas e santas como ela, não têem na vida outros factos que não sejam as suas virtudes; restava perguntar se podíamos contar com a remessa dos documentos. Fizemos a pergunta em 4 de Novembro de 1921, e alcançámos a seguinte resposta:*

« Sigmaringen, 30 de Novembro de 1921. — Ex.^mo^ Senhor — Em resposta à vossa carta de 4 de Novembro, n.º 495, temos a honra de comunicar o seguinte:

« Com relação à vossa carta em que se pergunta se estaríamos dispostos a enviar cópias das cartas da Rainha D. Estefânia de Portugal, confirmamos hoje novamente que da melhor vontade nos prestamos a isso. Ao mesmo tempo lamentamos que o assunto se tenha atrazado por causa de um mal entendido.

« Não podemos já hoje precisar o praso em que se poderá concluir o trabalho, mas decerto levará umas seis semanas, pouco mais ou menos. Já começámos as nossas buscas.

. . . .

« Ao mesmo tempo, tomamos a liberdade de pedir a remessa grátis de um exemplar das memórias publicadas sôbre a Rainha D. Estefânia.

« Sempre pronto para qualquer esclarecimento, subscreve com a maior consideração — Dr. Hebeisen, *Chefe do Arquivo do Príncipe ».*

Por fim, chegaram as cartas de Estefânia no meado de Agôsto.

De toda esta exposição deve concluir-se:

1.º — Que a nota a pág. 402 do vol. II *do livro* D. Pedro V, *em que nos pareceu, sem contudo o afirmarmos, que os trechos aí publicados poderiam ter sido escritos primitivamente em alemão e vertidos depois para a língua francesa, fica inteiramente esclarecida, verificando-se, pelas afirmações claras das cartas do sr. dr. Hebeisen de 2 de Agosto e de 7 de Outubro que foram escritos em francês pela Rainha, que bem conhecia êste idioma, como afirmam Catarina Diez que se refere a Madame Naudin, de nacionalidade francêsa, e mestra de Estefânia desde a infância, e ainda Viale que foi seu mestre de português.*

É claro que os documentos citados nada perdem da sua fôrça probatória e antes lhes fica esta mais robustecida, porque nem sequer correm o risco de uma pequena infidelidade na tradução. Esses trechos verdadeiramente sensacionais saíram, precisamente como estão, das mãos da Rainha;

2.º — Que as cartas da Rainha Estefânia, agora publicadas, são autênticas, sem que em tempo algum possa, com razão, levantar-se qualquer dúvida sôbre a sua genuínidade (1).

---

(1) *A tradução em português das cartas do sr. dr. Hebeisen,*

*
* *

Justificada a autenticidade das cartas, vem naturalmente a exposição da ordem que demos a éste trabalho.

Em primeiro lugar, era preciso traçar um ligeiro esbôço biográfico de Estefânia; em segundo lugar, convinha rectificar alguns erros históricos que aparecem em escritos de autores, ou ainda na tradição, ácêrca do casamento de D. Pedro V; por fim, era mister concluir, apreciando a psicologia da Rainha, a sua vida doméstica, e o valor moral e histórico das suas cartas.

Quanto aos dois últimos pontos não encontrámos grandes dificuldades.

Não assim quanto ao primeiro.

A parte biográfica exigia a descrição dos lugares, onde a Rainha viveu antes de casar, das cerimónias do seu casamento na igreja berlinense de Santa Edwiges, da sua rectificação em S. Domingos e de tudo o que

---

atrás transcritas, é feita pela senhora D. Sofia Mittermayer, de nacionalidade alemã, inteligente empregada na Biblioteca Nacional de Lisboa. As palavras eliminadas por nós referem-se a assunto diverso que é desnecessário publicar].

se passou em Düsseldorf e na sua viágem até desembarcar em Lisboa.

Ora, nós não assistimos a nenhum dêsses actos e nem mesmo conhecemos nenhuma das regiões da Suévia.

Lembrou-nos fazer uma viagem a Sigmarigen e a Düsseldorf. Queriamos ver de perto o velho castelo medieval, trepando pelos rochedos, até chegar lá acima para se mirar — velho Fausto de pedra hoje rejuvenescido — nas águas do Danúbio que lhe correm nas faldas. Queriamos percorrer a donairosa Sigmarigen que se espreguiça entre vales, verduras e águas claras, nos requebros duma ondina vaporosa.

¿E em Düsseldorf?

¡Ah! ¡Aí pisaríamos com veneração, com suavidade e com ternura mesmo, o chão, tocado pelos pés da virtuosa Estefânia! Entraríamos nos museus onde ela entrou, nas igrejas onde ela rezou, nas choupanas onde ela depôs os óbulos da sua caridade, no Hofgarten, *onde à sombra das árvores seculares, se embalou nos sonhos de criança.*

¡Düsseldorf! ¡Como nos seria agradável ver o sítio onde Goëthe leu o seu Egmont! *¡Onde Schiller discorria com Jacobi! ¡Onde Jacobi lia e comentava Spinosa! ¡Onde Immerman procurava reconstruir a lenda de Tristan e Iseu!*

¡Terra da poesia, da arte, da metafísica, de tudo quanto é belo na imaginação e na inteligência, terra

nascida num beijo do Rheno e do Dussel, como nós desejariamos ver-te para te retratar com as melhores côres da nossa palavra neste livro desmaiado como a velhice!

Mas a idade impede-nos de nos ajoelhar junto ao busto marmóreo de Estefânia, que os camponeses cobrem de flores e onde nós lançariamos também algumas das saüdades, colhidas nos jardins de Portugal e guardadas, na sua expressão de amor, no coração daqueles que tanto choraram a sua morte. ¡Não podemos ir!

Assim, teremos de aceitar as impressões alheias, reproduzindo-as pàlidamente sem as côres que só a visão pessoal lhes poderia imprimir. ¡É pouco!

*
* *

Na parte descritiva dos factos aproveitámos, sobretudo, o que Catarina Diez escreveu. Ela conhecia, como ninguém, toda a região do Rheno e do Danúbio, e, em especial, Düsseldorf, onde decorreu a infância de Estefânia. As suas descrições têem o perfume que o coração de uma mulher exala, quando compreende e se refere ao coração de outra mulher.

Tudo o mais que se tem escrito sôbre Estefânia é álgido, porque nenhum homem, nem talvez seu marido, o grande Rei, a puderam compreender.

Ainda na parte puramente descritiva, tomámos por base os relatórios, documentos frios de mera narrativa, e as crónicas do tempo, que descrevem a chegada de Estefânia a Lisboa e o mais que ocorreu até o fim da sua recepção na capital. Tudo vai anotado no lugar competente. No resto não precisámos de ninguém.

Fizemos, para assim dizer, a anatomia psíquica da Rainha, e quando na alma lhe encontráramos alguma dessas grandes qualidades que erguem a mulher à categoria dos seres superiores, aos anjos, como se costuma dizer, ajoelhávamos no êxtase de quem se alheia do mundo para procurar no céu a expressão que não encontra na palavra humana.

¡Não a descobriamos, porém, e tinhamos vontade de quebrar a pena!

¿E como encontrá-la?

Os velhos têem o coração empedrado, e nós, mais do que todos os nossos coetâneos.

O vento da política passou por nós durante cinqüenta anos, e quebrou pelo pé alguma pobre flor que, por ventura, nos tivesse desabrochado no coração.

A nossa alma, estéril como um campo devastado pela tempestade, não cria olores que embalsamem o ar que cerca as divindades, nem coroas entretecidas de rosas que adornem a cabeça das santas.

Daremos à figura de Estefânia o pouco que nos resta no sentimento moribundo e quási extinto.

São as relíquias, que sempre ficam nas cinzas do lume que foi vivo, e hoje está de todo apagado.

*
* *

Com êste livro terminam as nossas indagações históricas ácêrca da pessoa e do reinado de D. Pedro V.

Empreendendo esta obra não tivemos em vista outro fim, que não fôsse o restituir à verdade histórica essa figura extraordinária de sôbre-homem, que andava empanada pelas sombras da lenda, — cristal embaciado pelo hálito de duas gerações — e que, dentro em pouco, estaria de todo desvirtuado da sua primitiva pureza.

Fizemos do Rei não um santo, um místico ou um asceta, mas o que êle positivamente foi: a maior e a mais precoce inteligência que nasceu em Portugal.

Quanto a nós, não deixaremos de dizer que, trabalhando na reconstrução do Rei, não pretendemos grangear glória que é coisa bastante despresível para quem tocou o limite normal da vida, mas simplesmente desempenhar uma função de justiça, que se deve tanto aos que nasceram humildes como aos que nasceram príncipes. ¡ E dêstes quantos há que suspiram por ela nos seus túmulos!

Escrevemos que seria êste o nosso último trabalho. ¿ Sê-lo há? Não o sabemos.

Emquanto Deus nos conservar a integridade cerebral que nos permite o raciocínio e a agudeza de vista que nos incita à leitura, o escrever é simplesmente para nós o exercício de uma função orgânica sem intuito vaidoso de espécie alguma.

Retirados absolutamente da vida pública (em que lutámos por espaço de quarenta anos), desde a implantação do novo regimen, isolados voluntàriamente da sociedade, chegando a ser agravados pelos próprios correligionários, que nunca foram nem serão mais monárquicos do que nós, quando um dever de dignidade pessoal e política nos obrigou a uma comedida desafronta, que outra coisa não representa o Antes da República, *teriamos fugido para a montanha, se a necessidade de ganhar a subsistência nos não coagisse a viver no povoado.*

O escrever é para nós simplesmente uma forçada distracção de espírito.

Entretanto, algum prazer experimentamos ao restituir à história portuguesa duas figuras que tanto honraram a Monarquia. É, cremos nós, ainda um serviço que lhe prestamos.

CAPÍTULO I

SUMÁRIO. — O castelo de Hohenzollern-Sigmaringen. — Düsseldorf. — Descrição desta terra. — A poesia e a arte. — O pintor Cornelius. — Educação de Estefânia. — A sua aptidão para as artes. — O seu espírito religioso. — A sua caridade. — Desejos da Rainha Vitória acêrca do casamento de D. Pedro V. — ¿Haveria idea de casar D. Pedro com a princesa Vitória de Inglaterra? — Projecto de casamento com a princesa Carlota da Bélgica. — Gorado o projecto sem ressentimento de D. Pedro. — D. Pedro não conheceu à noiva antes do casamento. — Quem promoveu esta união. — Papel desempenhado no assunto pelo principe Alberto e pela Rainha Vitória. — Oposição da parte de D. Fernando. — Loulé apresenta o projecto, que é logo votado pelas câmaras, da dotação da Rainha em 8 de Junho de 1857. — Pedido oficial da mão da princesa, em 15 de Dezembro. — Condições do contracto antenupcial. — O diadema. — Dúvidas sôbre a interpretação do contrato. — Festas em Düsseldorf. — Casamento por procuração. — Vinda da Rainha para Portugal. — O que se passou na Bélgica e em Inglaterra. — Chegada a Lisboa em 17 de Maio de 1858. — O casamento em S. Domingos. — Vida conjugal. — Falecimento da Rainha. — Sentimento nacional.

Sôbre fortes e alterosos rochedos ergue-se, na margem oriental do Danúbio, o castelo em que habita, há séculos, a família dos Hohenzollern-Sigmaringen.

Desaparecido o edifício primitivo, cuja fundação não se encontra na noite dos tempos, foi o actual principiado pelo conde Eitel Frederico Ottinger em 1454, e depois da separação da casa em dois ramos Hechingen e Sigmarigen, ficou o castelo e propriedades livres em pertença dos Sigmaringen, presentemente repre-

sentados pelo principe Guilherme, filho da infanta D. Antónia de Portugal e do principe Leopoldo, e sôgro de Sua Majestade El-Rei D. Manuel.

Majestoso e feérico chamava, em 6 de Setembro de 1851, o rei Frederico Guilherme ao castelo dos Hohenzollern. Mas hoje acha-se ainda mais engrandecido. Em 1893 um violento incêndio destruiu a ala oriental do castelo, que tem sido ricamente reedificada.

Em baixo descobre-se a povoação de Sigmaringen, fresca e ornada de verdura, formando uma das mais belas cidades da alta Suévia (1).

Há nêste castelo tradições portuguesas, já porque ali passou a infância a Rainha Estefânia, já porque lá viveu muitos anos a nossa infanta D. Antónia, casada com o principe Leopoldo de Hohenzollern. No interior do castelo surgem, por toda a parte, recordações de Portugal.

Penetrando no pátio interior, partindo da entrada, encontramos, logo à direita, a grande sala de jantar, a galeria portuguesa, que o imperador tanto admirava (2).

Sigmaringen é para nós uma nesga da Pátria: ali foi o nosso maior Rei procurar esposa; ali frutificou em costumes, em moral e em virtudes, a educação austera que D. Maria II dava ás suas filhas; de lá veio também a que pôde um dia contribuir, pela sua acção de Rainha, para a reformação nacional.

Se Estefânia passou alguns anos nêste palácio (3) não foi, todavia, ali que nasceu. Foi no pequeno castelo de Krauchenwies em 15 de Julho de 1837 que

---

(1) Seguindo a opinião de Viale, que conhecia bem a índole da língua portuguesa, preferimos esta expressão à de Suábia.

(2) *Woche*, 1911 — Zingeler, Sigmaringen.

(3) Viale, *Apontamentos para uma biografia de S. M. a R. A Senhora Dona Estefânia*, pág. 6.

a princesa viu a luz do dia, ou comó graciosamente escreve uma senhora alemã, *que o sol se reflectiu pela primeira vez no rosto suave da princesinha* (1).

Alí permaneceu, em Sigmaringen, até que em 1852, tendo quinze anos, veio com sua família habitar em Düsseldorf, onde seu pai desempenhava um alto pôsto militar, depois de ter, em 1849, cedido os seus estados ao rei da Prússia. Foi, pois, nesta cidade que Estefânia acabou de formar a sua individualidade física e moral. No pequeno castelo de Iägerhof, à entrada do *Hofgarten*, completou-se essa formosa figura de mulher, que havia de atravessar a nossa terra num vôo angélico a caminho do céu (2).

---

(1) Katarina Diez, *Estefânia Rainha de Portugal*, pág. 6; tradução portuguesa.

(2) Sôbre os Hohenzollern-Sigmaringen pode vêr-se:

1) Kessler—*Beschreibung der Hohenzollerschen Lande* (Sigmaringen, 1894).
(Descripção das terras dos H.).

2) K. Th. Zingeler, *Zollerische Burgen*, Schlösser a Burgruinen (1906).

3) Lindenschmidt, *Die vaterländischen Altertümer der fürst lich hohenzollerschen Sammlungen*, in S. (Mainz, 1860).

4) Wörl, *Führer durch Sigmaringen* (Würzburg, 1886).

E recentemente (1911) a revista *Woche* que, além de descrever no exterior o actual castelo do qual diz que «visto da margem oriental do Danúbio é quási inteiramente úma construção nova, embora fôsse justamente aí que estava situado o primitivo palácio do castelo medieval», também faz uma descrição dos aposentos interiores, com fotografias de muitos membros da actual família, que se reuniram aí na ocasião do centenário do príncipe Carlos António. Nota o autor que o actual príncipe Guilherme, que sucedeu a seu pai o príncipe Leopoldo, em 1905 «não só concluiu a edificação, mas sobretudo promoveu o seu embelesamento interior, no que foi vantajosamente auxiliado pelo seu fino gôsto e pelas suas notáveis inclinações artísticas».

*
* *

Düsseldorf era a terra da poesia e da arte. Catarina Diez descreve-a assim:

«Não se distingue, é verdade, nem por subúrbios extraordináriamente belos, nem por magníficas obras de arte ou outras maravilhas; contudo pode-se-lhe chamar rosa, na corôa das cidades do belo Rheno.

«As ruas são limpas e arejadas, as casas brancas e aceiadas estão graciosamente colocadas umas ao lado das outras; não se é incomodado nem por um vai-vem bulhento nem por um sossêgo monótono, e o estrangeiro que a visita ha-de pensar ser agradável viver aqui. Por entre as portas abertas espreita-o o Rheno, o vasto e brilhante Rheno, com os seus inúmeros navios que navegam em todo o sentido. O verde Hofgarten convida-o a largar a poeira da estrada para vir abrigar-se à sombra de suas formosas árvores, refrescar-se perto dos lagos onde nadam brancos cisnes e deleitar-se nas floridas balseiras, onde na primavera o rouxinol desprende o seu harmonioso canto e as flores perfumam o ar com o seu aroma delicioso. Na praça do mercado há uma obra prima de arte: a magnífica estátua equestre dum dos últimos principes eleitores, João Guilherme (1)».

Com os seus lindos quinze anos, sonhadora como todas as alemãs, acompanhada de madame Naudin, uma senhora francesa muito ilustrada que lhe dirigia a educação, numa terra em que tudo respirava sentimento e arte, compreende-se como a princesa pudesse chegar a alcançar um elevado gráu de perfeição. Ali em todos os tempos haviam florescido as letras.

Mas era sobretudo nas artes que Düsseldorf se notabilizava. Quando Estefânia a veio habitar ainda vivia o grande pintor Cornelius com os seus 69 anos de

---

(1) *Ob. cit.*, pág. 13 e 14.

idade, é suposto tivesse fixado a sua residência em Berlim, não se esquecia nunca da terra onde nascera e fizera muitas das suas obras primas. Pintor verdadeiramente alemão, traduziu com o pincel as scenas do *Fausto* e os lances lendários dos *Niebelungen* e nada lhe esqueceu das grandes criações da literatura. A Bíblia e a Iliada forneciam-lhe o principal assunto para os seus quadros murais, seguindo a esteira de Gioto, de Rafael, de Luca Signorelli, de Niebuhr. Os patriarcas, os profetas, os doutores da igreja, os evangelistas, os fundadores das ordens religiosas, os monges, o Calvário, o juízo final, os cavaleiros do Apocalipse, os deuses, os heróis, tudo saía da sua paleta mística em tons de beleza gótica e medieval (1).

¿Teria alguma influência sôbre o espírito de Estefânia a obra de Cornelius que em 1852, quando ela entrava em Düsseldorf dominava toda a Alemanha?

É possível e até natural.

O espírito da princesa essencialmente religioso, o desejo de aprender, a reputação do grande pintor, a presença sugestiva dos seus quadros, poderiam fàcilmente inspirar-lhe manifestações novas de sentimento e desenvolver nela a educação estética e artística.

Não deixaria também de freqüentar a Academia das Belas Artes de Düsseldorf, onde não faltam quadros a admirar.

Um dos professores dessa Academia, Mucke, encarregou-se de ensinar desenho à princesa, e sôbre a sua aptidão para êste estudo escreve Viale:

«Os seus progressos neste ramo de instrução e a sua perspicácia e bom gôsto na estimação do mérito artístico dos pintores das diferentes escolas, foram alguns anos depois admirados pelo sr. Wagner, digno director da real galeria de Berlim, quando, em

---

(1) *Encyclopédie Française vb. Cornelius.*

Fevereiro de 1858, teve a honra de acompanhá-la na visita que Sua Alteza desejou fazer às vastas salas daquela rica Pinacoteca (1)».

O mesmo Viale que conviveu com Estefânia antes de ela vir para Portugal, ainda se refere aos conhecimentos que tinha sôbre as línguas vivas:

«Havendo aprendido com grande facilidade as línguas italiana e inglesa (além da francesa que falava e escrevia como se fôra a vernácula) conhecia os mais célebres poemas compostos em cada uma destas línguas, e na leitura dêles freqüentemente se deliciava durante o intervalo de suas mais sérias ocupações — os actos religiosos e as obras de beneficência (2)».

Estefânia, dado o tempo aos seus estudos, vivia para os pobres e para as suas obrigações religiosas. Vestida com a maior simplicidade visitava os doentes e os necessitados, levando a todos um lenitivo e um óbolo de caridade. Em breve conquistou o amor da pequena cidade. Era para todos o seu anjo da guarda. Não queremos contar miùdamente todas as acções que brotavam da sua alma e do seu coração cheios de bondade. Alguns as contaram já, e para o fim que temos em vista não é preciso repeti-las (3).

---

(1) *Ob. cit.*, pág. 7. O professor de desenho é por Viale chamado Mucke. Catarina Diez também assim o apelida, mas Bastos (*Mem.*, pág. 137) chama-lhe Mitke e indica como tendo parte também na educação artística e religiosa da rainha, como mestra de música Madame Schumann e professor de doutrina cristã Lampenscherf.

(2) *Ob. cit.*, pág. 8.

(3) Quem quizer conhecer miùdamente a vida de Estefânia em Düsseldorf, leia:

a) *Apontamentos para uma biografia de Sua Magestade a Rainha, a Senhora Dona Estephania...* Lisboa. Imprensa Nacional, 1859.

b) *Estephania Rainha de Portugal, vida duma Princesa Allemã*

Desde a primavera de 1852 Estefânia residia habitualmente em Düsseldorf, indo com sua família passar três meses do ano, desde Setembro até 4 de Dezembro em uma das suas propriedades, situada em Weinburg, na Suissa, perto do lago Constança. Antes de entrar em Düsseldorf, durante dezoito meses estiveram ora em Basileia, ora em Neisse na Silésia.

Achava-se a princesa em Düsseldorf, quando em 8 de Julho de 1857, seu pai lhe fez saber que D. Pedro V a escolhera para sua esposa (1).

Paremos aqui porque, desde já, se nos deparam alguns pontos históricos a esclarecer.

*

* *

¿Antes de pensar no seu casamento com a princesa Estefânia tinha D. Pedro intentado casar com alguma outra princesa?

¿Conhecia êle Estefânia antes da sua união conjugal?

¿Quem foi que o aconselhou a ligar-se com uma princesa de Hohenzollern-Sigmaringen?

---

dos nossos dias, tradução do alemão. 1873. Lallemant Frères, tip. Lisboa.

c) Joaquim Leitão, *As Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern*. Pôrto, M.C.M.XIII. Pág. 55-120.

d) *Ecclesiasterium*, jornal literário luso-brasileiro, pág. 5 e seg.

(1) Rodolfo II, filho do conde de Zollern que viveu no século décimo, teve por descendentes Frederico e Conrado que foram chefes da linha de Suévia, denominada de Hohenzollern e da linha de Franconia, donde provieram em 1417 os Eleitores de Brandeburgo. Ora, do Eleitor palatino Felipe Guilherme, príncipe de Neuburgo, era filha a segunda mulher de D. Pedro II, cuja convenção ante-nupcial foi assinada em Manheim em 22 de Maio de 1687 (Borges de Castro, *Colecção de Tratados*, tom. II, pág. 8). Não era, pois, a primeira vez que os Braganças iam procurar relações conjugais aos descendentes do medieval conde de Zollern.

Ainda até hoje não foram estes pontos restabelecidos na sua verdade histórica.

A primeira noiva indicada para D. Pedro foi a princesa das Astúrias, filha da rainha Isabel de Espanha e irmã do infante D. Afonso, depois rei com o nome de Afonso XII. Olósaga fez essa proposta à rainha Vitória e ela enviou-a, em 5 de Novembro de 1854, ao conde de Clarendon, então ministro dos negócios estrangeiros da Grã-Bretanha, advertindo-o de que não podia ter seguimento, visto assentar no futuro destronamento de uma soberana com quem estava nas melhores relações de amizade. A carta, escrita neste sentido, é datada de Windsor Castle, e veio entre as cartas publicadas da rainha Vitória (1).

A nota posta nesta carta, depois de dizer que parece não se ter guardado entre os papéis o documento contendo a proposta, acrescenta que não era impossível um projecto de esponsais entre D. Pedro e a infanta princesa das Astúrias, unindo por êste meio as duas coroas e trazendo a destronização da rainha Isabel (2).

D. Pedro ignorava toda esta manobra do ministro espanhol, provàvelmente de acôrdo com Saldanha que então era chefe do govêrno português.

Já então se previa a hipótese da expulsão de Isabel e se conspirava no sentido de realizar a união ibérica, juntando as duas coroas na cabeça de um príncipe português, como mais tarde se pretendeu com D. Luís e com D. Fernando.

A rainha Vitória rejeitou *in limine* a proposta.

Naquele tempo já ela conhecia de perto D. Pedro, e ainda quando não fôsse a circunstância de o projecto

---

(1) *The Letters of Queen Victoria*, vol. III, pág. 65.

(2) It Was not impossible a scheme for betrothing King Pedro to the Infant Princess of the Asturias thereby uniting the two Crowns, and bringing about the dethronement of Queen Isabella.

de Olósaga representar uma deslealdade, a que o carácter nobilíssimo da rainha Vitória jámais se associaria, tê-lo ia igualmente condenado, pois pensava então em casar D. Pedro com alguma das suas filhas, ou guardá-lo para princesa da sua afeição. Na carta de 13 de Outubro de 1856(1) em que recomenda D. Pedro para noivo da princesa Carlota, ela não duvida afirmar que lhe daria uma de suas filhas se êle não fôsse católico: *as I would give any of my own daughters to him were he not a catholic.*

É natural que assim fôsse.

D. Pedro, na sua viagem de 1854, esteve hospedado em Inglaterra no Palácio Buckingham durante um mês, — desde 3 de Junho até 3 de Julho, — convivendo familiarmente com os reis e com as princesas. Acompanhava a rainha ao almôço, ao *lunch* e ao jantar, ia com ela ao teatro e a outros divertimentos e essa intimidade teria feito conhecer à rainha e ao príncipe Alberto as grandes e primorosas qualidades do jovem monarca. ¿Porque o não desejaria ela, pois, para uma das suas filhas?

Que na côrte portuguesa correu êsse boato, é certo. A falecida marquesa de Rio Maior o transmitiu, ainda há poucos anos(2). Em nenhum, todavia, dos documentos deixados por D. Pedro se faz referência ou alusão a êste projectado casamento. Amizade entre os dois, D. Pedro e a filha mais velha dos reis ingleses, houve, e dela existem vestígios.

No *Diário* da primeira viagem (1854) lê-se no dia 3 de Junho:

«Era meio dia quando entrámos em Buckingham-Palace. A rainha e a duquesa de Kent esperavam-nos na escada, e pouco

---

(1) *The Letters of Queen Victoria*, vol. III, pág. 268.
(2) J. Leitão, *ob. cit.*, pág. 58.

depois vieram as princesas Vitória, Alice, Helena e Luísa e os príncipes Alberto e Alfredo».

Não torna a falar nas princesas, mas, no dia da despedida, lança estas palavras no seu livro:

«Despedimo-nos com grande pesar, porque não se esquece a amisade e a bondade, Ás 3 horas deixámos Buckingham-Palace, onde tinhamos passado dias tão felizes, e dirigimo-nos à legação portuguesa».

Dias felizes, era expressão que raríssimas vezes pronunciou. Passou-os em Inglaterra vendo e conversando, todos os dias, com a linda Vicky!

Não duvidamos acreditar que, se antes de Estefânia, alguma mulher lhe tomou o coração, foi ela!

Ela que, no dizer da mãe, gostava muito de D. Pedro. ¡*She is so very fond of Pedro!*

E, depois, se lhe não repugnava o casamento, e tanto que julgou necessário contraí-lo, porque não sentiria despertar-lhe o amor, com os seus dezasete anos, no alvorecer das paixões, no convívio de jovens encantadoras, de categoria igual à sua, e onde poderia escolher uma companheira que o amasse a êle e mais lhe honrasse o trono dos seus antepassados? ¿Onde procurá-la com mais dotes e qualidades?

¡*Dias felizes*, sim como talvez não tivesse outros!

Não pôde realizar o sonho que, porventura, lhe atrevessou o espírito, mas ficou-lhe no coração a semente duma profunda amizade.

Nas nossas escavações documentais encontrámos uma carta em alemão, escrita à Vicky, estando êle noivo de Estefânia e ela já casada com Frederico da Prússia.

D. Pedro agradece-lhe os parabens, que ela lhe dirige pelo seu próximo casamento, e escreve:

«Querida Vicky. — Talvez seja já tarde mas nem por isso respondo com um sentimento de gratidão menos sincero á tua

amável carta de 5 de Agosto, na qual me envias os teus parabens pelo pedido da minha noiva.

«A princesa Estefânia de Hohenzollern está, pelo que ouvi dizer das suas qualidades e educação, tão apta para a difícil posição que lhe é destinada, que a minha resolução de procurar na vida íntima uma consolação para tudo quanto há de desagradável no cumprimento dos pesados deveres do meu cargo, me permite antever com plena confiança um futuro de felicidades no seio da família. Além disso, há para o soberano tantas coisas que só a presença de uma rainha pode resolver, que nem mesmo sob o ponto de vista político dei um passo errado pensando no meu casamento, e sobretudo escolhendo esta princesa. Ser-me há uma consolação na minha vida torturada por dificuldades constantes; e ao mesmo tempo a parte cordial e amigável que os teus queridos pais, a quem me prende uma tão profunda gratidão, tomam na minha ventura, será para mim também quási uma garantia, que não me engano na esperança do feliz resultado do meu casamento. Recebe, querida Vicky, os meus sinceros agradecimentos pelas palavras que tu dedicas a êste acontecimento tão importante na minha vida, e por tudo quanto de amável, embora merecido, contém a tua carta. Que o céu te dê também aquela felicidade no lar que se pode esperar pela união das virtudes que herdaste dos teus pais, e das qualidades do bom Frederico Guilherme.

«O meu pai e as minhas irmãs pedem-me para te retribuir cordialmente as tuas saudações. Luís recomenda-se assim como à Helena, Heleninha e Luísa e eu peço que lhes dês as minhas sinceras saudades. Serei sempre teu dedicado primo — *Pedro*».

A Vicky não esperou que o primo lhe participasse a sua futura união, e logo em 5 de Agosto, antes mesmo de estar pedida a noiva, o felicita pelo seu enlace. Soube-o certamente por notícia de sua mãe a rainha Vitória.

¡É pena não conhecermos o teor da carta da Vicky!

Da projectada união de D. Pedro com a princesa Carlota, filha de Leopoldo I da Bélgica, e que depois casou com Maximiliano, irmão do imperador da Áustria, e veio a morrer fusilado no México, há vestígios nas cartas da rainha Vitória e nos papéis de D. Pedro,

embora não exista nada a tal respeito na correspondência diplomática do tempo (1).

Em carta de 23 de Maio de 1857, D. Pedro lembra ao marquês de Lavradio que ocorrem factos àcêrca do seu casamento com a princesa Estefânia que exigem a sua atenção *para que se não renovem os acontecimentos desagradáveis que se deram em relação ao projectado casamento com a princesa Carlota da Bélgica.*

Houve, pois, sem dúvida um projectado casamento que deu origem a incidentes desagradáveis.

¿ Que incidentes foram estes?

Não conseguimos conhecê-los.

Que a rainha Vitória se empenhava por esta união vê-se das suas cartas ao tio Leopoldo da Bélgica, principalmente das duas de 19 de Setembro e de 13 de Outubro de 1856.

---

(1) Não desejando fazer qualquer afirmação que não fôsse absolutamente documentada, pedimos, por intermédio da Secretaria da Academia das Sciências, informações ao Ministério dos Negócios Estrangeiros que, em 3 de Fevereiro de 1922, respondeu assim:

«Em referência ao ofício de V. Ex.ª de 27 de Dezembro último, tenho a honra de lhe comunicar que na correspondência do visconde de Seisal, ministro em Bruxelas e nos despachos para o mesmo diplomata, dos anos de 1856 e 1857, não se encontram documentos relativos a qualquer projecto de casamento entre D. Pedro V e a princesa D. Carlota da Bélgica. O ajuste do casamento desta princesa com o arquiduque Fernando Maximiliano de Áustria foi anunciado pelo visconde de Seisal em ofício ostensivo que, como é natural, não contém referência a qualquer projecto anterior. A falta de comparência, por motivo de doença, do visconde nas festas do casamento da princesa e nas do 25.º aniversário do reinado do rei Leopoldo da Bélgica, causou estranhesa e motivou reparos do govêrno português em nome de D. Pedro V, que depois se deu por satisfeito com as explicações do visconde. Nenhum dos documentos deixa perceber que houvesse o projecto anterior de casamento com D. Pedro V. (a.) *José Gonçalves Teixeira*».

Na primeira, respondendo a uma outra do tio que versava manifestamente sôbre o projectado enlace, mas que não está publicada, promete guardar segredo sôbre o negócio que se está tratando entre ambos, e diz:

«Estamos contudo ambos muito anciosos por que o querido Pedro seja preferido. É sem dúvida o mais distinto jovem príncipe e além disto bom, excelente, e resoluto como convém ao desejo do nosso coração e como cada um poderia desejar para a sua única e amada filha. Para Portugal também uma amável e bem educada rainha seria abençoada, porque ali *nunca* houve nenhuma. Estou certa, de que o tio teria mais segura a felicidade de Carlota, dando-a a Pedro do que a qualquer dêsses inúmeros arquiduques, ou ao príncipe Jorge de Saxónia. Contudo, deveria escrever a Pedro se está favoràvelmente inclinado para êle. Devo acabar agora desejando ter brevemente notícias suas. Pedro tem presentemente 19 anos. Pode por isso esperar bem até completar os 20».

Não passaremos adiante sem notar a frase da rainha Vitória, de que em Portugal nunca tinha havido uma rainha *amável e bem educada*, *an amiable well educated queen*. Não se lembrou certamente de que desaparecera havia pouco a rainha D. Maria II, tão apreciável pelas suas superiores qualidades, e a quem ela dera as mais elevadas provas de apreço e amizade. Ocorreu-lhe talvez a figura de Carlota Joaquina que, ainda assim, não entrou na regra geral, mas constituiu apenas uma odiosa excepção. As rainhas de Portugal, sobresaindo a inglesa, mulher de D. João I, foram irrepreensíveis quási todas, e não seria Carlota da Bélgica a única amável e de elevada educação.

Mas o exagêro de Vitória é desculpável. Ela protegia a todo o transe o casamento de Carlota com D. Pedro e todos os argumentos lhe serviam.

Na segunda carta (de 13 de Outubro) a defesa não esmorece.

«Estou verdadeiramente agradecida pela sua amável carta e

pelo seu conteúdo muito confidencial a que respondo e que muito nos interessa a ambos e que é verdadeiramente amável e paternal.

« Ainda espero pela sua carta que Carlota ainda não tivesse resolvido finalmente, porque ambos estamos fortemente convencidos da imensa superioridade de Pedro sôbre qualquer outro príncipe mesmo *dàns les relations journalistes*, além da sua posição ser infinitamente preferível. A sociedade austríaca é *médisante* e libertina e sem valor — e as províncias italianas muito desligadas. Pedro é dotado de muitos recursos — amigo de música, amigo de desenho, de línguas, de história natural, de literatura; e por tudo isto Carlota havia de dar-se bem com êle, e seria uma verdadeira vantagem para o país.

« Se Carlota me consultasse, não hesitaria um momento, pois lhe daria uma das minhas próprias filhas se êle não fôsse católico; e se Carlota consultasse a sua amiga Vicky, sei qual seria a sua resposta, por ser muito amiga de Pedro.

« Dia 14. — Não pude acabar a noite passada e por isso continúo hoje. Estou anciosa por saber notícias suas sôbre Carlota, quando fôr tomada a decisão final ».

A decisão final, por que a rainha anciosamente esperava, foi desagradável. Carlota, hesitante por algum tempo, rejeitou o primo. É o que se infere de tudo quanto hoje se conhece. Estava já fortemente inclinada para o arquiduque de Áustria, irmão do imperador.

Logo na carta de 10 de Outubro, escrita por Leopoldo em resposta à da rainha, de 19 de Setembro (1), êste dizia que o seu empenho era que Carlota decidisse conforme lhe agradasse e sem que da sua parte houvesse a menor coacção. Êle preferiria D. Pedro, mas que há muito tempo lhe parecia que Carlota tinha tomado qualquer compromisso com o arquiduque, que tinha produzido sôbre ela uma impressão favorável (2).

---

(1) *Ob. e vol. cit.*, pág. 267.

(2) My object is and was that Charlotte should decide as she likes it and uninfluenced by what I might prefer. I should prefer Pedro, that I confess, but the Archiduke has made a favourable impression on Charlotte; I saw that long before any question of engagement had taken place.

O arquiduque, informado provàvelmente pela noiva, da oposição que lhe fazia a rainha Vitória, visitou-a naturalmente com o fim de a abrandar conquistando-lhe o favor. Ao *lunch* ficou sentada entre êle e Fritz (conta ela em carta a Leopoldo) (1) e achou o arquiduque *charming, so clever, natural, kind and amiable.* Quanto ao físico acha-o agradável à vista, com excepção da bôca e do queixo — *whith the exception of his mouth and chin, he is good-looking.*

O elogio não era, pois, sem restrições e não seria o mais adaptável ao gôsto da noiva.

D. Pedro, que ela defendia, não tinha a bôca nem o queixo tão feios. Em todo o caso preferia a tudo a felicidade de Carlota.

Será escusado acrescentar que a referência pouco agradável ao prognatismo do arquiduque não demoveu Carlota, e quem sabe se foi exactamente por isso que êle lhe conquistou o afecto! (2).

Chegou, enfim, o dia do casamento, e em 29 de Julho de 1857 (o caso tinha levado quási um ano a debater) a rainha escreve, de Osborne onde então se encontrava, a Leopoldo, dizendo-lhe que a maior prova de amizade que podia dar a êle e à filha era a ida do príncipe Alberto ao casamento — *though you cannot think combien cela me coûte or how completely déroutèe.* Não podia estar longe do marido, por muito tempo.

E assim ficou sem efeito o projecto do casamento de D. Pedro com a princesa Carlota, não obstante a protecção que lhe dispensava a rainha Vitória manifestamente ferida no seu orgulho.

---

(1) *Ob. e vol. cit.,* pág. 296.

(2) Numa das suas cartas, a rainha Estefânia refere-se ao arquiduque Maximiliano, dizendo que, antes do casamento, êle se ria da princesa Carlota e que era muito vaidoso.

Não obstante o que fica referido, tanto D. Pedro como seu tio Leopoldo timbraram em manter as suas relações de amizade e de família, como se nada tivesse acontecido. Ambos porfiaram em se não mostrar melindrados, sendo certo que da parte de Leopoldo nenhuns motivos havia para isso, pois sempre se esforçou por demover a filha.

Das informações que nos vieram do Ministério dos Negócios Estrangeiros, vê-se que D. Pedro ficou fundamente contrariado, porque o nosso ministro em Bruxelas, o visconde de Seisal, não assistiu ao casamento da princesa com Maximiliano, nem às festas do aniversário de Leopoldo. E como isto poderia parecer ressentimento, D. Pedro não socegou em quanto se não verificou de modo a não deixar dúvidas, que o ministro se achava impedido por doença de cumprir êsses deveres diplomáticos de boas relações internacionais.

Quando a princesa Carlota casou, o que foi antes da união de D. Pedro com Estefânia, êste não faltou à delicadeza de felicitar o tio Leopoldo:

«Eu não poderia, diz êle, contudo ocupar-me imediatamente do que me interessa tão vivamente, porque me dedico do coração não ao amor do meu ofício, mas ao cumprimento consciencioso dos penosos deveres que êle me impõe, sem vos pedir, querido tio, que aceiteis na ocasião do casamento da minha querida Carlota os meus votos muito sinceros pelo seu futuro. Êste acontecimento que, fixando o momento mais importante na sua vida, fixará, assim o espero, as felicidades de que as suas qualidades tão distintas a tornam tão digna, sòmente poderia excitar o interêsse de quem vos é sinceramente dedicado. Atrevo-me a suplicar-vos, querido tio, que apresenteis a Carlota a expressão dos mesmos sentimentos que acabo de vos testemunhar».

Por seu lado, o rei Leopoldo não faltava a nenhuma das suas atenções para com o sobrinho.

Já na passagem de Estefânia pela Bélgica, Leopoldo se tinha esmerado em dispensar-lhe todas as atenções. Além de mandar uma das carroagens reais a Düssel-

dorf para transportar a noiva, recebeu-a na capital dos seus Estados afectuosamente e com a máxima grandesa, como refere o nosso ministro, visconde de Seisal:

«No trânsito de sua magestade até Bruxelas as autoridades civis e militares achavam-se nas diferentes estações do caminho de ferro para cumprimentar a soberana portuguesa. Sua magestade dignou-se acolhê-las com palavras de verdadeira benevolência.

«Ás quatro horas da tarde chegou a rainha a Bruxelas, aonde sua magestade el-rei dos belgas e toda a sua real família esperava sua magestade fidelíssima, e a recebeu com demonstrações de particular afabilidade e respeitoso interêsse. Alguns instantes depois, as carroagens da côrte, com grande libré de gala, conduziram ao palácio os augustos personagens e a sua comitiva, sendo escoltados por um esquadrão de cavalaria em grande uniforme» (1).

Houve jantar de gala a que assistiu o ministério, autoridades civis e militares, assim como os representantes da França, Inglaterra, Prússia e Portugal. No dia 5, depois de um almôço de aparato, foi Estefânia acompanhada até à estação do caminho de ferro pelo rei e pelo duque e duquesa de Brabante e pelo conde de Flandres, seguindo aquele no séquito da rainha até Ostende.

D. Pedro agradecia-lhe a recepção que fizera à rainha nestes termos:

«Avant de passer aux affaires, dont le récent changement dans ma vie n'est parvenu à m'enlever la passion un peu maladive, je ne saurais me dispenser, cher Oncle, de Vous remercier bien tendrement de toutes les bontés que Vous avez eu es pour ma femme pendant son passage à Bruxelles. Elle en garde un bien doux souvenir. Elle justifie pleinement tout ce que Vous m'en avez dit».

E ao mesmo tempo escrevia ao príncipe Alberto, notando que o rompimento das negociações matrimo-

(1) Relatório do visconde de Seisal, *Diário do Govêrno* n.º 120 de 24 de Maio de 1858.

niais entaboladas com o rei Leopoldo não deixara ressentimentos entre os dois:

«Et dans tout cela j'ai pu conserver mes anciennes relations avec le roi Léopold. Du reste, il ne m'a jamais semblé qu'il eût voulu les rompre» (1).

Não nos parece, todavia, que D. Pedro tivesse grande entusiasmo pela prima Carlota.

Como vimos, êle saiu de Londres no dia 3 de Julho, embarcando no vapor *Mindelo* em Woolwich, em direcção à Bélgica.

No dia seguinte escreve no seu livro de viagem:

«Ás 10 horas chegávamos a Bruxelas. Fomos recebidos não como parentes, mas não sei como quê pelo duque de Brabante e pelo conde de Flandres. Foram-me apresentados logo os ministros e as autoridades militares. Era muito para o mau humor de que me achava possuido.

«A recepção que o rei Leopoldo nos fez foi cordial, outro tanto não fizeram as senhoras que, apesar de parentas, não o quizeram mostrar. Ás 11 ceámos e à meia-noite fomo-nos deitar; eu contente por acabar um dia de secatura; os mais com sono; e pela maior parte animados dos mesmos sentimentos de mau humor que me dominavam. Sempre se vê que era uma terça feira».

As *senhoras não quizeram mostrar que eram parentas*, diz D. Pedro.

A princesa Carlota não foi tão amável como a Vicky. Essa sim, essa mostrou-se parenta e veiu com a mamã esperá-lo à escada. ! Que dias felizes!

Na Bélgica esteve D. Pedro nove dias. Sai de Bru-

---

(1) Parece que D. Pedro não chegou a compreender a razão por que se não efectuou o seu casamento com a princesa Carlota. Não foi por falta de vontade da parte de Leopoldo, foi porque ela optou pelo arquiduque Maximiliano. Não tinha, pois, motivos para romper as suas relações com D. Pedro.

xelas em 13 e acaba de expelir à partida o seu mau humor:

«Pouco depois de termos voltado a casa rodava a nossa carruagem por entre os tristes choupos que orlam a estrada para o palácio de Laecken que bem se pode chamar templo da tristeza e monotonia. Há ali uma regularidade de tristeza capaz de fazer chorar».

Com as impressões recebidas no palácio de Laecken, com a prima a fugir-lhe desprimorosa, com a imaginação em Buckingham, como seria possível que vingasse o casamento com esta princesa, apaixonada, de mais a mais, pelo arquiduque austríaco?

Gorou-se sem inconvenientes de interrução de relações, graças à delicadeza de D. Pedro e à filosofia com que o rei Leopoldo encarava os acontecimentos da vida.

*

* *

¿Donde veiu então a idea do casamento com a princesa Estefânia?

Diz a lenda que, numa das suas viagens, D. Pedro estivera em Sigmaringen e aí, num velho castelo sôbre a margem do Danúbio, fôra achar, como uma fada perdida na floresta, essa princesa simples, modesta e pobre, e por ela se apaixonara como um Lohengrin desejado e entrevisto nos sonhos do anjo que por êle suspirava.

A lenda não diz a verdade. A sua mentira, doirada como a de todas as lendas, é cruelmente destruída pela realidade dos factos.

D. Pedro não conheceu Estefânia antes do seu casamento. A primeira vez que a viu foi no dia 17 de Maio de 1858, quando a visitou, recemchegada a Lisboa, a bordo da corveta *Bartolomeu Dias*.

Na sua viagem de 1854, D. Pedro saiu da Holanda em 19 de Julho e no dia 20 escrevia no *Diário* da viagem:

«Ás 7 horas da manhã passávamos diante de Lobish e uma salva real nos anunciava que íamos entrar nos Estados prussianos; demorámo-nos ali uma hora para tomar carvão. O terreno que até ali tinha sido baixo começou a ser um pouco monótono; contudo o rio até Düsseldorf é bastante espraiado. Passámos por várias cidades, mais ou menos importantes e mais ou menos agradáveis à vista.

«Jantámos a bordo; houve discursos, ao jantar, mais ou menos sensatos, segundo as circunstâncias especiais dos oradores em tão crítica ocasião. Emfim, às 7 horas e 50 chegávamos a Düsseldorf, tencionando continuar a nossa viagem pelo Rheno até Colónia. O sr. Roboredo, nosso encarregado de Negócios em Berlim, esperáva-nos em Düsseldorf e participou-nos que o rei da Prússia tinha diferido, por alguns dias, a sua viagem a Munich, para nos poder receber em Berlim. Êste obséquio do rei exigiu que abandonássemos imediatamente o nosso programa da viagem do Rheno e que nos resolvêssemos a partir no dia seguinte para Berlim.

«Vi Düsseldorf já ao crepúsculo. Não apresenta uma nota encantandora. O Rheno é largo neste ponto, o país é menos feio do que nas proximidades da Holanda. Considerável número de indivíduos, num estado semelhante ao de nossos pais quando a serpente ainda não os tinha tentado, povoavam o rio, e pareciam participar da inocência dos nossos pais comuns. Um considerável número de mosquitos incomodava muito os indivíduos da espécie humana, particularmente a mim que tive de escrever algumas cartas na câmara do navio, morto de calor, e encantado com o divino som das trombetinhas daqueles amáveis insectos».

No dia 21 de Julho ainda fala, no seu *Diário*, de Düsseldorf:

«Atravessámos a cidade de Düsseldorf, que é grande e bonita interiormente, e em que existe a melhor escola de pintura da Alemanha, e dirigimo-nos à estação do caminho de ferro de Berlim. Tive pena de não ter podido ficar em Düsseldorf alguns dias, para poder ver bons quadros e mesmo adquirir alguns. Desde Düsseldorf até Minden o país é mais ou menos plano; são grandes cearas de trigo que então prometiam o que depois deram: uma abundante colheita, prémio dos suores do lavrador».

Vê-se dêstes trechos que D. Pedro não chegara a entrar em Düsseldorf e que se refere a esta cidade e seus arredores como quem não deixa lá nenhuma espécie de recordação.

A princesa devia estar, nessa ocasião, no palácio de Iägerhof, pois só em Setembro é que costumava ir com seus pais para as suas propriedades na Suissa.

Em Berlim também não a encontrou. No jantar no palácio real, em 23 de Julho, estiveram os príncipes Guilherme de Bade, de Mecklemburgo, de Meiningen, de Waldeck, mas não se achava ali o de Hohenzollern Sigmaringen.

Estefânia só veio a Berlim nos fins de 1855, tendo sido então apresentada na côrte (1).

Com a nossa opinião, deduzida dos documentos citados, coíncide a de Catarina Diez:

« Também D. Pedro e a princesa Estefânia nunca se tinham visto, e contudo não se pode chamar ao seu ajuste uma aliança simplesmente de conveniência » (2).

Nunca se tinham visto, ¿mas quem aconselhou, se alguém foi, a D. Pedro êste casamento?

Na correspondência diplomática não há nenhum documento que nos possa esclarecer (3), mas nos documentos particulares de D. Pedro podemos respigar o bastante para comprovar as nossas afirmações.

Em 11 de Agosto de 1857, D. Pedro escrevendo a Lavradio, depois de falar das instruções que estava

---

(1) Viale, *Ob. cit.*, pág. 9.

(2) *ob. cit.*, pág. 37.

(3) Do ministério dos negócios estrangeiros veio esta informação: « Na correspondência do barão de Santa Quitéria, ministro em Berlim, de 1856 a 1857, existente no arquivo do ministério, não há vestígios das negociações para o casamento de D. Pedro V com D. Estefânia ».

redigindo para lhe servirem de guia como comissário nos negócios do seu casamento, acrescentava:

«Além das instruções de que acabo de falar, não reputo desnecessário que o conde conheça, em resumo, os passos que a questão deu desde a sua origem e, assim, lhe anexarei copia de alguns documentos que tenho em meu poder, e extractos, tanto quanto me permita a memória, de alguns que, para evitar a sua leitura por alguem, que eu não julguei convir que deles tenha conhecimento, deixei fechados debaixo de chave em Lisboa».

Parece, pois, que D. Pedro acompanhava as *Instruções* que enviava a Lavradio com a *cópia*, por extenso, de alguns documentos que tinha em Sintra, onde nesse dia se achava, e com os extractos de outros que deixára em Lisboa fechados à chave.

Das *Instruções* temos nós conhecimento e já as publicámos (1); as copias que o Rei prometera enviar, essas é que não aparecem.

Também, por mais que se tenham procurado os documentos que o Rei tinha em Sintra e os que ficaram em Lisboa, não é possível descobri-los.

Temos, portanto, de recorrer a fragmentos dispersos, pacientemente ligados e coligidos, que nos podem levar ao conhecimento da verdade histórica neste ponto: ¿Quem insinuou no espírito de D. Pedro o pensamento da sua união conjugal com a princesa Estefânia?

Cremos que foram a rainha Vitória e o príncipe Alberto.

Na carta de 11 de Agosto, D. Pedro acusa a existência de uma outra ao príncipe Alberto em que lhe *fala extensamente* das questões relativas ao casamento e da necessidade de não adiar por mais tempo a entrevista entre Lavradio e o príncipe de Hohenzollern. Quando é enviado para professor de Estefânia o con-

---

(1) *D. Pedro V e o seu Reinado*, vol. I, pág. 291.

selheiro Viale, D. Pedro não se esquece de lhe recomendar que procure o príncipe Alberto, a quem êle já pediu que o dirigisse no itinerário.

É ainda ao príncipe Alberto que o pai de Estefânia pede em carta que sòmente nos princípios de Dezembro parta o conde para a sua missão na Alemanha. O Rei envia a Lavradio a tradução dessa carta (1), que mostra incontestàvelmente ser aquele príncipe o intermediário em todo êste negócio.

Á intervenção do príncipe Alberto alude D. Pedro, na carta escrita à noiva em 19 de Março de 1858, quando diz:

«Je voyageai alors pour la première fois et le bonheur me fit rencontrer sur mes pas le Prince Albert, dont l'amitié *d'après ce que vous voyez, Madame, et d'après ce que vous savez m'a porté bonheur*».

E, depois do casamento, não se cança de manifestar, tanto ao príncipe como à rainha Vitória, a sua gratidão pela felicidade conjugal que está usufruindo.

Assim, lhe diz em carta:

«Pourrai-je jamais oublier, cher oncle, *la part que vous avez prise à un bonheur qui est trop grand; que j'aime encore trop à concentrer en moi-même pour que je ne me croie en état d'éxprimer tout ce que je sens?*» (2).

No *Relatório* do duque da Terceira, de 4 de Junho de 1858 (3), lê-se que na conferência que tivera em Londres com o príncipe Alberto, êste se informára do que estava determinado «para a viagem da nossa augusta Rainha, *assegurando-nos ao mesmo tempo do vivo interêsse que tanto êle como sua real consorte tomavam para que tudo fôsse disposto de modo que se efectuasse*

(1) Papéis da Ajuda.
(2) *Idem.* Trecho de carta sem data.
(3) *Diário do Govêrno*, n.º 143, de 21 de Junho de 1858.

com a maior comodidade possível a chegada a Lisboa da nossa augusta soberana».

O interêsse do príncipe Alberto e da Rainha Vitória no consórcio de D. Pedro com Estefânia e a gratidão dêle por terem contribuído para um enlace, que tanto lhe enchera o coração, traduzem-se a cada passo em fragmentos de rascunhos de cartas para aqueles dois soberanos. Não resta a menor dúvida de que foram êles que trouxeram Estefânia ao trono de Portugal.

*
* *

Não obstante a boa vontade e os esforços empregados pela Rainha Vitória e pelo príncipe consorte, havia quem se oposesse ao casamento de D. Pedro com Estefânia. Era seu pai D. Fernando. Da carta escrita de Sintra a Lavradio deduz-se que o Rei ocultava os documentos relativos ao caso, a ponto de os ter fechados cautelosamente em Lisboa, por causa de *alguem* que êle não queria que os conhecesse. Num papel encontrado ultimamente na Ajuda, e que parece ser o rascunho de uma carta, fala nas «résistences que vous savez s'élevèrent contre la candidature de Stéphanie, *Dieu m'a soutenu dans cette lutte, qui pendant longtemps aigrit mes relations domestiques*, et au lieu de ce qu'on nomme communément un brillant parti il m'a fait trouver un bon parti, qui vaut bien mieux que cela».

¿Quem poderia levantar-lhe aquelas resistências, a ponto de o obrigar a lutar em defesa do seu desejo?

¿Quem amargurar as suas relações domésticas, se não fôsse seu pai, que jámais se habituou a deixar governar os filhos à sua vontade e sempre entendeu que o poder paternal era imprescritivel e incessante?

Nessa luta D. Pedro venceu, como era natural, e na

sessão da câmara dos deputados de 8 de Junho de 1857, o marquês de Loulé, presidente do govêrno, participou oficialmente a resolução em que o Rei estava de contrair casamento (sem aliás designar a noiva), e na mesma sessão foi votada uma proposta de lei, fixando em 60:000$000 réis a dotação da futura Rainha, e destinando a quantia de 60:000$000 réis para as despesas necessárias. Esta proposta, unânimemente aprovada, foi convertida na carta de lei de 20 do mesmo mês (1).

O Rei não ficou satisfeito com o procedimento de Loulé, porque diz a Lavradio, em 11 de Agôsto, que pretende ultimar com êle o negócio do seu casamento «sem que intervenha, a não ser no que respeita à parte oficial, o presidente do conselho. As razões eram óbvias e não carecia de lembrá-las a quem sentiu como o conde o que se passou na sessão de 8 de Junho próximo prescrito; menos a quem conhece a fôrça de inércia, que o marquês de Loulé opõe, quási invariàvelmente, a toda a tentativa de movimento mais apressado que aquele a que o acostumou uma longa vida passada na despreocupação de negócios públicos» (2)

---

(1) Viale escreve, *ob. cit.*, pág. 9, que «em 8 de Julho de 1857, dia da festividade do *Corpus Christi*, soube a senhora Dona Estefânia da bôca de seus augustos pais a escolha que dela havia feito Sua Magestade Fidelíssima o senhor D. Pedro V». Não compreendemos como a Princesa Estefânia só conhecesse em 8 de Julho, e por bôca de seus pais, a escolha que dela fizera D. Pedro, quando precisamente um mês antes já o facto era do conhecimento, embora não oficial, entre nós e já as câmaras tinham votado a dotação da noiva.

(2) É curioso que, poucos dias antes (19 de Julho de 1857), tinha Lopes de Mendonça escrito na *Revolução de Setembro*, n.º 5:161, a respeito do marquês de Loulé, estas palavras: «O sr. marquês de Loulé acaba de provar pràticamente que o drama de Càlderon *La vida es sueño* deve mudar de título e denominar-se *A vida é sôno*, e escreve agora um tratado sôbre a influência da sésta sôbre a civilização dos povos meridionais, obra que

¿Que teria praticado o chefe do govêrno que tanto desagradou ao Rei a ponto de o exautorar? ¿Julgaria pequena a dotação da Rainha? ¿Não teria feito a apresentação da proposta nos devidos termos?

Loulé era pouco eloqüente para a solenidade da ocasião, e segundo as tradições académicas do parlamento o caso exigia maior ceremonial.

Fôsse como fôsse, o Rei lá se foi servindo com Lavradio e depois com o duque da Terceira, não se esquecendo, para a instrução da futura espôsa, de aproveitar o seu velho mestre António José Viale.

Depois de muitas conferências em Lisboa e em Sintra, foi emfim o conde de Lavradio nomeado, por carta régia de 25 de Agôsto de 1857, ministro comissário para tratar, ajustar e assinar o contrato do casamento com os comissários ou procuradores, que para êste fim fôssem designados pelo príncipe de Hohenzollern-Sigmaringen.

¿Em que dia e por quem foi feito o pedido da mão da Princesa? Diz Viale que êste pedido *condicional* foi feito pelo conde de Lavradio em Sigmaringen no dia 20 de Outubro e que em 15 de Dezembro se fez o pedido oficial em Düsseldorf, tendo sido, no dia 8 dêsse mês, assinado em Berlin, o contrato ante-nupcial, que foi ratificado em 19 de Fevereiro de 1858.

Em 20 de Outubro ainda o professor do Rei não se encontrava na Alemanha, mas já lá estava quando se assinou a convenção esponsalícia e quando se fez em Düsseldorf o pedido oficial, pois saíu de Lisboa em princípios de Novembro.

O testemunho de Viale é, pois, valioso sôbre todos os actos relativos ao casamento, praticados posteriormente ao meiado de Novembro.

---

a sua larga influência soporífera recomenda às atenções do mundo civilizado».

Estava o folhetinista de acôrdo com o Rei.

O tratado matrimonial (1) era celebrado entre o Rei da Prússia Frederico Guilherme IV, como chefe da família da noiva, e o Rei de Portugal D. Pedro V. O primeiro era representado por Luís de Massow, seu ministro de estado, e o segundo por D. Francisco de Almeida Portugal, conde de Lavradio.

No contrato estipulava-se:

Que o Rei da Prússia concedia em casamento a D. Pedro a Princesa Estefânia, segundo a forma e as solenidades prescritas pelos sagrados cânones e constituïções da igreja católica apostólica romana;

Que, depois da ceremónia do casamento que se efectuaria por palavras de presente, em virtude do poder e comissão que houverem sido dados pelo augusto esposo (o qual o ratificaria pessoalmente quando a Princesa tivesse chegado a Portugal) seria a mesma senhora declarada Rainha de Portugal e dos Algarves;

Que partiria para um pôrto de mar do continente, que mais tarde seria declarado, com o trem e cortejo conveniente, tudo à custa de sua alteza o príncipe de Hohenzollern-Sigmaringen, passando depois a ser recebida pelo comissário para isso autorizado;

Que receberia de seus pais a soma de 500:000 francos (de França) sendo a título de dote 100:000 francos e a título de bens parafernais 400:000 francos, que, segundo as disposições paternais, reverteriam por morte dêles para sua filha;

Que ela renunciaria a todos os direitos sôbre os bens da casa paterna, sendo esta renúncia feita com autorização de seu espôso;

Que a dotação de 60:000$000 réis que fôra votada pelas côrtes seria considerada independente do que pertence ao Rei, seu esposo, servindo-lhe para custear as

---

(1) Borges de Castro, *Colecção*, tom. VIII, pág. 179.

despesas com os seus empregados e as suas pessoais, não saindo dessa dotação nenhum outro encargo;

Que, no caso de a Princesa sobreviver a seu marido e querendo residir em Portugal, seria pôsto à sua disposição um palácio da corôa, mobilado e guarnecido, que seria conservado nesse estado à custa da nação, mas que, se nesta hipótese, quisesse saír do reino, só teria direito a metade da sua dotação;

Que ainda no caso de viüvez teria a livre disposição do dote e juros, e de tudo o que possuisse, das suas jóias e alfaias, objectos de toucador, vasos de oiro e de prata e de outros quaisquer efeitos, quer ela os houvesse trazido em casamento ou adquirido mais tarde de qualquer maneira que fôsse;

Que, no caso de a Princesa vir a falecer antes do seu marido, e sem lhe deixar filhos, a soma que constituísse o seu dote e os bens parafernais mencionados nesta convenção e bem assim tudo o que tivesse trazido em casamento e o que fôsse propriedade sua no dia do seu falecimento, como jóias, alfaias e outros quaisquer efeitos, adquiridos de qualquer modo, *reverteriam para a casa dos príncipes de Hohenzollern.*

Ainda havia outras cláusulas, mas a principal era esta última, porque foi a que se aplicou, visto ter a Rainha falecido antes do Rei e sem deixar filhos.

Nas *Instruções* escritas pela própria mão de D. Pedro e dadas ao conde de Lavradio, dizia-se que

«pareceria conveniente que o tesouro nacional tomasse sôbre si os encargos da conservação e do pagamento dos juros do dote, cujo *quantum* seria difícil fixar desde já. Semelhantemente não parece essencial que o tratado siga os precedentes emquanto à fixação do valor das jóias esponsalícias, a respeito das quaís se declarará sòmente que ficam sendo propriedade da Rainha. Assim, afastando-se o contrato dos outros de igual natureza que preveniram minuciosamente todas as eventualidadas que pudessem vir a influir na conservação ou na redução da dotação da

Rainha, faça sòmente menção da dotação recentemente votada pelas côrtes».

Assinado êste contrato, que foi mais tarde completado pelas cartas patentes de 28 de Janeiro e de 5 de Fevereiro de 1858, uma em que D. Pedro hipoteca as rendas públicas de Portugal para segurança do dote e bens parafernais, e outra em que êle autoriza a Rainha a renunciar aos bens da casa paterna, e ainda pelo auto de juramento de 25 de Fevereiro em que D. Pedro robóra a renúncia às futuras sucessões, foi oficialmente pedida a mão da Princesa em Düsseldorf, em 15 de Dezembro.

No contrato ante-nupcial havia imperfeições de redacção.

Tendo D. Pedro advertido nas *Instruções* dadas a Lavradio que devia declarar-se que «todas as despesas que fizer a Rainha, desde o dia em que deixar a casa paterna até à sua chegada a Portugal, serão satisfeitas por El-Rei de Portugal» o mandatário ou por esquecimento, ou por entender que não era preciso referir especialmente o caso, deixou ficar o contrato omisso neste ponto.

Assim no Ministério da Fazenda julgaram que, como pessoais, essas despesas deviam sair da dotação da Rainha, que participou a ocorrência ao marido que se dirigiu nestes termos ao ministro respectivo:

«A Rainha acaba de me mostrar um ofício que o seu secretário recebera do Ministério da Fazenda, anunciando o encontro na sua dotação da soma de 810 £, dispendida em Londres pelo duque da Terceira.

«Não posso consentir naquela dedução. Segundo o tratado matrimonial as despesas até à chegada da Rainha a Lisboa correm por minha conta.

«Podia eu porventura exigir que elas fôssem satisfeitas pelo estado. Não o exigirei. Há para mim um dobrado dever de dignidade, e ousarei dizer que de desconfiança que o impedem» (1).

---

(1) Papéis da Ajuda, n.º 128, numeração provisória.

E assim ficou sanada a inconveniência, originada pelo zêlo da repartição competente. Haveria um ponto prévio a averiguar que consistiria em saber desde quando começou a Rainha a receber a sua dotação, se desde o dia 29 de Abril, data do seu casamento por procuração, ou desde o dia 18 de Maio, em que se fez a ratificação matrimonial. Em todo o caso, o culpado de tudo isto foi Lavradio que não regulou, como o Rei lhe ordenára, expressamente a hipótese.

Como se vê, era muito pequena a dotação da Rainha, 90:000$000 réis apenas, compreendendo dote e bens parafernais. Por morte dos pais não podia ter nada, porque renunciava à herança, por se supôr que a recebera adiantadamente.

O Rei presenteara a futura esposa com um diadema de brilhantes, produto artístico da joalharia portuguesa, que lhe custára aproximadamente o mesmo que a Princesa trazia para o casal, cêrca de 80:000$000 réis (1).

Em 20 de Janeiro de 1860, seis meses depois do falecimento da Rainha, ainda os herdeiros do ourives reclamavam o pagamento da preciosa jóia, e o conde da Ponte, vedor da fazenda real, via-se embaraçado para o satisfazer (2). O diadema, ainda sessenta anos depois, veiu aos comentários da imprensa (3).

---

(1) Êste diadema era tão pesado que, no dia do casamento em S. Domingos, feriu a Rainha na testa, fazendo-lhe correr uma gota de sangue. Contou a marquesa de Rio Maior (J. Leitão, *ob. cit.*, pág. 70) que foi substituído o diadema por uma grinalda de rosas e que, quando o povo a viu assim, começou a gritar: *¡ Coitadinha ¡ já vai de capela, vai morrer, vai amortalhada.*

Na carta de 18 de Julho para sua mãe, escreve Estefânia dum beija-mão que se realizou em Belem: «Là, je mettai aussi mon diadème, ce qui est toujours une espèce de corvée, car il m'écrase la tête».

(2) Em Carnota, I, pág. 55.

(3) O conde da Ponte, vedor da fazenda real, dizia em 20 de de Janeiro de 1860 que já tinha pago aos herdeiros do ourives

Até princípios de Dezembro, não obstante a votação

8:464$645 réis; no próximo mês de Fevereiro tencionava dar-lhes 12:000$000 réis e igual quantia no segundo semestre do mesmo ano. (Em Carnota, I, pág. 55).

¿ Onde estava então êste diadema?

No espólio da rainha D. Maria Pia, vendido em leilão, no Banco de Portugal, para pagamento de dívidas, apareceu um diadema que foi retirado da primeira praça por não ter obtido lanço além de 12:000$000 réis, vindo na segunda praça a ser vendido, no dia 31 de Julho de 1912, por 9:100$000 réis a D. Modesto Largo Alvares, de Madrid.

O *Diário de Notícias* dêsse dia copiava da *Capital* o que vai ler-se:

«A propósito do diadema de brilhantes que foi retirado por não ter obtido lanço superior a 12:000$000 réis, colhemos hoje uns pormenores, que, por interessantes, vamos comunicar aos nossos leitores.

«O rico diadema, se é na verdade o que Pedro V mandára fazer, para oferecer a D. Estefània, é produto de ourivesaria portuguesa. Foi feito pelo joalheiro Raimundo José Pinto, com quem D. Pedro combinou o pagamento em prestações. A rica jóia custou 78:614$600 réis. Chegado o dia da última prestação D. Pedro viu que não tinha dinheiro suficiente para satisfazer o seu compromisso.

«Parece que recorrera então a seus irmãos D. Luís e D. João que lho emprestaram, ordenando o Rei ao conde da Ponte que do primeiro dinheiro que recebesse pagasse a seus irmãos».

Logo nos quis parecer que havia aqui êrro histórico.

Em primeiro lugar, não era crível que, pertencendo pelo artigo 9.º à casa de Hohenzollern, como herdeira da Rainha, todas as jóias que esta adquirira *por qualquer modo*, a mesma casa renunciasse a êsse benefício que representava um valor excedente aos bens parafernais da falecida.

Em segundo lugar, o ânimo generoso de D. Pedro, e ainda a circunstância de ter uma irmã casada com seu cunhado Leopoldo, lhe fariam lembrar que, sem embargo do falecimento de Estefânia, eram os Hohenzollerns da sua e mesma família.

Finalmente, repugnava-nos acreditar que uma jóia que valia cêrca de 80:000$000 réis não alcançassse em leilão um valor superior a 9:000$000 réis.

Procedemos às competentes investigações e fomos encontrar

das câmaras, aprovando a dotação da futura Rainha, a nomeação conhecida de Lavradio para procurador do Rei, o pedido condicional de 20 de Outubro, e de muitos outros factos, relativos ao casamento, do conhecimento público, ainda D. Pedro não tinha participado nada aos seus mais próximos parentes!

A sua avó, a imperatriz, só lhe anunciou o enlace em 8 de Dezembro de 1857, numa carta de pezames em que insere incidentalmente a participação dêsse facto.

Aproveito — diz êle — a ocasião de lhe escrever para lhe pedir perdão de não lhe ter dado conhecimento pessoal do casamento, *senão no momento em que fiz renovar o pedido da mão* da Princesa Estefânia.

«*Benissez*, pourtant, vous qui fûtes si heureuse dans le cercle de votre famille, une union qui, je l'espère, sera pour moi une consolation après deux années de travail que rien m'a distrait d'un but, hélas, de jour en jour plus éloigné».

Não queria, evidentemente, que ninguém se permitisse a liberdade de lhe fazer quaisquer considerações sôbre um acontecimento ainda em projecto.

Foi também em 4 de Dezembro que fez a participação ao seu amigo barão de Sarmento:

«Recebi há dias alguns retratos da futura Rainha.

«Não pude deixar de lembrar-me da nossa antiga e sincera amizade, e de destinar-lhe um deles. Aceite-o como uma prova de estima de quem não é loquaz na sua amizade, se não a de-

---

no arquivo da casa real (hoje em Santa Marta, caixa, n.º 468, proc. 253 A), o recibo da entrega dos objectos que se fez em 1 de Setembro de 1859, aos herdeiros da Rainha D. Estefânia; e lá sob n.º 2 — *Un grand diadème, diamants, offert par S. M. le Roi D. Pedro V à S. M. la Reine le jour de son arrivèe à Lisbonne.*

O diadema não passou, pois, para o poder da rainha D. Maria Pia, nem foi vendido em leilão. Está na casa dos Hohenzollern.

É mais uma lenda que se desfaz.

monstra como alguns que conhecemos, para assim dizer, nos sinais físicos dela, a sabe ter mais sincera e mais forte quando se trata da reputação de uma pessoa em quem julgue ter podido depositar alguma confiança.

«Se é permitido no nosso tempo, que duvida de tudo quanto constitue a vida da alma, ter um pressentimento, e se há pressentimento, em que seja lícito demorar-se o espírito, é aquele que em mim faz nascer o que sei das qualidades da futura Rainha. O que depender de mim para não o deixar ficar em êrro, hei-de saber fazê-lo; e, como há dias escrevi ao conde de Lavradio, ofereço à Rainha metade da afeição que tenho dedicado a um país a que não sei se estou fazendo o ofício de enfermeiro. Emfim, emquanto há vida, há esperança. Não é permitido crer no que ainda há-de ser verdade, quando a matéria o não fôr, e descrer sómente do que requereria um pouco daquele sentimento que esqueci depois de continuadas lutas de pessoas, — um pouco de patriotismo».

Seria curioso conhecer toda a correspondência de D. Pedro com a sua noiva. Quem ler a carta publicada (1) com a data de 19 de Março de 1858 pode, contudo, prefigurar qual seria o carácter de toda ela. O teor desta carta, as revelações que faz, a espécie de auto-biografia que representa, dão a entender que o Rei nada ocultaria do que tinha dentro da alma. O que êle diz nesse papel é assombroso de ingenuidade e de franquesa. É como se uma pessoa pudesse fazer a sua própria autópsia. Analiza a educação que lhe deram e acha-lhe defeitos: aconselhavam-lhe a leitura, e êle passeava com um livro debaixo do braço; e dessa tola presunção e dêsse acréscimo de ignorância, que se chama meia sciência, alguns queriam fazer um sábio. Os mestres lisonjeavam-no; numa palavra, perverteram-lhe a vida.

Se escreveu mais cartas, como ê de crer, elas seriam todas pelo mesmo padrão: pequenos tratados de

(1) *D. Pedro V e o seu reinado*, vol. II, pág. 388.

filosofia pessimista, inspirados por um temperamento melancólico.

Ao sôgro tinha escrito, em fins de Dezembro de 1857, mostrando que sentia quanto custaria ao pai ficar sem a filha querida:

«Ser-me-há permitido sem que pareça muito imodesto, que eu compreenda, quási por igual de seus parentes, a extensão do sacrifício que a Princesa, minha querida noiva, cumprirá pondo o pé no solo de Portugal. Não me atrevo a sondar a profundeza de um coração de pai; vossa alteza, todavia, o tem tão aberto que me permitirá que nele leia. Vossa alteza compreende, como eu, que a missão da Princesa é bela, mas que é bela porque é difícil».

Alude, em seguida, às circunstâncias aflitivas do país e aos sacrifícios que se impõem aos reis:

«A Princesa chegará a Portugal num momento em que terá a cumprir a missão de um coração de mulher e sobretudo dum coração tão bom e tão nobre, como é aquele que se retrata em todas as suas palavras. Ela será para mim e para o meu povo um anjo de consolação, mas ela aprenderá cêdo que se não é, senão vivendo pelo coração e sustentando a difícil luta entre êsse órgão, sempre importante, e o espírito. Chegará no bom momento para ser apreciada, ganhará pelo amor de um povo, pelo qual quer ajudar-me com as suas consolações a mitigar as grandes penas, mas verá, sem que eu o deseje, que a vida sôbre o trono é um longo sacrifício de si mesmo».

Diz que a sua noiva, deixando a família, vem para um exílio:

«Porque é, Monsenhor, um exílio para uma criança que sabe amar os seus parentes e os ama por tão justo titulo como a Princesa vos ama, o comêço duma vida longe da sua pátria, longe da família paterna, numa família ainda incompleta, sôbre um solo em que há muito a fazer, muito pouco de feito, e sobretudo, muito de ruinas, o que é muito pior. A Princesa tem o sentimento do dever que domina o coração da criança; aprendeu com seus pais que não há verdadeira e durável felicidade senão na família. Os deveres da nova família não devem nunca extinguir os da antiga,

e o coração melhor formado é aquele que encontra lugar para todos os deveres, para todas as afeições » (1).

E assim, sempre com tristes pensamentos, lhe iam decorrendo os dias que precediam o consórcio.

*
* *

Em Düsseldorf o dia 15 de Dezembro de 1857 ficou assinalado. A cidade esteve em festa. Á noite, quando a Princesa, ao lado de seus pais, apareceu no teatro coroada de rosas e vestida de branco, os espectadores numa profunda comoção aclamaram a ondina do seu Rheno que viria em breve para as margens do Tejo. No palco a figura de Camões saüdou a Princesa e viu-se Lisboa, e a tôrre de Belém, esta ocidental praia lusitana, onde essa criança sublime havia de deixar o seu coração feito para a terra, desprendendo o espírito feito para o céu, na frase eloqüente e dolorida do Rei malfadado.

Então era tudo alegria e esperança num risonho futuro.

O Rei esperava a doce companheira e ela cada vez amava mais o futuro esposo, que pelas suas cartas ia melhor conhecendo dia a dia.

O enxoval da Princesa preparava-se no meio da geral admiração (2), e D. Pedro ocupava-se da recepção da sua noiva, já então ligada a êle pelo primeiro casamento.

Nada lhe escapava que pudesse contribuir para a beleza dêsse acto.

(1) Papéis da Ajuda. Rascunho sem seguimento.
(2) Mendes dos Remédios, *Cartas inéditas de D. Pedro V*, pág. XLVII.

Revia cuidadosamente o programa naval e fazia-lhe emendas e anotações (1).

Em 18 de Março de 1858 foi nomeado o duque da Terceira para celebrar e firmar o auto de recepção da nova Rainha.

Em 29 de Abril realizou-se em Berlim o casamento por procuração (2). Quem representou D. Pedro foi seu cunhado o príncipe Leopoldo.

Ninguém foi encarregado de servir de testemunha. Era êsse o costume antigo (3).

---

(1) Vê-se isto numa carta do infante D. Luís ao então visconde de Sá: «Meu caro visconde — El-Rei ordena-me de remeter ao visconde o programa do cerimonial marítimo que o visconde deixou hoje no Paço. Êle fez-lhe algumas alterações à margem; no entanto parece que será bom ainda conversarmos sobre algumas coisas. Adeus meu visconde. — Seu amigo — *D. Luís.* — Lisboa, 4 de Maio de 1858».

Este programa, com as emendas feitas pela mão do Rei, acha-se arquivado na Biblioteca da Ajuda com a designação 52 — XII — 28 n.º 123, e no programa de recepção da côrte decretava D. Pedro que de ali em diante ficaria abolido o beija-mão. (Decreto que aprova o programa, de 5 de Maio de 1858).

(2) O Rei quisera evitar o casamento por procuração. Em carta para o tio, o príncipe Alberto, dizia êle (Papéis da Ajuda, 156):

«Escrevo ao conde de Lavradio emquanto a um ponto a respeito do qual êle desejou ouvir a sua opinião, e em que creio concordamos. Falo da possibilidade de se dispensar o casamento por procuração, que exigiria uma segunda missão à Alemanha que eu por diversas razões, que não vêem a propósito enumerar, desejaria que pudesse ser dispensada. Comquanto Lavradio creia dever abandonar esta ideia, não penso pelo relatório que êle me faz da sua entrevista com Mr. Kratz, a quem o principe de Hohenzollern enviou ao encontro do conde, que seja baldado o tratar de vir a um acôrdo emquanto a êste objecto».

Naturalmente, o sôgro levantou qualquer objecção. Não quereria talvez que a filha deixasse a casa paterna, senão depois de casada.

(3) Não consta, diz um documento existente na Biblioteca da

O acto foi grandioso.

É o próprio duque da Terceira que vai fazer a narração do que presenciou:

«No dia 29 de Abril findo, pelas duas horas da tarde, teve lugar em Berlim, na igreja de Santa Hedwige, a celebração do casamento, por procuração, de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, com Sua Alteza Sereníssima a Senhora Princesa D. Estefânia.

« Assistiram a esta solenidade a família real, o corpo diplomático, todos os altos funcionários, e mais pessoas de distinção.

« Além do que se achava disposto no programa, depois de concluída a ceremónia, e antes que o real cortejo saisse da igreja, tiveram a honra de beijar a mão de Sua Majestade a Rainha o duque da Terceira, marqueses de Ficalho, e Souza Holstein, barão de Santa Quitéria, José Ferreira Borges de Castro, José Emídio da Silva Cabral e António José Viale, assim como a duquesa da Terceira e D. Maria das Dores de Sousa Coutinho.

« O príncipe bispo de Breslau recitou uma oração, que a todos impressionou, e que foi muito elogiada.

« Uma hora antes da partida para a igreja recebeu o duque da Terceira as insígnias de gran-cruz da Aguia Negra. O marquês de Ficalho e o barão de Santa Quitéria as da Ordem da Aguia Vermelha; o marquês de Sousa Holstein e José Ferreira Borges de Castro, as da segunda classe da mesma Ordem; e o adido à legação, Silva Cabral, as da quarta classe.

« Conforme estava designado no programa, teve lugar o almôço às duas horas da tarde, no palácio do príncipe da Prússia. Sua alteza real fez uma saúde a Suas Majestades El-Rei e a Rainha de Portugal, à qual Sua Majestade a Rainha correspondeu, fazendo igual brinde a Suas Majestades El-Rei e a Rainha da Prússia.

« Pelas sete horas da tarde do dia 30, Sua Majestade a Rainha, acompanhada das pessoas da sua côrte, e dos duques da Terceira, e mais pessoas que a acompanhavam, saiu dos seus aposentos para as salas de recepção, onde o corpo diplomático

---

Ajuda, assinado por Camilo Martins Lage em 9 de Abril de 1817, oficial maior da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, dos exames a que se procedeu nesta Secretaria de Estado que para os casamentos dos senhores reis D. João V, D. José I e D. João VI fôsse mandada pessoa alguma, com o fim expresso de assistir como testemunha no acto do casamento por procuração.

esperava a mesma Augusta Senhora para ter a honra de lhe ser apresentado; surpreendendo a todos o modo majestoso e afável com que Sua Majestade, dirigindo a palavra aos chefes de missão, se dignou falar-lhes no que a cada um interessava respectivamente.

«Em seguida a êste acto, teve lugar na sala branca um concêrto, como estava designado no programa. Á entrada de Sua Majestade a Rainha, e à sua saída da sala a orquestra tocou o hino da Carta.

«No mesmo dia houve um jantar no palácio de sua alteza real o príncipe Frederico Guilherme, para o qual foi convidada a côrte de Sua Majestade a Rainha e o barão de Santa Quitéria».

Também Viale se ocupa do casamento por procuração, dizendo:

«Em 29 do mesmo mês se celebraram na igreja de Santa Hedwiges os reais desposórios por procuração, assistindo a êste solenissimo acto suas altesas reais os príncipes da casa da Prússia, os augustos pais e os dois irmãos mais velhos da nova Rainha, os príncipes Leopoldo e Carlos, e muitos outros personagens. Representou Sua Majestade Fidelíssima, como seu procurador, sua altesa o príncipe Leopoldo (que depois acompanhou sua augusta irmã até Lisboa). Oficiou nesta sagrada e festiva ceremónia o príncipe bispo de Breslau, o qual pronunciou em tão fausta ocasião um eloqüente discurso» (1).

Mas quem descreve com o perfume, que lhe dá uma formosa pena de mulher, a ceremónia do casamento na igreja de Berlim, é Catarina Diez, que nem mesmo omitiu o discurso do bispo:

«Teve lugar o casamento na igreja de Santa Edwiges pelo bispo Forster de Breslau. O irmão mais velho da Princesa Estefânia, o príncipe hereditário Leopoldo, foi escolhido para representar o noivo ausente.

«Á excepção do rei enfermo, estava presente toda a família real da Prússia e formava uma deslumbrante e imponente reünião com a embaixada portuguesa e os numerosos convidados da nobresa e mais altos cargos do reino.

«Passou no meio de todos estes senhores a noiva real, que pa-

(1) *Ob. cit.*, pág. 11.

recia uma brilhante aparição angélica, com o seu vestido branco de neve e a corôa de murta a cingir-lhe a fronte. ¡Não era o amor terrestre que dava brilho aos seus olhos, não! Era o amor celeste, e, como uma sacerdotiza inspirada, ela se colocou aos pés do altar, para depor na mão querida do irmão o juramento de uma eterna fidelidade e do cumprimento perfeito dos seus deveres.

«O bispo, depois de descrever as bençãos do casamento, principalmente as dos reis, disse que era uma hora muito soléne aquela em que se reuniam dois corações reais; dela esperava o reino de Portugal e dos Algarves a sua Rainha, um povo inteiro a mãe, que dando-lhe o exemplo de amor, fidelidade e temor de Deus, lhe abra o caminho que conduz ao céu».

E com mais alguns lugares comuns do estilo encerrou-se a ceremónia.

Três dias depois (em 2 de Maio) regressou a Düsseldorf. Então, já legìtimamente casada, levava na sua comitiva, além do duque da Terceira, comissário nomeado para a receber e conduzir a Portugal, também a duquesa, sua mulher, investida nas funções de camareira-mór, D. Maria de Sousa Coutinho, dama camarista, os marqueses de Ficalho e de Sousa Holstein, o barão de Santa Quitéria, ministro em Berlim, o secretário de missão extraordinária Borges de Castro, e Silva Cabral, adido à legação da Prússia.

Na noite dêsse dia 2 de Maio chegava a Düsseldorf.

O dia 3 foi de felicidade e de lágrimas para a cidade. De felicidade porque os seus habitantes viam coroada a princesa querida; de lágrimas porque viam partir para sempre o anjo protector desvelado da pobresa, a santa cujo espírito dulcíssimo pairava sôbre os habitantes como um hálito de Deus. Viam-na, levando às escondidas o sustento e as consolações aos enfermos, freqüentando sem hipocrisia as igrejas, ajudando as artes com a sua protecção, tendo para todos os infelizes uma palavra de amor e de piedade, e

lamentavam a sua partida, como se todos ficassem abandonados do auxílio divino.

A entrada em Düsseldorf é assim descrita:

«O trem chegou a Dusseldorf pelas nove horas da noite, Na estação estavam as autoridades da cidade, parte da guarnição, e um grande número dé pessoas distintas.

«Sua Majestade entrou na sua carruagem, e seguiram em outras também pertencentes a sua alteza o príncipe de Hohenzollern Sigmaringen as pessoas da real comitiva. O cortejo real passou a custo entre as alas do povo. As ruas estavam todas iluminadas e armadas de flôres e bandeiras portuguesas e prussianas, e nos lagos, em gôndolas iluminadas, achavam-se bandas de música tocando o hino português. Ao lado da carruagem em que ia Sua Majestade a Rainha caminhavam mais de cem pessoas com lanternas de côres. Seguia a carruagem uma banda de música tocando o hino de Sua Majestade El-Rei; o povo vitoriou com entusiasmo a Sua Majestade a Rainha.

«Chegado o cortejo ao palácio de sua altesa, tiveram a honra de ser apresentadas a Sua Majestade as autoridades de Düsseldorf, e a todos a mesma augusta Senhora se dignou dirigir algumas palavras de agradecimento; pedindo-lhes que em seu nome fizessem saber ao povo da cidade quanto apreciava aquela demonstração de respeitosa simpatia.

«Ás onze horas da noite serviu-se uma magnífica ceia de sessenta talheres, finda a qual Sua Majestade se retirou.

«No dia seguinte pelas onze horas da manhã, recebeu Sua Majestade no palácio do govêrno as pessoas principais da cidade e do exército que comanda sua altesa.

«Nesta ocasião ofereceu a municipalidade a Sua Majestade um rico album, contendo vistas dos pontos favoritos de Sua Majestade em Düsseldorf, desenhados pelos melhores artistas da academia da cidade.

«Concluída esta recepção, retirou-se Sua Majestade para o palácio da sua residência, onde às três horas houve um excelente banquete, no qual estiveram presentes as mesmas pessoas que tinham tido a honra de assistir à ceia da noite anterior».

Mas era preciso deixar Düsseldorf, partindo para a sua nova pátria. Era o dia 4 de Julho. O trem do rei da Bélgica esperava-a na estação, devidamente preparado:

«No dia 4 às dez horas da manhã partiu a Rainha. As ruas

estavam igualmente apinhadas de povo, que não cessava de dar vivas a Sua Majestade. Em todas as estações até à fronteira, dirigiram as autoridades das localidades discursos, que Sua Majestade ouviu sem descer do vagon.

«Em Verviers estava o conde de Marnix, grão-marechal da côrte de sua majestade el-rei dos belgas, esperando Sua Majestade a Rainha, a qual depois de se demorar poucas horas em Bruxelas, aonde se dirigiu por convite de sua majestade el-rei Leopondo, prosseguiu a sua viagem para Inglaterra».

A entrega oficial da Rainha fez-se em Ostende:

«Logo depois de Sua Majestade ter chegado a bordo do vapor de guerra *Mindelo*, pela uma hora da tarde do dia 5, acompanhada de seus augustos pais e irmão, o príncipe Leopoldo, de sua augusta avó, a gran-duquesa Estefânia de Baden, que de Paris veio expressamente para se despedir de sua augusta neta, de sua altesa real o duque de Brabante, e de todas as pessoas, tanto nacionais como estrangeiras, que vinham na sua real comitiva; e tendo eu obtido a prévia autorização de Sua Majestade, procedeu o secretário, nomeado para assistir ao dito acto, à leitura, em primeiro lugar, do protocolo da entrega da mesma augusta Senhora, de que incluo o próprio original, assinado pelo barão de Stillfried, ministro comissário por parte da côrte da Prússia, e em seguida do protocolo de recepção, assinado por mim, e pelo dito secretário, de que junto a respectiva cópia; e finda esta ceremónia, rompeu a guarnição e os circunstantes em vivas entusiásticos à Rainha de Portugal.

«Havendo Sua Majestade recebido depois o embaixador de sua majestade el-rei dos Países-Baixos, de que faz menção o visconde de Seisal na sua dita participação, e tendo-se servido o jantar a Sua Majestade e às pessoas reais que se achavam na sua companhia, serviu-se em seguida o de estado, e à noite houve iluminação a bordo, o que tudo tinha sido disposto na véspera pelo marquês de Ficalho, que nos tinha precedido para Ostende, de combinação com o visconde de Seisal, e com a cooperação de Mr. Duclos, nosso vice-cônsul naquele pôrto, o qual muito se distinguiu nesta ocasião.

«Ao govêrno de Sua Majestade já foram presentes os ponderosos motivos que obstaram a que Sua Majestade pudesse embarcar ali na corveta *Bartolomeu Dias*, para nela ser conduzida a Inglaterra. A mim só compete declarar que aos incançáveis esforços e grande arrôjo, tanto da parte do conselheiro Francisco

Soares Franco, como da do conselheiro Domingos Fortunato do Vale e de todos os mais oficiais, sem a menor excepção, e tripulações dos dois vapores, se deve o ter-se evitado algum grave contratempo, em conseqüência de dificilmente comportar o pôrto de Ostende embarcações do lote dos ditos vapores; e tenho uma verdadeira satisfação, apresentando-me a indicar a todos, em geral, como merecedores dos maiores elogios pelo bom desempenho de seus respectivos deveres.

« Tendo-se sucessivamente retirado de bordo sua alteza real o duque de Brabante, sua alteza a gran duqueza Estefânia de Baden, e sua alteza a princeza Josefina de Hohenzollern-Sigmaringen, largou o vapor *Mindelo* na madrugada do dia 6, sendo acompanhado até Dover pela corveta *Bartolomeu Dias*, e por dois hiates reais, que Sua Majestade a Rainha Vitória se dignou mandar para aquele fim, incumbindo ao mesmo tempo o capitão Deumann, da marinha britânica, de vir oferecer os seus serviços a Sua Majestade a Rainha.

« Pela 1 hora da tarde do mesmo dia, desembarcou Sua Majestade em Dover, lançando-se do cais para o portaló do vapor *Mindelo* uma ponte forrada de bandeiras. Sua Majestade era ali esperada pelo conde de Lavradio e todo o pessoal da Legação portuguesa, e pelo duque de Richmond, lord Shefield, general Wylde, e várias outras pessoas da côrte de sua majestade britânica.

« Sua Majestade, depois de haver tomado um *lunch* que o conde de Lavradio havia mandado preparar, partiu em um trem especial para Londres ».

Em Londres foi recebida pelo príncipe Alberto que a conduziu até Buckingham-Palace, onde a esperava a rainha Vitória com toda a sua família. Aí permaneceu quatro dias, durante os quais não houve honras que lhe não dispensassem, e à comitiva que a acompanhava, e atenções e favores com que não a favorecessem.

A estada em Inglaterra é descrita por Estefânia em três cartas, de Londres, dirigidas a sua mãe.

Finalmente, partiu para Plymouth, a fim de embarcar na *Bartolomeu Dias*.

Aí despediu-se de seu pai que a acompanhara desde Düsseldorf, ficando da família apenas seu irmão o príncipe Leopoldo, que veio com ela até Lisboa.

Agora a narração da viagem desde Plymouth:

«Na madrugada seguinte deixámos Plymouth, vindo em nossa conserva a nau *Renown*, e as fragatas *Diadem*, *Curaçau*, e *Rocoon*, comandadas pelo almirante Sir Henry Ducie Chads, a quem sua magestade britânica havia dado a honrosa missão de acompanhar a Sua Majestade na sua viagem para Lisboa.

«O tempo, que ao princípio se havia mostrado muito favorável, mudou inteiramente na altura de Cabo Raso, e o vento contrário de tal forma paralizou o andamento da corveta, que apenas podia deitar uma milha, que julgámos mais prudente, a fim de se evitar maiores incómodos a Sua Majestade a Rainha, em conseqüência da grande agitação do mar, o demandar o pôrto de Corunha, que nos ficava mais próximo.

«Entrados ali na madrugada do dia 15, e tendo sido muito obsequiados pelas autoridades espanholas, deixámos aquele pôrto na manhã seguinte, navegando todo o dia à vista de terra. Mas sobrevindo a noite, e apesar dos vivos desejos que tinha de comunicar com o Pôrto, só por via de sinais, pois que de outro modo seria necessário perder muitas horas, o que obrigaria a Sua Majestade a passar depois mais uma noite no mar, responsabilidade esta que não quis de forma alguma tomar sôbre mim, sobretudo depois do que havia sucedido na baía de Biscaia, vi contudo frustradas as minhas esperanças por causa da grande cerração que havia, que nem nos permitiu ver o farol da Luz. Não nos detivémos, por conseguinte, mais tempo, e seguimos para Lisboa correndo a costa até ali entrarmos na tarde do dia 17, para nós e para todos os portugueses da mais feliz recordação.

«Aqui finda a importante quanto honrosa missão que El-Rei houve por bem confiar-me.

«Permita-me V. Ex.ª que, ao concluí-la, eu rogue a V. Ex.ª que, em meu nome, e no dos mais que me acompanharam, e que tão grandes serviços prestaram nesta ocasião, se sirva beijar a mão a Sua Majestade pela alta mercê que se dignou conceder-nos, e pôr aos pés do trono os ardentes votos que fazemos pela ventura de Sua Majestade, de Sua Augusta Esposa, e de toda a sua real família» (1).

---

(1) *Relatório cit.*, do duque da Terceira, de 4 de Junho de 1858, *Diário do Govêrno* n.º 143, de 21 de Junho.

*
* *

No dia 18 de Maio de 1858, ao despontar da manhã, as salvas das fortalezas da cidade anunciavam ao povo que era aquele o dia destinado para o casamento do seu Rei. A *Bartolomeu Dias* que transportara a noiva gentil estava à vista, ancorada em frente da Praça do Comércio. O dia mostrava-se formoso: um belo dia de primavera, claro, cheio de luz e de perfumes, como são os de Portugal, em que as rosas e os lírios desabrocham debaixo do firmamento azul. O sol espelhava-se no Tejo sereno; e tudo parecia sorrir para acolher no coração alegre aquela que, em breves horas, viria sentar-se no trono, dignificado por Isabel de Aragão e Filipa de Lencastre.

Às 9 horas e 12 minutos, a artilharia anunciava que El-Rei havia saído do Paço das Necessidades, e 8 minutos antes das 10 chegava à Praça do Comércio o cortejo real, seguindo em tudo o programa publicado na fôlha oficial.

O infante D. João, formoso e elegante, comandava o regimento de caçadores a cavalo, que desfilava à frente da guarda de honra composta de toda a fôrça de cavalaria existente em Lisboa e que seguia o coche real (1). D. Pedro, recebido pela côrte que já se encontrava no pavilhão, e pela Câmara Municipal, passou logo a embarcar para a *Bartolomeu Dias*. O espectáculo era imponente. As músicas dos regimentos, o estrondo da artilharia, os vivas dos marinheiros nas vêrgas dos navios, os foguetes rebentando no espaço, a agitação e os aplausos frenéticos do povo, tudo convertia aquele

(1) *Archivo Pittoresco*, 1.º vol., 1858, pág. 377-379 e 385-387.

acto numa visão grandiosa, como raríssimas vezes se presenceia na vida das nações. Então apareceu a Rainha. Tudo ficou deslumbrado. Vestia de branco, envolta em finíssimas rendas, com ramos de murta e flores de laranjeira. Na cabeça o diadema que o noivo lhe oferecera, produto da arte portuguesa, cujos quatro mil brilhantes irradiavam ao sol, coroando-a de um disco luminoso. A formosura da Rainha, o seu ar natural e meigo, como que afagando a multidão, cativou logo o coração e o amor do povo.

Seguiram para o pavilhão. O rei D. Fernando dava o braço à infanta D. Maria Ana e o infante D. Luís à infanta D. Antónia. O povo não pôde conter-se e invadiu os três pavilhões: queria participar mais directamente da festa. Queria ver a sua Rainha de mais perto e tão sincera, tão dedicada, tão carinhosa era a sua devoção que nenhuma fôrça o reprimiu.

À saudação da Câmara Municipal, respondeu o Rei:

« Os breves anos do meu reinado poderiam definir-se demasiada experiência para quem não pode aproveitar-se ainda dela toda. Não foram felizes.

« Se no mal, porém, há um bem, trazem comsigo os infortúnios o fazer sentir uma impressão desconhecida e indefinível na primeira alegria que quebra a cadeia dos males.

« A cidade que há meses a morte despovoava, esconde hoje as lágrimas que há pouco ainda orvalhavam a saudade e o cipreste. Seria êste para mim e para a Rainha o mais claro testemunho de que não passa despercebido para o povo de Lisboa um acontecimento que consubstancia o nosso porvir.

« À Câmara de Lisboa, intérprete dos sentimentos do povo que representa, agradeço do coração as palavras que acaba de consagrar-nos.

« A Rainha pede-me que assegure a Câmara da sua viva gratidão e permite-me que cite as singelas e sentidas palavras que, ainda há pouco, me escrevia: — Tua querida mãe deixou-nos um exemplo de grandes virtudes que terei sempre diante dos olhos, e que forcejarei por imitar. Tenho a esperança de que ela abençoará a nossa união, como se ainda nos fôsse dada a fortuna de possuí-la na terra ».

Em seguida, a Câmara entregou à Rainha as chaves da cidade que as tomou, depois de algumas palavras de gratidão e afecto, tornando a colocá-las na salva; caminhando logo o cortejo, concluida a ceremónia, para a igreja de S. Domingos. A rua do Ouro, por onde o cortejo passou, estava deslumbrante.

À 1 hora e 35 minutos chegava o cortejo a S. Domingos. O Rei e a Rainha foram conduzidos debaixo do pálio pela Câmara Municipal até o guarda vento, onde também debaixo do pálio os recebeu o cabido patriarcal. Os Reis ajoelharam sôbre as almofadas que lhes pozeram dois camaristas defronte do cabido, e o Patriarca, tomando então o santo crucifixo que numa bandeja de prata dourada lhe apresentara o cónego assistente, deu-o a beijar a Suas Majestades. Depois tomou o hissope e fazendo a aspersão do estilo, terminou esta cerimónia, cantando-se a antífona *Elegit Deus dominum.*

Não devemos omitir a famosa descrição que faz a própria Rainha, em carta dirigida a sua mãe.

Conta assim a sua chegada a Lisboa:

«J'ai souffert du mal de mer jusqu'au jour de l'arrivée qui était superbe, la mer assez calme, du plus beau bleu, le ciel brillant comme on ne le voit qu'au midi; nous longions ainsi les côtes du Portugal voyant apparaître peu à peu Mafra, Cintra, la Pena, ces belles montagnes avec des formes si pittoresques, jusqu'au Cabo da Roca, l'entrée du Tage où l'on aperçoit de suite, à l'horisont Lisbonne s'étendant et s'élevant sur les collines.

«Des bateaux pavoisés, ornés de fleurs, remplis de monde, venaient à la rencontre, les canons des forts et des bâtiments de guerre retentissaient de tous côtés, c'était beau et poétique au possible».

Em seguida, fala de algumas pessoas que a visitaram e da primeira entrevista com D. Pedro:

«Á Belem, mon beau frére Luiz vint à bord m'apporter une lettre de Pedro pour me dire qu'il viendrait dans une heure.—Le duc de Saldanha, M. de Carreira, Viale, etc., etc., venaient tous, les uns après les autres, à bord. Je reçus tout le monde sur le

pont jusqu'à ce que l'on annonça que Pedro avait quitté le port pour venir à bord, alors je me retirai encore un peu pour me préparer pour ce grand moment. ¡ Vous sentez ce que c'était que ces 20 minutes d'attente ! Enfin il arriva; j'allai à sa rencontre jusqu'a à la porte de la cabine. Nous ne nous sommes rien dit, serrer la main *(sic)*, il m'a embrassé sur le front, j'ai pleuré, il avait les larmes aux yeux, nous nous sommes encore regardés longtemps, sans rien nous dire, mais en nous comprenant.

«Puis le roi Ferdinand commença tout de suite à parler beaucoup, je fis connaissance avec mes belles-seurs qui sont charmantes et avec mes beaux frères. Puis Pedro me présenta toutes les principales personnes de la cour, de l'armée et du ministère, qui étâient venues avec lui et nous dinâmes en famille. Á 10 heures nous nous sommes séparés».

Por fim, narra o que ocorreu no dia seguinte (o do seu casamento), até à sua entrada no Paço:

«Le lendemain matin, à 10 heures Pedro et toute la famille vinrent me chercher, je quittai mon navire en grande toilette avec un superbe diadème que Pedro m'a donné (les myrthes et les orangers frais et en fleurs n'ont pas été oubliés, je les ai mis autour de ma natte derrière, parce que sur la tête j'avais le diadème au lieu de la couronne d'oranger) pour m'embarquer dans une délicieuse barque, et 20 minutes après, je mis le pied sur le sol du Portugal, sur la place du commerce, où dans un pavillon érigé à cet'égard je reçus les clés de la ville des mains de Pedro. Il répondit par un fort joli discours aux félicitations adressées par le corps municipal de la ville. Puis on se rendit à l'église. Tout y était fort magnifique; abesehr wenig Würde ce qui m'a impressionée péniblement. On célébra une messe basse, après laquelle Pedro et moi, nous nous agenouillâmes aux pieds du Cardinal Patriarche qui nous bénit, après nous avoir demandé, si nous reconnaissions la célébration du mariage à Berlin. Puis l'on chanta un Te Deum composé pour ce jour, ni beau ni court. Le Saint Sacrement était exposé et nous en reçûmes la bénédiction. De l'église nous nous rendîmes ici au palais.

«Ce qui dure, je crois, plus d'une heure, car on ne fait pas l'idée des distances à Lisbonne et puis l'on monte et l'on descend beaucoup. Nous allions au pas, car la foule était innombrable; c'était for beau».

Chegados ao Paço das Necessidades depois de decor-

ridas 7 horas desde a sua saída do navio, o Rei mostrou-lhe os quartos do palácio que ela achou bonitos e agradáveis.

Depois desfilaram as tropas, e ela foi ver o quarto do marido, onde passou o resto do dia até o jantar.

A côrte jantou numa sala ao lado, ficando depois todos a conversarem. A infanta D. Isabel Maria veio ao jantar. Impressionou-a a figura original da infanta: muito bem conservada para a sua idade, o aspecto muito espirituoso, falando muito mal o francês, muito boa, muito piedosa, recordando um pouco no seu exterior a rainha de Inglaterra.

Depois do jantar houve divertimentos populares defronte das janelas. Por fim, depois de tomar chá com o marido, foi-se deitar.

Até aqui a narração da Rainha.

Neste dia não foram ao teatro. Em *Dona Maria* representava-se o *Livro Negro*, drama em 5 actos e 6 quadros e a comédia em 1· acto o *Tirano doméstico*. Em S. Carlos, em récita de assinatura, dava-se o *Ernani* e a dança *A Ilha dos Amores*.

O anúncio para o dia 19 no teatro de *Dona Maria* afirma que assistem Suas Majestades. A récita é com a *Pedra das Carapuças*, comédia de costumes, original português em 4 actos.

Logo que puderam fugir às exigências da côrte, os reais cônjuges partiram para Mafra, e aí continuaram êsse idílio de amor que havia de durar, infelizmente, pouco mais de um ano.

*
* *

D. Pedro estava visìvelmente contente com a sua ligação com Estefânia. Em toda a correspondência com os parentes manifestava a sua felicidade.

Ao rei Leopoldo dizia:

«Parece-me que amo, como convém amar, aquela que sabe tão bem subordinar o que há de material nas relações entre homem e mulher ao que há de moral e de cristão na santidade conjugal. Nós compreendêmo-nos e na minha opinião compreender-se é o amor no casamento. Procurei satisfazer no casamento uma grande necessidade moral; senti a necessidade de encontrar na mulher a parte boa, amante e crédula da minha natureza, que os vícios da minha educação e a impressão moral que recebi das minhas primeiras relações com os negócios me tinham feito perder».

À rainha Vitória significava o muito que lhe devia por lhe ter dado a felicidade do lar, experimentada já em dois meses de vida doméstica:

«Uma experiência de quási dois meses permite-me agora confirmar as vossas palavras; podeis pois, querida tia, com efeito considerar um grande benefício o auxílio que me prestastes na constituïção do meu lar; e se êste juízo não fôr prematuro, vós tendes fundado a felicidade do mesmo e por isso tornastes-me devedor de um sentimento para comvosco que é mais do que amizade e gratidão. Não posso dar a Estefânia outro nome que não seja o de «anjo», e talvez dêste termo já se tenha abusado demasiado, aplicando-o a outros menos dignos dêle para que possa exprimir todo o meu sentir. Ela é tão meiga, tão boa, tão inteligente, tão paciente para com tudo quanto possa tornar-nos impacientes neste país tão irritante, que muitas vezes estremeço e temo perder a minha ventura. ¡E se esta ventura fôsse um sonho!...

«Mas terminemos agora êste assunto. Embora o meu coração falasse ainda pouco, falou já o bastante para que se conheça o seu estado» (1).

A um dos tios também fala da sua ventura (2):

«Embora a ventura desconhecida que comecei a gozar me

---

(1) Carta em alemão. Papéis da Ajuda.

(2) Supomos que esta carta, escrita em alemão, era dirigida a Leopoldo da Bélgica. O Rei correspondia-se freqüentemente com os dois tios, Leopoldo e Alberto, e é impossível algumas vezes destrinçar a qual dos dois se referem os pequenos trechos dos rascunhos, achados nos Papéis da Ajuda. Muitos dêles, sôbre não terem direcção, também não têem data.

causasse dissabores inesperados e desconhecidos, são estes insignificantíssimos, comparados com as delícias de uma união feliz. Direi até que estas contrariedades são um novo laço que mais consolidam o afecto, e quási as desejamos sem o confessarmos, impelidos por aquele espírito de dúvida que mais ou menos desenvolvido é o princípio moral de cada um de nós.

« Há uma felicidade por meio de ilusão e há uma felicidade por meio de certeza. Esta última é sem limites, quando encontrada por um espírito tão activo e paciente como o meu ».

A outra expõe a sua satisfação, porque Estefânia realizou o seu ideal no casamento:

« Depois do que acabo de dizer, meu tio poderia responder-me que um prólogo tão frio e aborrecido não seria certamente uma introdução própria para falarmos do que amamos. Não contesto, meu tio, mas apesar disso não amo com menos ardor. Julgo amar aquela que tão bem sabe subordinar o que há de material nas relações entre mulher e marido à sublimidade cristã da união matrimonial, de um modo digno dela.

« Compreendêmo-nos, e compreender-se mùtuamente é a meu ver o amor no matrimónio. Muitos há que se casam por aborrecimento e para saber o que é o matrimónio, outros casam para conhecer uma mulher quando não tiveram a pretensa honestidade de chegar a êste conhecimento por outra forma.

« Eu julgo pelo casamento preencher uma lacuna, julgo encontrar na esposa a parte boa, afável e crente do meu ser que os defeitos da educação me fizeram perder e que a forte impressão recebida pelo súbito contacto com os negócios do Estado me roubou. O meu instinto dizia-me que não errava e animava-me, ao mesmo tempo, para vencer as dificuldades que, como sabe, se levantavam contra a candidatura de Estefânia. Deus deu-me fôrça para esta luta que, por algum tempo, tornou tensas as minhas relações de família e, em vez daquilo que muita gente chama um casamento brilhante, contraí um casamento bom o que é infinitamente mais apreciável ».

A um dos seus muitos primos, que lhe falava das nobilíssimas qualidades de Estefânia, respondia:

« Voilà bientôt de cela six mois un trop grand délai pour la reconnaissance, mais en même temps l'espace nécessaire pour aprécier et pour trouver vrai, ce que vous me dites de ma femme.

Car vous le savez par expérience qu'il faut dans le mariage plus que la sympathie, et que dans les premiers temps on est trop embarrassé pour se faire connaître en entier.

« Permettez moi donc, cher cousin, de vous exprimer toute ma reconnaissance de toutes les bontés que vous avez eues pour Stéphanie ».

Esta carta devia ter sido escrita em Novembro de 1858. Eram então passados os seis meses, espaço mais que suficiente para conhecer por experiência própria quanto eram merecidos os elogios que o primo endereçava a Estefânia.

Já antes de casar era grande a sua admiração por Estefânia. À tia Vitória que o felicitara pelo futuro enlace, êle agradecia em termos afectuosos o auxílio que lhe prestara intervindo no assunto.

Esta carta é mais uma prova de que foram os reis de Inglaterra que lhe procuraram o consórcio na casa de Hohenzollern-Sigmaringen.

« Embora tarde, permiti-me que vos exprima ao mesmo tempo a mais profunda gratidão pelas palavras que dedicais ao pedido da minha noiva, assim como pelo interêsse verdadeiramente maternal que ligais a êste, para o meu futuro, tão importante acontecimento. Acreditai, querida tia, que a ventura do meu lar, a que posso ter jus pelas qualidades da Princesa de Hohenzollern, nunca esquecerei que além do cumprimento do meu dever e das virtudes da minha noiva, a devo à vossa intervenção.

« Em breve espero receber do próprio Lavradio notícias sôbre a Princesa, que serão a repetição de todo o bem que já ouvi dizer da sua educação, que a afasta da côrte e a habilita para a sua futura missão ».

Ao seu amigo Dietz agradecia as felicitações em 18 de Novembro de 1857 (1):

« Agradeço do coração, querido Dietz, as vossas felicitações por ocasião do meu aniversário, e do pedido da minha noiva.

« Êste último acontecimento dá-me jus à esperança de encon-

---

(1) Carta em alemão completa nos Papéis da Ajuda.

trar no seio íntimo da família uma feliz tranqüilidade e uma compensação por todos os dissabores, que me não faltam no exercício do meu cargo. Depois de tudo quanto ouvi dizer quanto às qualidades da Princesa de Hohenzollern, ela parece-me absolutamente apta para preencher um lugar que só poderá ser ocupado dignamente por uma pessoa de altas virtudes e munida da firme resolução de encarar corajosamente todas as contrariedades.

«Não será fácil a sua tarefa nem invejável a sua sorte.

«De mim direi que a necessidade que sinto de concentrar todo o meu amor em alguém, impõe-me o dever de a adorar».

E na realidade adorou-a, porque nunca houve mulher que melhor compreendesse e mais se adaptasse à indole e ao feitio de seu marido.

*
* *

Escreve um biógrafo ilustre que, quando D. Pedro voltou de Mafra à convivência de sua família, estava transformado, tinha perdido a habitual melancolia: era outro homem (1). Estefânia satisfazia plenamente o seu ideal. Era boa, sincera, pura nos actos e nas intenções, simples no seu trajo, não se envolvia nos negócios públicos, ocultando, para não o perturbar na liberdade das suas acções como chefe do Estado, os seus próprios sentimentos íntimos. ¿Que mais podia desejar?

¿Com que profundo desgôsto veria ela a perseguição às irmãs da caridade? ¿Quantas vezes se não lembraria com saüdade das suas Ursulinas de Düsseldorf, onde com elas convivera em suave fraternização religiosa?

E, contudo, não existe um único vestígio de que alguma vez contrariasse o marido que, por necessidades de

---

(1) *Ecclesiasterium*, n.º 7, pág. 6.

ordem política, se inclinava, nesta questão, mais para o chamado partido liberal do que para o chamado partido reaccionário.

Quando a imperatriz abandonou a direcção dos asilos de beneficência porque o Rei não protegia, no seu pensar, suficientemente as irmãs de caridade, ela, a pedido de seu marido, interveio para demover a avó do seu desarrazoável propósito. Nada conseguiu, é certo, porque a viúva de D. Pedro IV, na sua caturrice de velha teimosa, persistiu em deixar a beneficência, mas a pobre e santa Estefânia, identificada absolutamente com o esposo, chorava sôbre a sorte da infância duramente abandonada a um capricho insensato.

O povo adorava-a. Via-a sempre ao lado do marido e revia-se naquele par, modêlo da vida conjugal em todos os seus aspectos. ¡É ela! ¡É a santa que a nossa felicidade nos trouxe para acompanhar o melhor dos Reis — aquele que nos protejeu e aconchegou quando foi do cólera e da febre amarela! ¡Deus os abençôe!

Mas Deus quis que tão angélica criatura não vivesse na terra, e um dia a morte arrebatou-a dos braços do infeliz monarca.

Foi em 13 de Julho de 1859 que o *Diário do Govêrno* publicou o primeiro boletim da doença, assinado pelos médicos barão da Silveira, Bernardino António Gomes e Manuel Carlos Teixeira (1). Êsse boletim, datado do

---

(1) Sôbre as circunstâncias precisas em que apareceu o padecimento da Rainha, há divergências na narração. Catarina Diez afirma (pág. 83) que «um dia de verão foi a Rainha dar um passeio embarcada com seu esposo. Costumava embarcar muitas vezes *e nesta tarde ia ver um novo navio de guerra*». Não é exacto. Ia a Vendas Novas assistir às experiências de uma peça raiada, recentemente adquirida. Outro escritor, sr. Joaquim Leitão, referiu o que lhe contou a marquesa de Rio Maior: «Tinham ido a Vendas Novas. Lembro-me que a locomotiva foi toda enfeitada

dia antecedente, dizia apenas que Sua Majestade a Rainha se achava, desde sábado, 9 de Julho atacada de uma angina que, até ao presente, tinha seguido marcha regular. No dia 13 a doença apresentava a forma diftérica e prolongava-se pelas vias aéreas, o que não obstava a que desde o meio dia tivesse a Rainha apresentado alívios em todos os sintomas. Em 14 persistiam os sintomas diftéricos anginosos de moderada intensidade. Em 15 conservava sintomas anginosos, com febre de forma remitente. Em 16 houve uma pronunciada exacerbação febril; com ela começaram a declinar as fôrças e a aparecerem outros fenómenos de intoxicação diftérica, cujo rápido progresso pôs termo à vida da Rainha pela uma hora da madrugada do dia 17, depois de ela ter recebido todos os sacramentos. No dia 20 recolhia-se o seu cadáver em S. Vicente de Fóra.

Ia vestida de branco com a sua grinalda de flores brancas, como um anjo de candura que voava para a companhia de Deus (1).

O que foi para Portugal êste lutuoso acontecimento sente-se ainda hoje através das descrições do tempo.

---

a dálias. A Rainha Estefânia contraiu nessa viagem uma angina diftérica; *não se lhe conheceu e em 24 horas morre* (*Ob. cit.*, pág. 86). Também não é rigorosamente exacto. A doença foi conhecida pelos médicos, e entre a viagem e o falecimento da Rainha mediaram 9 dias, pois aquela foi no dia 8 e êste no dia 17.

Viale fala na excursão a Vendas Novas, em nada mais (pág. 44), mas Bastos (pág. 133) atribui principalmente a um passeio posterior à Trafaria o agravamento da doença.

(1) O cadáver de Sua Majestade a Rainha foi revestido de um vestido de nobreza branco, guarnecido de rendas de prata, um toucado de filó, e uma grinalda de flores brancas, sapatos de setim branco, luvas brancas, as fitas das ordens de Santa Isabel e da Conceição e da rainha Luísa da Prússia. Paço das Necessidades, 19 de Julho de 1859 — *Conde da Ponte*». Arquivo da Casa Real, Caixa 467, n.º 113.

Um correspondente do jornal, o *Porto e a Carta*, expressava-se assim:

« Se julgarmos todas as povoações pelo sentimento que domina esta cidade, a dôr é imensa. Hontem à noite, e ainda a Rainha estava viva, fecharam-se quási todas as lojas; a cidade parecia um deserto. Desde hontem pelo meio dia que se começou a dizer que a Rainha peorara e que apresentava sintomas pouco agradáveis. Á noite o terror tornou-se geral. Os teatros foram mandados fechar e na Sé e noutras igrejas começou-se a toda a pressa a fazer preces pelos alívios de Sua Majestade. Das 8 para as 9 foi a Rainha confessada, sacramentada e ungida e tudo se preparava para a operação que uns dizem se chegara a fazer e que outros afirmam que, indo a começar-se, os médicos assentaram em não lha dever fazer por ser impossível salvar a ilustre enferma » (1).

O mesmo correspondente ainda dá a seguinte curiosa informação:

« Sua Majestade já se achava incomodada quando partiu para Vendas Novas para assistir às experiências da peça raiada, como já dissemos numa correspondência anterior. Aí agravou-se o seu mal, andando quilómetro e meio de terreno a pé, sob um sol ardente — sol de África. Durante a experiência cresceu o padecimento por tal forma que Sua Majestade chegou a estar deitada, segundo nos dizem, no palácio de Vendas Novas sôbre os capotes de alguns dos generais que assistiam à mesma experiência ».

E termina dêste modo:

« Pobre flôr da Alemanha, tornada a mais viçosa em terras do meio dia; breve foi a tua passagem na terra; o tufão crestou-te a belesa, roubou-te a vida, mas em troca Deus deu-te coroa de anjo ».

O mesmo correspondente que tão bem sabia traduzir, enviando-o para o norte do país, o sentimento da capital de que êle também partilhava, escrevia no dia 18:

« El-Rei, apenas lhe constou a morte da sua amada esposa,

---

(1) Correspondência de Lisboa para o jornal do Pôrto — *O Porto e a Carta*, n.º 160. Tem a data de 17 de Julho de 1859.

caiu num delíquio assustador e assim se conservou numa espécie de espasmo, dando bastante cuidado a sua saude, o qual durou até esta madrugada, em que parece Sua Majestade começou a sentir algumas melhoras, achando-se muito mais aliviado às horas em que começamos a escrever esta, 1 da tarde».

Toda a imprensa acompanhou o Rei na sua profunda e justíssima dôr.

Em especial citamos apenas a *Nação*, representante do partido legitimista, e a *Revolução de Setembro* em que escrevia o maior dos jornalistas portugueses, Rodrigues Sampaio.

A *Nação* dizia:

«Cortesãos da desgraça vimos hoje, na hora da adversidade, render homenagem de respeito à dôr, ante a mansão do luto, de onde nos afastaram as galas nos dias de ventura. Legitimistas, hoje é dia de uma trégua santa».

Sampaio, com a sua assinatura, escrevia:

«A morte entrou no palácio do Rei, e escolheu a vítima mais cara ao seu coração. Hontem um tálamo, hoje um túmulo. Hontem amor e esperança, hoje dôr e saudade.

«Morreu a Rainha a senhora D. Estefânia. Viveu entre nós pouco para ser grande, mas tempo de sobejo para nos fazer sentir a sua perda. Subindo à morada dos justos, menos perdeu ela do que nós. Choremos, pois, com o Rei que é homem e esposo, com os pobres que eram filhos dela, e com todo o povo de quem era ainda mais Rainha pelo amor e virtudes do que pela posição social».

A dôr afligia o coração de uma nação inteira. ¡Estefânia, a flor nascida nas margens frescas do Rheno, desfolhara-se ressequida pelo sol ardente do Tejo!

CAPÍTULO II

Sumário. — O que representam as cartas da Rainha Estefânia. — Documentos históricos e psicológicos. — Sentimento religioso da Rainha. — Concepção da idea de Deus. — Causa primária de todas as coisas. — Desânimo por causa do país ser pouco religioso. — Sentia o que se passava no tocante às irmãs da caridade. — Desleixo do clero português. — Os seus deveres como Rainha. — Amor de família. — Afecto filial. — Dedicação pelos irmãos. — Amor conjugal. — O primeiro encontro. — Retrato de D. Pedro feito por Estefânia. — O seu talento. — Sua ternura e atenções para com ela. — Na volta da caça. — Durante o sarampo. — Inteligência de Estefânia. — Conceitos de ordem moral. — O seu critério político. — Agrada-lhe o ministério regenerador formado pelo duque da Terceira. — Apreciações sôbre a guerra entre a Áustria e a Itália. — O que vale a Inglaterra. — O poder temporal do Papa. — A miséria portuguesa. — O liberalismo. — Inteligência prática de Estefânia. — O seu amor pela agricultura. — Como apreciava a sua nova família. — A vida no Paço. — A vida em Sintra. — Leituras predilectas. — Queluz e Mafra. — Intenta fazer um salão em Lisboa. — Em casa do visconde da Carreira. — A mulher alemã na sua maior pureza.

As cartas da Rainha Estefânia, sôbre serem documentos históricos porque esclarecem alguns factos do seu tempo, são, acima de tudo, a fotografia da personalidade moral da sua autora. A alma da Princesa com todas as suas virtudes e predicados encontra-se ali de tal modo vincada, que fácil se torna apreciar-lhe a psicologia.

Entre todos os sentimentos que lhe exornam o espírito e o coração sobreleva o sentimento religioso.

Para ela, Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, o *alfa* e o *ómega*, nele operamos, nele vivemos, nele existimos. Árbitro superior dos nossos destinos, nele reside o bem e o mal que sofremos, o prémio e o castigo, que pelas nossas acções nos é devido.

A idea de ser Deus a causa primária de todas as coisas vem talvez da metafísica de Jacobi, o antigo filósofo de Düsseldorf, transmitida a Estefânia pelo padre Wilmers, seu confessor e director espiritual antes da sua vinda para Portugal.

Na carta de 6 de Agosto de 1857, a primeira certamente que ela escreve a D. Pedro, aceita e reconhece os deveres que as suas novas relações lhe impõem, *porque vêem das mãos de Deus.* Na seguinte, de 24 de Outubro, tem a firme confiança de que, quando temos desejo de cumprir os nossos deveres, Deus vem em nosso auxílio, suprindo a fraqueza das nossas fôrças não só nos momentos penosos, mas passadas as horas de tristeza e de desânimo.

Em outra carta pede-lhe que *comungue,* como ela, na véspera do seu casamento — *cela me rendra bien heureuse, j'ai la ferme conviction que cela nous portera bonheur.*

Já em Portugal, escreve rogando à mãe que pense que estão ambas reünidas em Deus, apezar da distância que as separa; é essa a única e a melhor consolação: fazer um sacrifício a Deus do pezar que experimentam por estarem separadas.

Falando do seu afastamento da casa paterna, sente-se abandonada, mas Deus vem em seu auxílio: — *Si Dieu n'était pas notre père à tous, si nous n'avions pas la Sainte Vierge, c'est que je tomberais cependant parfois dans des découragements.*

Lastima-se por se encontrar longe da família, sente, por êsse facto, uma profunda dôr, sacrifica a Deus o amor que dedica a seus pais. É por êle que é neces-

sário viver, isso embeleza e enobrece a felicidade que êle nos deu, e adoça e alijeira a cruz que cada um deve levar. *Je reconnais toujours plus que Dieu m'a donné einen Wundervollen Beruf et mon plus grand, mon plus fervent désir est de Lui être consacrée entièrement, de ne vivre que pour Lui, de reporter tout le bonneur, toutes les joies comme toutes les peines sur Lui et cela toujours, toujours.*

No primeiro de Janeiro invoca Deus, esperando que êle lhe concederá a felicidade de ver seus pais; chama àquele dia *um dia muito sério, mais Dieu, qui nous a conduits si paternellement jusqu'ici, ne nous abandonnera pas plus dans l'avenir, surtout si nous avons confiance en Lui.*

Aludindo à próxima guerra entre a Áustria e a Itália, lembra «que acima de todos os planos e manejos humanos há um Deus justo e poderoso que permite muitas vezes a injustiça durante um certo tempo, mas que sabe também detê-la e punir na ocasião oportuna, conduzindo tudo à sua glória e ao seu melhor fim».

Dotada com esta sincera e profunda crença em Deus, compreende-se quanto, por vezes, se sentiria desanimada numa sociedade nova para ela, e na qual não encontrava êste arreigado sentimento religioso.

Em 2 de Agosto, escrevendo á mãe, de Sintra onde então se encontrava, dizia-lhe que se levantava da cama às oito horas da manhã e que às nove e meia ouvia missa na capela do castelo, que era muito bonita e original, *le plafond encore du temps du Roi D. Manoel, style fort étrange, tout à part.* O ouvir missa todos os dias tornava-a feliz; temos necessidade de orar, porque estamos numa crise religiosa em que só Deus nos pode ajudar.

Para certas coisas julgar-se ia que estavamos no país mais anti-católico e não se imagina quanto isto a penalizava, — *ce spectacle fait mal partout, mais bien autre-*

ment dans un pays qui est le nôtre, où l'on doit veiller et travailler au bonheur des habitants, où l'on ne peut être tout à fait heureux, si eux ne le sont pas. É triste ver os ódios e todas as fôrças voltarem-se contra o que sòmente pode trazer remédio para êste desgraçado país.

O que se passava a respeito das irmãs da caridade feria-a profundamente na sua sensibilidade religiosa. Queixa-se de que elas, que tinham iniciado a regeneração moral do país, sejam tão acerbamente atacadas. ¡Têem chegado a insultá-las no meio da rua!

Atribui ao clero a falta de educação cristã. Os bispos, em geral, ocupam-se muito de política, mas pouco dos seus deveres. Os sacerdotes andam em trajos seculares e não se reconhecem como tais fóra da igreja. O patriarca é uma excelente pessoa, mas fraco e muito doente. *Racontez cela aussi au père Wilmers, car cela l'intéressera.* Dá vontade de chorar o ver que não há um só pároco, com excepção de dois ou três, que ensine o catecismo às crianças da sua paróquia, que ficam inteiramente ignorantes e vão à primeira comunhão sem saberem o que fazem!

O que há a fazer antes de tudo, na opinião de Estefânia, é dar às crianças uma educação religiosa, e ninguém como as irmãs da caridade pode desempenhar essa missão. *¡Que Dieu bénisse leur oeuvre!*

Os seus deveres como Rainha consistiam — dizia ela em carta de 2 de Junho — em dar o bom exemplo em tudo, em testemunhar o maior respeito pela religião e em se ocupar de obras de caridade espirituais e corporais. Mas em tudo é necessário proceder prudentemente. Não precisa de dizer lentamente, *car cela arrive de soi-même ici.*

*
* *

Ao lado do amor a Deus habitava no coração de Estefânia o amor à família. Todas as suas cartas são um hino de ternura cantado em todos os tons pela afeição filial. É principalmente a mãe que lhe desperta as saüdades. Em plena felicidade, junto do seu bom Pedro, Estefânia em 17 de Junho, um mês depois da sua chegada, sente *uma dôr* (não pode exprimir o que sente de outra maneira) quando pensa na distância que a separa da mãe. Para ela só existe uma consolação, é que faz sacrifício a Deus do amor que lhe dedica, porque só lhe mitiga a pena o pensar que é por sua santa vontade que se acham afastadas.

Recorda-se em outra carta do jardim de Düsseldorf, interessa-se pela saúde da mãe e lembra-lhe que tome os banhos do lago, indo mais cêdo para Weinburg.

Julga-se feliz com a idea de que estão juntas pelo pensamento. Para ela só três pensamentos a absorvem: os seus deveres, Pedro, os seus adorados pais e toda a sua muito amada família.

Em 9 de Outubro queixa-se de não ter há mais tempo recebido notícias da mãe, *car enfin*, *quand on est loin*, *quand on pense toujours à ceux que l'on aime*, *on devient un peu exigeant.* Agradece-lhe todos os pormenores da sua carta, que têem muito valor para ela, porque assim vai em pensamento mais fàcilmente até junto das pessoas a que se referem.

¡Ah! se pudésse ter àsas para se transportar num instante ao meio daqueles que ama! Como seria feliz, — o que se não pode ser na terra... Lembra que estava próximo o 21 de Outubro, o mais belo e o maior dia de festa da família para êles todos, visto ser o dia

do nascimento e o dia do casamento da mãe. É triste estar longe da família e não poder abraçá-la com os seus votos mais ardentes. Mas celebraria êsse dia indo à santa comunhão, reünir-se-iam diante de Deus, seria a êle que ela exprimiria todos os ternos votos que lhe enchem o coração. Em pensamento iria com os irmãos felicitar a mãe. ¡ Quanto os inveja neste momento!

Em 22 de Novembro arde em saüdades da mãe e insta para que venha visitá-la. Lembra-se de quando lhe assistia à ceia durante a qual tinha com a mãe longas conversas, e quando podia estar de joelhos diante dela com a cabeça apoiada no seu coração. ¡ Como era então feliz!

Pede-lhe que lhe dê conhecimento de tudo o que a preocupa e de tudo o que faz, porque assim viverão sempre juntas.

Falando da projectada viajem da mãe a Lisboa, deseja que venha o mais depressa possível. Se pudésse voar para lhe sair ao encontro fazendo com ela uma parte do trajecto sôbre o mar! A viajem será feliz, porque será feita sôb a protecção da Santa Virgem.

Que traga o irmão Leopoldo que já conhece o caminho. ¡ Como seria feliz quando a mãe a apertasse nos braços! ¡ Seria um paraízo! *Enfin, espérons en Dieu que cela sera bientôt.* A irmã Maria virá, naturalmente, e talvez venha também Bibi. Êle poderia continuar aqui os seus estudos. Traga também madame d'Esebeck, se fôr possível. A mãe ficará, quando cá estiver, em quarto perto dela, isto é, durante a noite sòmente, porque durante o dia o seu quarto será o dela. Darão lindos passeios juntas, irão com freqüência ao jardim. Quanto ao rei Fernando não será visto senão ao jantar. Mas hão de fazer-lhe uma visita, porque os seus aposentos têem muito que admirar, assim como a sua Pena que é *um ihn gut zu stimen.* Luís não está nunca com a

família. Julgo que êle seguirá antes o exemplo de seu pai, que o de seu irmão. Maria passará uma vida muito tranqüila; poderá desenhar e montar a cavalo com Antonica, correr no jardim, podendo passar as manhãs em estudar.

Quando se aproxima o dia de S. José, Estefânia promete rezar ao santo, intercedendo pela mãe, notando com sincera devoção, *et vous savez que l'on dit que l'on ne s'adresse jamais avec confiance, en vain, à lui.*

Em uma das suas cartas tem esta expansão do coração: *Ah! chère et adorée Maman, je n'aime rien au monde plus que vous, que Papa et que mes frères!*

Fala muito nos irmãos cuja felicidade a preocupa. ¿Com quem casará Leopoldo? A união com Sofia de Saxe seria excelente. O melhor seria que êle casasse com a cunhada, D. Antónia, que é muito linda, muito espirituosa, mas por enquanto muito criança. Também pensa muito na sorte da irmã Maria.

Nunca ninguém, como Estefânia, sentiu e descreveu o amor filial com mais formosas côres.

Só por isto as suas cartas deviam ser guardadas religiosamente por todas as mães, e lidas, como se lê um catecismo, por todas as filhas.

*
* *

Religiosa, amiga da família, era Estefânia também um modêlo de amor conjugal.

As suas cartas escritas antes do casamento eram uma promessa da felicidade futura. Ela começava então a compreender o marido e a admirá-lo na sua inteligência e no seu carácter.

O primeiro encontro a bordo da corveta *Bartolomeu Dias* é o preâmbulo dêsse idílio que, infelizmente,

apenas duraria pouco mais de um ano. ¡E como ela o descreve tão suavemente numa das suas cartas!

O infante D. Luís trouxe-lhe uma carta do irmão, dizendo que dentro de uma hora a viría visitar. Ouve-se o sinal da partida, faltam vinte minutos. *Vous sentez ce que c'était ces 20 minutes d'attente!* Enfim, D. Pedro chega, ela vai esperá-lo à porta da cabine. Emudecem os dois, apertam-se as mãos, êle beija-a na testa, ela chora, êle tem as lágrimas nos olhos, e ficam a contemplar-se mùtuamente, sem dizerem uma única palavra, mas compreendendo-se!

¡Como tudo isto é divinamente sublime, e quanta razão tinhamos nós para dizer que lançaríamos estas notas no papel, de joelhos como Fra Angélico pintava as suas virgens!

Estefânia acha D. Pedro como o tinha prefigurado. A sua expressão tem alguma coisa de ideal. É boa e profunda. Os seus olhos dizem mais do que todas as línguas poderiam dizer. Fala pouco e, em geral, não sabe fazer-se valer, porque o não procura; é de tal maneira verdadeiro que dirá sempre muito menos do que pensa.

Estefânia acha que Pedro é muito bom para com ela em tudo. Um exemplo, na segunda feira passada ela mostrara desejos de assistir à última devoção do mês de Maria na Ajuda, no asilo dos pobres órfãos, que Pedro fundara, e onde havia irmãs da caridade francesas de S. Vicente de Paulo, que tinham vindo de França no último outono. Pensava ir só com as cunhadas, mas Pedro disse-lhe: «Se o permites, irei comtigo». Foram juntos assistir a essa devoção tocante e bela, porque o altar da Santa Virgem estava ornado das mais lindas flores brancas, e as crianças entoavam cânticos em sua honra. Receberam a benção do Santíssimo Sacramento e assistiram a um festim que Pedro preparara para as crianças. *C'est tout ce qu'il aime*

que de s'occuper des enfants pour lesquels il a une véritable passion.

A bondade de Pedro é grande, sempre disposto a sacrificar os seus gostos; raros homens haverá tão pouco egoístas.

Para ela é excelente, pensando em tudo o que lhe toca, cheio de respeito e de ternura. ¡Na verdade, não pode agradecer bastante a Deus a sua felicidade!

À noite, quando voltam do passeio, êle toca sempre piano durante algum tempo e tudo o que uma vez ouviu; mas não sabe ler uma nota, e, para lhe dar prazer, tocava também Any Zori, essa ária escosseza que a tia Maria cantava tão bem. Pedro prometera-lhe fazer um desenho que ela mandará à mãe. ¡Êle tinha talento para tudo!

Em Janeiro de 1859 D. Pedro esteve três dias separado de Estefânia; para caçar, como costumava. O regresso foi uma nova lua de mel. *Hier*, — conta Estefânia, — *Pedro est revenu de la chasse et nous sommes très heureux, nous ne faisons que nous embrasser et nous dire de belles choses.*

Foi também na volta da caça — acrescentamos nós — que Afonso V quebrou a esmeralda de Isabel, gerando nesse momento D. João II. ¡Que pena não se ter também quebrado a esmeralda de Estefânia!

Durante os três dias de ausência Estefânia escreveu a Pedro duas cartas e êle outras duas.

Êle é tão bom, êle tem um tal fundo de ternura em si que só tem necessidade de encontrar alguém que o compreenda e que lhe retribua, *ce qui hélas! il n'a pas trop rencontré jusqu'à présent.*

Estefânia envia à mãe algumas fotografias de Pedro que muito se parecem com êle quando está sério; quando está animado e satisfeito tem uma figura totalmente diferente, na verdade muito bonita.

Agora está bem e começa a descançar de todas as

fadigas da viajem. Voltou com mais coragem e mais firmeza e assim satisfará melhor que nunca a todos os seus negócios. *Je reconnais bien qu'il est d'un prix inestimable pour moi sous tous les rapports.*

Nota que ela e Pedro se entendem cada vez melhor e que são feitos um para o outro.

Na carta de 5 de Julho de 1859, a última da colecção, — fala afectuosamente da saúde de Pedro; é preciso tratar dêle como de uma criança, *je suis très sévère sous ce rapport.*

Até ao presente tem seguido um mau regimen cujas conseqüências era preciso combater, mas mesmo sem isso êle tem uma boa constituïção.

Quando D. Pedro teve sarampo (22 de Novembro de 1858), Estefânia não lhe abandona o quarto durante um só momento, lê os livros de que êle mais gosta e dispensa-lhe todos os carinhos.

Não há esposa mais dedicada nem que maior amor revele pelo marido.

*

* *

Além de todas estas utilíssimas qualidades, Estefânia tinha também a de ser grandemente inteligente.

Tinha conceitos profundos de que se não envergonharia um filósofo ou um psicólogo.

«Eu creio — escreve Estefânia — que há o vício do trabalho como o da ociosidade, pôsto que seja menos comum do que êste último; também tem o seu perigo, porque não é sempre por ter trabalhado enormemente que se chega, de seguida, ao melhor resultado; creio que convém ter tempo livre para reflectir sôbre o próprio trabalho, a fim de colher dêle os melhores frutos, e, pois, é um dever não levar a virtude do trabalho, que é também uma fonte de felicidade verdadeira, a um excesso que, no fim de um certo tempo, nos torne incapazes de o exercer».

Referindo-se à carta de D. Pedro em que êste faz

uma espécie de auto-biografia, expondo-lhe os seus defeitos e os vícios da sua educação, Estefânia observa-lhe que êle é muito severo no juízo que faz de si próprio, mas antes isso do que o contrário, porque ela julga ser uma grande felicidade o conhecer tudo o que influisse na formação do carácter, tanto o que é favorável como o que o não é, porque, quanto mais uma pessoa se conhece e dá conta de todas essas impressões, mais depressa e mais seguramente deve chegar ao fim a que se dirige, podendo mais tarde reconhecer-se que, aquilo que no momento não era favorável ou mesmo não nos parecia bem, nos pode servir em seguida; é a recompensa de Deus para aqueles que procuram verdadeiramente o bom, que querem o bem, que faz voltar tudo pelo melhor. Quando se tem o desejo do bem nada se perde na vida.

No mundo — dizia Estefânia na sua penultima carta — a boa fortuna está quási sempre com os que a não merecem, o que prova bem que ela é dêste mundo e, portanto, enganosa e injusta.

O seu critério político, porque também o possuia muito acentuado, ditava-lhe considerações de extraordinário bom senso.

Em 12 de Março de 1859 escrevia Estefânia:

« Aqui tudo segue tranqüilamente o seu caminho, não há senão um grande sentimento religioso que até ao presente tem tido um bom lado: fez conhecer os deputados que provàvelmente nunca serão reeleitos, porque não se ocupam de nada sério; têem revelado o espírito religioso muito adormecido, mas muito profundamente enraizado no coração do povo português para que se possa impunemente atacá-lo com esta violência. Esta espécie de reacção religiosa muito moderada, conservada em limites convenientes, poderá, talvez, produzir o bem. Mas aqui há sempre em tudo o perigo do excesso, que é muito bom para as más ideas, porque então cáem por si mesmas, mas que é muito perigoso para a religião, porque lhe traz mais agravos do que todos os seus inimigos reünidos. O que tornará sempre o govêrno dos povos do meio dia muito difícil é que êles vêem, sentem e julgam pela imaginação.

É um grande escolho no sistema representativo, sobretudo: a falta de reflexão, de seriedade, de profundeza sente-se em tudo, e torna tudo mais difícil. Enfim, é necessário saber tomar os homens como êles são ».

¡ Como tudo isto é bem pensado! Um estadista com larga experiência não o diria melhor.

Apreciando uma carta de madame Naudin que fôra sua mestra, nota que ela diz certas coisas porque não é casada. Agora é que Estefânia compreende a mãe numa quantidade de coisas em que não a compreendia inteiramente antes. Ela sabe muito bem que é preciso olhar para o exterior, para o que interessa ao mundo, mas, enfim, se isso não pode ser senão à custa da menor das coisas, verdadeiramente essenciais, isto é, daquelas que respeitam à consciência e à felicidade doméstica, então, não, não; vale mais renunciar a tudo isso e mesmo sofrer as conseqüências muitas vezes pouco agradáveis.

À pergunta que lhe fazia Hortênsia (1) sôbre se ela se ocupava das escolas, dos estabelecimentos públicos, das reformas na instrução pública, das prisões e de outras coisas do Estado, observava, em carta para a mãe, que tratava de tudo isso, mas fingindo não se ocupar de tal. Não pode conseguir mudar a natureza das coisas, nem alterar a essência dos factos. ¿ Como poderia ela realizar o que o seu Pedro, apezar do seu zêlo, do seu espírito, de todos os seus conhecimentos e de toda a sua autoridade só em pequeno ponto tem realizado? Fazer o que se possa, e todo o bem que é possível, com a ajuda de Deus, eis como se trabalha verdadeiramente para o bem sólido que só subsiste com a benção de Deus. Mas para isto é preciso o sacrifício da própria vontade e da própria vaidade. É

(1) Madame Cornu, née Lacroix, casada com o pintor Sebastian Cornu e filha da ama de leite de Napoleão III.

cumprindo acima de tudo os seus deveres para com Deus e para com a família que uma mulher pode pensar *Weltverbesserung*.

As mulheres, com efeito, podem contribuir mais que ninguém, mas pela influência que têem no seu interior, desempenhando a missão que Deus lhe deu, principalmente. Para chegar a todos êsses melhoramentos ela molestaria o país naquilo que êle considera os seus direitos, transpondo os limites impostos ao seu poder, pela querida constituïção. Poria em perigo a paz da família. No público talvez a aplaudissem e a erguêssem às nuvens por um momento, mas sòmente para a fazer cair depois de maior altura. A sua missão está firmemente marcada: continuar pelo exemplo a obra de moralização que a rainha D. Maria II começou, não desprezando o exterior e observando as formas, a etiqueta, como existiam no tempo dela.

E faz assim o elogio da mãe de Pedro:

«Parece, querida mamã, que a rainha D. Maria era uma mulher muito distinta e fez enormemente o bem do país. Geralmente amada e respeitada, um carácter de homem, uma coragem inflexível, muita firmeza e decisão, extremamente severa sob certos aspectos. Pode dizer-se que foi ela, pelo exemplo, que reformou completamente os costumes da nobreza que eram tudo o que se pode imaginar de mais triste; foi ela que se ocupou da educação de seus filhos até aos mais pequenos pormenores; teve onze dos quais morreram quatro».

Nota que D. Maria II exerceu uma grande influência na sociedade portuguesa, principalmente na educação e na moralização das classes elevadas.

Elogia a formação do ministério do duque da Terceira (16 de Março de 1859) porque era composto de *presque tout ce que nous avons de meilleur dans le sens libéral et conservateur modéré* (1). Com êste govêrno ela esperava ver caminhar a nação.

(1) Êste ministério era o segundo da Regeneração e entravam

«De todo o meu coração o desejo, acrescentava, e sinto bem que sou no fundo portuguesa de coração e alma, sem estar seguramente cega e disso tendes bastantes provas. Sinto que cada vez me prendo mais ao país e aos seus habitantes; tudo o que existe em mim, enfim tudo, é dedicado ao seu Rei, e portanto à sua felicidade, à sua prosperidade, mas, sobretudo, à sua prosperidade moral, porque onde essa falta, a prosperidade material não é talvez senão um mal a mais, e, em todo o caso, ela não é nem pode ser durável».

Em 1859 agitava-se a questão da guerra entre a Áustria e a Itália, e as considerações, que a tal respeito apresenta Estefânia, manifestam um altíssimo espírito de observação e de bom juízo.

Em 12 de Março escrevia a sua mãe:

«Não vos falo da guerra nem da paz, estais mais ao corrente de tudo, pois estais no centro do grande movimento político; só me limito a fazer muitos votos pela paz, porque, além do interêsse geral que não devemos esquecer, é horroroso estar a gente longe de todos os nossos em semelhantes momentos. Se a paz se conservar, devêmo-lo principalmente à política da Prússia».

E em outra carta:

«Recebi antes de hontem uma carta do papá, não falava, na maior parte, senão de política, e não se sabe que pensar e que dizer. Receio que, não obstante o congresso e todas as boas palavras, não conservemos a paz. O *Jornal universal* de Augsburg é insuportável com a sua admiração pela política austríaca, é a custo que se pode ler. Com efeito, não sei porque se há de pôr a Alemanha em fogo e em sangue por interêsses que, no fundo, lhe não respeitam absolutamente nada, directamente.

«A Áustria tem muita razão de se defender, procede, seguramente, muito bem no que lhe toca, pôsto que não tenha mais do que um direito incerto a possuir a Lombardia. Mas, por outro lado, ninguém menos que o imperador Napoleão tem o direito de

---

nele Fontes, Casal Ribeiro, Martens Ferrão e António de Serpa. A Rainha, como se vê, ao contrário do marido, ia pendendo para o partido regenerador. O seu instinto dizia-lhe que ali é que estava o bem do país.

pedir reformas no sentido liberal para um outro país, êle que é o despotismo personificado. Só há uma coisa certa, é que estamos num tempo muito sério, em que se reconhece mais do que em outro qualquer, a insuficiência humana, a fragilidade de tudo o que é baseado nas leis saídas da mão do homem».

E ainda:

«Aqui vemos tudo muito negro, talvez porque nos achamos longe do centro de acção; quereria que não fôsse assim e que nos enganássemos. Recebo hoje uma carta da avó que assegura que o imperador Napoleão não quer a guerra. É interessante que êle queira fazer acreditar isso a certas pessoas, mas é manobra que lhe não dará bom resultado. É êle, de resto, quem mais perderá no jôgo que agora emprega».

A atitude das nações perante o conflito é assim apreciada:

«O procedimento da Áustria parece inexplicável, deveria quási dizer-se imperdoável, ao passo que o do imperador Napoleão parece de uma má fé e sobretudo de um egoismo consumado; o da Inglaterra deixa supôr que está muito fraca neste momento e que receia ser arrastada numa guerra contra a França; o da Rússia parece ser inteiramente russo, isto é, infame. No meio de tudo isto não há senão a Prússia que possa inspirar simpatias, e da qual se pode estar seguro que tomará o partido mais honroso para ela e para a Alemanha, ainda que possa parecer indecisa aos olhos de muita gente».

A guerra, como se vê, preocupava excessivamente Estefânia. Êste facto era, principalmente, motivado na circunstância de que seu pai poderia achar-se envolvido na campanha, na sua qualidade de comandante de uma divisão do exército prussiano. Via de longe a mãe isolada em Düsseldorf e condoía-se de tal situação, além do risco que corria a vida do seu progenitor.

«Não posso crer — dizia Estefânia — que Deus permita uma guerra geral, tenho sempre esperança na sua misericórdia. As notícias de Itália chegam-nos directamente pelo telégrafo. Na hora presente deve já ter-se realizado uma batalha, segundo as últimas notícias; é horroroso pensar nisto.

«Começamos naturalmente também a armar, é necessário estarmos preparados para todos os acontecimentos, porque se a Espanha se aliasse com a França, estaríamos necessàriamente em pé de guerra com ela... Os nossos liberais estão muito tranqüilos e parecem não fazer grande caso desta guerra, em que, todavia, a revolução representa um papel, na Itália pelo menos. É que êles, como ninguém, não têem confiança no imperador Napoleão: é ainda uma felicidade... A pobre avó deve também estar inquieta agora, porque é de prever, e devo acrescentar mesmo de desejar que, se tudo isto tomar um mau fim, o seja para o imperador Napoleão. Achareis mal da minha parte o falar assim. Mas há interêsses bem maiores, bem mais queridos para nós todos que julgo postos em jôgo, se o imperador tirar bons resultados dos seus planos. Não é o mesmo homem depois do atentado, começou a mostrar (se assim me posso exprimir) os dentes no negócio da *Charles et Georges*. Era prova já que a aliança inglesa não exercia sôbre êle a menor influência. Enfim, é preferível falar em tudo isto que, entretanto, não serve para nada. Convém ter esperança e confiança na Providência».

Em 22 de Junho pergunta o que deve pensar-se do futuro político e se a mobilização do exército prussiano contribuirá ou não para a próxima solução do pleito. ¡ Até a questão internacional lhe ocupava a inteligência!

Depois de ler o livro de Montalembert que trata do futuro político da Inglaterra, transmite a sua mãe as impressões que a leitura lhe produziu:

«Eis ideas e princípios que podemos partilhar de todo o coração, que nos fazem bem, que nos reanimam. Ele faz admirar a Inglaterra mais do que qualquer outra nação, e eu julgo que tem razão para isso. Mostra como só no liberalismo *bem entendido* se pode encontrar o remédio para todos os males e que aí é que está o gérmen do triunfo necessário da nossa religião e, quanto a mim, é já tudo.

«Creio que compreendeis e que não é preciso mais larga explicação.

«... ¡ Não! Eu admiro a Inglaterra, não posso negá-lo, porque todos aqueles que estão de boa fé não podem deixar de o fazer. Respeito e amo a rainha, porque seria necessário que eu fôsse profundamente ingrata para proceder de outro modo. Mas, fóra isso, eu não sou absolutamente nada inglesa, sou *muitíssimo por-*

tuguesa para isso; e seria muito estúpida se o não fôsse, porque a honra de Portugal é a nossa honra. Quanto às nossas simpatias francesas, essas não podem ser grandes, com a melhor vontade possível, temos sido agravados e muitas vezes, mas eu sei que é preciso saber esquecer sobretudo quando há interêsse nisso ».

Sôbre a brochura de Laguéronière, que a mãe lhe mandou, só leu a parte concernente ao Papa.

Parece-lhe que essa parte é bela e digna e que seria aceitável, mas são ainda sonhos. Deus conduzirá tudo pelo melhor, mas não se poderá negar que o govêrno temporal do Papa inspira muitos receios.

Um dia, Estefânia, achando-se em Sintra, em quanto D. Pedro andava na caça aos coelhos, lembrou-se de fazer uma excursão nos arredores com as cunhadas, a dama de serviço e o marquês de Ficalho « que estava pálido e magro por causa da agitação em que vivia nos últimos tempos em conseqüência da luta em favor das irmãs da caridade ». Entraram numa casa pobre, cujo interior examinaram. Era uma miserável choupana, ou antes um montão de pedras, sem janelas, com uma única porta, como soalho a terra núa, fendas por todos os lados, deixando passar a chuva e o vento. Conservaram-se durante todo o tempo incógnitos; comeram pão de milho e ouviram cantar a uma rapariga árias portuguesas que têem « pouca melodia e são muito monótonas ».

Toda aquela miséria impressionou Estefânia:

« Eis a miséria material em que vivem essas criaturas, ¿ e a miséria espiritual quem se atreve a pensar nisso? ¡ Nem padres, nem escolas para civilizar, para educar todas essas pobres almas! A que leva o liberalismo de todos êsses liberais que se chamam assim e que o não são nada, porque o verdadeiro liberalismo é tudo o que há de mais cristão e, por conseguinte, de mais civilizador e de mais moralizante. ¿ Mas onde estão êsses verdadeiros liberais? Estou convencida de que Pedro é o único em todo o país. ¿ E que pode fazer um só país constitucional, quando êle respeita conscienciosamente essa forma de govêrno?... Para que

um govêrno constitucional seja verdadeiramente bom, verdadeiramente o que é na sua idea fundamental, creio que o país deve ter chegado a um grau de civilização que todos os países não atingiram ainda».

Tudo o que afectava dolorosamente a alma portuguesa ecoava no coração e na alma de Estefânia.

Ainda se encontrava em Düsseldorf noiva de D. Pedro e já lastimava não poder acompanhá-lo nos seus trabalhos e penas durante a febre amarela. Pedia que lhe enviassem os jornais políticos para conhecer o estado do país. O agravo que nos fez a França, ou antes o imperador, na questão da *Charles et Georges*, despertou-lhe, mais tarde, palavras de justa indignação:

«Vêdes pelos jornais que tivémos também que sofrer um momento crítico, ou, pelo menos, muito desagradável, nessa questão com a França. Mas, graças a Deus, saímos com honra e dignidade. ¿ Mas que pode o fraco contra o mais forte senão ceder? Assim se fez, mas declarou-se também que não se aceitaria a mediação de uma nação estrangeira para se fixar a soma que pagaríamos inteira e completamente, o que no meu parecer *é eine wahre Beschämung* para essa grande e poderosa nação. Também penso que em França há muito descontentamento, no fundo, por causa de todo êste negócio. Portugal inteiro aplaudiu a decisão do govêrno, o que prova que o sentimento de honra existe. Por enquanto o ministério ainda fica».

Além da inteligência teórica, tinha Estefânia, como boa alemã, também a inteligência prática. Lastimava o atrazo económico do país, sobretudo o da sua agricultura. Não podia admitir que os campos de Sintra e Mafra não estivéssem convenientemente cultivados. A terra de Mafra poderia render 50 a 60:000 francos por ano. Se o Rei quizesse mandar vir da Alemanha um homem recomendado por Mr. de Wekerlin, para cultivar os domínios reais de Mafra, veriam como êles renderiam! Além de que, isso seria um exemplo para os camponeses que aprenderiam a cultivar as suas terras, e um meio de tornar rico o país, mais felizes

os habitantes, e seria até, ao lado das escolas, um poderoso meio de moralização, porque não há nada como o trabalho e o bem estar dos campos para moralizar os seus habitantes.

D. Pedro chamava a isso utopias. Mas Estefânia, quando puder, há de comprar uma terra, fazendo-a administrar completamente por alemães, e se o ensaio der bom resultado, estabelecerá aí uma escola para agricultores portugueses.

Achou o interior dos palácios desarranjado. Havia cêrca de cinco anos que não tinham uma mulher que se ocupasse do confôrto doméstico. Estefânia andava anciosa por colocar tudo em ordem. Contava com o conde da Ponte, e passados alguns meses, já conseguira melhorar o interior do palácio de Mafra. Com o tempo tencionava pôr tudo modelarmente.

Também queria dar mais harmonia ao viver da família. O rei pai pretendia governar em tudo. Nunca chegava às horas marcadas para o jantar! D. Pedro tinha grande desgôsto naquela intromissão paterna. Ela havia de estabelecer a concórdia na família, assim o esperava em Deus.

Luís tem ganho muito nos últimos tempos: é muito bom, tem coração muito simples e é um pouco tímido. Gosta muito de dansar.

Acêrca de João, Estefânia revoga o primeiro juízo que dêle fez antes de o conhecer, porque é no fundo muito difícil de conhecer, sendo a sua aparência muito fria e pouco agradável.

Tem um carácter verdadeiramente distinto, um coração excelente, espírito, e uma candura absolutamente notável para a sua idade. A ausência de Maria Ana deixa um grande vácuo em a família. Era para esta mais do que uma filha, tinha grande influência sôbre o pai e sôbre os irmãos. Nos últimos tempos todos os bons lados do seu carácter se tinham desen-

volvido. É uma pessoa encantadora, boa, cheia de coração, notàvelmente razoável para a sua idade, sem o menor egoismo, respeitada e amada por toda a família. É ela *der Mittelpunkt der Familie* porque é adorada pelo pai, amada por todos, Pedro tem muita confiança nela. Vem, finalmente, Antónia, é muito gentil e poderá tornar-se encantadora, se fôr bem dirigida. Tem muito talento para o desenho, é muito alegre, muito criança, picante e espirituosa. Os outros são ainda pequenos e não têem definido o carácter.

Assim apreciava Estefânia a sua nova família.

Em tudo isto mostrava o seu extraordinário espírito de observação.

A vida no Paço era simples e sem fausto. Levantavam-se às 8 horas, muitas vezes mais tarde quando estavam fatigados. Depois iam à missa. D. Pedro não se esquecia de ir dar os bons dias a seu pai; e almoçavam às 11 horas; liam os jornais, conversavam até ao meio dia, em que passavam um momento ao salão, onde recebiam todas as pessoas da casa e da sociedade que queriam vê-los; regressavam aos seus aposentos. No quarto de D. Pedro havia um canapé diante de uma mesa redonda, aí passavam a maior parte do dia a ler e a conversar juntos. D. Pedro desenhava e tocava piano. Quando chegavam os ministros, Estefânia ficava aí o tempo que podia, ou voltava lá para escrever à mãe. Depois preparava-se para sair, o que faziam, ela e Pedro, às três horas, regressando às cinco. Deviam jantar às seis, mas isso raras vezes acontecia, porque o pai de D. Pedro era terrìvelmente inexacto — *terriblement inexacte*. Depois do jantar, conversavam algum tempo no salão com as pessoas da casa. Quando não saíam, ficavam ela e Pedro inteiramente sós, a menos que fôssem passar o resto da noite nos aposentos de D. Fernando.

Isto nos primeiros dias da chegada de Estefânia a

Lisboa. Depois houve alteração no viver doméstico, e em 17 de Junho, Estefânia participava à mãe que o jantar tinha passado para as quatro horas, em lugar das seis, depois saíam até às oito, e deitavam-se perto das onze. Estefânia refere um dêsses passeios, depois do jantar, ao vale de Alcântara, do lado do aqueduto. Entraram numa pequena quinta com uma velha casa parda, os muros revestidos de trepadeiras, na margem de um regato que se transpunha por uma velha ponte de pedra, a casa e uma parte do jardim eram cobertos de latadas, enfim um lugar o mais pitoresco possível.

Na quinta havia uma gruta com uma fonte cuja água era de tal modo límpida que, à primeira vista, não se enxergava. Foi aí que estiveram assentados, um momento, defronte de uma imagem de Cristo, colocada por cima da fonte. *C'était fort joli, poetique, tranquille, Wohlthuend!*

Mais tarde ainda houve uma pequena alteração no regímen doméstico, porque em 28 de Setembro, Estefânia dizia a sua mãe que de manhã até às dez horas ficava no seu quarto, passando depois ao quarto de D. Pedro onde permaneciam até às onze horas em que almoçavam, agora com o rei Fernando, porque êle assim o desejava. Em seguida passavam ao salão em que recebiam até ao meio dia. Então voltava ao seu quarto, via M. Kratz, lia os jornais alemães e escrevia até às três horas, em que saíam juntos, ou se chovia, como nos dois dias últimos, ficava junto de Pedro a ler, a desenhar, e a *faire de la musique*. Às 7 horas jantavam, ficando, em seguida, por algum tempo no salão. Às 10 horas e meia, regularmente, deitavam-se. *Les journées passant avec une rapidité incroyable.* Quando Pedro saía só a ver qualquer coisa, Estefânia passeiava no terraço e no seu pequeno jardim, lendo, meditando *et rêvant aussi. Je vois* — escreve Estefânia, — *le soleil se coucher dans la mer, arriver, peu*

à peu, les étoiles, et tout cela me fait beaucoup de bien et ce sont les moments des moments qui j'aime beaucoup, où je me sens fort heureuse. Ils élèvent l'âme et ils calment le coeur. On se rapproche alors de Dieu et c'est ce qui fait toujours le plus de bien. De tout temps j'ai eu besoin de ces moments de solitude.

Quando estavam em Sintra a vida era diversa. Às 10 e meia almoçavam juntos, cada um com um livro na mão. Estefânia diz que lia «*énormément*» desde que ali chegavam e coisas *fort sérieuses, mais très intéressantes* em Montesquieu, Tocqueville, Guizot, etc. Eram essas as leituras de Pedro a que ela gostava de se associar, e se não compreendia tudo, sempre aprendia alguma coisa.

Liam também Labruyère e Molière e alguns velhos clássicos franceses. Tinham começado a leitura de *Memorias*, mas Estefânia não gostava do género e a leitura foi abandonada. Recebia o *Jornal Universal* no qual lia com avidez todas as notícias sôbre a arte e a literatura alemãs, — *ce cher art alemand qui, pour moi, est cependant le premier de tous, comme aussi la poésie alemande.*

Jantavam às três horas, saíam a passear às cinco e só recolhiam depois das oito. Num dêsses longos passeios, passaram algum tempo sentados à sombra de uma camélia que podia abrigar à sua sombra doze pessoas.

Acha Sintra encantadora, as montanhas lembram, ao mesmo tempo, um pouco a Suíssa e a Escóssia, e o sítio um pouco Bade; é extremamente *gemüthlich.* A vegetação é soberba: grandes bosques compostos de árvores de todas as nações, que aí vivem igualmente bem, até pinheiros alemães que muito se admiram, carvalhos, nogueiras, castanheiros, figueiras, araucárias, pinheiros de todas as espécies, tudo aí vive e prospera em grande quantidade. Mas o que mais admira é que não têem mais de dezoito anos e são tão desenvolvidas

como as que na Alemanha contam qüarenta, cinqüenta ou sessenta anos de idade. É o resultado do clima e do terreno.

No caminho de Sintra, viu de longe o lugar de Queluz, mas não teve desejo de o habitar, não só porque D. Pedro não gostava do sítio, mas porque a vista era desagradável: construído num buraco, donde se não vêem senão as colinas que o cercam, cobertas até ao cimo de campos de trigo, ressequidos pelo vento que reina no estio nos arredores de Lisboa, e coroado de tristes e monótonos moinhos de vento, que se encontram em Portugal em prodigiosa quantidade. Os aposentos em Queluz deviam ser belos, mas é situado a uma légua de Lisboa, o que é muito aborrecido. As belas coisas que lá existiam seriam transportadas por D. Pedro para as Necessidades.

Estefânia, não obstante achar Sintra mais bonita, preferia Mafra porque era a estação dilecta de D. Pedro. Ali em pleno isolamento, longe do convívio social, é que êle se achava bem. Ia quási todos os dias à caça aos coelhos e ela contente acompanhava-o, ou ia esperá-lo ao caminho. Quando D. Pedro assistia aos exercícios de tiro e ela o não seguia, ficava no palácio com D. Gabriela de Sousa Coutinho, o conde da Ponte e algumas vezes um velho general, ajudante de campo do Rei, em serviço naquele momento. Visitava a escola, fundada por D. Pedro, onde chegava a demorar-se duas horas, escola, *qui fait beaucoup de bien et où les enfants sont à merveille.* Visitava também a escola de meninas que deixava muito a desejar, *comme toutes les écoles portugaises.* Jogava o *whist* com o cunhado Luís e dois velhos generais, gostando muito de fazer a sua partida de quando em quando. Passavam a noite no salão com toda a gente da casa, e aí cada um fazia o que mais lhe agradava, conversava, tocava, trabalhava, lia, escrevia, ou desenhava.

Era esta a vida do Paço: simples, natural, a pura vida da família portuguesa.

Estefânia lembrou-se, em Lisboa, de fazer um *salão*, mas nunca o conseguiu realizar pela razão principal de que a D. Pedro não era agradável essa promiscuidade elegante. A idea foi-lhe sugerida pela imperatriz, e a princípio aparentemente bem acolhida por D. Pedro que logo adiou a execução para o inverno. No fundo êle detestava todas as invenções mundanas. Estefânia queria civilizar a casa, convertendo o Paço num centro de vida da família e da sociedade. Havia certas coisas que ela gostaria de ver de outro modo no carácter de D. Pedro, por exemplo, estimaria vê-lo mais amável com as senhoras; não era uma censura, porque era essa a conseqüência toda natural do seu carácter.

Era amável só para ela, que podia assegurar que em tudo o que êle dizia havia não sòmente muito coração, mas ainda muita poesia e muita delicadeza. A sociedade, em geral, não o supunha capaz disso, porque, quando entrava num salão, tomava uma cara séria, sombria muitas vezes, não dizendo senão o estritamente necessário, e, se podia, não falava senão com ela e com algumas senhoras. De resto, era sempre muito polido para com toda a gente, mas como era muito tímido, não assumia as atitudes que convinham a um Rei.

Num salão cheio, punha-se a um canto para conversar; depois eram conversas sem fim, quando deviam ser breves. Tudo isso eram coisas que a sociedade julgava severamente porque é muito superficial nos seus juízos, e o mundo elegante aqui não lhe era muito inclinado, ao passo que o era para *m. b. p.* (D. Fernando) que fazia inteiramente parte dêle.

Neste ponto Estefânia nada conseguia de Pedro. Êle vivia só para ela, todas as outras mulheres lhe eram indiferentes. É claro que, como Rei, não tinha o

direito de se isolar até àquele ponto, mas era êsse o seu feitio tão enraízado que nem mesmo os doces esforços de Estefânia o poderam corrigir.

Ela lastimava-se, ¿mas quem sabe se pensaria do mesmo modo, se Pedro fôsse um galanteador como seu pai, ou um rapaz alegre e leviano como seu irmão D. Luís?

Do que D. Pedro gostava muito era de dar grandes passeios com Estefânia. Além do passeio à quinta de que já falámos, Estefânia refere-se a um outro em que ela e D. Pedro foram visitar o reservatório das águas para Lisboa; deram um passeio subterrâneo no canal até ao meio do grande aqueduto de Alcântara; é uma obra admirável, diz Estefânia, é, como construção, o que há de mais belo e de mais interessante em Lisboa.

Não lhe esquece ainda a visita ao forte de S. Julião na embocadura do Tejo, uma posição admirável. Adverte que, quando a mãe vier a Lisboa, passará entre S. Julião e a tôrre do Bugio, e a propósito do Bugio conta uma anedocta engraçada. O sr. Lampenscherf de Sigmaringen, escrevendo a D. Pedro na ocasião do seu casamento, disse que tinha passado entre S. Julião e S. Bugio, ora Bugio quer dizer em português *macaco* e assim, sem o saber, canonizou um macaco. *Cette histoire a beaucoup fait rire Pedro qui a la passion des petites histoires de ce genre.*

Todos os dias faziam grandes passeios, visitando qualquer sítio ou vila. Tinham estado novamente em Mafra, que começava a civilizar-se graças a ela e ao conde da Ponte; de lá tinham feito uma excursão a Tôrres Vedras, pequena vila muito antiga, dominada por um forte que os portugueses e os ingleses erigiram durante a guerra peninsular, e que começa as famosas linhas contra as quais se quebrou o antigo império. Pedro ia a cavalo com os companheiros e ela de carruagem, puxada por duas mulas, por um caminho que

será tudo menos uma estrada. Foram recebidos por toda a população em festa, dirigindo-se logo para a igreja, onde se cantou um *Te-Deum*, velho costume que ainda se conserva nos nossos dias e se pratica sempre que o Rei ou a Rainha visitam qualquer cidade.

Também passaram alguns dias no Sobralinho, propriedade do duque da Terceira. De lá escreve Estefânia a sua mãe em 27 de Dezembro de 1858. É uma casa de campo muito bem preparada, ao subir o Tejo, perto de Santarém. D. Pedro, apenas chegou, partiu para a caça com os irmãos Luís e João. Ela ficou a passear com a duquesa no jardim que é encantador; depois saíram de carruagem, e tanto nesse dia como nos seguintes visitaram algumas vilas onde, conforme o costume, havia sempre um *Te-Deum*. Elogia muito as terras do duque e a recepção que lhe fizeram, *sa maison est très soignée et surtout ses diners sont exquis*.

Também ela e Pedro assistiram a uma *soirée* em casa do visconde da Carreira. O visconde costuma dar uma *soirée* em cada ano. Estava lá muita gente. O visconde tocou violão e D. Luís violoncelo, *mais ce dernier très faux et il croit jouer fort bien*.

Na semana santa freqüentava assìduamente as festas da igreja, onde passava largas horas. Tinha um confessor inglês, mas esperava um alemão, o que facilitaria a confissão por parte dos alemães que estão com ela. Também desejava ter um criado de quarto, alemão. Ao seu serviço estava principalmente como secretário o bom e dedicado Gratz, que era muito estimado no Paço.

E assim neste meio simples e austero passava Estefânia os seus dias na companhia de Pedro, cada vez mais encantado com os dotes da esposa querida. As cartas para Leopoldo da Bélgica, para o príncipe Alberto e para a Rainha, são um testemunho fiel da sua felicidade.

*
* *

Estefânia é o tipo completo da mulher alemã na sua maior pureza. O seu amor conjugal faz lembrar o da mãe de Schiller, Elisabeth Kodweis que, no oitavo ano do seu casamento, dirigia ao marido êste cântico:

«Oh, se eu tivesse encontrado no vale *vergissmeinnicht* e rosas, eu ter-te ia entrançado com essas flores, para êste ano, uma coroa mais bela ainda que a do dia do nosso casamento.

«Aflijo-me por ver o frio império do norte. Cada florinha gela no seio da terra arrefecida; mas o que não gela é o meu coração amante, que é teu e que partilha contigo as alegrias e as dôres» (1).

Era o mesmo idílio, o mesmo sentimento de ternura, o mesmo amor ideal e cheio de suavidade.

Êste, que é o carácter fundamental da mulher alemã, é também a inspiração essencial da literatura daquela nação.

O espírito cavaleiresco fàcilmente se aclimou na Alemanha moderna.

O respeito pela mulher, a admiração pelas suas virtudes e pela sua pureza, aparecem nos seus poemas e nos seus cantos dispersos.

Gotfrit coloca uma espada entre Tristan e Iseu, como símbolo da separação entre os dois, dormindo no mesmo leito. Reimar de Zweeter compara a mulher ao Santo Graal e acrescenta que «aquele que quiser conquistar êsse novo Graal deve ser casto, como o eram os cavaleiros de Monsalvat». Henri de Meissen canta as mulheres virtuosas: «Feliz do homem que

(1) Schiller, *Théatre*. Nouvelle édition 1ère série, Paris. *Notice sur Schiller*, por X. Marmier, pág. 3.

possue uma delas, que êle a ame e a aprecie no fundo do seu coração».

Goëthe leva Carlota até os braços de Werther, mas quando está prestes a precipitar-se no abismo, *perturbada, tremendo entre o amor e a cólera*, diz-lhe: «É esta a última vez, Werther, não mais me vereis». E não obstante todos os protestos do homem que a amava, ela *impressionava-se à vista do marido que estimava, e recordando toda a sua bondade, a nobreza dos seus sentimentos, o seu amor, acusava-se de o ter mal recompensado.* ¡E o seu amor, ou antes o seu dever conjugal, levou-a até o ponto de entregar ao criado do amante as pistolas que o haviam de matar!

Em todas as mulheres de Goëthe, ainda naquelas que prevaricam, há um fundo de pureza que as faz arrepender e regressar à virtude. Margarida expia acerbamente o seu delito e entra no céu pela intercessão dos santos.

No Hofgarten de Düsseldorf há um busto de Estefânia, aonde o povo vai, em romaria, chorar o triste destino daquela que melhor representou as virtudes do seu sexo e mais divinamente encarnou a alma das mulheres da sua pátria.

Portugal lembrar-se há sempre de que ela foi, no seu complexo de qualidades, a mais notável das suas Rainhas.

CARTAS DA RAINHA D. ESTEFÂNIA

CARTAS

DA

RAINHA D. ESTEFÂNIA

I

Sire — La lettre que Votre Majesté m'a écrite me rend heureuse, et je La prie de bien vouloir me permettre de Lui dire combien la confiance, dont Elle m'honore, me touche et remplit mon cœur du sentiment de la grandeur et du sérieux des devoirs qu'elle m'impose vis-à-vis de Votre Majesté, mais que j'accepte avec joie, parce qu'ils viennent de la main de Dieu. — Avec sa grâce j'espère les remplir; c'est au moins mon désir le plus ardent et cela sera le but de ma vie. J'ose dire à Votre Majesté que, malgré les sacrifices que la décision de mes chers parents et la mienne m'imposera nécessairement, elle me rend heureuse et je rends grâce à Dieu pour ce qu'Il me destine. — De voir mes bien-aimés parents si contents, si tranquilles me rend bien heureuse, et contribuer à leur bonheur, par l'accomplissement de mes devoirs en tâchant de suivre leur exemple, m'est une douce pensée; ils sont si bons, si pleins d'affection pour moi que je ne saurais assez le dire a Votre Majesté! — Je prie Votre Majesté de bien vouloir agréer l'expression de toute ma reconnaissance pour la confiance qu'Elle veut bien m'accorder, ainsi que l'assurance que, dès ce moment, ma tâche sera de chercher à m'en rendre digne, selon mes faibles forces; je La prie aussi de bien vouloir croire aux sentiments de profonde

estime et de haute confiance avec lesquels je suis, Sire, — De Votre Majesté — la dévouée Cousine — *Stéfanie.*

Düsseldorf, le 6 Août, 1857.

II

Sire — La lettre que Votre Majesté m'a fait remettre par Monsieur le comte de Lavradio est si bonne et si pleine de cœur que je ne puis attendre plus longtemps pour Lui en exprimer ma reconnaissance. J'ai la ferme confiance que, quand on a toujours la volonté et le désir de remplir ses devoirs, Dieu nous vient en aide et accomplit ce à quoi nous ne pourrions parvenir avec nos faibles forces humaines, et qu'Il nous donne de la consolation, de la force dans les moments pénibles, mais aussi après des heures de tristesse et de découragement. Il nous résèrve des moments d'un bonheur bien véritable qui nous élève, qui nous fortifie dans la voie du devoir. Je prierai Dieu qu'Il daigne accorder, s'Il le trouve bon, beaucoup de ces moments à Votre Majesté! Je La prie de vouloir accepter tous mes remerciments bien vifs pour le grand plaisir qu'Elle m'a fait en m'envoyant son portrait. C'est une bien bonne et grande surprise que Votre Majesté m'a faite, qui me cause beaucoup de joie.

Je sens profondément la vérité de ce que Votre Majesté nous dit de Monsieur le comte de Lavradio; sa bonté, sa dignité et surtout le dévouement si véritable qu'il vous porte, Sire, le rendent assurément digne de toute la confiance de Votre Majesté et je ne puis assez dire combien le cœur *(sic)*, que Monsieur le comte et Madame la comtesse de Lavradio ont apporté, nous touche et nous inspire de confiance et de vénération.

Ce qui me rend heureuse, c'est que cet acte, qui doit marquer une des époques les plus importantes de notre

vie, ait pu s'accomplir au jour de naissance de ma mère qui est, en même temps, l'anniversaire du mariage de mes bien-aimés parents. J'ai la croyance que cela me portera bonheur et j'ose alors dire aussi, un peu à vous, Sire, car mon bonheur consistera donc particulièrement en celui de Votre Majesté!

Je Là prie d'agréer l'expression de ma profonde estime et de bien vouloir croire à la confiance avec laquelle je suis, Sire, — De Votre Majesté — la toute dévouée cousine — *Stéfanie.*

Sigmaringen le 24 Octobre 1857.

III

Sire — Je suis le vœu de mon cœur en écrivant à Votre Majesté pour Lui dire que j'étais beaucoup avec Elle en pensées et en prières pendant ce temps si malheureux pour la ville de Lisbonne, si triste pour vous, Sire, et c'est avec bonheur et reconnaissance pour le Ciel que nous recevons de meilleures nouvelles. — Votre Majesté me permettra de Lui dire ce que j'ai pensé bien des fois: c'est que j'aurais été heureuse de partager ces temps si malheureux avec Elle, mais Dieu l'a voulu autrement. C'est avec émotion, bonheur et reconnaissance envers Celui qui dirige les cœurs de ses enfants sur terre, que nous avons suivi Votre Majesté dans son dévouement aux pauvres malades; mais Il vous a aussi accordé, Sire, la plus grande et la plus belle bénédiction qu'il peut donner aux souverains, celle de l'amour et de la confiance de leurs peuples. — Veuillez agréer, Sire, l'expression de mes remercîments sincères, pour l'honneur que Votre Majesté m'a fait de me donner l'ordre de la Sainte Elisabeth; c'est en tâchant d'imiter les vertus de Celle dont il porte le nom, que je pourrai L'en remercier le plus dignement. J'ai été

bien touchée de la bonne et aimable attention de Votre Majesté, qui a voulu que j'offre en son nom l'ordre à ma bien-aimée Mère. — C'est un très grand plaisir que Votre Majesté m'a fait en m'envoyant M. le commandeur Viale, pour apprendre la langue portugaise, je Lui en suis bien reconnaissante et je prendrai avec zèle mes leçons. Nous regrettons beaucoup que Monsieur le comte de Lavradio n'ait pu prolonger son séjour ici, car il est si bon et il inspire tant de confiance, que nous l'aimons vraiment, ainsi que M.me la comtesse, et que leur départ nous laisse un grand vide.

Veuillez, Sire, croire aux sentiments de profonde estime et complet dévouement, avec lesquels je suis, Sire, — De Votre Majesté — la dévouée Cousine — *Stéphanie.*

Düsseldorf le 20 Décembre 1857.

IV

Sire — Votre Majesté m'a causé une grande joie par la bonne lettre qu'Elle m'a écrite à l'occasion de ma fête; je L'en remercie de tout mon cœur et j'ose Lui dire que c'est avec une bien grande ferveur que j'ai formé les mêmes vœux pour Son bonheur, au commencement d'une année qui doit être si importante pour nous! Que Dieu vous bénisse et qu'Il soit toujours, et dans tout ce que vous entreprendrez, avec vous Sire, et vous serez heureux, j'en suis sûre, et vous rendrez heureux ceux dont Il vous a confié le gouvernement et le bonheur et c'est là, surtout, ce que je souhaite de toute mon âme pour vous, car je sens que c'est ce qui contribuera le plus au vôtre!

Avec un vif désir, je suis convaincue, que l'on peut atteindre ce but et si l'on ne voit pas de suite le résultat de ses efforts, je crois qu'il n'en existe pas moins, que le temps nous le révèle. Je rends grâce au Ciel

pour les bonnes nouvelles que nous apprenons de Lisbonne; Dieu merci, je suis bien heureuse que la maladie ait disparue; Dieu veuille qu'elle ne revienne jamais! — C'est avec beaucoup de plaisir que je prends les leçons de M. Viale, qui les donne d'une manière fort agréable et fort intéressante, car il me donne, en même temps, un coup d'œil général sur la littérature portugaise. Plus j'apprends à connaître M. Viale, plus je dois être reconnaissante à Votre Majesté de me l'avoir envoyé. L'attachement si vrai qu'il vous porte, Sire, se montre en toute occasion; lorsque je lui ai montré votre portrait il était tout touché et heureux de revoir son roi bien-aimé! Mes chers parents me chargent de les rappeler au bon souvenir de Votre Majesté et je La prie de bien vouloir avoir la bonté d'exprimer à Sa Maj. l'Impératrice, sa Grand-Mère, ma reconnaissance d'avoir pensé à moi et de lui offrir mes respectueux hommages! Je vous prie, Sire, de bien vouloir croire aux sentiments de complet dévouement avec lesquels je suis de Votre Majesté — la bonne Cousine et très heureuse fiancée — *Stéphanie.*

V

Sire — Si je n'avais pas craint d'être indiscrète, je vous aurais écrit plus tôt pour vous remercier pour la bonne lettre que vous m'avez écrite en réponse de la mienne du 20 Décembre. N'est-ce pas, vous ne m'en voudrez pas si je vous écris encore aujourd'hui, mais c'est que c'est une grande joie pour moi de m'adresser à vous, et en le faisant je suis un vœu de mon cœur. La lettre que la Princesse, votre sœur, m'a écrite m'a bien touchée et je n'ai pu résister au plaisir de l'en remercier tout de suite et de lui dire combien je serais heureuse de partager avec vous tous les sentiments d'affection que vous portez à vos chers sœurs et frères.

Oui, Sire, cela sera mon plus grand bonheur de m'unir à tous vos sentiments, de partager vos joies et vos peines et vous m'aiderez à remplir tous mes devoirs par vos conseils, par vos désirs, car j'en aurai bien besoin; vous aurez besoin de beaucoup d'indulgence et de patience avec moi; mais, si nous avons toujours la volonté du bien, Dieu nous aidera, j'en ai la ferme conviction, et alors à deux l'on est plus fort que seul! Je dois vous annoncer, Sire, que je suis à la veille d'un voyage à Berlin, où mes chers parents vont passer quelques jours pour l'arrivée de la jeune Princesse Frédéric Guillaume, cousine de votre Majesté; j'ai eu le plaisir de faire sa connaissance aujourd'hui à son passage ici; c'était surtout un grand plaisir pour moi parce qu'elle est votre cousine; quoique nous n'ayons eu qu'un moment le plaisir de la voir, nous avons été bien charmés par sa grâce, sa simplicité et son air de bonté. Quoique je me réjouisse de la voir à Berlin ainsi que M.me la V. de Prusse qui est pleine de bonté pour moi, je ne puis pas dire que je me réjouisse d'aller dans le trouble du grand monde; car quand on a tant de sujets de bonheur qui vous élèvent le cœur, quand on a tant de pensées sérieuses qui vous occupent, on voudrait fuir le monde et jouir de son bonheur seul avec ceux que l'on aime!

Mais, je ne dois abuser plus longtemps de votre bonté et de votre temps, permettez-moi seulement de vous dire encore que c'est *une bien grande joie* pour moi quand je reçois une lettre de votre Majesté et que je La prie bien de tout cœur, quand Elle trouve un moment où Elle n'est pas disposée à faire autre chose, de ne pas se laisser arrêter par la réserve et de penser qu'elle me fait causer une joie bien vraie en m'écrivant quelques lignes. Mes chers parents me chargent de les rappeler respectueusement au bon souvenir de Votre Majesté que je prie...

Düsseldorf le 5 Février.

VI

Sire — C'était une privation pour moi de ne vous écrire de si longtemps, mais ce n'est que depuis peu de jours que nous sommes de retour d'un voyage que mes chers parents ont fait pour que je voie encore différents parents et bons amis et que j'en prenne congé, avant le moment où je dois aller dans ma nouvelle patrie, qui m'est chère déjà, je vous prie de le croire, parceque c'est la vôtre, parceque vous l'aimez et que vous êtes appelé à vivre pour elle; et pendant ce temps je n'avais guère un moment pour moi, car dans un voyage comme celui-là il y a tant de personnes et de choses aussi que l'on veut et qu'il faut voir encore. — C'est en route que j'ai reçu la lettre du 18 Février que vous avez eu la bonté de m'écrire; c'était pour moi l'un des moments les plus agréables pendant tout ce temps, car vos lettres me rendent si hereuse, c'est alors que je trouve une réponse aux sentiments qui maintenant occupent principalement mon cœur; chaque fois que j'ai de vos nouvelles je me sens plus rapprochée de vous, vous pouvez juger alors de ma joie lorsque je reçus votre bonne lettre du 27. Je vous en remercie de tout mon cœur, car elle m'a rendue bien heureuse. Mais je vous prie encore une fois bien instamment de ne jamais vous laisser arrêter d'écrire, quand et comme vous le voudrez, par la réserve ou par la crainte de me fatiguer, c'est donc une chose impossible! Quoique encore loin de vous je vis et je sens cependant déjà pour vous, c'est donc le doux devoir que la Providence m'a imposé et pour lequel je lui rends grâce toujours, et mon bonheur consiste à partager vos sentiments, vos joies et vos peines; mais pour cela il faut que vous m'en parliez et, si vous ne le faites dès à présent, vous me causerez une grande privation. — Quelle est la vie

qui soit sans difficultés, sans peines? plus on apprend à vivre et plus on remarque qu'elles sont au fond le pain quotidien et que les joies véritables ne sont que des rayons lumineux qui nous sont envoyés de temps en temps pour que nous ne perdions pas courage, pour nous relever, nous aider à reprendre des forces nouvelles dans la lutte de la vie. J'ai, naturellement, des expériences encore bien faibles, mais j'ai le sentiment qu'il doit en être ainsi dans la vie et que, plus on y avance, plus les luttes deviennent grandes, mais les forces augmentent aussi et les expériences, souvent peu agréables, que l'on a dû faire, vous aident en vous éclairant. C'est l'histoire de la vie de chaque humain, quelque petit que soit le cercle dans lequel il se meut, combien plus cela doit-il être dans une position élevée, où les devoirs sont plus grands, plus étendus! Mais alors, Dieu qui est juste donne aussi plus de force et de lumière et, quand on a confiance en Lui, on arrive au bien en reconnaissant cependant la propre impuissance.

Je crois aussi qu'il peut y avoir le vice du travail, comme le vice de l'oisiveté, quoiqu'il soit beaucoup moins commun que ce dernier; il a son danger aussi, car ce n'est pas toujours pour avoir travaillé énormément qu'on arrive de suite au meilleur résultat; je crois qu'il faut avoir aussi du temps libre pour réfléchir sur son travail, afin d'en recueillir les meilleurs fruits; et puis c'est un devoir de ne pas pousser la vertu du travail, qui est aussi une source de bonheur véritable, à un excès qui, au bout d'un certain temps, rend incapable de l'exercer.

Ah! Sire, il me semble que vous avez bien raison en disant que la cour est le frottement de la hauteur et de la bassesse; c'est pour cela que, lorsque l'on y vit et surtout lorsque l'on doit en être à la tête, il faut tâcher de la regarder d'un point de vue bien élevé pour ne pouvoir être atteint de ses intrigues et de ses petitesses et

avoir à côté un sanctuaire que ses ennuis ne peuvent atteindre. C'est la famille; c'est le sanctuaire, où vous devrez toujours pouvoir vous retirer pour vous reposer des affaires, pour oublier le bruit du monde, pour jouir de ces joies si douces que la vie de famille seule peut vous donner. Que Dieu accorde pour cela sa sainte bénédiction, que ces liens-là Lui soient consacrés entièrement, afin qu'Il les préserve, pour qu'ils deviennent toujours plus étroits et plus doux, car tout heureux, tout étroits qu'ils soient, ils sont humains et pour cela imparfaits et fragiles, sans son aide, sans sa grâce. J'ai une chose encore sur le cœur, qu'il faut que je vous dise, quoique dans toute autre relation que dans la nôtre cela pourrait peut-être presque paraître comme une affectation, ce qui entre nous ne peut exister, c'est qu'en voyant la manière beaucoup trop bienveillante, trop flatteuse dont vous pensez de moi, je ne puis m'empêcher de la crainte de ne pouvoir répondre en réalité à ce que vous attendez de moi, et je vous prie de cœur de ne croire que ce qui est la vérité: c'est que je n'aurais dans l'accomplissement de ma mission que mon amour pour vous et ma bonne volonté, tout le reste dépendra de la grâce de Dieu.

C'était bien bon à vous, d'avoir bien voulu tenir compte de mon désir d'apprendre à connaître un peu la presse politique de ma nouvelle patrie et de m'avoir envoyé à cet effet les journaux les plus marquants; recevez en tous mes remerciments!

Mes chers parents se recommandent bien affectueusement à votre bon souvenir, Sire; la bonne lettre que vous avez écrite à ma bien-aimée Maman, l'a bien touchée et l'a rendue heureuse. Permettez-moi de recommander à votre bienveillance mes frères et ma jeune sœur qui sont bons et pleins de tendresse pour moi et qui reportent, dès à présent, une partie des sentiments qu'ils éprouvent pour moi sur vous, Sire.

Est-ce que j'ose vous prier de bien vouloir me rappeler respectueusement au souvenir du Roi votre Père et de présenter mes tendres hommages à S. M. l'Impératrice douairière.

VII

Sire — Vous pouvez juger de ma joie lorsque dans la soirée du Dimanche de Pâques l'on m'annonça la personne qui était porteur de votre lettre, de cette bonne lettre pour laquelle je vous prie de recevoir tous mes remercîments bien tendres; je ne saurais vous dire combien elle m'a touchée et combien la confiance qu'elle m'exprime me rend heureuse. Je ne puis m'empêcher de vous dire, quoique la pensée de la séparation de mes bien aimés parents, du toit paternel, de ma famille, me soit bien pénible, je suis heureuse de voir approcher le moment où ce ne sera plus par lettres que nous causerons ensemble et que je vous dirai combien je suis reconnaissante à Dieu qui m'a permis de vous consacrer ma vie; oh! oui Sire, je reconnais toujours d'avantage mon bonheur. Qu'y a-t-il de plus beau, de plus doux dans ce monde que l'union de deux cœurs qui se comprennent, qui s'aiment, qui sont animés du même désir; il me semble que quels que soient les événements de la vie, ils doivent être plus faciles à supporter; mais je crois que ce qui est le plus essentiel pour qu'une union pareille devienne toujours plus intime, pour qu'elle ne soit jamais troublée par le plus léger nuage, c'est de ne se laisser arrêter par rien pour se dire toujours la vérité, quoi qu'il en coûte; car il a tant de choses faciles à changer au commencement par un seul mot, qui, quand on les laisse aller, grandissent comme toute chose, car il n'y a jamais d'arrêt, et peuvent devenir une cause de désagrément ou de trouble; et aussi c'est une prière bien ardente que je vous adres-

serai, de me dire toujours la vérité car j'y suis habituée et qu'elle m'est extrêmement nécessaire, ce que vous verrez, Sire, et cela sera une grande tranquillité pour moi, si j'ose y compter.

Je vous trouve bien sévère dans votre manière dont vous vous jugez, mais il vaut mieux cela que le contraire. C'est, je crois, un grand bonheur quand on reconnaît, comme vous, tout ce qui a influé sur le développement du caractère aussi bien ce qui a été moins favorable que ce qui l'a été; car plus on se connaît et plus on s'est rendu compte de toutes ces impressions, plus on doit arriver vite et sûrement au but vers lequel on tend et souvent je crois que l'on arrive à reconnaître plus tard ce qui, dans le moment, n'était pas favorable ou même ne nous semblait pas bon, peut nous servir dans la suite; c'est la récompense de Dieu pour ceux qui cherchent véritablement le bon, qui veulent le bien qui fait tourner tout pour le mieux; quand on a ce désir du bien je crois que rien n'est perdu dans la vie. Et, si j'ose dire, c'est la bénédiction de votre Mère bien aimée que Dieu a rappelée si tôt, qui est avec vous et qui sera toujours avec vous et vous portera bonheur. Je pense beaucoup à votre Mère bien-aimée, Sire, qui nous a laissé un exemple de bien grandes vertus, que j'aurai toujours devant les yeux et que je tâcherai de suivre, et j'ai l'espoir qu'elle bénira notre union, comme si nous avions encore le bonheur de la posséder sur terre. Voilà ce grand jour qui nous liera éternellement l'un à l'autre, qui est bien proche, et j'ai un vœu bien ardent à vous exprimer, que vous réaliserez n'est-ce-pas? C'est que nous nous réunissions la veille de notre jour de mariage dans la S.te Communion; cela me rendra bien heureuse, j'ai la ferme conviction que cela nous portera bonheur! Mes chers parents me chargent de les rappeler bien affectueusement à votre bon souvenir et je vous prie, Sire, de dire mes compli-

ments bien tendres à votre chère sœur. — Bien des fois j'ai lu et je relis votre bonne lettre et toujours avec de l'émotion, et c'est en vous en remerciant encore que je me dis de tout mon cœur.

Votre toute dévouée et heureuse fiancée — *Stéphanie.*

VIII

Ma chère et adorée Maman (1) — Nous venons d'arriver, dans ce moment, à Buckingham Palace, et le premier moment que j'ai de libre doit vous être voué. Je vous assure que je ne puis pas du tout me l'imaginer encore que vous êtes partie, que nous nous sommes séparées et le vide que vous laissez *ist für alle recht schmerzlich fühlbar* (2). La Reine, la Duchesse de Kent, le Prince Albert ont exprimé des regrets vraiment sincères, je le crois, de ne pas vous voir ici, on nous attendait; mais nous avons dit, *Du hättest Dich so angegriffen gefühlt, dass Du es nicht wagen konntest und ich habe sogar der Königin gesagt, dass ich Dir nicht mehr zugeredet habe, so schmerzlich es mir war, Dich schon jetzt verlassen zu müssen* (3). La reine est la femme la plus simple que l'on peut s'imaginer, on en est frappé dès le premier abord; *sie hat etwas so Gutes, Mildes und Bescheidenes, was sehr zu ihr hinzieht* (4). — Pardonnez-moi, chère et bien aimée Maman,

---

(1) Sua alteza Josefina Frederico Luiza, filha do grão-duque de Baden Carlos Luís Frederico.

(2) É por todos sentido bem dolorosamente.

(3) Tu tinhas-te sentido tão cansada, que não podias arriscar-te, e até disse à Rainha, que não tinha mais falado contigo, tão doloroso era para mim o ter de te deixar!

(4) Ela tem qualquer coisa de bom, de suave, de discreto, que muito atrai.

si je vous écris une lettre qui est un peu décousue, mais je suis fatiguée de la traversée qui a été mauvaise et nous avons tous été plus ou moins malades, même Papa. Nous avons été ballotés ainsi pendant 9 heures. A Douvres, nous avons été reçus par la garnison, un chambellan de la Reine. A la gare du chemin de fer le Prince Albert nous reçut. Le comte et la comtesse de Lavradio se portent bien, elle a été nommée dame d'honneur par Pedro, mais elle reste encore ici. Adieu, chère et adorée Maman, je suis, naturellement, continuellement en pensées avec vous, attendant avec impatience de vos nouvelles. Papa (1) de même que Léopold (2) sont *beruhigt* (3) mais tristes de ne pas vous voir ici, comme moi aussi; mais enfin, il faut espérer que ce qui est arrivé est pour le mieux. Je vous baise tendrement les mains. — Votre fidèle fille.

IX

Chère et adorée Maman — Pourquoi donc n'ai-je pas du tout de nouvelles? J'en suis désolée et inquiète. Le comte de Lavradio a télégraphié aujourd'hui à Ostende, et à Düsseldorf, pour apprendre quelque chose, mais je n'ai pas de réponse encore. Je vous em supplie, écrivez-moi bientôt et bien en détail, sur vous, vos sentiments, enfin sur tout, tout; *Du weisst es, wie ich es meine* (4). Hier au soir, la Reine est venue chez moi et je lui ai encore répété tout ce que vous m'aviez

---

(1) Sua alteza Carlos António Joaquim Zeferino Frederico Mainrad, príncipe de Hohenzollern-Sigmaringen.

(2) Leopoldo, príncipe de Hohenzollern-Sigmaringen, irmão de D. Estefânia.

(3) Sossegados.

(4) Tu sabes o que eu quero dizer.

chargé de lui dire. Elle est vraiment si bonne et si simple, elle vous inspirerait de la confiance et de la sympathie, j'en suis sûre. Hier il y avait un diner de 50 personnes à peu près, mais assez fatigant après le voyage que nous avions fait; j'étais horriblement fatiguée, nous avions tous le sentiment d'être encore en mer, ce qui est très désagréable. A 11 heures on est allé se coucher par égard pour les voyageurs. Ce matin à 9 heures, nous avons déjeuné, puis nous avons fait un tour dans le jardin, qui est très joli, visité les écuries, puis en rentrant, j'ai fait une longue visite à la Princesse Alice qui est charmante; j'ai vu mes dames et maintenant je profite de ce moment pour vous écrire deux mots. Après le lunch je fais des visites, puis nous sortons avec la reine. Le soir il y a grand diner. Je pense mettre ma robe de dentelles avec un diadème. Hier j'avais ma robe bleue qui a été trouvée fort jolie. Demain, à 3 heures, je reçois le corps diplomatique, mais en chapeau, toilette du matin. Le soir il y a théâtre. Dimanche je vais entendre la St. Messe dans la maison des Lavradio et le Cardinal Wiseman s'est offert pour la dire; puis je verrai là tous les Portugais qui se trouvent à Londres et qui ne sont pas présentés à la cour. Le lundi il y a grand bal, où je pourrai mettre ma robe de tulle avec les étoiles d'or, bien rafraîchie et arrangée. Je crois qu'elle sera très bien. — Il faut que je vous quitte maintenant, chére et adorée Maman, et donnez bientôt des nouvelles à — Votre fidèle fille *Stéphanie*.

Londres le 7 Mai. — Tante Marie viendra, je crois, à Plymouth, où je m'embarquerai; elle est à Paris dans ce moment. J'embrasse tendrement les frères et Marie.

X

Ma chère et adorée Maman — J'ai reçu enfin de vos nouvelles, hier au soir, par le télégraphe de M.[elle] Lindheim (1) à la Contesse de Lavradio, et aujourd'hui par la bonne lettre que vous avez eu la bonté de m'écrire et qui m'a rendue bien heureuse; je vous en remercie de tout mon cœur. Moi aussi je ne peux pas du tout me l'imaginer que j'ai pris congé de vous, mais je me dis toujours que ce n'est pas pour longtemps. — Je vous supplie, chère maman, pensez maintenant avant tout à votre santé; c'est un grand devoir que vous devez remplir. C'est, je crois, le premier pour vous maintenant. La vie, ici, est cependant assez fatigante. Il est bientôt 5 heures et c'est le premier moment du jour que j'ai pour moi. Ce matin, après le déjeuner, nous sommes allés à Christal Palace, où nous avons couru pendant 2 heures et demie, rentrée habillée, le lunch, et puis, pour moi, réception de tout le corps diplomatique. Dans quelques instants nous sortons avec la Reine, pour aller à Westminster, et, ce soir, on va à l'opéra. Demain nous allons à Claremont. Le 11 je pars, Pedro est très impatient, il m'a déjà télégraphié deux fois pour me le dire. Tante Marie veut venir a Plymouth, où je m'embarquerai. On est à merveille pour elle ici, autant que je puis en juger par la manière dont la Reine et toute la famille parle d'elle, mais le Duc *scheint mir weniger gut angeschrieben, wennigstens beim Pr. Albert und bei der Herzogin v. Kent* (2); mais cela ne sont que mes remarques, que

---

(1) Dama de honor da mãe da Rainha D. Estefânia.

(2) O Duque parece-me menos bem aceito, pelo menos junto do P. Alberto, e da duquesa de Kent.

je ne vous dis qu'à vous, chère et bonne Maman, pensant que cela vous intéresse; mais cela ne doit pas vous fâcher, car je me trompe peut-être. Adieu, chère et bien aimée Maman, il faut que je vous quitte, car nous sortons. Pardonnez cette lettre, écrite en toute hâte. Papa vous dit mille choses, Léopold et moi, nous vous baisons les mains. — Votre fidèle fille, *Stéph.*

Je me porte très bien et ne suis pas trop fatiguée.

Londres, le 8 Mai.

XI

Ma chère et adorée Maman (sans date). — Je vous envoie par Léopold ce papier avec ces signes, car c'est nécessaire pour notre correspondance par la poste, il y a trop de choses sans (cela) desquelles je ne pourrais pas vous parler, ce que je désire cependant faire, parceque c'est une nécessité pour moi de pouvoir vous parler de tout.

† Pedro. — O mon beau-père. — Θ mes belles sœurs. — A mes beaux-frères. — E. C. nos entourages. — N. Les Portugais. — Léopold pourra vous dire tout, car nous avons parlé de tout ensemble, de nos remarques, nos impressions etc. etc. et nous étions dans tout du même avis. Que j'envie Léopold; quand vous lirez ces lignes vous l'aurez déjà serré dans vos chers bras; je sens que, quoique loin, je vivrai cependant toujours avec vous; tenez-moi bien au courant de tout, tout, surtout aussi de ce qui concerne les frères et Marie. Pensez avant tout à votre santé, chère et adorée Maman, c'est absolument nécessaire, c'est un devoir devant Dieu, un devoir vis-à-vis de nous, vos enfants qui vous aiment, ainsi que Papa, plus que tout au monde. Pensez toujours que nous sommes réunis en Dieu, malgré la distance qui nous sépare; c'est l'unique et la meilleure

consolation, faire un sacrifice à Dieu du chagrin que nous éprouvons d'être séparés. — Je suis heureuse de pouvoir vous dire que Léopold est aimé ici par toute la famille, *wie ein Familienmitglied* (1). Je vous embrasse encore une fois, vous baise les mains et suis votre fille.

XII

Ma bien aimée et adorée Maman (sans date). — Il ne m'a pas été possible de vous écrire cette fois-ci, car j'ai si peu de moments à moi. Tout va bien, chère Maman, nous sommes heureux et contents, seulement je ne puis nier que j'ai quelquefois un peu le *Heimweh!* (2) Mais cela serait-il possible autrement? Quand on a quitté ce que j'ai quitté? — Je vous envoie ce paquet de journaux, avec tous les détails sur mon arrivée. Hier, nous avions l'ouverture des chambres, ce soir, un grand bal. Je vous embrasse de tout mon cœur, je vous baise les mains, ainsi qu'à Papa, et suis éternellement. — Votre tendre fille.

XIII

Ma chère et adorée Maman (sans date). — Si je pouvais vous dire combien je pense à vous, mes bien-aimés parents, aux frères et à Marie, à la maison paternelle! Je voudrais pouvoir me transporter quelquefois auprès de vous, pour vous parler de tout ce qui remplit mon cœur, pour vous demander votre conseil, pour vous embrasser. Vous le savez combien je suis heureuse et combien j'ai sujet de l'être, mais, quand on a quitté

(1) Como um membro da família.
(2) Nostalgia da pátria.

tout ce que l'on aime, on sent seulement combien on y était attaché, combien on l'aime. Je ne puis pas nier que quelquefois j'ai un peu le *Heimweh* (1); mais, chère Maman, cela ne doit pas vous tourmenter, cela n'est que tout à fait naturel, et ce n'est qu'au paradis seul qu'on ne l'éprouverait pas. Jusqu'à présent, j'ai peu de moments pour moi, car je suis toute la journée avec Pedro; et je profite les moments de liberté pour vous écrire et vous raconter un peu comment tout s'est passé jusqu'à présent. J'ai souffert du mal de mer jusqu'au jour de l'arrivée qui était superbe, la mer assez calme, du plus beau bleu, le ciel brillant comme on ne le voit qu'au midi; nous longions ainsi les côtes du Portugal, voyant apparaître peu à peu Mafra, Cintra, la Pena, ces belles montagnes avec des formes si pittoresques, jusqu'au Cabo da Roca, l'entrée du Tage où l'on aperçoit, de suite à l'horizon, Lisbonne s'étendant et s'élevant sur les collines. Des bateaux pavoisés, ornés de fleurs, remplis de monde, venaient à la rencontre, les canons des forts et des bâtiments de guerre retentissaient de tous côtés, c'était beau et poétique au possible. À Belem, mon beau-frère Luiz vint à bord m'apporter une lettre de Pedro, pour me dire qu'il viendrait dans une heure. Le Duc de Saldanha, M. de Carreira, Viale etc. etc. venaient tous, les uns après les autres, à bord. Je reçus tout le monde sur le pont jusqu'à ce que l'on annonça que Pedro avait quitté le port pour venir à bord, alors je me retirai encore un peu pour me préparer pour ce grand moment. Vous sentez ce que c'était que ces 20 minutes d'attente! Enfin il arriva; j'allai á sa rencontre jusqu'à la porte de la cabine. Nous ne nous sommes rien dit, serrer *(sic)* la main, il m'a embrassée sur le front, j'ai pleuré, il avait les larmes aux yeux; nous nous sommes encore regardés

(1) Saüdades da pátria.

longtemps sans rien nous dire, mais en nous comprenant. Puis le Roi Ferdinand commença tout de suite à parler beaucoup, je fis connaissance avec mes belles-sœurs qui sont charmantes et avec mes beaux-frères. Puis Pedro me présenta toutes les principales personnes de la cour, de l'armée et du ministère qui étaient venues avec lui et nous dinâmes en famille. A 10 heures, nous nous sommes séparés. La soirée était admirable. Léopold vous fera toutes les descriptions, vous m'en dispenserez, je n'en suis pas capable. J'ai trouvé Pedro tout à fait comme je me l'étais imaginé, son expression a quelque chose d'idéal, tant elle est bonne et profonde. Ses yeux disent plus que toutes les langues ne pourraient dire. Il parle très peu et, en général, il ne sait pas du tout se faire valoir, parcequ'il est très timide et, surtout, parcequ'il ne le cherche jamais. Il est tellement vrai qu'il dira toujours beaucoup moins qu'il ne pense, plutôt que de dire une fois plus. Enfin, il faut que je continue à vous raconter, car j'ai peu de temps. Le lendemain matin, à 10 heures, Pedro et toute la famille vinrent me chercher, je quittai mon navire en grande toilette avec un superbe diadème que Pedro ma donné (les myrthes et les orangers frais et en fleurs n'ont pas été oubliés, je les ai mis autour de ma natte derrière, parceque sur la tête j'avais le diadème au lieu de la couronne d'oranger) m'embarquer *(sic)* dans une délicieuse barque et, 20 minutes après, je mis le pied sur le sol du Portugal, sur la Place du Commerce où, dans un pavillon érigé à cet égard, je reçus les clés de la ville, des mains de Pedro. Il répondit par un fort joli discours aux félicitations adressées par le corps municipal de la ville. Puis on se rendit à l'église. Tout y était fort magnifique; *aber sehr wenig Würde* (1) ce qui m'a impressionnée péniblement. On

(1) Mas muito pouco aparato.

célébra une Messe basse, après l'aquelle Pedro et moi, nous nous agenouillâmes aux pieds du Cardinal Patriarche qui nous bénit, après nous avoir demandé à tous deux, si nous reconnaissions la célébration du mariage à Berlin. Puis l'on chanta un Te Deum composé pour ce jour, ni beau, ni court. Le Saint Sacrement était exposé et nous en reçûmes la bénédiction. De l'église nous nous rendîmes ici au palais. Ce qui dura, je crois, plus d'une heure, car on ne se fait pas d'idée des distances à Lisbonne, et puis l'on monte et l'on descend beaucoup. Nous allions au pas, car la foule était innombrable; c'était fort beau. C'est énorme le monde qu'il y avait de la campagne, encore pendant tous ces jours-ci. La part que l'on a prise était grande et venait du cœur; on sent combien Pedro est aimé. Enfin, partis à dix heures du bateau nous arrivâmes à 5 heures à Nécéssidades. C'était un beau et grand moment dont j'ai bien senti toute la *Bedeutung* (1). Pedro m'a amenée dans toutes mes chambres qui sont jolies au possible et qui le deviendront, surtout, dès que je serai un peu arrangée et entourée de mes chers souvenirs. J'ai trouvé vos portraits qui me causent beaucoup de joie. Léopold vous décrira les chambres et tout. Quand une fois vous y aurez été, chère et adorée Maman, avec Papa, *dann erst bekommen sie die rechte Weihe* (2). Après cela, les troupes défilèrent, j'allai voir les chambres de Pedro où je passe la plus grande partie de ma journée, et puis nous dinâmes. Toujours en famille, la suite dans une salle à côté et puis, après le diner, l'on reste un peu ensemble pour causer. L'Infante Isabelle vint à notre diner, — elle est très originale, fort bien conservée pour son âge, l'air fort spirituel, parlant fort mal le français, très bonne, très

(1) Significação (importância).
(2) Só então receberão êles a justa consagração.

pieuse, rappelant un peu dans son extérieur la Reine d'Angleterre. Elle ne sort jamais, si ce n'est pour aller à l'église, mais, à l'occasion du mariage, elle se met extrêmement en frais, car elle est venue à une revue, à un grand diner et, outre cela, nous faire visite. Elle m'a donné une rangée de très beaux chatons et puis un superbe vieux camée. Après le diner, il y avait des jeux populaires sous les fenêtres. Puis chacun s'est retiré chez lui, Pedro et moi, nous avons encore pris le thé ensemble et puis on s'est couché (1).

Le matin, nous nous levons à 8 heures, souvent aussi plus tard quand nous sommes fatigués, puis nous allons à la S.te Messe. Pedro va dire bonjour à son père et, vers 11 heures, nous déjeunons de la viande etc. etc., nous lisons les journaux, causons jusqu'à midi où nous allons un moment au salon, où toutes les personnes de la maison et de la société qui veulent nous voir peuvent venir; cela ne dure pas très longtemps, nous rentrons chez nous; dans la chambre de Pedro il y a un canapé devant une table ronde, c'est là que nous passons la plus grande partie de la journée à lire, à causer ensemble; il dessine aussi quelquefois, il joue même du piano, il a du talent pour tout. Pendant que les minis-

(1) Nesta carta falta o trecho que deve vir em seguida e já foi publicado no livro *D. Pedro V e o seu reinado*, a pág. 403. Esse trecho diz assim: «La duchesse de Terceira est restée auprès de moi jusqu'à ce que j'étais dans mon lit, et puis Pedro est venú, mais je n'ai pas fermé l'œil de toute la nuit *Ich habe mich ziemlich unbehaglich gefühlt und finde überhaupt diese Sitte des Zusammenschlafens nicht sehr angenehm* (*), mais je le regarde comme un devoir devant Dieu et l'excessive pureté et délicatesse de Pedro me touche et me rend heureuse, c'est un grand bonheur pour moi, car sans cela il y aurait des choses qui me seraient très dificiles. Vous voyez, chère et adorée Maman, que je vous parle bien à cœur ouvert; il faut que je vous raconte un peu de notre vie.

(*) Senti-me bastante embaraçada, pouco à vontade, e acho, em suma, que êste costume de os esposos dormirem juntos não é muito agradável.

tres viennent, je reste là, ou quand je puis, je viens ici pour écrire, voir M. Kratz (1), m'arranger enfin un peu. Quand nous sortons, c'est à 3 heures; quand nous n'allons qu'au jardin, c'est à 5 heures. On doit diner à 6 heures, mais cela n'arrive jamais avant 7 heures, car le Roi père est terriblement inexacte *(sic)*. Après le diner, on va un moment au salon où l'on peut revoir toutes les personnes de la maison, puis quand on ne sort pas, nous restons, Pedro et moi, ou tout à fait seuls, ou bien avec Léopold et tous les enfants; ou bien on passe la soirée chez le Roi père. Nous avons été deux fois chez l'Impératrice qui a bonne mine à l'apparence, mais qui est bien souffrante, *sie reibt sich auf* (2). Hier, nous avons été à Ajuda voir l'asile fondé par le Roi pour les orphelins de la fièvre jaune, c'est tout à fait arrangé comme en France et en Allemagne, ce sont des sœurs de charité françaises qui y sont. C'est touchant de voir combien Pedro entre dans tous ces détails, vraiment, je crois qu'il est impossible d'être meilleur qu'il n'est. Il est extrêmement tendre avec moi. Mes belles-sœurs sont charmantes et je les aime beaucoup et les beaux-frères sont d'excellents enfants. Je vous envoie une lettre de mon beau-père qui est bien bon, mais tout à fait comme nous le connaissions par description. Le bon et bien-aimé Léopold plaît beaucoup ici, je suis si heureuse de l'avoir. Nous avons déjà parlé mariage, l'idée de Sophie de Saxe lui sourit beaucoup, celle de Sidonie moins, il aimerait plutôt alors ma plus jeune belle-sœur qui est très jolie, spirituelle, bonne, mais tout à fait enfant encore. Je crois que ce qui lui conviendrait surtout cela serait Sophie. Maintenant, chère et adorée Maman, je crois qu'il faut que je vous quitte, ce qui m'en coûte, car en suivant mon

(1) Secretário particular de D. Estefânia.

(2) Ela vai-se acabando.

cœur je ne finirais jamais. Je vous baise bien tendrement les mains, ainsi qu'à Papa que je remercie pour la bonne lettre qu'il m'a écrite de Londres encore. Elle m'a fait du bien, mais aussi du mal, ainsi que la vôtre, chère et adorée Maman, car je sens bien vivement que nous sommes séparés et je pense toujours au moment où j'aurai le bonheur de vous voir ici; je vous embrasse en pensée de tout mon cœur, bien, bien tendrement. Veuillez aussi embrasser pour moi mon bon Toni(1), Bibi(2) et la chère Marie(3), aussi Thérèse(4) et dire mille choses à M.me Naudin(5), à M.lle de Lindheim, à tout, tout le monde, je leur suis si attachée à tous. Ecrivez-moi souvent, longuement, tous les petits détails, faites-moi écrire, car j'ai besoin de vos nouvelles. Pensez sérieusement à votre santé, chère et adorée Maman, je l'ai encore bien demandé à Papa. Pour le service, tout est dans le meilleur ordre, pour les toilettes aussi, qui ont toujours été fort bien. On est très simple ici. Au grand baisemain, j'avais ma robe rose avec traîne rose, avec le diadème, c'était très *prachtvoll*(6). Je n'ai malheureusement reçu votre lettre que plus tard seulement, où vous me disiez de mettre la robe blanche, mais je l'ai mise à un grand diner qui eut lieu, il y a quelques jours. Mais il faut que je vous quitte maintenant. Pedro me charge de mille, mille compliments pour vous, il vous écrira prochainement par M. de Stillfried qui nous quitte le jour après

---

(1) Príncipe António, irmão de Estefânia, morto em Königsgrätz em 1866.

(2) Príncipe Frederico, o mais novo dos irmãos da Rainha.

(3) Princesa Maria, irmã mais nova da Rainha, casada depois com o conde de Flandres, da Bélgica.

(4) Princesa Terêsa de Anhalt, sobrinha do príncipe Carlos casada com António de Hohenzollern.

(5) Madame Naudin que fôra aia da Rainha.

(6) Majestoso.

la Fête-Dieu, pour se rendre directement à Düsseldorf. Je vous embrasse encore une fois de tout mon cœur et suis éternellement — Votre fidèle, tendre et heureuse fille — *Stéphanie*.

Avant-hier, nous avons reçu la S.te Communion ensemble, vous savez combien j'ai pensé à vous et à tous.

XIV

Ma bien aimée, adorée Maman. — Aujourd'hui je ne puis que vous écrire peu de mots qui doivent vous remercier de tout mon cœur pour les bonnes, chères lettres, que vous m'avez écrites et qui me rendent bien heureuse. Je ne saurais vous dire le bien que me font vos paroles, chère et adorée Maman, car elles respirent un amour et une tendresse qui me rendent si heureuse et que vos paroles seules peuvent respirer. Oui, chère Maman, pour nos cœurs, il n'y a pas de distance, nous restons étroitement unies par eux et par la prière. Je suis autant en pensées avec vous que vous l'êtes avec moi, vous jouissez de mon bonheur qui est grand, quoique je sente bien le poids des devoirs que j'ai à remplir. Quand on les reconnaît clairement, ils sont plus faciles et plus doux à remplir et je puis dire que jusqu'à présent, j'ai ce bonheur. Les plus grands comme Reine consistent à donner le bon exemple dans tout, à témoigner le plus grand respect pour la religion et à s'occuper d'œuvres de charité spirituelles et corporelles. Mais dans tout il faut agir prudemment, je n'ai pas besoin de dire lentement, car cela arrive de soi-même ici. Pedro est si touchant de bonté dans tout: par exemple, Lundi dernier, j'avais temoigné le désir d'aller assister à la dernière dévotion du Mois de Marie à Ajùda, dans l'asile des pauvres orphelins, que Pedro a fondé et où il y a des sœurs de charité

françaises de St. Vincent, qu'il a fait venir de France, l'automne dernier. Je pensais y aller seule avec mes belles-sœurs, mais Pedro me dit tout de suite: «Si tu permets, j'irai avec toi».

Nous sommes donc allés tous ensemble assister à cette dévotion, qui était touchante et belle, car l'autel de la St. Vierge était orné des plus belles fleurs blanches et les enfants chantaient des cantiques en Son honneur, puis nous reçûmes la bénédiction du St. Sacrement. Et ce bon Pedro avait fait préparer un festin, pour les pauvres enfants, auquel nous assistâmes. C'était bien, bien joli et Pedro était ravi. C'est tout ce qu'il aime que de s'occuper des enfants pour lesquels il a une véritable passion. J'ai été deux fois chez l'Impératrice et je compte y aller toutes les semaines; elle est si bonne, si gaie, on voit qu'elle est tout à fait détachée du monde. Aujourd'hui, nous dinons chez l'Infante Isabelle, ce qui est un événement, car personne ne peut se rappeller *ein Diner von ihr erlebt zu haben* (1). Nous avons des chaleurs extraordinaires pour la saison, mais Dieu merci, Léopold et moi, nous nous portons très bien, Léopold est très aimé ici de Pedro et de Luiz, qui est bien gentil; il est devenu beaucoup plus sérieux et son frère en est très content. Pedro vous dit mille choses tendres et respectueuses; il me disait dernièrement si vous et Papa vous pouviez être ici, alors notre bonheur serait complet! Je vous embrasse tendrement, chère et adorée Maman, et vous baise respectueusement vos chères mains et suis éternellement — Votre fidèle fille *Stéphanie.*

Lisbonne le 2 Juin 1858.

J'ai reçu vos lettres du 13 et du 23 ensemble. J'écrirai à Grand'maman par le prochain bateau.

---

(1) Ter provado um jantar dela.

XV

Lettre sans date, probablement celle du 17 Juin (1).

Ma chère et adorée Maman. — Il m'est impossible de laisser partir la lettre pour Papa sans vous envoyer mes plus tendres remerciments pour les bonnes et chères lettres que vous m'avez écrites. Ce que vous me dites me rend si heureuse, c'est une si douce, une si consolante pensée pour moi que celle que je vis, malgré mon éloignement, au milieu de vous, que j'ai ma place *in den Familienvereinigungen* (2), que je suis présente pour vous, si même cela n'est que par la pensée. Vos paroles me font tant de bien, je sens que vous êtes près de moi alors, dans l'accomplissement de mes devoirs, par votre amour, votre tendresse. *Der Gedanke, dass Du in meinem Intérieur ein wenig zu Hause bist, macht mich glücklich* (3); je tâcherai d'avoir un plan pour pouvoir vous l'envoyer. Le bien-aimé Léopold sera maintenant bientôt près de vous; c'étaient des jours tristes, bien tristes pour moi que ceux qui ont précédé et suivi celui de son départ. Malgré mon bonheur, je me suis sentie un peu abandonnée, une fois qu'il n'était plus là, que je ne pouvais plus lui dire toutes mes impressions, tout ce que j'avais sur le cœur, et puis alors la séparation était complète de vous, mon adorée et unique famille. Si Dieu n'était pas notre père à tous, si nous n'avions pas la S.te Vierge, c'est que je tomberais cependant parfois dans des découra-

---

(1) Nota do Arquivo de Hohenzollern, mas parece escrita entre o dia 2 e o dia 17.

(2) Reüniões de família.

(3) O pensamento de que tu no meu interior estás um pouco em tua casa, faz-me feliz.

gements. Pedro compte tout à fait et espère et demande que vous veniez le printemps prochain; c'est encore bien long, mais c'est un point lumineux vers lequel je tourne toujours mes regards, mes espérances! Chère et adorée Maman, si je pouvais vous dire combien je vous aime! Quel moment de bonheur pour moi que celui où je me retrouverai dans vos bras et dans ceux de Papa, quand j'y pense j'en pleure de désir, d'espoir et de joie. J'ai reçu, il y a quelques jours, une dépêche de Léopold, de Séville, ce sont les dernières nouvelles que j'ai eues de lui. Il voulait y rester deux jours. Je n'ai pas été encore à Cintra et je crains que je ne le *(sic)* verrai pas avant la fin du mois prochain; de loin, à l'horizon, bien. Pedro a l'intention, au moins le désir bien vif, de vous écrire par cette poste-ci; s'il ne le fait pas, pardonnez-le lui; ce sont les affaires qui l'accablent et qui, le soir, le rendent incapable d'écrire. Mais il faut que je vous quitte maintenant, chère et adorée Maman, je vous baise tendrement les mains en vous priant d'embrasser la bonne Marie et les frères. Je suis bien contente de la visite du Prince Albert et contente surtout qu'il vous ait plu.

Éternellement, adorée Maman, — Votre tendre fille *Stéphanie.*

XVI

Ma bien aimée, adorée Maman. — C'est assise à côté de mon bien-aimé Pedro, dans sa chambre, sur un canapé au dessus duquel nous avons placé le petit tableau de la St. famille, d'Ittenbach, que Papa m'a donné, que je vous écris ces lignes. Il travaille, ce qu'il fait ordinairement à cette heure-ci, car nous rentrons de la promenade et il est bientôt 9 heures; entre 10 heures et 11 heures, nous allons nous coucher. Nous avons changé nos heures depuis quelques jours; au lieu

de diner à 8 heures (c'est-à-dire 6 heures), nous dinons à 4 heures, ou bien vers 5 heures, et puis nous sortons jusqu'à 8 heures. Deux fois, Pedro et moi, nous avons fait des promenades tout à fait seuls, lui en civil, pour être moins connu, dans la vallée d'Alcantara, du côté de l'aqueduc, et là nous sommes entrés dans une petite quinta (jardin) avec une vieille maison grise, avec des murailles recouvertes de plantes grimpantes, au bord d'un ruisseau que l'on franchit sur un vieux pont en pierre. La cour et une partie du jardin sont couvertes par des pergola (je ne sais pas comment on l'écrit) de vignes; enfin, c'est aussi pittoresque que possible. Dans la quinta, il y a une grotte avec une source dont l'eau est tellement limpide, qu'au premier instant l'on croit qu'il n'y en a pas. C'est là que nous nous sommes assis un instant, devant une petite image du Christ, placée au-dessus de la source. C'était fort joli, poétique, tranquille, *wohlthuend!* (1). J'ai naturellement pensé a vous, mes bien aimés parents, car je pense toujours à vous, dans toutes les occasions, chaque fois que quelque chose me plaît ou me déplaît, enfin toujours. Du reste, les promenades ici ne sont pas agréables, car l'on a presque toujours un vent du nord détestable, beaucoup de poussière, de mauvais chemins, pas du tout de végétation, excepté dans de petits coins privilégiés comme celui que je viens de vous décrire; les routes sont bien bordées d'aloès ce qui est bien joli en dessin, mais en réalité, ils sont blancs de poussière, venant dans une terre sèche et aride, bonne à ne rien produire d'autre. Lisbonne est beau *(sic)* par sa position, mais, en effet, l'aspect a quelque chose de mélancolique, à cause de l'absence presque complète de végétation. Je voudrais presque dire, c'est plus beau par l'idée que par la réalité. Ce qui est vraiment beau c'est au-dessus

---

(1) Aprasível.

de Lisbonne le Tage qui est comme un grand lac où s'élève, à l'horizon, la sierra *(sic)* Arrabida, montagnes des formes les plus pittoresques. Et toute la plaine, de l'autre côté du Tage jusqu'au pied des montagnes, est une plaine de pins. Hier, nous avons fait une promenade sur l'eau dans un petit bateau à voile appartenant à mon beau-frère Louis; mais comme, par exception, il n'y avait de vent, nous n'avons pu aller loin, ce qui était fort dommage, car la soirée était admirable. Aujourd'hui, nous sommes allés voir une maison de charité dans laquelle il y a aussi des sœurs de charité françaises. Puis nous nous sommes promenés au jardin où Pedro m'a fait, comme toujours, un beau bouquet. Ce sont des moments heureux où nous sommes ainsi, ensemble dans cette belle nature, sous ce beau ciel; mais c'est alors que la pensée me porte auprès de vous, et parfois, je sens une douleur, je ne puis le nommer autrement, à la pensée de la distance qui nous sépare. Pour moi, il n'y a qu'une consolation, c'est que je fais un sacrifice à Dieu de l'amour que j'ai pour vous, car alors cela adoucit la peine, en pensant que c'est pour accomplir Sa sainte volonté que nous sommes loin les uns des autres, qu'avec Sa grâce, nous tendons tous vers le même but, que nous l'atteindrons *auf den verschiedenen Wegen* (1) qu'il nous a tracés. C'est pour Lui qu'il faut vivre, cela embellit et ennoblit le bonheur qu'il nous a donné et cela adoucit et allégit la croix que chacun doit porter. Oui, chère Maman, je reconnais toujours plus que Dieu m'a donné *einen wundervollen Beruf* (2) et mon plus grand, mon plus fervent désir est de Lui être consacrée entièrement, de ne vivre que pour Lui, de reporter tout le bonheur, toutes les joies comme toutes les peines sur Lui et cela

(1) Pelos diversos caminhos.
(2) Uma admirável missão.

toujours, toujours. Ce n'est qu'aujourd'hui, deux jours plus tard, que je parviens à finir ma lettre. Ce bon bien-aimé Léopold nous quitte le 19 ou le 20, c'est bien triste pour moi, car alors la séparation sera complète. Je ne puis vous dire de quel prix, quel bonheur c'était pour moi de l'avoir ici; je m'occupe toujours et toujours du moment où vous arriverez ici, chère et adorée Maman, quel bonheur pour moi! N'est ce pas, vous pardonnez si Pedro ne vous a pas écrit encore, mais il est vraiment accablé par les affaires depuis quelque temps. Il est obligé de tout faire et il n'est vraiment pas possible que ses forces suffisent et résistent à tout cela. Il me charge de ses tendres hommages et compliments pour vous, ma bien-aimée Maman. Léopold vous racontera beaucoup de choses aussi, que je ne puis facilement confier à la poste. Nous avons beaucoup causé ensemble, je lui ai dit toutes mes impressions. A propos de lui, je suis heureuse de pouvoir vous dire qu'il ne pense pas le moins du monde à Thérèse, il pense à Sophie de Saxe ou bien à ma seconde belle-sœur. La vente de Moravelz est une décision bien pénible et douloureuse; c'est un de ces sacrifices que la cour est souvent obligée de porter à la raison; mais l'idée de Carola est bien bonne et consolante d'établir les *Schulschwestern* (1), je serai heureuse si je puis contribuer aussi *durch eine kleine Gabe* (2), parceque je ne veux pas être exclue dans rien de ce qui doit être fait en commun par la famille; cela me ferait beaucoup de peine et surtout dans ce cas-là, car vous savez combien j'aimais celle que Dieu a rappelée à Lui. Pedro et moi, nous nous sommes fait photographier pour vous. Mais, malheureusement, c'est devenu terrible, surtout Pedro que l'on reconnaît à peine. On photographie

---

(1) Irmãs das escolas.
(2) Com um pequeno donativo.

fort mal ici. Léopold pourra vous dire combien il y a de ressources en général ici! Le profil sur la monnaie frappée à l'occasion de notre mariage c'est ce qu'il y a de plus ressemblant de Pedro, c'est frappant. Et pour l'expression, le portrait le plus ressemblant est la miniature que j'ai reçue les derniers jours à Düsseldorf; tous les autres portraits ne sont pas bien. Quand est-ce que j'aurai le vôtre, adorée Maman? Vous me l'avez promis, n'est-ce pas, vous le ferez faire, je vous en supplie! Il faut que je vous quitte maintenant, chère et adorée Maman, je vous baise bien tendrement les mains ainsi qu'à mon cher Papa et suis éternellement —Votre fidèle fille *Stéphanie.*

Lisbonne le 17 Juin.

Pardonnez-moi cette lettre si mal écrite, mais quand on est toujours interrompue, c'est difficile d'écrire et de rassembler ses idées.

XVII

Ma bien aimée et adorée Maman. — J'ai reçu, il y a quelques jours, à ma grande joie, la lettre que vous avez eu la bonté de m'écrire par la voie de terre; elle a mis 8 jours, ainsi pas plus que quand elle va par l'Angleterre et, je crois, tout aussi sûrement. Georges de Saxe (1) écrit toujours deux fois par semaine, par voie de terre, et les lettres arrivent fort régulièrement. La lettre que j'ai reçue de vous, chère Maman, n'a non-plus dû être ouverte, car elle était en fort bon état. Hier, nous avons reçu une dépêche de Léopold, de Gibraltar; il avait cru que le 29 était le jour de fête de Pedro et

(1) Filho dos reis de Saxe e noivo da princesa D. Maria Ana, cunhada de Estefânia.

il lui envoyait ses vœux. A ma grande joie, il a été décidé que le 17 ou le 18 de ce mois, nous irions à Cintra, je m'en réjouis beaucoup. L'Impératrice va partir ces jours-ci pour Caxias, où elle passe ordinairement les étés. Je vais la voir régulièrement toutes les semaines, ce qui lui fait plaisir, car, au fond, elle aurait besoin de distraction; c'est ce que tout le monde dit. Elle aime à causer, à rire et souvent même, cela lui fait du bien. Je sais bien que je ne puis lui être de grande ressource, mais au moins, cela vaut mieux que rien. C'est elle qui m'a beaucoup engagée à créer un salon, le soir, pour nous et surtout pour le reste de la famille. J'en ai parlé à mon ange de Pedro, je lui ai dit que je le croyais un devoir, et il y a tout de suite consenti pour l'hiver prochain. Je pense qu'alors 3 fois par semaine serait assez; les autres jours, nous resterons ensemble chez lui et le reste de la famille pourra s'y réunir. Il y a bien des choses qui devraient être changées, mais qu'une femme seule peut faire, mais j'espère qu'avec l'aide de mon bon Pedro je parviendrai à remplir les devoirs que j'ai vis-à-vis du reste de la famille; il y a là, je crois, des difficultés. Mais je ne puis pas vous dire combien Pedro est bon, *wie er in alles eingeht* (1), et il est toujours prêt à sacrifier ce qui est son goût; je crois vraiment qu'il y a peu d'hommes aussi peu égoistes. Pour moi, il est si excellent, toujours à penser à tout, si plein d'égards, si tendre! Vraiment, je ne puis assez remercier Dieu pour mon bonheur! Le soir, quand nous rentrons, il joue toujours du piano pendant quelque temps. Il joue très bien et tout ce qu'il a entendu une fois, mais il ne sait pas lire une note, et, pour me faire plaisir, il joue souvent un air russe que vous jouez toujours, chère Maman,

---

(1) Como êle está de acôrdo com tudo.

et que j'aime pour cela beaucoup. Puis il joue aussi Any Zori, cet air écossais, que Tante Marie chante si bien. Il m'a promis de vous faire bientôt un dessin que je vous enverrai de suite. Nous avons eu de la pluie pendant un jour, ce qui n'a rafraîchi que momentanément le temps. Ce cher jardin à Düsseldorf, combien de fois je m'y transporte en pénsée, au milieu de vous! Vous n'avez donc pas voulu faire une cure, chère Maman? Pourquoi donc? Mais n'est-ce-pas, vous prendrez au moins les bains du lac, en allant un peu plus tôt à la Weinburg (1); je crois que cela vous ferait du bien, chère et adorée Maman, vous vous oubliez toujours! J'espère que la cure et l'air de Rippoldsau feront du bien à notre chère Grand'maman, je lui ai écrit, il y a 8 jours, mais j'ai adressé la lettre à Mannheim. Chère Maman, je vous prie, quand vous verrez le Père Wilmers, de lui dire bien des choses de ma part et que je pense beaucoup à lui et à tout ce qu'il m'a dit. L'état de l'Église est, je crois, ici, aussi triste qu'il peut l'être. J'attends avec impatience mon confesseur, parceque, jusqu'à présent, c'est un prêtre anglais auquel je me confesse (2), qui est bien mais cependant je ne crois pas qu'il serait désirable qu'il soit mon confesseur pour toujours; et puis, pour les Allemands qui sont avec moi, il n'y a pas de possibilité de se confesser. La chapelle du palais n'est pas achevée encore, on dit qu'elle le sera pour le mois de Septembre. Ma chère et adorée Maman, je vous dis adieu maintenant, en vous priant d'embrasser les frères, Marie et Thérèse.

---

(1) Em Weinburg possuía o príncipe de Hohenzollern uma propriedade, onde ia com sua família passar uma grande parte do outono, desde Setembro até princípio de Dezembro. Era nas margens do lago de Constança.

(2) Êste confessor era o padre José Isley, presidente do colégio dos *Inglesinhos*.

Je vous baise tendrement les mains, ainsi qu'à notre bien-aimé Papa. Pedro me charge de ses hommages et compliments filiaux pour vous, bien aimés parents. Éternellement — Votre tendre, vieille fille *Stéph.*

Lisbonne, le 1 Juillet 58.

Pedro a fait venir de nouveaux cigares pour Papa. — Mille tendres remercîments de ton souvenir. Léopold est à Umkirch.

XVIII

Ma bien aimée adorée Maman. — Je vous ai écrit avant-hier par la voie de terre, j'espère que la lettre vous parviendra aussi bien que la vôtre m'est parvenue, mais je ne puis attendre plus longtemps pour vous remercier pour la bonne et longue lettre que vous m'avez écrite par le bateau du 27. Elle est de nouveau si bonne et me rend bien heureuse! La pensée que vous êtes toujours avec moi en pensée, que nous vivons ensemble, me rend si heureuse, *obgleich es sehr egoistisch von mir ist, zu wünschen, dass ich Deine Gedanken so viel in Anspruch nehmen soll* (1). Pour moi, je n'ai que trois pensées qui m'absorbent mes devoirs, Pedro et vous, mes adorés parents et toute ma bien-aimée famille. Si je pouvais vous dire comme chaque petit détail qui vous concerne m'intéresse et me fait du plaisir à apprendre! Moi, je tâche de vous en donner aussi, mais je crois que je m'acquitte mal de ce devoir. Quand je vous écris, je pense tant à la maison qu'il y a une quantité de petits détails d'ici que j'oublie. Il y a quelques jours, nous avons été à la Miséricorde,

(1) Ainda que isso é ser muito egoista, desejar que eu ocupe tanto o teu pensamento.

superbe établissement fondé par une reine de Portugal. On y recueille tous les pauvres enfants trouvés, et ce qui est affreux, c'est que leur nombre, dans l'arrondissement de Lisbonne seulement, monte annuellement à 11.000. Il y a un tour où l'on vient déposer à toute heure du jour et de la nuit les pauvres enfants nouveaux-nés que leurs parents ne veulent pas garder; on ne sait jamais qui les envoie, mais on les prend dans l'établissement où il y a une quantité de nourrices provisoires, jusqu'à ce que l'on ait trouvé dans la campagne ou dans la ville une femme qui, payée par la Miséricorde (qui a des revenus immenses), se charge du pauvre petit enfant et l'élève avec ses propres enfants. Souvent alors, ces familles-là adoptent ces pauvres enfants et les gardent; d'autres sont quelquefois mal soignés, ce qui n'est pas étonnant au fond, car c'est rare que dans le bas peuple les sentiments de charité etc. etc. soient tellement développés; d'autres rentrent à la Miséricorde, où on les élève alors; les hommes jusqu'à l'âge où ils peuvent gagner leur vie, les femmes, jusqu'à ce qu'elles trouvent ou à se marier ou une place convenable; si non, on les garde dans la maison, où elles sont employées pour les travaux de la maison, pour la surveillance des enfants etc. etc. Puis, il y a aussi un hôpital pour les pauvres vieillards infirmes. Tout cela est tenu d'une manière admirable, il y a une propreté, un ordre que l'on trouve, du reste, plus ou moins, dans tous les établissements de ce genre, ici; mais ce qui manque, c'est une éducation pratique et une éducation qui ait ses bases dans la religion chrétienne. Tout est bien plutôt animé d'un esprit philantropique, que de la véritable charité chrétienne. *Für die materiellen Bedürfnisse vortrefflich gesorgt, für die geistigen nur sparsam. Ersteres ist viel leichter und dazu genügen bloss menschliche Mittel; letzteres muss von oben kommen, muss von echt christlicher*

Liebe belebt sein, um seine Früchte zu tragen (1). Nous en avons la preuve ici, car toutes ces institutions sont bien anciennes, du moins, assez pour avoir déjà pu avoir leur influence sur la société. Je crois, et j'en ai l'intime conviction, que ce à quoi il faut tendre, c'est à faire donner aux enfants une éducation chrétienne avant tout; les livres d'éducation qu'Hortense m'a envoyés le disent aussi, ils traitent de cela. Pour ici, je crois que le commencement est fait par les sœurs de charité! Que Dieu bénisse leur œuvre! Elles sont très attaquées maintenant ici par un certain parti, mais on ne s'en occupe pas et on laisse parler ceux qui veulent se donner ce plaisir. Dans un journal, ils parlaient d'une manière inconvenante même, puis on disait que les 300 enfants, confiés à leur garde, étaient mal tenus, sales, mal nourris, et que lorsque nous venions, comme nos visites étaient annoncées, l'on arrangeait tout à cet égard et que nous ne voyions ainsi jamais la vérité. Alors, j'ai renoncé à aller à une fête là, où mes belles sœurs seules sont allées, et Pedro et moi, nous sommes arrivés un samedi soir (jour où tout pourrait être avec raison en désordre). Sans être annoncés, nous avons visité tout et trouvé tout naturellement dans un ordre parfait. Cette guerre aux sœurs a été partout, au commencement; elle se calmera ici, j'espère, comme partout aussi. Il ne faut rien faire d'imprudent, mais ne pas, non plus, faire mine de changer de conviction; c'est l'avis de Pedro. Les commerçants de Lisbonne m'ont, à l'occasion de notre mariage, mis à la disposition une somme de 132.000 francs,

---

(1) Para as necessidades materiais há excelente cuidado; para as espirituais apenas escassos meios. Das primeiras é fácil cuidar, e por isso são suficientes sòmente os meios humanos. Para as últimas devem vir de cima, devem ser animados do verdadeiro amor cristão, para produzirem o seu fruto.

avec laquelle nous voulons fonder un hôpital pour les enfants que nous mettrons aussi sous la direction des sœurs de charité. Si l'éducation chrétienne est si négligée ici, c'est la faute du clergé; je vous dis, chère Maman, on pourrait verser des larmes en pensant à ce qui manque là. Pensez qu'il n'y a pas un curé, à l'exception de deux ou trois peut-être, qui enseigne le catéchisme aux enfants de sa paroisse, qu'ils restent tout à fait ignorants et que souvent ils vont à la première communion sans savoir ce qu'ils font. Maintenant, en général, les prêtres sont plus instruits, mais ils n'ont pour cela pas plus l'esprit de leur état. Les évêques, en général, s'occupent beaucoup de politique, mais très peu de leurs devoirs. Les prêtres sont dans des costumes séculiers; hors de l'église, on ne peut guère les reconnaître. Je vous prie, chère Maman, racontez *(sic)* cela aussi au Père Wilmers, car cela l'intéressera. Le Patriarche actuel est un excellent homme, mais faible, à ce que l'on dit; de santé aussi, beaucoup souffrant, mais animé des meilleures intentions. Je ne lui ai encore jamais parlé, on ne le voit jamais, si ce n'est à l'église, ou bien aux grands baise-mains, où il est bien difficile de parler. Mais pour revenir à la Miséricorde, il faut que je vous raconte encore qu'au commencement, où nous voulions sortir, la femme qui est au tour où l'on dépose les enfants, vint nous apporter un qui venait d'arriver, en me demandant d'être la marraine. Pedro consentit et fut le parrain. Quoiqu'il fût 8 heures du soir, nous nous rendîmes *in die kleine Hauskapelle* (1) et comme le curé et quelques prêtres nous accompagnaient, nous fîmes baptiser le pauvre petit être qui reçut le nom de Marie, en l'honneur de la St. Vièrge. C'était si touchant *und so wehmütig*

(1) ... à pequena capela da casa.

und doch so schön (1), ce pauvre petit enfant délaissé de ses parents que nous pûmes faire entrer dans la communauté des chrétiens. J'ai éprouvé un sentiment tout nouveau, tout à fait maternel, pour ce pauvre petit enfant que je vais faire élever maintenant. Quand vous viendrez ici, je vous mènerai à la Miséricorde. Le marquis de Ficalho nous accompagnait; il est si bon, si pratique, s'intéressant si vivement à tout ce qui est œuvre de charité; sa femme aussi l'est à merveille, c'est une femme tout à fait distinguée, de même que sa sœur, la comtesse de Sobral, femme du frère du marquis de Ficalho et gouverneur de la ville. Puis, il y a une comtesse de Rio-Maior, une femme de beaucoup d'esprit, de beaucoup d'activité à la tête de toute œuvre de bienfaisance. Il y a plusieurs de ces dames, ici, qui sont vraiment bien distinguées, elles sont, du reste, toutes dames d'honneur; c'est une distinction que l'on donne à toutes celles qui sont très bien sous tous les rapports. Mais elles ne sont de service qu'aux jours de grand gala. Il y a à la tête la duchesse de Ficalho, comme Grande-Maîtresse, puis la duchesse de Terceira qui, depuis le voyage, a les honneurs comme Grande-Maîtresse, et puis encore 7 ou 8 outre les trois dames qui sont toujours de service. Pour les grandes occasions, elles ont une espèce d'uniforme, une robe blanche avec un manteau bleu; elles ne peuvent aller autrement, ce qui, du reste, est très joli. Chère Maman, la lettre que vous m'avez écrite par M. de Paiva n'est pas arrivée. Chère Maman, je suis fâchée de devoir vous dire que l'Empereur est au fond bien peu poli. Il paraît que l'on avait voulu que je passasse par Paris, mais l'on n'en avait rien dit à Pedro; il ne pouvait donc pas m'y envoyer, il aurait fallu pour cella d'une invitation, et

---

(1) Tão triste e apezar disso tão lindo.

il vaut mieux, aussi à mon avis, de ne pas y avoir été. L'Empereur n'a pas encore félicité Pedro, ni pour ses fiançailles, ni pour son mariage. Je lis maintenant la vie de la sœur Rosalie par le comte de Mellun, un livre bien intéressant et très bien écrit, que je vous engage beaucoup à lire. Je crois que le livre d'Eichendorf et ce volume du Catéchisme de persévérance doivent être encore chez M.me Naudin, où je les ai laissés en rangeant mes livres que l'on a emballés. Je crois bien, chère Maman, elle vous manquera, car enfin elle est maintenant la personne dans la maison qui partage vos plus anciens et vos plus intimes souvenirs. Et je crois aussi qu'il sera bon qu'elle revienne de temps en temps, aussi pour revoir les frères et Marie, car elle dira toujours la vérité à leur égard et leur gardera toujours l'intérêt le plus vif. Ce qui manque encore à Marie, chère Maman, viendra assurément, pensez qu'elle n'a pas 13 ans encore; ce qu'il serait grandement temps qu'elle changeât c'est sa manière de parler en français, comme en allemand, si elle voulait seulement se donner bien de la peine pour cela. Comment sont Anton et Fritz? sont-ils encore tellement indépendants? N'est-ce pas, chère Maman, vous me parlerez d'eux comme vous l'avez toujours fait. Je suis bien heureuse d'avoir le bon Kratz ici, je le vois tous les jours, chère Maman; je ne sais pas du tout comment lui dire que je veux augmenter ses appointements; cela serait cependant très nécessaire, je crois, car la vie est si chère ici, mais je crains le blesser. Je vous prie de me donner un conseil. — Le 7.) Voilà une lettre, chère Maman, que j'ai écrite en différents jours, ce dont elle se ressent, car je crois qu'elle est un peu décousue. Mon beau-frère Louis va partir dans quelques jours pour Londres, ainsi que je l'ai déjà écrit à Papa.

Il nous manquera beaucoup, du moins à Pedro qui l'aime tendrement, car il est vraiment un excellent garçon,

sehr kindlich, mais sérieux *in seiner Richtung* (1). Maintenant, il faut que je vous dise adieu, chère et adorée et bien aimée Maman, je vous embrasse et vous baise bien tendrement les mains. Pedro me charge de son hommage filial pour vous, chère Maman, et je suis éternellement — Votre tendre, fidèle, vieille fille *Stéph.*

Si je me laissais aller, je ne finirais jamais ma lettre, mais il faut savoir mettre un fin à tout.

XIX

Ma chère et adorée Maman. — Merci mille et mille fois pour vos tendres et bons vœux pour le 15 Juillet que j'ai passé en pensées avec vous et chez vous, à Düsseldorf, dans la maison paternelle, me rappellant du dernier 15 Juillet qui était bien agréable, en tout cas, *dem Herzen wohlthuender wie der von diesem Jahre* (2), à l'exception de mon bien aimé Pedro. Le matin, en me réveillant, il m'embrassa tendrement et me souhaitant une bien bonne fête et disant que nous voulions demander à Dieu de nous laisser passer ce jour encore bien des années ensemble. Puis, Pauline, la femme de chambre, m'a fait cadeau d'un *Kuchen* (3), comme à Düsseldorf, ce qui m'a fait plaisir à cause de cela. Après, j'ai fait venir M. Kratz. Il me remit l'aquarelle de M. Conrad, réprésentant la chambre de Papa et lui y lisant ses journaux, Bologne étendue à ses pieds. Vous pouvez juger de la joie que me causa cette surprise *und wie ich mich in diesen Anblick vertieft habe* (4). Je suis allée chez Pedro où j'ai trouvé

(1) Muito acriançado, mas sério nas suas tendências.
(2) Para o coração, mais bemfasejo do que o dêste ano.
(3) Bôlo.
(4) E como eu me concentrei nesta vista.

mes beaux-frères qui m'ont donné des dessins, un livre de prières, Louis une jolie broche, Jean un éventail; puis vinrent mes belles-sœurs qui chacune me donna un joli dessin et des fleurs. Pedro m'a donné une charmante petite croix en diamants, pour porter au cou, puis avec son père, une statuette en marbre, représentant l'enfant Jésus avec la croix. A Belem, il y eut d'abord réception du corps diplomatique et puis baise-main, qui dura fort longtemps. J'avais ma robe bleue avec manteau bleu et les roses; la toilette or et bleue je la garde pour le jour de naissance de Pedro. Là, je mettrai aussi mon diadème, ce qui est toujours une espèce de corvée, car il m'écrase la tête. Le soir, il y avait théâtre paré; aux Portugais *(sic)*. Notre départ pour Cintra a encore été retardé, parceque nous avons demain une cérémonie religieuse; c'est l'imposition du chapeau de Cardinal au Patriarche, par un envoyé extraordinaire du Saint Père. C'est une cérémonie qui se fait à l'église; puis le nouveau Cardinal vient faire une visite d'apparat au roi, qui lui donne une espèce de diner. Je penserai bien à vous, demain, chère et adorée Maman, je suis doublement triste d'être loin de vous, ces jours-là. L'Impératrice que j'ai été voir dernièrement, à Caxias, est si bonne pour moi, vraiment pleine de tendresse! Je lui confie aussi mes petites ou grandes difficultés, elle me donne de bons conseils, et je vous assure que c'est bien heureux pour moi, car il est des choses où il faut pouvoir se confier à une femme qui a de l'expérience, qui peut nous donner un bon conseil. *Für Vieles stehe ich ja ganz allein, ohne Anhaltspunkt* (1). Je ne me sens encore pas du tout femme et reine, je suis obligée, bien souvent, de me dire dans une quantité de choses, que je ne

(1) No que diz respeito a muita coisa eu acho-me totalmente só, sem um único apoio.

suis plus une jeune fille, *denn ich fühle mich eben doch ganz noch so* (1). Je lis dans le journal universel, que je reçois tous les jours, que la reine d'Angleterre viendra le 10 Août à Cologne; vous la verrez alors probablement? Car si c'est une chose arrêtée, vous ne pourrez pas partir quelques jours avant seulement pour Umkirch? N'est-ce pas, chère Maman, vous me direz ce que vous ferez, je serais si contente si vous pouviez faire, sous des conditions bien agréables, la connaissance de la reine, qui est si bonne, si simple, *so vertrauenerweckend!* (2) Je n'ai jamais vu quelqu'un de plus simple et d'aussi simple dans une position aussi élevée. Je suis sûre qu'elle vous plaira beaucoup; elle est si bonne pour nous et Pedro l'aime beaucoup. Il faut que je vous quitte maintenant, adorée Maman. Pedro vous fait ses tendres et filiaux compliments, je vous baise les mains et suis éternellement — Votre tendre, vieille fille *Stéph.*

Lisbonne, le 18 Juillet 1858.

XX

Ma bien aimée, adorée Maman. — C'est de Cintra que je vous écris aujourd'hui; cela me paraît encore un rêve par moments, quand je pense qu'il n'y a pas beaucoup plus d'une année que je regardais encore dans vos vues du Portugal ces feuilles, sans penser qu'un jour je verrais tout cela et d'autres plus, sans penser que je l'habiterais, que cela serait ma seconde patrie. Ces vues de Vivian sont, on ne peut pas plus exactes, autant que je m'en souviens. Vous en jugerez bientôt par vous-même, je l'espère, chère et bonne

---

(1) porque, de resto, me sinto exactamente como se ainda o fôsse.

(2) despertando tanta confiança.

Maman; je crois que l'air ici vous conviendrait. Il est très fortifiant, l'air de la mer et des montagnes réunis, rien moins que chaud, car pensez que l'on peut aller se promener, grimper à toute heure du jour, et moi-même, je le fais toujours ayant un manteau de laine, car le vent est très frais et le soleil peu brûlant, tandis qu'à Lisbonne, l'on dit qu'il fait très chaud et surtout très désagréable, ce dont je suis convaincue, car le soleil est brûlant, le vent continuel et, comme toutes les maisons sont blanches et qu'il y a peu d'arbres, on ne peut à peine tenir les yeux ouverts, tellement on est ébloui, et à cause de la poussière que le vent nous y chasse. Avec cela, dès qu'il fait chaud pendant quelques jours, Lisbonne sent fort mauvais. Cintra est charmant *(sic)*, les montagnes me rappellent en même temps un peu la Suisse et l'Escoce et l'endroit même un peu Bade; c'est extrêmement *gemüthlich* (1). La végétation y est superbe, de grands bois composés de tous les arbres de toutes les nations, qui y viennent également bien, même quelques sapins allemands que l'on admire beaucoup, des chênes, des noyers, des châtaigniers, des figuiers, des araucariens, des pins de toutes espèces, des cèdres etc. etc. Et, ce qu'il y a de remarquable, c'est que tout cela n'a été semé que depuis 18 ans et il y a des arbres grands comme ceux qui comptent 40, 50 ou 60 ans en Allemagne; c'est le grand avantage de ce climat et de ce terrain. 3 Août. Ce n'est qu'aujourd'hui, 4 jours plus tard, que je parviens à continuer ma lettre; ici, je n'ai pas du tout le temps pour écrire, car Pedro n'ayant pas ses ministres qui viennent le voir tous les jours, ce n'est qu'avec peine que j'attrape un moment pour moi. Ici, nous nous levons à 8 heures, puis je vais à la messe à 9 1/2, dans

---

(1) aprazível.

la chapelle du château, qui est fort jolie et originale, le plafond encore du temps du Roi D. Manuel, style fort étrange, tout à part. Cela me rend si heureuse d'entendre la messe tous les jours et, chère Maman, nous avons bien besoin de prier, car nous sommes dans une crise religieuse où Dieu seul peut aider. Pour certaines choses, on se croirait pire que dans le pays plus anti-catholique, et je ne puis vous dire combien cela me fait de la peine; ce spectacle fait mal partout, mais bien autrement dans un pays qui est le nôtre, où l'on doit veiller et travailler au bonheur de ses habitants, où l'on ne peut être tout à fait heureux, si eux ne le sont pas. Et bien, c'est triste de voir les haines et toutes les forces se tourner contre ce qui seul peut porter remède à ce malheureux pays. En général, chère Maman, si d'être roi et reine a de bien beaux et grands côtés, il est bien, bien des moments où cela ôte du charme de la vie, car, par exemple, quand je me promène, que je vois une vue bien étendue, que je vois quelque chose de pittoresque, qui autrefois m'aurait charmé, m'aurait donné des idées poétiques, j'y vois bien encore maintenant ce qu'il y a de beau et j'en jouis, mais cette jouissance est troublée par la pensée: combien dans ce beau pays qui pourrait tant produire, il y aurait encore à faire. Puis on pense aux difficultés presqu'insurmontables qui s'opposent à notre bonne volonté, à notre désir du bien pour améliorer un peu cet état de choses; et ainsi il y est de bien d'autres choses encore. L'affaire des pauvres sœurs continue toujours encore, on en est même déjà venu à les insulter, à employer contre elles les termes les plus méprisables, les plus bas. Je demande à Dieu de les protéger, car je le répète, *ich bin zu sehr davon durchdrungen* (1): il

(1) estou disso intimamente convencida.

n'y a de salut pour le peuple que dans une régénération, une éducation morale, chrétienne, pratique du peuple, et jusqu'à présent je ne vois pas d'autre moyen que ces pauvres sœurs. Chère Maman, je vous ennuie avec tout cela, mais c'est que c'est une chose qui me pèse sur le cœur, qui m'occupe l'esprit et pour cela j'aime à vous en parler. J'espère que dans quelque temps, je pourrai vous donner des nouvelles plus consolantes à ce sujet. Mais pour revenir à l'emploi de notre journée: à 10 1/2, nous déjeunons ensemble, chacun avec un livre à la main. Je lis énormément depuis que je suis ici et des choses fort sérieuses mais très intéressantes dans Montesquieu, Tocqueville, Guizot etc. etc. Ce sont là les lectures de Pedro et j'aime à m'y associer; et si même l'on ne comprend pas toujours tout, on y aprend toujours quelque chose. Nous lisons aussi dans Labruyère et Molière et quelques vieux classiques français. Nous avons aussi commencé quelques mémoires, mais c'est une lecture qui n'est pas de mon goût et je l'ai abandonnée. Je reçois le Journal universel dans lequel je lis avec avidité toutes les nouvelles sur l'art et la littérature allemands, ce cher art allemand qui, pour moi, est cependant le premier de tous, comme aussi la poésie allemande. Le journal de Düsseldorf arrive aussi maintenant; j'ai lu avec un grand intérêt la description du cadeau que Papa a fait au *Sebastianus-Schützenverein*. Je suis heureuse et émue de la pensée que l'on pense encore à moi à Düsseldorf; pour moi, je lui resterai bien attachée toute ma vie. Il faut que je vous raconte ma joie, le 30, au soir, où l'on vint m'apporter votre bonne, chère lettre, ainsi que celle de Papa du 22 Juillet, qui me rendirent si heureuse, pour lesquelles je vous remercie de tout mon cœur; j'étais encore à les lire, lorsqu'on vint nous annoncer M. Silva Cabral qui me remit vos chères lettres et ces belles photographies. Je ne puis vous

exprimer la joie que me causa la vue de ces feuilles! Pedro aussi en était tout heureux, tant j'étais joyeuse et heureuse; elles sont vraiment excellentes! Et ce délicieux bouquet que vous m'avez envoyé, chère et adorée Maman, comme c'est joli et comme la pensée qui s'y rattache m'a touchée! Vous êtes si bonne de toujours penser à me faire plaisir! Pedro a beaucoup admiré ce petit chef d'œuvre. Je suis si heureuse et si reconnaissante pour les conseils que vous me donnez. Si vous saviez de quel prix ils sont pour moi! Le jour où j'ai reçu ces lettres, j'étais justement *verstimmt und gedrückt und découragirt über die grosse Disharmonie der Charaktere und Geschmäcke* (1) et vos paroles, chère et adorée Maman, m'on fait tant de bien, elles seront pour moi maintenant une ligne de conduite, qu'heureusemeut j'avais suivie jusqu'à présent, mais ne sachant pas si elle était bonne, *im Dunkeln herumtappend, oft mich fragend, ob ich nicht eher handeln sollte* (2), mais maintenant je suis tranquille et je continuerai mon chemin en paix, tâchant seulement d'adoucir là où je le puis. Jusqu'à présent, je ne puis trouver ancune raison justifiée pour que Pedro n'aimât pas ce séjour, tout au plus, qu'il arrive quelquefois de se promener avec le père, puis, qu'il y ait tous les soirs de la musique et du monde dans la cour du château; pour moi je ne puis y voir d'inconvénient, mais jusqu'à présent, il est très gai et content et je pense que nous resterons encore quelque temps ici, avant de partir pour Mafra et alors probablement, lors du séjour de Georges de Saxe, nous reviendrons ici. Aujourd'hui, chère et bonne Maman, nous avons fait,

---

(1) estava eu justamente muito mal humorada, oprimida e desanimada sôbre a grande desarmonia dos caracteres e gôstos.

(2) tacteando na escuridão e perguntando-me a mim própria freqüentemente, se eu não deveria antes actuar.

comme tous les jours, une longue promenade et nous nous sommes assis à l'ombre d'un camélia, grand comme un grand'arbre, car 12 personnes pourraient être assises commodément à son ombre. Nous nous promenons tous les jours 3 heures, car ici nous dinons à 3 heures et nous restons dehors depuis 5 heures jusqu'après 8 heures. Le 31 Juillet, nous avons été à Lisbonne pour un baisemain, en l'honneur de l'anniversaire du jour où la charte constitutionelle de D. Pedro IV fut jurée, en même temps, jour de naissance de l'Impératrice, de laquelle je viens de recevoir une lettre dans laquelle elle me dit qu'elle a reçu la lettre que vous lui avez écrite. Mais il faut que je vous quitte; adieu, chère et adorée Maman, Pedro se joint à moi dans l'expression de notre tendre hommage filial; je vous baise tendrement les mains, ainsi qu'à Papa. Éternellement — Votre vieille, tendre fille *Stéph.*

Cintra, le 2 Août 1858.

XXI

Ma chère et adorée Maman. — Je vous envoie ces deux lettres en vous priant de bien vouloir avoir la bonté de les envoyer à Tante Marie, ne sachant pas où elle se trouve en ce moment. Chère Maman, il faut me pardonner, si je remplis si mal mes devoirs de lettres, mais c'est que, vraiment, je n'y parviens pas. Pedro n'aime pas du tout que je le quitte quand il est seul dans sa chambre et, à Lisbonne, j'écris quelquefois chez lui, ce qui ici n'est guère possible. *Dann will er, dass ich immer so nahe wie möglich von ihm sitze* (1)

---

(1) Depois, êle quer que eu me assente tão perto dêle, quanto possível.

et la table est tellement encombrée de papiers, de journaux, de livres etc. etc. qu'il ne s'y trouve guère de place pour moi. Depuis deux jours, il est un peu souffrant, aujourd'hui même il s'est couché, mais cela n'est rien, Dieu merci; au contraire je crois même que cela lui fera du bien, parcequ'il ne s'est pas du tout occupé, pendant ces deux jours, *was ein grosses Wunder ist* (1). Je lui ai fait la lecture, puis je lui ai raconté de vous, chers parents, des frères, de Weinburg, de toute la maison. Il connaît déjà tout et tout le monde. C'est un si grand plaisir pour moi de pouvoir lui parler de vous, chers parents, et lui, il l'aime beaucoup car il me demande toujours de parler *von zu Haus* (2). Puis nous parlons du moment où vous serez ici, chers et adorés parents; quand j'y pense, *geht mir ein ganzes Paradies auf* (3). J'ai enfin reçu aujourd'hui des nouvelles de Léopold. Que je suis heureuse de le savoir de retour! Il me semble aussi que, maintenant, nous nous sommes déjà rapprochés un peu, puisqu'il a pu vous dire tout, tout, tant de détails que jamais l'on ne saurait renfermer dans une lettre. Comme je suis charmée que la reine d'Angleterre reste à Düsseldorf pour vous voir. Je suis convaincue que vous l'aimerez, elle est si bonne et si simple! Cette lettre ne vous arrivera que peu de jours avant votre départ pour Umkirch, j'espère, chère et adorée Maman, que vous y ferez un bon séjour. C'est avec ce vœu bien ardent que je vous baise tendrement les mains et que je suis éternellement — Votre tendre et vieille fille *Stéph.*

Cintra, le 6 Août 1858.

---

(1) o que é uma grande admiração.
(2) dos meus.
(3) abre-se para mim todo um paraízo.

XXII

Ma chère et adorée Maman. — Hier, j'ai bien pensé à vous, comme était le jour où la Reine Victoire devait passer à Düsseldorf. J'étais avec vous dans votre cher salon, *wo man wahrscheinlich um den runden Tisch sass* (1) et j'ai prié pour vous, chère et adorée Maman, afin que cette visite ne vous ait pas trop fatiguée, *dass Du in Allem davon befriedigt sein konntest* (2). Cette lettre ne vous trouvera peut-être plus à Düsseldorf, car c'est le 14, je crois, que vous aviez l'intention de partir pour Umkirch. J'espère que ce séjour sera agréable pour vous et que vous irez bientôt à la Weinburg pour bien jouir du repos et du bon air là; je ne puis y penser sans éprouver un serrement de cœur, cette chère Weinburg où vous serez de nouveau tous réunis, mais n'est-ce pas, j'y garderai ma place au milieu de vous et vous me donnerez souvent des nouvelles car je ne puis vivre sans vos nouvelles, voilà déjà bien, bien longtemps que je n'en ai reçues, excepté une lettre de ma bonne Marie à laquelle j'ai répondu de suite. J'ai écrit aujourd'hui aussi une lettre à Papa, auquel je fais plusieurs communications qui sont aussi pour vous. Elles ont rapport à l'avenir de Léopold! J'espère, chère Maman, que vous avez reçu ma lettre du 1er du mois et celle du 6 avec les lettres pour Tante Marie et Oncle Douglas. L'affaire des pauvres sœurs de charité est allée si loin, qu'il y en a eu des battues dans la rue, mais le résultat de ces vilaines choses est que le gouvernement a fait emprisonner les malfaiteurs et prendra les sœurs énergiquenement sous sa protection; et j'espère que nous les

---

(1) onde provàvelmente se assentaram em volta da mesa redonda.

(2) para que tudo estivesse bem a teu gôsto.

garderons, mais elles auront dû souffrir ici comme nulle part pour leur bonne et sainte cause. La semaine prochaine, nous allons à Mafra, pour une quinzaine de jours, je m'en réjouis. Je n'ai vu Queluz que de loin encore, mais Pedro ne l'aime pas et j'avoue que sa position ne me donne aucune envie d'y habiter; c'est bâti dans un trou d'où on n'a la vue que sur les collines environnantes, qui jusqu'en haut sont couvertes de champs de blé desséchés par le vent qui règne tout l'été dans les environs de Lisbonne, et couronnées de tristes et monotones moulins à vent, dont on voit une quantité prodigieuse en Portugal. Les appartements à Queluz doivent être beaux, mais c'est situé à une lieue de la ville, ce qui est fort ennuyeux aussi. Les belles choses qui s'y trouvent Pedro les fera transporter probablement à Necessidades, pour en jouir. A propos de belles chinoiseries, chère Maman, M. Kratz a couru en vain toutes les boutiques de Lisbonne pour en trouver que je puisse envoyer à Grand'maman, pour son jour de naissance, impossible! Vous ne vous faites pas l'idée de la difficulté qu'il y a à trouver la moindre des choses à Lisbonne; il n'y a que les magasins de modes qui ont l'air d'être bien fournis, mais tout, venant de Paris, est horriblement cher. En fait de bijoux, on a quelques jolies choses, mais aussi des choses de fort mauvais goût, comme, malheureusement, vous avez pu en juger par mes envois. Pour avoir des médaillons, pour y mettre des cheveux de Pedro et de moi, que je veux envoyer à la Reine Victoire qui me les a demandés, il a fallu que je les fasse venir de Londres; impossible d'en trouver ici. Je me suis maintenant fait venir toute une bibliothèque de bons livres, de Paris. Chère Maman, dans la *Revue des deux Mondes* du 15 Juillet, je crois, il y a un article assez amusant: « Quelques jours en Espagne »; on y décrit des choses qui rappellent aussi assez la vie et les mœurs de Lisbonne, seulement

qu'ici on ne voit pas tant de jolies femmes et que nous n'avons pas ces horribles et cruelles courses de taureaux sanglantes; beaucoup d'autres sans cela; même des jeunes gens de la société qui en arrangent et qui sont, eux-mêmes, les matadors; je n'y ai jamais été, mais le roi Ferdinand y va souvent et même mes belles-sœurs quelquefois. Pedro et moi, nous voudrions beaucoup avoir un Dachs, comme Bergmann, que nous appellerions aussi ainsi. Chère Maman, si vous demandiez à tante Marie ou à M.me de Francq *ob jezt einer disponible ist* (1), cela me ferait grand plaisir, à Pedro aussi. On fait maintenant des réformes dans la maison (vous savez combien c'était nécessaire)! Il y a un homme très énergique, le Conde da Ponte, qui est très bien et qui est à la tête des *Hauswesens* (2). Mais c'est très difficile; il y a déjà des intrigues, des révoltes contre lui, mais j'espère bien, *dass er durchgreifen wird, weil es sehr nötig ist* (3). Malgré le gaspillage et la quantité de monde, il n'y a ni élégance, ni confort, mais je crois que c'est presque toujours ainsi. Il y a même des choses qui sont plus que simples, vous le trouverez, chère et adorée Maman, quand vous serez ici. Je sens que lorsque vous et Papa, vous aurez été ici, *dass mein Wirken erst recht angehen wird* (4), quand vous aurez, sur place, pu m'aider de vos bons conseils. Au fond, jusqu'à présent, je suis toujours encore un peu dans la maison et dans le pays *wie ein Gast, wenigstens fühle ich mich noch so* (5), je n'ai pas du tout d'aplomb encore pour rien. — Le 13 Août. J'ai

---

(1) há agora algum disponível.

(2) govêrno da casa.

(3) que êle será decidido porque isso é muito necessário.

(4) que a minha actividade só então começará como deve ser.

(5) como um hóspede, pelo menos eu assim o sinto.

reçu encore, hier au soir, à mon grand bonheur, votre bonne lettre du 27 Juillet, pour laquelle je vous remercie de tout mon cœur. C'est en vous baisant bien, bien tendrement les mains et avec les compliments de Pedro que je vous dis adieu et que je suis éternellement — Votre tendre et fidèle fille *Stéph.*

XXIII

Ma chère et adorée Maman. — C'est de Mafra, le séjour de prédilection de mon bien-aimé Pedro, que je vous écris aujourd'hui. Nous y sommes depuis 6 jours; je m'y plais beaucoup et je le préfère aussi à Cintra, quoique Cintra soit sans comparaison plus joli *(sic)*. Mais Pedro est si gai ici, travaille peu, sort beaucoup et tout cela sont des raisons bien grandes pour moi pour aimer ce séjour. Puis, nous sommes aussi plus libres, on ne rencontre personne, le parc est immense, on pourrait s'y promener des jours entiers et toujours trouver de nouveaux points. La contrée me rappelle d'une manière étonnante l'Ecosse, tant elle est solitaire, montagneuse et peu cultivée, d'un côté du moins, car vers la mer elle l'est, heureusement! Chère et adorée Maman, vraiment, remercions Dieu pour le bonheur qu'Il me donne; car j'ose vous le dire, grâce à Dieu, nous sommes si heureux ensemble, nous nous aimons tant, si c'est possible, tous les jours d'avantage. Quand je ne suis pas avec lui, je pense toujours à lui, et je me sens heureuse quand je suis à côté de lui, quand même nous ne nous disons rien. Mais chère Maman, ce sont des choses que je ne puis que vous dire à vous et pour vous et Papa, vous les comprendrez et vous en jouirez avec nous. Ici, je vais très souvent à la chasse avec Pedro, quoique je m'y intéresse fort peu et que je n'aie pas de goût pour elle, mais comme Pedro l'aime

et comme c'est surtout très bon pour lui, je l'y engage toujours et je l'accompagne aussi à cheval ou en voiture. Il aime beaucoup à tirer et tire très bien. Hier nous sommes déjà partis avant 8 heures pour la chasse aux lapins et Pedro a pris M. Kratz avec lui qui s'est beaucoup amusé. Pedro *hat ihn recht gerne, wie auch K. F.* (1) qui, malgré son horreur pour Mafra, est arrivé à l'improviste ici, pour y rester 8 jours avec les sœurs, car lui et elles sont restés à Cintra où nous retournerons à regret, mais par esprit de devoir, au commencement de Septembre, à cause de l'arrivée de Georges de Saxe. Sa fiancée est vraiment charmante, excellente, je l'aime beaucoup et je fais bien des vœux pour qu'elle soit heureuse, comme elle (le) mérite; c'est elle qui, sous tous les rapports, ressemble le plus à Pedro qui l'aime beaucoup aussi. J'ai été bien heureuse de recevoir tous les détails de la bonne visite de la reine Victoire, par une longue lettre que Papa a eu la bonté de m'écrire. J'espère, chère Maman, que vous en gardez un bon souvenir et je me réjouis beaucoup de savoir vos impressions, chère et adorée Maman.

L'affaire des soœurs de charité continue toujours encore. J'ai eu un instant l'idée de vous envoyer de temps en temps des journaux, mais je les trouve trop ennuyeux et je ne saurais vraiment choisir parmi la quantité que nous avons. J'écris avec la même poste à Grand'maman pour son jour de naissance, c'est pour cela que je ne vous prie pas de lui dire bien des choses de ma part. Dernièrement, j'ai été voir l'Impératrice à Caxias, elle n'allait pas très bien, mais depuis j'ai de meilleures nouvelles, car nous sommes en correspondance ensemble; elle est si bonne vraiment! Mais

---

(1) Pedro gosta muito dêle, como também K. F. (¿ o rei D. Fernando ?).

je dois vous dire qu'elle n'aime pas du tout les Jésuites et, sous ce rapport, il faut faire attention à ce que l'on dit. Elle m'a donné dernièrement les actes et une partie de la correspondance de son père qui ont été publiés comme réfutations aux vilaines calomnies du Duc de Raguse; c'est fort intéressant. Il faut que je vous dise adieu maintenant, chère et adorée Maman, je vous écrirai de nouveau dans peu de jours et c'est en vous baisant bien tendrement les mains et avec tous les compliments de Pedro que je suis — Votre fidèle, vieille fille *Stéphanie.*

Mafra, le 24 Août 58.

XXIV

Ma chère et adorée Maman. — Je vous remercie de tout mon cœur pour la bonne lettre que vous m'avez écrite la veille de votre départ d'Umkirch; vous voilà donc, chère Maman, dans ce beau Weinburg et je fais des vœux bien ardents pour que ce séjour vous fasse beaucoup du bien et que vous vous sentiez de force au printemps de venir voir votre enfant qui en sera si heureuse, si heureuse, *die eine solche Sehnsucht, ein solches Bedürfnis hat, die teuersten Eltern wieder zu sehen* (1), oui, chère Maman, car je ne puis nier qu'il y a bien des moments où le *Heimweh* (2) vient me surprendre, surtout maintenant, où je vous sais tous réunis à la Weinburg. Enfin, ce sont des sacrifices qu'il faut offrir à Dieu! Ensuite, chère et adorée Maman, il y a des jours où je suis terriblement découragée, où je vois tout ce qui manque, non seulement dans le pays et dans la maison, mais aussi dans la famille, car enfin

---

(1) a qual tem um tal desejo (anhelo), uma tal necessidade de tornar a ver os seus muito queridos pais...
(2) Saüdade.

vous savez, chère Maman, que rien n'est parfait, alors je me désole, je trouve que je n'ai absolûment rien *bewerkstelligt* (1), depuis que je suis ici.

—Le 18 Septembre. Vous voyez, chère et adorée Maman, que j'ai dû interrompre ma lettre pendant bien longtemps; avant tout je dois vous exprimer tous les remercîments bien tendres de Pedro pour la dépêche que vous avez eu la bonté de lui envoyer le jour de sa naissance et qui lui a fait bien grand plaisir; il en a reçu une aussi de Papa, de Ratisbonne. Ce jour-là, nous ne l'avons pas passé aussi agréablement que nous l'aurions désiré, *denn wir waren alle in einer sehr gedrückten Stimmung* (2) à cause des derniers événements politiques ici, qui ne sont pas faits pour inspirer de la gaîté. Enfin, chère Maman, je ne puis vous expliquer plus clairement et plus longuement, je ne puis que vous dire que ces jours sont tristes et décourageants, que l'on aurait dû agir avec plus de fermeté et de décision dès le commencement. Mais, je vous prie, chère Maman, de ne pas vous inquiéter, car il n'y a absolument rien d'inquiétant, *nur ist es ein sehr drückender Zustand* (3), à mon avis.

Hier matin, nous avons reçu de Cintra, où mes belles sœures sont restées avec Georges de Saxe, la triste nouvelle de la mort de Marguerite. C'est cependant affreux, chère Maman, sa pauvre famille! Elle qui était si bonne, si gaie, si aimée de tous! J'en suis bien triste, car, vous savez combien je l'aimais! et que cela ait dû arriver justement maintenant, où Georges est ici, où il avait l'air si content et si gai! Cette pauvre famille de Saxe, elle n'a vraiment que des malheurs!

---

(1) realizado.

(2) porque nós estávamos todos com uma disposição muito oprimida.

(3) trata-se apenas de uma situação muito desagradável.

Il paraît que c'est d'une fièvre nerveuse qu'elle est morte, en 7 jours, mais je ne sais pas encore où. Enfin, elle est heureuse, car elle était bonne et pieuse; elle n'a pas eu de grands chagrins dans sa courte vie, elle sera réunie à Dieu; mais, pour ceux qui restent c'est bien, bien triste! Depuis le 15 Septembre nous sommes ici, à Lisbonne, où nous restons jusqu'au 24 ou 25, tandis que le reste de la famille est resté à Cintra. S'ils ne reviennent ici le 24, nous retournerons probablement à Cintra. Mais la saison des pluies va commencer maintenant bientôt; alors on dit qu'il pleut 8 jours ou plus sans interruption; elle dure 4 semaines en automne, ensuite il y en a une autre au mois de Décembre; le mois de Janvier est magnifique, dit-on, ici (1).

Maintenant, chère et adorée Maman, il faut que je vous dise adieu, en vous baisant tendrement les mains, ainsi qu'à Papa, en vous priant d'embrasser les frères et sœurs. Je suis très curieuse de savoir l'idée de Léopold, dont vous me parlez dans votre dernière lettre. Oserais-je vous prier, chère Maman, de dire bien des choses de ma part à notre ami Roth de Rheineck; il m'a envoyé un *Behältnis* (c'est ainsi qu'il nomme une table en forme de coffret monté sur un pied), avec de charmantes vues de Weinburg, des roses des Alpes artificielles et une poésie. Tout cela me fait grand

---

(1) Nesta carta e neste sítio deve inserir-se o trecho que vem no livro *D. Pedro V e o seu Reinado*, vol. 2.°, pág. 404. «Chère Maman, certains journaux portugais ont dit que Pedro et moi nous espérions déjà une augmentation de famille; je ne vous en parle que dans le cas que des journaux étrangers prennent cette nouvelle pour vraie, mais vous comprenez, chère et adorée Maman, que s'il y avait le moindre des indices de ce genre, vous le sauriez depuis longtemps. En général, on parle beaucoup et on fait beaucoup de caquets dans cette chère ville de Lisbonne; nous sommes fort petite ville dans cela».

plaisir et je le regarde souvent. Mon cher Pedro vous présente son hommage filial et moi je suis éternellement —Votre fidèle vieille fille *Stéphanie.*

(Il doit y avoir ici une lettre égarée; voici celle qui parait être la suivante) (1).

XXV

Ma chère et adorée Maman. — Il y a déjà longtemps que je ne vous ai plus écrit, et j'ai à vous remercier pour deux chères et bonnes lettres; j'espère que vous aurez reçu la mienne du 27, que j'ai envoyée à Umkirch, par voie de terre. Je suis triste que vous souffriez tant de maux de tête et vous comprenez combien je fais des vœux ardents pour que le séjour de la Weinburg, le bon air des montagnes et le repos vous fassent du bien; n'est-ce pas, chère Maman, vous monterez souvent dans les montagnes, surtout quand les brouillards commenceront. Maintenant, la route de Walsenhausen doit être achevée et c'est une belle promenade en voiture pour aller respirer là-haut un air plus pur; et puis, c'est si beau, si riche, si riant *(sic)* cette contrée! Cela fait du bien à la voir seulement, ses habitants y sont heureux, ils savent travailler, ils savent se faire un chez-soi agréable et propre, et je crois que cela doit même avoir de l'influence sur la moralité du peuple. Dieu merci, que cette année-ci le raisin a mieux réussi, pour la première fois depuis je ne sais combien d'années! Cela donne de l'espoir, qu'à présent cela ira mieux d'année en année, comme cela est dans les autres pays où la maladie a regné aussi; cela serait un immense bonheur, car tout le monde s'accorde à dire que c'est là la véritable richesse du Portugal. L'autre jour,

(1) Nota do Arquivo de Sigmaringen.

Pedro était à la chasse des lapins, et pendant ce temps j'ai fait une petite excursion avec mes belles-sœurs, ma dame que vous connaissez, la leur et le bon marquis de Ficalho, qui est pâle et maigre à force d'avoir combattu et de s'être agité, dans ces derniers temps, en faveur des sœurs de charité. Maintenant, il a ses 15 jours de service. Nous avons 4 chambellans, qui ainsi, à tour de rôle, font leur service à Lisbonne pendant 8 jours; quand nous sommes à la campagne pendant 15. Il y a le même arrangement pour les aides de camp de Pedro, qui sont au nombre de 5, tous des têtes grises; et pour ceux du roi Ferdinand. C'est un excellent arrangement. Enfin, pour revenir à notre excursion, nous allâmes visiter un petit village situé à peu de distance du rendez-vous de chasse, où nous déjeunons, après la chasse, tous ensemble. J'avais dit que nous irions *incognito* et que je voulais profiter de cela pour visiter un intérieur de paysan portugais. D'abord, nous vîmes la chapelle qui était assez jolie; puis, nous allâmes nous établir dans la chaumière d'une vieille femme, où une partie des habitants du village vinrent se rassembler et nous causâmes pendant longtemps, disant que nous étions une famille de Lisbonne. On nous prit, mes belles-sœurs et moi, pour les filles d'une des dames et on nous souhaita de bons fiancés, comme c'est l'usage au Portugal; une jeune fille nous chanta des airs portugais qui, en général, ont peu de mélodie et sont très monotones. Puis, nous mangeâmes du pain de maïs. Ces pauvres gens avaient l'air très content et gai dans leur misérable chaumière, qui n'est rien d'autre qu'un amas de pierres, recouvert de quelques tuiles, sans fenêtres, avec une seule misérable porte, la terre nue comme plancher, des fentes de tous les côtés, qui laissent libre passage aux pluies et au vent; c'est affreux et c'est là que ces pauvres gens passent leur vie avec leur cochon, car c'est la bête la plus

répandue en Portugal; partout vous les voyez et vous les entendez. Voilà la misère matérielle dans laquelle vivent ces gens; et la misère spirituelle, ose-t-on y penser? Pas de prêtres, pas d'écoles, pour civiliser, pour élever toutes ces pauvres âmes! A quoi mène le libéralisme de tous ces libéraux qui se nomment ainsi et qui ne le sont rien moins, car le véritable libéralisme est tout ce qu'il y a de plus chrétien et par conséquent, de plus civilisateur et de plus moralisant, mais où sont-ils ces véritables libéraux? Pedro est le seul, j'en suis convaincue, dans tout le pays, et que peut faire un seul dans un pays constitutionnel, quand il respecte consciencieusement cette forme, ce gouvernement, et quand tout, tout est à faire. C'est décourageant! Pour qu'un gouvernement constitutionnel soit véritablement bon, véritablement ce qu'il est dans l'idée, je crois que le pays doit être arrivé à un degré de civilisation, où tous les pays, malheureusement, ne sont pas arrivés encore. Je vous demande pardon de vous ennuyer avec mes réflexions, mais, ici, on est naturellement porté à en faire. Enfin, pour finir notre histoire, nous sommes repartis du village comme nous y étions arrivés, sans être connus et ce ne fut que plus tard que les bonnes gens surent qui furent les visiteurs. Nous avons eu, maintenant, pendant deux dimanches une fête religieuse populaire. C'était une image miraculeuse de la St.^e Vièrge, qui se trouve, ordinairement, à St. Nazaire, un pélerinage au bord de la mer, qui, toutes les 17 années, est apportée à Mafra, pour y rester un certain temps. Il y a alors une quantité de gens de la campagne qui affluent ici, qui campent autour du palais, dans des voitures tirées par des boeufs, dans lesquelles ils apportent leur ménage. Les dimanches soir, il y a des feux d'artifice, avec de la musique; toute la journée des raquettes que l'on fait partir de tous côtés, qui font un fracas épouvantable, mais c'est ce que les Portugais aiment surtout,

À Lisbonne, on en fait partir tous les jours, quoique cela soit défendu, dans les rues. Quand Pedro et moi, nous passons pour la première fois, depuis notre mariage, dans un endroit, le carillon commence à sonner, les raquettes partent, les habitants viennent demander l'aumône, car, ici, l'on demande toujours au roi et à la reine. Déjà plusieurs vieilles paysannes m'ont demandé une aumône pour pouvoir acheter leur tabac. Cette fête religieuse est fort jolie hors de l'église, mais, malheureusement, peu édifiante dans l'église. Comme je doit vous paraître sincère, chère Maman, mais c'est que je crains que je ne sens que juste, helas! La guerre contre les sœurs a duré jusqu'à présent, avec une véhémense terrible et, il y a deux jours, le gouvernement a fait une déclaration, qui est bien une concession, mais elle n'est pas humiliante. Il a déclaré que, pour le moment, l'on ne recevrait plus de sœurs de charité françaises, mais que celles qui étaient là resteraient, qu'elles continueraient à diriger l'éducation des enfants qui sont dans les deux asiles, mais c'était sous la surveillance du gouvernement. La grande chose maintenant est de former des sœurs portugaises, mais pour cela il faudra ou les envoyer en France dans la maison mère, ou les former ici, par les sœurs françaises, que nous avons ici. Il y a 18 jeunes personnes du pays prêtes à entrer. Voilà à quoi nous allons travailler. Que Dieu bénisse l'œuvre! *Bis jetzt habe ich mich ganz passiv verhalten müssen und wer weiss, wie lange dies noch dauern wird; es ist wirklich ein Opfer, aber die Vorsicht fordert es!* (1). Toute cette histoire influe sur la santé de la pauvre Impératrice, qui prend tout cela très à cœur et qui a pris avec ardeur le parti des sœurs. Il

(1) Até agora tenho tido a necessidade de me conservar inactiva, neutral, e quem sabe quanto tempo isto durará. É verdadeiramente um sacrificio, mas a prudência assim o exige.

y a déjà 4 semaines, maintenant, que je ne l'ai vue, mais nous sommes toujours en correspondance. Il paraît, chère Maman, que la Reine D. Maria était une femme bien distinguée, qui a fait énormément de bien au pays. Généralement aimée et respectée, un caractère d'homme, un courage inflexible, beaucoup de fermeté et de décision, extrêmement sévère sous certains rapports. On peut dire que c'est elle qui, par son exemple, a complètement réformé les mœurs de la noblesse qui étaient tout ce que l'on peut penser de plus triste; c'est elle qui s'occupait de l'éducation de ses enfants jusque dans les plus petits détails; elle en a eu 11 dont 4 sont morts ou nés morts. C'est en suivant son exemple, que les grandes familles d'aujourd'hui ont fait étudier tous leurs fils, donnent une meilleure éducation aux filles *(es lässt noch viel zu wünschen-übrig)* (1) mais c'est déjà beaucoup. Dans sa maison, elle savait tout, personne n'osait remuer sans qu'elle le sache et on dit qu'on tremblait devant elle, et cependant *waren sie so glücklich, ein wahres Muster von einer Ehe* (2)! C'est bien triste qu'elle soit morte si jeune! elle était encore si nécessaire à sa famille, elle aurait eu encore tant de bien à faire! Enfin, Dieu sait ce qu'Il fait. Mais on dit qu'elle aurait tant aimé à vivre encore, qu'elle se sentait si heureuse, et qu'elle a cru qu'elle vivait encore, au moment où elle s'endormait pour toujours. Dans ces derniers temps, j'ai été beaucoup avec ma belle-sœur Marie, et plus j'apprends à la connaître, plus je l'aime. C'est une charmante personne, bonne, pleine de cœur, remarquablement raisonnable pour son âge, sans le moindre égoisme, respectée et aimée de nous tous. Elle est maintenant

---

(1) isto deixa ainda muito a desejar.

(2) ¡ eram tão felizes ! ¡ um verdadeiro modêlo de casados !

der *Mittelpunkt der Familie* (1), car elle est adorée de son père, aimée de nous tous; Pedro a beaucoup de confiance en elle. *Sie ist das vermittelnde Element in der Familie* (2). Georges de Saxe peut être bien heureux, *denn er hat einen wahren Schatz gefunden* (3). Elle est heureuse et l'aime, mais elle ne peut parler du moment où elle quittera sa famille, sans pleurer. Ce qui est sûr, c'est qu'elle nous laissera un vide immense. Pedro, non plus, ne peut y penser et je crois que c'est le meilleur éloge que l'on peut faire d'une personne quand, à 15 ans, elle occupe une pareille place dans une famille. Si Léopold avait pu venir plus tôt! Enfin, il faût penser que c'est Dieu qui dispose! Il nous en a donné une preuve bien éclatante, qui doit nous servir de leçon aussi pour toute notre vie. Remettons nos intérêts les plus chers entre les mains de Dieu et ils ne pourront être mieux placés! Pour cela, il ne vous est pas défendu de penser, de chercher, de s'occuper, et c'est pour cela que je vcus dis que j'entends dire du bien du Comte de Flandre. Pedro le croit très bien, le Prince Albert d'Angleterre, *hält viel von ihm, glaubt ihn einen vielversprechenden jungen Mann* (4) et il sait juger, je crois. Je vous le dis, car c'est toujours bon à savoir. Moi, il m'a plu! Mais l'on dit le roi père extrêmement ambitieux, ne regardant dans les mariages de ses enfants que la politique; ce que prouvent aussi les deux premiers. On prétend que l'Arch. Max se moquait et riait de sa femme, avant d'être son fiancé. Il paraît que c'est un homme d'esprit, mais essentiellement vaniteux; c'est ce que Carola m'avait déjà dit.

---

(1) o centro de família.

(2) Ela é o elemento pacificador, o anjo da paz da família.

(3) porque achou um verdadeiro tesouro.

(4) tem-no em grande conta, julga-o um mancebo muito prometedor.

Tout cela, peut être des sujets de réflexions! Un de mes vœux les plus ardents est que le bon Dieu rende un jour *(aber noch lange nicht!)* (1) Marie aussi heureuse que moi par son mari. Pour Thérèse, chère Maman, ce n'est pas d'ici que je pourrais vous donner des renseignements sur des maris, autant que je le voudrais. Voilà donc le prince Taxis marié avec la sœur de l'Impératrice d'Autriche. Au fond, c'est très remarquable *und auch darüber kann man Betrachtungen anstellen* (2). N'avez-vous plus rien entendu des projets de ce genre pour le Prince Napoléon? et l'idée d'Hortense avec la pauvre Elisabeth? Je fais des vœux pour que cela ne soit jamais. Vous me demandez, chère Maman, des nouvelles de ma santé. Dieu merci, je vais très bien, et surtout je me sens beaucoup plus forte que l'année dernière. Je mange beaucoup de viande et nous menons une vie très régulière, ce qui me fait beaucoup de bien. L'air de la mer aussi est très fortifiant; l'air de Mafra est aussi pur et aussi vif que celui de la Souabe; celui de Cintra moins; il est plus humide. Je monte ort rarement à cheval et maintenant, depuis que j'ai fait une petite chute fort douce, Pedro ne veut plus que je monte avant d'avoir fait dresser un autre cheval et recommencé à prendre quelques leçons dans le manège. Chère et adorée Maman, lorsque vous recevrez ma lettre, vous serez de nouveau seule, car Papa sera en Bavière, mais je suis heureuse que vous ayez pu enfin passer une fois le 7 Septembre avec lui. Mais, maintenant, chère et bonne et bien-aimée Maman, il faut que j'achève ma lettre en vous exprimant tous les tendres compliments et remercîments de Pedro pour la bonne lettre que vous avez eu la bonté de lui écrire et

---

(1) (mas não tão cêdo).

(2) e também a êsse respeito poderiam fazer-se algumas considerações.

qui lui a fait un très grand plaisir. Il vous remerciera lui-même le plus tôt possible. Adieu chère et bonne et adorée Maman, c'est en vous baisant bien, bien tendrement les mains que je suis éternellement — Votre *Stéph.*

P. S. — J'ai reçu une lettre de M.lle d'Axter; *ein Brief aus dem viel Glück und Zufriedenheit spricht; ich hatte sie in einem Briefe auf das Gewissen gefragt, ob sie sich glücklich oder unglücklich fühlte* (1).

XXVI

Ma chère et adorée Maman. — Ce n'est qu'hier que j'ai reçu votre chère et bonne lettre du 16 Septembre. Je vous en remercie de tout mon cœur, ainsi que de celle que vous avez eu la bonté d'écrire à Pedro. Vraiment, vous êtes si bonne, chère et bien-aimée Maman, et ces preuves d'affection lui font tant de bien, le touchent beaucoup (car aussi je crois qu'il n'y est pas habitué, le pauvre) et il a un cœur si sensible, la moindre attention lui fait plaisir, que je suis heureuse quand vous pourrez l'embrasser une fois. Que Dieu m'accorde ce bonheur bientôt! C'est mon vœu le plus ardent après celui de remplir tous mes devoirs. Je ne puis vous le dire combien je vis avec vous en pensées; et j'ai été bien, bien heureuse de la photographie que vous avez eu la bonté de m'envoyer. Elle me cause une joie immense, car c'est ce que j'ai de plus ressemblant de vous jusqu'à présent, quoique elle laisse encore *beaucoup* à désirer. Je l'ai reçue, le 28, dans le moment où je venais de fermer ma lettre pour

---

(1) uma carta que respira muita felicidade e contentamento; eu tinha-lhe escrito uma carta interrogando-a, em consciência, sôbre se ela se sentia feliz ou infeliz.

vous, chère Maman; elle est venue avec le Hohenzollern et une charmante petite statuette du grand Électeur, sur le pont de la Sprée à Berlin, en guise de serre-papier; je pense que c'est vous, chère Maman, qui me l'avez envoyée et je vous en dis tous mes tendres remercîments. Je suis heureuse d'apprendre que vous faites d'aussi longues courses à pied; Marie m'a dit aussi que l'on avait acheté, à Badenweiler, un âne fort bon, qui j'espère vous servira beaucoup pour monter, chercher le bon air, qui fait tant de bien, qui est si fortifiant. Tous mes rêves de mulets sont tombés dans l'eau, car ce sont de vilaines bêtes, très méchantes et souvent impossibles à dompter et avec cela énormes. Je vous remercie tendrement de m'avoir communiqué l'idée que quelques personnes ont conçue pour Léopold, car savez *von welchem Wert alles, was die teuern Geschwister betrifft, für mich ist* (1); mais je ne puis m'empêcher de vous dire qu'elle ne me sourit guère; au fond, je l'ai toujours un peu craint, même. J'y ai pensé bien des fois et je crois même que nous avons déjà parlé ensemble de cela. Sous le rapport de la convenance, de la position, de la fortune, et surtout à cause du souvenir du noble cousin de Grand'Maman, cela ne laisserait rien à désirer. Mais la religion? l'éducation? la mère surtout? et puis, l'alliance avec la Russie, ce sont des considérations bien autrement grandes et saintes, qui avec la meilleure volonté du monde, ne peuvent me le faire désirer. Et puis, chère Maman, je vous demande pardon, mais je pense dans cella aussi un peu à vous et ce n'est pas la belle fille que je puis vous souhaiter. Dieu veuille que le bon L. ne se laisse pas éblouir, car il y a de quoi pour lui; je crains car avec cela on la dit belle. Non, chère Maman, je regarderai toujours

(1) porque vós sabeis o valor que tem para mim tudo o que respeita aos meus caros irmãos.

une alliance avec la Russie pour une des choses les plus fâcheuses, qui puissent arriver à notre famille, les plus nuisibles au rôle qu'elle peut être appelée à jouer un jour et qui consistera à protéger, à élever, à ennoblir des idées qui sont tout à fait le contraire des idées et des intentions de la Russie. *Et puis avant tout, pour que la bénédiction du Ciel reste toujours avec elle, il faut qu'elle reste catholique complètement, sans faiblir.* Pour résister à toutes les influences, auxquelles, dans un pareil cas, l'on ne pourrait échapper, il faudrait un caractère de fer, un caractère éminemment *indépendant.* Chère Maman, je me suis permis de dire tout cela, parce que c'est ma *conviction intime.* Vous êtes convaincue, que je ne souffle mot de tout cela, mais je vous serais reconnaissante, si vous aviez la bonté de me dire ce que vous pensez de l'idée d'ici. Extérieurement, elle est, peut-être, moins avantageuse, mais selon moi préférable, par rapport à un bonheur solide. Je sais par Carola, chère Maman, qu'il n'a vu personne à Dresde, mais cette idée de l'aînée ne lui convient décidément pas; je crois celle de la cadette, oui. Enfin, il faut remettre tout dans la main de Dieu et sous la protection de la St. Vièrge; c'est ce qu'il y a de mieux. Je ne sais si vous avez jamais pensé à la famille d'Orléans; pardonnez-moi d'en parler, car vous le trouverez peut-être indélicat à cause de Grand'Maman; mais enfin cela ne serait, qu'à la dernière extrémité. Ce dont on peut être sûr c'est qu'elles sont fort bien élevées, chrétiennement, dans un excellent esprit de famille, assurément pas gâtées par la fortune, et tout cela sont bien des conditions qui valent que l'on y pense. Cette pensée m'est venue depuis que je suis ici et je me suis promis de vous en parler. En somme, je ne puis que faire un vœu, qui est que Dieu vous guide pour lui, comme Il vous a guidé pour moi. Je sens, ma chère Maman, que tout cela doit vous préoc-

cuper beaucoup; je voudrais pouvoir en causer avec vous, car cela me préoccupe naturellement aussi. Papa est de retour maintenant à la Weinburg; j'espère qu'il jouira bien de son séjour. Il aura visité l'exposition de tableaux à Munich; elle a dû être belle et intéressante. Les lettres qui sont dans la *Allgemeine Zeitung*, par rapport à l'exposition, sont fort mauvaises, à mon avis. Je n'ai pu les lire toutes, pour cela. — Je voudrais savoir si Papa a reçu la lettre dans laquelle je lui parlais de D. Miguel? Il ne m'a jamais rèpondu à ce sujet. J'ai appris ici que la Comtesse de Lavradio était extrêmement miguéliste; elle a même été nommée dame d'honneur, dans le temps, par D. Miguel, pour qui? pour une reine future, probablement; maintenant elle est ma dame d'honneur. Mais son père, qui vit ici, est encore très miguéliste, il ne vient jamais à la cour. Une grande partie de la noblesse l'est encore, mais ils ne sont rien moins que dangereux, bien moins, en tout cas, que les libéraux, qui se sont attachés à la cause de l'empereur et de sa dynastie, qu'ils regardent comme celle de la liberté. Je m'en vais vous quitter maintenant, chère et adorée Maman; c'est en vous baisant tendrement les mains, ainsi qu'à Papa, que je vous prie de me pardonner mon griffonnage. Éternellement Votre tendre, vieille, fidèle fille *Stéph.*

Lisbonne, le 3 Octobre 1858.

XXVII

Ma chère et adorée Maman. — Je vous remercie de tout mon cœur pour la bonne, chère lettre que vous avez eu la bonté de m'écrire de la Weinburg; je suis seulement bien triste de vous savoir souffrante de ces vilains maux de tête. J'en souffre davantage, étant loin

de vous, chère et adorée Maman, ne pouvant être assise auprès de vous dans ces moments.

Quand est-ce que ce bonheur me sera accordé de nouveau? Dieu veuille bientôt, bientôt, c'est mon vœu le plus ardent et c'est le vœu aussi de mon cher Pedro, qui aurait bien aimé vous écrire par cette poste, mais il est accablé d'affaires et fatigué; et écrire une lettre, c'est toujours une *petite affaire* pour lui; il lá recopie toujours deux ou trois fois avant d'en être content; et ceci pour la moindre lettre qu'il écrit. C'est aussi pour cela qu'elles sont toujours si bien écrites. — J'ai enfin trouvé, chère Maman, un bon photographe, ainsi qu'un peintre français qui retouche fort bien, à ce que l'on dit. Je m'en vais donc vous envoyer les photographies de toute la famille, ainsi que des stérioscopes de mes chambres. Mon beau-frère Louis part ces jours-ci pour quelques-unes de nos colonies africaines. Il touchera les îles Açores et ira aussi á Madeira. Je le prie de me rapporter des tables et des petits meubles travaillés là, fort jolis, à ce que l'on dit, car c'est maintenant l'industrie de cette pauvre île, depuis que le vin lui manque complètement. S'ils en sont dignes, je me permettrai de vous les envoyer comme l'industrie d'une partie de notre pays; car, ici, il n'y en a pas encore jusqu'à présent qui soit présentable à l'étranger, du moins, je ne la connais pas. Pedro et moi, nous avons une très grande envie d'aller à Madeira, mais, naturellement, pour le moment, il n'y a pas à y penser; et notre premier voyage doit avoir un autre but, bien autrement beau et attrayant, pour moi surtout. — Depuis que je vous ai écrit, je ne puis rien vous dire de nouveau, si ce n'est que les impressions que l'on recevait dans cet intervalle étaient de nature à attrister plutôt qu'à égayer. D'abord, le 24 Septembre, c'était l'anniversaire du jour de la mort de l'Empereur D. Pedro. Il y avait à l'église St. Vincent un office funèbre, au-

quel toute la cour, le corps diplomatique etc. assiste et après lequel on se rend au caveau, que j'ai vu pour la première fois. Mais je ne puis nier que cela m'a fait une grande impression, en voyant le tombeau de ce souverain entouré de ses vieux compagnons d'armes, tous à tête blanche et qui lui conservent un attachement si fidèle, dont il a dû être bien digne, car il était noble et grand dans ses sentiments et l'on ne peut nier qu'il est mort, le cœur brisé. — L'Impératrice est une noble femme, que j'admire beaucoup, car quand on pense ce qu'elle a gardé de force, de vigueur, d'enthousiasme pour tout ce qui est bien, après tout ce qu'elle a souffert, et dans l'état déplorable de santé dans lequel elle se trouve. Avec cela, elle a tant de perspicacité d'esprit, elle sait si bien ce qu'elle veut, elle est si pratique et tellement simple, qu'à la première vue l'on ne dirait jamais tout ce qu'il y a de grand et de distingué en elle. Dans ce moment, elle est aussi extrêmement tourmentée à cause de ses nièces de Würtemberg. Il paraît que le père agit fort mal; elles avaient une excellente gouvernante catholique, en qui la pauvre comtesse avait beaucoup de confiance, à laquelle elle avait expressement demandé de rester auprès de ses filles. Cette personne continuait donc tout à fait l'éducation dans le même sens que la mère l'avait commencée, et voilà que le comte la fait partir, sans raison aucune, pour mettre auprès d'elles une vieille veuve protestante que l'on dit assez bien; mais enfin ce n'était pas ce qu'il fallait. — La pauvre Impératrice est très tourmentée, ne pouvant rien faire pour ces nièces qu'elle avait voulu adopter et élever. Mais le père ne put consentir à s'en séparer disant qu'il les aimait trop. Elle m'a demandé de vous en parler, de vous les recommander, ajoutant toutefois qu'elle savait bien que vous ne pourriez rien faire pour elles. Mais enfin, elles n'ont personne qui s'intéresse à elles, excepté la

Princesse Luitpold qui, à ce qu'il paraît, est toujours pleine de bonté et de soins pour les pauvres petites. Je me rappelle fort bien les désirs de la pauvre Comtesse de Würtemberg, mais jamais je ne pourrais désirer leur réalisation.

Le reste de la famille est encore à Cintra où ils restent jusqu'au 4 du mois d'Octobre. Je crois que Georges reste jusqu'à la moitié du mois prochain. J'ai écrit à sa mère maintenant, d'abord parceque j'en avais le désir, comme j'aimais tant Marguerite, et puis je l'ai cru convenable, vu les relations de famille qui s'établissent. — Le mariage doit être au mois de Mai, ici. — Chère Maman, j'ai donné à M. Kratz la garniture de boutons, à son jour de fête; il en a été on ne peut plus touché et plus heureux. Il vous écrit aujourd'hui! *Du kennst ja seine Schwerfälligkeit darin* (1); c'est pour cela qu'il ne vous a pas écrit plus tôt. Notre vie d'ici est encore absolument la même. Le matin, jusque vers 10 heures, je reste chez moi, (nous sommes toujours assez paresseux), puis je passe chez Pedro jusqu'à l'heure du déjeuner à 11 heures. Nous déjeunons, maintenant, avec le Roi F. parcequ'il le désire, puis nous allons au salon où je reçois jusqu'à midi. Je rentre alors chez moi, je vois M. Kratz, je lis mes journaux allemands et j'écris jusqu'à 3 heures, heure où nous sortons ensemble, ou, s'il pleut, comme hier et aujourd'hui, je reste chez Pedro, à lire, dessiner ou faire de la musique. Á 7 heures nous dinons; après le diner nous restons plus ou moins longtemps au salon, selon l'intérêt que nous y trouvons. — Á 10 heures et demi, régulièrement, nous allons nous coucher. Les journées passent avec une rapidité incroyable.

Quelquefois aussi Pedro sort seul, quand il a à voir

---

(1) Tu conheces bem a sua falta de habilidade para isso.

quelque chose. Alors je me promène seule sur ma terrasse et dans mon petit jardin, en lisant, méditant et en rêvant aussi, je ne puis le nier, en pensant surtout à vous, chers parents et aux frères ! Je vois le soleil se coucher dans la mer, arriver peu à peu les étoiles et tout cela me fait beaucoup de bien et ce sont des moments que j'aime beaucoup, où je me sens fort heureuse. Ils élèvent l'âme et ils calment le cœur. On se rapproche alors de Dieu et c'est ce qui fait toujours le plus de bien. De tout temps, j'ai eu besoin de ces moments de solitude. — Mais maintenant, chère et adorée Maman, il faut que je vous dise adieu et c'est en vous baisant bien tendrement les mains que je suis éternellement.

Votre vieille, fidèle fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 28 Septembre 1858.

XXVIII

Ma chère et adorée Maman. — Je viens de recevoir votre bonne lettre et je ne puis m'empêcher de vous dire de suite le plaisir immense qu'elle me fait, je vous en remercie de tout mon cœur.

Il y avait longtemps déjà que je n'avais pas eu de vos nouvelles, ou du moins, cela me paraissait long, car enfin, quand on est loin, quand on pense toujours à ceux que l'on aime, on devient un peu exigeant. Je vous remercie de tous les détails que vous avez la bonté de me donner, vous savez de quel prix ils sont pour moi, car je me reporte alors plus facilement en pensées auprès de vous. Ah! si l'on pouvait avoir des ailes pour être transporté en un instant au milieu de ceux que l'on aime! C'est que l'on serait trop heureux, et c'est ce que l'on ne doit pas être sur cette terre. Voilà, chère Maman, le 21 Octobre qui appro-

che, ce plus beau et plus grand jour de fête de famille pour nous tous, puisque c'est votre jour de naissance, l'anniversaire de votre mariage! Il est bien triste d'être loin de vous, de ne pouvoir vous embrasser avec tous mes vœux si ardents, que je ne puis exprimer que par écrit. Mais je célébrerai ce jour en allant à la St. Communion; nous serons réunis devant Dieu, c'est à Lui que j'exprimerai tous les tendres vœux qui remplissent mon cœur. En pensées j'irai avec les frères et Marie, lorsqu'ils viendront vous exprimer les leurs. Que je les envie! — Comme je vois, chère Maman, vous faites de belles courses, ce qui me fait grand plaisir, car j'espère qu'elles vous feront du bien. Papa et les frères seront retournés enchantés, je suis sûre, de leur course à la Scessa Plana; mais quel crève-cœur, quel chagrin cela a dû être pour la pauvre Marie de ne pouvoir les accompagner. La Weinburg est toujours un temps critique pour elle, à cause de la vivacité surtout, car au fond elle l'est pour tous plus ou moins; pour moi elle le fut toujours aussi.

Mais c'est naturel, *ein wenig austoben, schadet glaube ich wirklich nicht* (1) et pour la santé de tous, c'est un temps d'or, chose, qui de nos jours, je crois, surtout où tout se réunit pour affaiblir, le plus tôt possible, la santé morale et physique, est d'un prix inestimable. Puis, ils resteront plus tous des *Naturmenschen* (2); et ce souvenir de leur enfance et de leur jeunesse les accompagnera toujours comme l'un des plus doux, des plus chers, pendant toute leur vie. J'espère, ma bien aimée Maman, que vous avez reçu ma dernière lettre, hier j'en ai écrit une longue à Papa, où je lui parle d'arrangements intérieurs, à laquelle il me

---

(1) espairecer um pouco acho que verdadeiramente nada prejudica.

(2) homens segundo a natureza.

répondra bientôt, j'espère. Si vers le printemps, au mois de Mars ou Avril, M. Rederer pouvait venir ici, j'en serais bien charmée, car je voudrais bien faire faire quelques tableaux, pour vous, chère Maman, et pour Papa, et je crois que M. Rederer les ferait très bien. On dit que le mois de Mars est le plus favorable, car tout est vert alors. Les plus beaux effets de lumière sont maintenant, car l'automne est ici, comme partout ailleurs, le plus beau moment de l'année. Nous nous promenons souvent sur le Tage, ce qui, le soir, est charmant, car le ciel étoilé est admirable ici. C'est au fond ce qu'il y a de plus beau. La comète fait aussi notre admiration. L'état sanitaire de Lisbonne, cette année-ci, a été excellent, l'on a même noté une grande diminution dans le nombre ordinaire des malades; si seulement la santé morale était aussi bonne! C'est une chose plus désirable encore, à mon avis. Du reste, tout est tranquille; *aber für die, die das Gute wahrhaft wünschen, ist der Zustand im Allgemeinen ein sehr unerquicklicher* (1).

Quant à notre intérieur, si les deux caractères principaux s'accordaient mieux, tout serait autre, tout serait beaucoup plus facile, pour moi aussi; mais c'est là le grand écueil où tout, plus ou moins, tout vient se briser. Je vous assure, chère Maman, quand mon b. p. n'est pas là, m. m. est un autre homme, beaucoup plus libre d'esprit et de mouvements, plus aimable aussi pour tout le monde, plus gai. Malgré tout cela, il aime mieux que le p. soit là pour que toute la famille soit réunie. Il est toujours plein de respect et d'égards, ce que l'autre n'est pas beaucoup pour nous. On voit qu'il a été habitué, pendant toute sa vie, à être le maî-

---

(1) mas, para aqueles que desejam verdadeiro bem, a situação em geral é muito pouco satisfatória.

tre, le premier, et il garde, naturellement, ses habitudes dans sa manière d'agir, comme aussi dans ses allures. Il est le père, nous, les enfants. Je le trouve très bien, très respectable ainsi, mail il y a des moments où c'est *très gênant* pour la belle-fille qui devrait être la maîtresse de la maison, le centre de la famille. Mais pour être cela ici, il faudrait sacrifier le calme et l'union de la famille, car au fond je le trouve fort exigeant dans des choses où il n'a pas, à mon avis, le droit le l'être, tandis que dans d'autres, où il pourrait peut-être l'être davantage, il ne l'est pas. Ainsi, nous avons à choîsir entre la paix et l'union, lui sacrifiant souvent les goûts, quelquefois les dehors, peut être aussi les devoirs moins sérieux, moins essentiels (comme ceux de la société), ou bien mettre la paix et l'union en jeu, pour vivre plus agréablement et, ce qui regarde les convenances et les dehors, plus convenablement. Mais, chère Maman, vous direz: devant Dieu et sa conscience, il n'y a pas à douter entre le choix. C'est ce que je trouve aussi. Après cela, je pourrais faire, *wenn ich dafür fähiger, geschickter, geschmeidiger wäre* (1) bien des choses. Je le sens, mais aussi je ne m'en sens pas capable d'un autre côté. Ensuite, pour des torts, je ne doute pas qu'il y en a des deux côtés. Il y a des choses où je ne puis, non-plus, donner raison à m. m.; je crois bien qu'il est quelquefois exagéré dans son esprit de contradiction, tandis qu'il y a des choses où je serais peut être moins pliant. *Aber weisst Du, im Grund hat er doch recht* (2). Puis, je ne lui donnerais pas tort vis-à-vis des autres; mais aussi, je ne me gêne pas du tout de le lui dire, à lui, quand je suis d'un avis contraire au sien, ce qui, du reste, jusqu'à présent, n'est arrivé

---

(1) se eu para isso fôsse mais hábil, mais apta, mais maleável.
(2) Mas tu sabes, no fundo é êle quem tem razão.

que dans de petites choses, des bagatelles; car dans toute chose essentielle nous nous entendons remarquablement bien. Il y a certaines choses que j'aimerais aussi voir autrement dans son caractère, dans ses habitudes, ses manières, et je sais que tous ceux qui l'aiment, qui l'entourent, ont ce désir. Mais vous savez, chère Maman, il y a des *choses* qui sont les conséquences naturelles du caractère *(von der Richtung)* (1); si ces deux points sont autres, c'est tout naturellement que ces *choses* n'existent pas. Par exemple, il n'est pas aimable, surtout pour les dames; mais ce n'est pas un reproche, car c'est la conséquence toute naturelle de son caractère.

Il n'y a absolument que moi pour qui il l'est; et je puis vous assurer qu'alors dans tout ce qu'il dit, il y a tant de cœur surtout, mais aussi beaucoup de poésie et beaucoup de finesse. Mais je sais très bien que le monde, en général, ne le croit pas capable de cela, parceque, dès qu'il est dans un salon, il prend une mine sérieuse, sombre souvent, et ne dit que le strict nécessaire, et, s'il pouvait, il ne parlerait qu'avec moi ou quelques messieurs. Il est, du reste, toujours très poli pour tout le monde, mais comme il est très timide, il n'a pas les allures qui conviennent à un roi. Dans un salon rempli il se place dans un coin pour causer; puis ce sont des conversations sans fin avec une ou quelques personnes seulement auxquelles il a à dire quelque chose.

Vous voyez que tout cela sont des choses que le monde juge sévèrement, car il est si superficiel dans ses jugements, et la société élégante, ici, pour cela, n'est pas très portée pour lui, tandis qu'elle est pour m. b. p. qui en fait tout à fait partie.

---

(1) da educação.

Pour des personnes sérieuses, tous ces petits inconvénients sont des conséquences tout à fait naturelles chez un tout jeune homme du fond d'or d'où elles proviennent.

13 Octobre. Ce n'est qu'aujourd'hui que je puis finir ma lettre. Quand je la relis, je suis toute confuse de vous envoyer ce barbouillage, mais vous, chère Maman, excuserez tout ce que je vous dis. Pardonnez, chère Maman, si Pedro ne vous écrit pas encore, mais, maintenant, il est vraiment accablé d'affaires, cas nous nous trouvons dans une crise ministérielle. Le ministère va changer, c'est toujours un moment terrible pour Pedro, qui est si consciencieux, etc. Ce nouveau ministère, Dieu veuille qu'il soit un peu meilleur! Bientôt ce sera décidé! C'est le Duc de Saldanha qui sera probablement à sa tête! Je ne puis vous dire tout ce que je pense et je sens à ce sujet dans une lettre. Le Duc est un homme fort aimable qui cause très bien, instruit et bon cœur. Mais il faut que je vous dise adieu, car ma lettre ne part plus sans cela. Je vous baise tendrement les mains, ainsi qu'à Papa, et suis éternellement Votre, *Stéph.*

Le 28 Octobre 1858.

XXIX

Chère et adorée Maman. — Je ne sais, au fond, pas bien où vous adresser cette lettre et, pour plus de sûreté, je l'envoie à Düsseldorf, où naturellement on sait où vous êtes. Il y a déjà bien, bien longtemps, que je n'ai plus de vos nouvelles; la dernière lettre que j'ai reçue de vous, chère Maman, était datée du 18 Septembre; j'ai toujours peur, maintenant, qu'il y ait plusieurs lettres qui ont été perdues, car, décidément, celle que Léopold a dû m'écrire de Weinburg l'a été. C'est un sentiment fort désagréable! Je vois par mon journal

de Düsseldorf que Papa est arrivé, le 19 au matin, à Berlin; j'avais bien pensé qu'il s'y rendrait!

Papa doit être content maintenant, car à en juger par les journaux, du moins, l'on respire plus librement maintenant en Prusse. Le contentement et la confiance renaissent dans tous les esprits. Enfin, dans tout cela il y a aussi beaucoup de choses qui impressionnent bien péniblement. Mais cela ne peut être autrement. — Vous voyez par les journaux que nous avons eu aussi à subir un moment critique, ou, au moins, fort désagréable dans cette question avec la France. Mais, Dieu merci, que nous nous en sommes tirés avec honneur et dignité; car au fond l'on ne peut nier que nous étions dans le droit. Mais que peut le faible contre le plus fort, si ce n'est céder.

On l'a donc fait, mais aussi l'on a déclaré que l'on n'accepterait pas la médiation d'une nation étrangère pour désigner la somme, mais que nous la paierions entièrement et complètement, ce qui à mon avis est *eine wahre Beschämung* (1) pour cette grande et puissante nation. Aussi je crois que l'on est très mécontent, au fond, en France, de toute cette affaire. — Le Portugal entier applaudit la décision du gouvernement, ce qui prouve que le sentiment d'honneur existe! — Pour le moment, le ministère reste encore... — Chère Maman, j'ai à vous supplier encore... (2).

---

(1) uma verdadeira vergonha.

(2) Neste ponto vem a seguinte advertência em nota:

« Les rangées de points désignent les passages (omis) concernant le mariage de Pedro, desquels vous avez déjà pris connaissance ».

É o trecho que vem a pág. 405 do livro *D. Pedro V e o seu Reinado*, e que diz assim:

« Je suis vraiment très fachée de tous ces bruits de journaux. Je sais bien que cela arrive, mais on ne dit pas les choses avec tant d'assurance. Imaginez que j'ai déjà reçu des lettres avec compliments sur ce qu'on suppose être et qui n'est pas. Hier

Nous attendons dans quelques jours l'arrivée d'Alfred, d'Angleterre; je me réjouis de l'avoir ici. Je vous dis adieu, maintenant, chère et adorée Maman, car il est bientôt l'heure du diner. Je vous baise tendrement les mains et suis éternellement, chère Maman,—Votre tendre, vieille, fidèle fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 28 Octobre 1858.

XXX

Ma chère et adorée et bien aimée Maman.—Il faut que je vous dise de suite le plaisir que m'a causé votre chère, bonne lettre du 18 Octobre que je viens de recevoir; je vous en remercie mille et mille fois. Hier au soir, aussi j'ai reçú la lettre que vous m'aviez écrite le 21 Septembre; elle s'était égarée et était allée, je ne sais où, en Espagne, et c'est un bonheur encore qu'elle soit revenue au Consul de Nantes. Je vous en remercie aussi bien tendrement.

Quelques instants avant, j'en avais reçu une de Papa du 22 Octobre, qui m'a fait un grand plaisir. Quoique cela fût un grand sacrifice de ne pas être près de vous, à la Weinburg, le 21, il est bien bon qu'il ait été à Berlin, près du régent, dans ce moment décisif!

---

une lettre de Hortense, où elle m'en parle comme d'une chose tout à fait décidée.

« Du reste il y a déjà trois mois que tous ces bruits courent à Lisbonne, mais tout à fait sans fondement. Pedro et moi, nous ne pouvons nous empêcher de rire de l'impatience qu'on a de voir arriver une augmentation dans notre famille.

« J'espère de tout mon cœur que Dieu nous accordera ce bonheur, cette bénédiction, mais jusqu'à présent il n'en n'est pas encore question. Ces bruits de journaux m'ont surtout été désagréables, pensant à vous, chère Maman, qui aurez été accablée de questions et vous n'aurez aimé à répondre non ».

J'espère, chère Maman, que vous avez reçu la lettre de Pedro du 18, de ce mois, avec une pour Papa et pour Léopold. C'est la cinquième lettre que je vous écris, ce mois-ci; je vous le dis seulement pour que vous sachiez si vous avez reçu toutes mes lettres, car dans les derniers temps il y a cependant eu quelques désordres dans notre correspondance. Nous avons celébré hier le jour de naissance du roi Ferdinand. Ce sont des jours de gala fort ennuyeux; d'abord réception et baise-main de tout le service, de l'administration, de tous les employés de la maison, (et Dieu sait qu'il y en a!) dans les corridors, quand nous nous dirigeons vers la salle à manger pour le déjeuner. Puis, la messe n'est qu'entre midi et 1 heure (ce qui fait toujours mon désespoir). Nous commençons à faire notre toilette lorsque tout le monde est déjà là. Puis, il y a la réception du corps diplomatique, chose fort désagréable, surtout quand elle se répète aussi souvent. Après cela, baise-main pour les Portugais masculins. Le monde féminin ne paraît jamais en ces jours. Le soir, il y a théatre paré. — L'harmonie la plus complète règne maintenant dans notre intérieur; Dieu merci! Le roi F. est toujours excellent pour moi, surtout depuis quelque temps, et il a de bien excellentes qualités. Un cœur excellent *und ein, wie man zu sagen pflegt, prächtiges Gemüth* (1), heureusement, nous sommes tous dans les meilleurs rapports possibles. Dieu veuille que cela dure ainsi!

Le soir, maintenant, nous restons, pour l'ordinaire, tous au salon, excepté le roi-père, jusqu'au moment où mes belles-sœurs et beaux-frères vont se coucher, nous faisons des petits jeux et Pedro aime beaucoup le jeu des questions et des réponses, qu'il joue aussi à mer-

---

(1) e um, como se costuma dizer, espírito magnífico.

veille; il fait des réponses qui vous plairaient beaucoup et je pense toujours à vous, alors. Je les ai aussi gardées pour vous, pour lorsque vous viendrez, bien-aimée Maman. Louis n'est pas de retour encore de son voyage maritime.

Grand'Maman Catherine m'a aussi écrit et envoyé différentes petites choses et ouvrages de son couvent pour notre nouveau Nonce. Je ne puis vous dire combien la lettre que Charles m'a écrite m'a touchée; elle est la simple expression de tout son être et ce n'est pas sans rendre grâces à Dieu et sans émotion que je me dis souvent et que je suis heureuse de vous le dire: *es ist wahrhaft ein goldenes Gemüt; so rein, so frisch, so nür für das Schönste und Reinste in der Schöpfung offene Gemüt, ohne auch nur die geringste Ahnung von seinem Werthe zu haben* (1). — Avec cela, tant de cœur, et il est tout cela, tout bonnement, tout simplement, parcequ'il ne peut être autrement. Tout cela est encore un peu caché *unter einer etwas ungeschickten, ungehobelten Hülle* (2), mais je crois qu'il n'y a pas de mal à cela, car cela se conservera plus longtemps intact et aussi pur. J'espère bien que lorsque Papa viendra ici, il l'amenera. Pedro le désire beaucoup aussi. — Je suis curieuse de savoir les impressions de voyage de mon bon Toni; est ce que vous en êtes contente? — Bibi est-il encore Bibi? Il a déjà 15 ans! Je ne puis vous dire combien je désire surtout aussi revoir Marie; outre tous les sentiments naturels pour une sœur, et surtout pour une sœur comme elle, son developpement intellectuel m'intéresse (beaucoup) tant! À

---

(1) é verdadeiramente um coração de ouro; tão puro, tão fresco, coração tão aberto só para os lados belos e puros da natureza, e sem ter a menor idea do seu valor.

(2) um pouco oculto debaixo de um invólucro desageitado e grosseiro.

propos de ce que vous me parlez dans votre lettre pour Léopold, je ne puis que vous dire cela, qu'ici il est aimé et regardé tout à fait comme un membre de la famille. Pedro auquel j'ai dit que j'aimerais bien (mais, bien-entendu, je n'ai parlé que de moi) que ces liens se resserrassent encore davantage par... (1) me répondit qu'il était convaincu que sa sœur ne demanderait pas mieux, car elle garde un souvenir tendre de son compagnon de jeu, ce que L. était ici. Je vous dis cela pour que vous le sachiez. Je suis vraiment très fâchée de...

Le temps est admirable; c'est vraiment le plus beau moment que j'ai passé à Lisbonne. Tous les champs qui étaient déjà jaunes lorsque je suis arrivée, commencent à verdir, les arbres ont encore toutes leurs feuilles, la végétation est seulement rafraîchie par les pluies, le ciel est du beau bleu; il ne fait ni chaud ni froid. C'est comme les belles journées de printemps en Allemagne. Venez, chère et adorée Maman, le plus tôt possible et restez avec nous le plus longtemps possible!

Je sais bien quel est le moment que vous avez choisi pour venir, mais enfin s'il tardait encore trop, il faudrait cependant que vous veniez plus tôt. Pensez vous rester tout l'hiver à Düsseldorf? Je regrette infiniment que M. Böger soit nommé définitivement médecin du roi. J'aurais mieux aimé le voir près de vous. N'est-ce pas, vous me dites qui est votre médecin maintenant. J'ai vu avec peine que le bon Schadow a eu une rechute. Cela m'afflige beaucoup; n'est-ce pas, vous aurez la bonté de lui dire mille choses affectueuses de ma part. Je vous prie aussi de ne pas m'oublier près du Père Wilmers, que je prie de penser au Portugal

---

(1) «Rangée de points faite par Sa Majesté la Reine». *(Nota do Arquivo de Sigmaringen)*.

dans ses prières, car Dieu sait ce qui nous est encore réservé sous le rapport de la religion! Je vous prie, chère Maman, de me dire aussi, si vous avez reçu ma lettre du 12 de ce mois, sous l'adresse de Mad. d'Esebeck: *es ist mir wichtig, zu wissen* (1). Je pense envoyer par ce bateau-ci la couverture dont je vous ai parlé. Je ne sais seulement pas encore comment cela sera avec la douane. Les photographies n'ont pu être faites encore à cause de la pluie. Ici nous ne pouvons aller dans l'atelier des photographes; il est obligé, alors, de les faire au jardin ici. — J'ai commandé aussi des fruits confits et des vins du pays, mais vous savez, tout va lentement; *tudo vai muito devagar*. Les *tangerinas* ne sont pas mûres avant le mois de Janvier. Mais maintenant il faut que je vous quitte, adorée Maman, c'est avec les tendres compliments de Pedro et en vous baisant tendrement les mains, que je suis éternellement, adorée Maman — Votre tendre et fidèle fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 30 Octobre.

XXXI

(Lettre sans date, probablement du 21 Octobre 1858) (2).

Ma bien aimée, adorée Maman. — Ce matin, j'ai été à la St.[e] Communion, et j'ai bien prié le bon Dieu qu'il répande toutes ses bénédictions sur vous d'abord, puis sur Papa et tous les chers frères; c'était une grande consolation, étant loin de vous en ce jour, la plus belle et la plus chère des fètes de famille, depuis bien longtemps, pour nous tous. — Chère Maman, je n'essaye pas de vous exprimer tous mes vœux, car je ne le pour-

---

(1) é para mim importante saber.
(2) Nota do Arquivo de Sigmaringen.

rais pas, mais je sais que vous me comprenez, que vous sentez et que vous connaissez la tendresse, l'amour qui les dicte. C'était une pensée consolante pour moi aujourd'hui, que celle que, quoique loin de vous, j'avais cependant ma place au milieu de vous, que, certainement, vous n'avez pas oubliée. — Par une lettre de ma chère Marie, que j'ai reçue hier, j'ai, heureusement, su quels étaient les projets pour aujourd'hui et j'ai pu prendre part, en pensée, à tout ce qui a dù se faire. J'espère que tout aura réussi, selon le désir de tous. Voilà, malheureusement, le moment *der Auflösung der Weinburggesellschaft* (1) qui approche et je le regrette bien pour vous, car j'ai su avec joie, par les lettres, que le séjour vous fait du bien. J'ai enfin trouvé, à mon plaisir, une de ces couvertures, comme vous en désirez une, chère Maman. Elle est belle, c'est le roi José I qui la donna à une famille, qui l'a gardée jusqu'à présent avec le plus grand soin, et elle n'a servi qu'une seule fois pour couvrir un lit, un jour de mariage. Je crois que l'on pourra s'en servir comme portière. Je l'enverrai, un de ces jours, à Düsseldorf. Vous voyez par les journaux, que nous ne sommes pas dans la situation politique la plùs agréable, pour le moment; c'est triste quand on est petit et faible et qu'il faille ceder à la force, dans une chose où l'on a, au fond, cependant le droit et la justice de son côté. — Georges de Saxe est parti, le 19 de ce mois; il reviendra vers le mois de Mai, époque du mariage; j'ai reçu une très bonne lettre de la pauvre reine de Saxe, *mais bien triste*, en réponse de celle que je lui avais écrite après la mort de la pauvre Marguerite.

Georges, avec lequel j'ai plus causé, dans les derniers temps, m'a touchée par la manière dont il me par-

---

(1) do desmanchar da sociedade de Weinburg.

lait de Carola et d'Albert, pour lequel il n'a pas seulement une tendresse très grande, mais une véritable admiration. Puis il a parlé avec tant de cœur *und mit so viel Gerechtigkeit und Wahrheit* de Tante Louise; *es ist wirklich erhebend und unendlich trostreich, wie rein und schön ihr Andenken nun da steht* (1) J'ai appris, chère Maman, par les Français qui sont ici, que Grand'Maman compte passer l'hiver à Canes et puis à Pau. Je n'ai plus jamais reçu de lettre de Grand'Maman depuis que je l'ai quittée à Ostende, si ce n'est un mot de recommandation pour un M. de Surville, commandant d'un bâtiment à vapeur de guerre, qui me l'a apportée et pour lequel je n'ai, malheureusement, rien pu faire, puisqu'ici l'on ne donne pas, ordinairement, de diners auxquels on puisse inviter les étrangers, ce que je regrette beaucoup. (En général, sous ce rapport, il y a bien des choses qui devraient être autres.) J'ai vu ce Monsieur qui est allié à la famille Beauharnais et qui est à merveille; je lui ai fait exprimer mes regrets de ne rien pouvoir faire de plus pour lui (ce qui d'ailleurs, maintenant, serait tout à fait impossible), par mon Grand-Maître, qui doit lui faire les honneurs de la ville, duquel, du reste, il est l'ami intime. Mon Grand-Maître est un homme très aimable, que je suis ravie de posséder. Il a beaucoup connu la reine Hortense, lors de son séjour à Rome, l'Empereur et son frère; et il a même vu plusieurs fois la mère de l'Emp. Nap., M.me Létizia. Il est très bien pensant, très religieux et très estimé; il a un des premiers et des plus agréables salons de Lisbonne; pour les étrangers surtout.—Lui et tous mes amis, le Duc et la Duchesse de Terceira, le Vicomte de Car-

(1) e com tanta justiça e verdade de T. L.; é verdadeiramente animador e infinitamente consolador notar como a recordação dela se mantém agora ali assim formosa e pura.

reira, sont venus, aujourd'hui, en grand uniforme, décorés de leur ordres prussiens, de même, M. Santa Quiteria, me féliciter pour la fête, ce qui m'a fait un grand plaisir. Enfin, nous sommes tous beaucoup plus ensemble et, le soir, très souvent maintenant, nous faisons au salon, avec ces messieurs et dames, des petits jeux, pour amuser les enfants, qui en sont joyeux au possible, car les pauvres ont peu de distractions. Depuis quelques jours, il pleut beaucoup, ce qui est très triste, mais ici tout est encore frais et vert comme lorsque je suis arrivée. Les arbres ont encore toutes leurs feuilles, et toutes vertes comme au commencement de l'été. Il est 11 heures et demie du soir, et le pauvre Pedro est encore occupé avec son conseil d'État (*um wenig oder nichts auszurichten* (1), bien entendu); c'est vraiment terrible, mais ne pouvant l'aider, je m'en vais aller me coucher, m'étant levée de bonne heure et je vous dis donc bonsoir, et adieu, mon adorée Maman, vous baisant la main, bien tendrement, vous embrassant de tout mon cœur, ainsi que Papa, étant toujours, éternellement — Votre tendre et fidèle fille, *Stéphanie.*

P. S. — J'espère que vous avez reçu ma dernière lettre que j'ai fait partir par le bateau de Nantes du 14; je crains qu'il n'y ait des lettres qui se perdent.

XXXII

Ma chère et adorée Maman. — Aujourd'hui je ne vous écris que deux mots pour vous donner de nos nouvelles, car je compte vous écrire une longue lettre par M. de S. Quiteria qui part d'ici le 19 et qui vous

(1) para pouco ou nada se aproveitar.

apportera aussi une caisse avec différents objets. Nous allons tous bien, excepté quelques petits rhumes, inévitables dans cette saison-ci. Hier matin, j'ai été réveillée par un tremblement de terre, qui a duré 22 secondes. Personne ne peut se rappeler d'en avoir jamais ressenti un aussi fort; aussi tout le monde est en émoi encore. C'est presque toujours au mois de Novembre qu'il y a un tremblement de terre ici. Depuis deux jours il fait un temps épouvantable, de la pluie et un orage horrible. Je viens de recevoir, chère Maman, votre lettre du 31 Octobre et celle du 2 Novembre. Je vous en remercie tendrement. Je suis toujours si heureuse quand je reçois de vos nouvelles. Je ne vous ai pas remercié encore pour votre chère lettre du 21 et du 23, qui m'a rendue bien heureuse; vous êtes toujours si bonne pour moi! *Mit der grössten Spannung verfolge ich die Nachrichten aus Berlin* (1), mais je ne puis croire à tous ces bruits de journaux qui font Papa président du conseil sans portefeuille; je ne puis guère le désirer, car je ne sais pas *(ich finde es auch nicht sehr passend)* (2) pour un Prince appartenant à la maison Royale; enfin je ne puis pas en juger, ce n'est qu'un sentiment mal raisonné, peut-être. Oui, chère Maman, *Gott schütze den lieben Papa!* (3). Depuis 6 jours nous avons Alfred d'Angleterre chez nous, ce qui me fait un grand plaisir, car je l'aime vraiment beaucoup. Nous avons visité son bâtiment, où il est traité absolument comme tous les autres *Midshipmen* (4). Il couche dans un simple hamac, suspendu au plafond, comme tous les matelots, et dans la même place qu'eux. Je vous quitte, chère Maman, pour

---

(1) Com a maior atenção sigo eu as notícias de Berlim.
(2) eu também não acho isso muito próprio.
(3) Deus proteja o querido papá.
(4) Guarda-marinha.

aujourd'hui avec les tendres et respectueux compliments de Pedro. Je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéphanie.*

Le 12 Novembre.

XXXIII

Lettre sans date, probablement la suivante (1).

Ma chère et bien aimée Maman. — Je vous prie d'accepter la couverture annoncée depuis si longtemps, mais qu'il ne m'a pas été possible d'envoyer plus tôt. J'y ai joint un châle chinois que j'ose vous demander, n'est-ce pas, de porter quelquefois en pensant à moi; c'est un produit chinois et, vous savez, que je suis aussi reine en Chine, à Makao; j'y joins un pour Marie dont elle pourra se servir plus tard et un pour Carola, que je vous demanderai, chère et bonne Maman, de bien vouloir lui faire parvenir. Puis, il y a dans la caisse trois éventails, et vous seriez *bien-bonne*, ma chère Maman, si vous vouliez bien les donner à Thérèse, à Elisabeth Solms et à M.lle de Lindheim, de ma part. Puis, il y a un plateau en laque et deux livres pour Marie. L'histoire de S.te Elisabeth, vous ne lui permettrez probablement pas encore de la lire, mais cela sera pour plus tard. Je lui envoie une petite somme pour ses visites aux pauvres, dont elle s'occupera probablement beaucoup cet hiver. Si elle pouvait amener quelquefois Thérèse et lui donner un intérêt de ce genre. J'ai encore fait placer dans la caisse un bracelet que je veux donner à la bonne M.me de Massenbach; est-ce que j'ose vous prier d'avoir la bonté de le lui faire parvenir? Peut-être que Marie se chargerait de le lui donner de ma part. Je vous demande

(1) Nota do Arquivo de Sigmaringen.

bien pardon, ma chère Maman, de vous ennuyer avec toutes ces choses. J'ai encore une jolie boîte à thé chinoise que, malheureusement, je n'ai plus pu mettre dans la caisse, mais je l'enverrai par la prochaine occasion (avec des fruits confits que l'on fait très bien ici) et j'espère que l'on s'en servira tous les soirs au thé, que je regrette et auquel je pense souvent. *Es war doch sehr gemüthlich* (1); et votre souper auquel j'assistais et pendant lequel nous avions de longues causeries et quand je pouvais être à genoux devant vous, avec ma tête appuyée sur votre cœur, j'étais bien heureuse alors! Mais tout cela pourra se retrouver le jour où vous serez ici, mon adorée Maman! *Wir wollen da ein recht gemüthliches Leben zusammen führen und uns nicht stören lassen, durch Nichts* (2). Mais pour cela venez, venez bientôt, le plus tôt possible.

XXXIV

Ma chère et adorée Maman. — Depuis ce matin, le pauvre Pedro est au lit avec la rougeole; mais Dieu merci, elle est très légère et sort très bien, de sorte que je n'en vois déjà que le bon côté; car déjà depuis quelque temps il avait un malaise général, mais tout à fait insuffisant pour faire qu'il se soignât ou qu'il prenne garde à soi, en quoi que cela soit. Ni sa vie sédentaire, ni son régime sont bons pour sa santé, qui demande cependant un peu d'attention, car il souffre souvent de l'estomac, ce qui, comme il le dit lui-même, a toujours une grande influence sur son humeur. Mais maintenant il est obligé de se soigner une fois bien

---

(1) Isso era na verdade tão agradável.

(2) Havemos de levar então juntos uma agradável vida e não nos deixaremos incomodar por coisa alguma.

gründlich (1) et j'espère que cela lui fera beaucoup de bien. Il n'a presque pas de fièvre et pas de malaise, du reste, il a déjà eu la rougeole, il y a quatre ans, et il est possible que cette fois-ci cela ne soit qu'un, ce que nous nommons, *starken Friesel* (2), que nous tous avons eu plusieurs fois. Je suis, naturellement, toujours auprès de lui, mais les frères et sœurs n'ont pas la permission de venir le voir. *Man ist sehr ängstlich hier im Allgemeinen. Bei der kleinsten Erkältung pflegt man sich schon* (3). Moi, je suis, *unberufen!* (4) Dieu merci, très bien. Les dernières nouvelles que j'ai eues de vous, chère Maman, étaient du 3 Novembre; dans le journal j'ai vu que vous étiez arrivée à Mannheim et que Grand'Maman avait fait une chute dans sa chambre, dont les suites, quoique heureusement sans conséquences, l'avaient empêchée d'assister au mariage de Sophie de Bade. Maintenant vous devez être à Berlin, d'après les nouvelles que j'ai de Léopold et de Charles (5). Chère Maman, je n'ai pas de lettre encore de Papa depuis la grande décision qu'il a prise, mais, *ich bin ganz vollkommen mit diesem Schritte versöhnt* (6). Ce n'est qu'en jugeant avec une certaine frivolité que l'on peut ne pas l'être. Car enfin c'est une décision noble, c'est un sacrifice à l'amour de la patrie, et à l'amitié pour le Prince régent; c'est un acte qui a été accueilli, unanimement, avec joie par la nation et par l'Allemagne toute entière, et la Prusse en saura toujours gré à Papa et gré justement à cause des petites diffi-

(1) fundamentalmente.

(2) escarlatina.

(3) Aqui é-se muito cuidadoso, em geral. A mais pequena constipação, começam logo os cuidados.

(4) o diabo seja surdo.

(5) Irmão de Estefânia, mais tarde rei da Roménia.

(6) eu estou inteiramente reconciliada com êsse passo.

cultés et des désagréments de position auxquels Papa n'a pas hésité de s'exposer, dans l'espoir d'être utile à son pays. Et il le lui sera, le lui a déjà été; car qui sait, si, sans lui, tout aurait tourné comme cela a tourné; *und es ist wirklich mit einem Gefühl von Freude, innerem Wohlbehagen, und des festesten Vertrauens, mit dem man jetzt auf Preussen blickt* (1). Je crois que c'est un vrai bonheur de faire partie de cette nation. Chère Maman, est-ce que je ne connais pas cette M.lle d'Eynatten? J'espère qu'elle vous sera agréable et qu'elle sera aussi de ressource pour Marie. Je voudrais, maintenant, doublement, être auprès de vous, pour partager votre solitude. Ecrivez-moi, chère Maman, *auch über Deine Stimmung, Du weisst ja, dass Dich niemand besser verstehen und mehr mit Dir Alles fühlen kann, als wie Dein Kind* (2). Parlez-moi de tout ce qui vous occupe et vous préoccupe; vous me rendrez heureuse, nous vivrons ainsi toujours ensemble. Je sais ce que c'est que l'hiver à Düsseldorf sans Papa. Je voudrais beaucoup vous envoyer M. Kratz pour qu'il vous apporte de nos nouvelles et m'en rapporte des vôtres bien détaillées; pour qu'il cause avec vous, vous mette bien au fait de tout, demande vos conseils dont j'ai si besoin pour une quantité de choses. J'en ai déjà demandé la permission à Papa, qui ne m'a pas encore répondu à ce sujet; lui n'aura pas le temps de s'occuper du bon Kratz, mais vous, cependant, chère Maman, je l'espère. Ce bon Kratz, *comme je suis heureuse* de l'avoir; je ne sais vraiment pas ce que je serais

---

(1) e é verdadeiramente com um sentimento de alegria e de íntimo bem estar e com a maior confiança, que se olha agora para a Prússia.

(2) ... também sôbre a tua disposição. Tu sabes bem que ninguém pode melhor compreender-te nem mais sentir tudo contigo, do que a tua filha.

devenue sans lui. Mais c'est ce dont vous ne pourrez juger que lorsque vous serez bien au fait et au courant de tout. Il faut gagner son terrain *und seinen Einfluss Schritt für Schritt; es ist gar nicht so leicht, wie ich es mir vorgestellt hatte* (1). Les difficultés et les misères de la vie ne nous restent point inconnues dans cette position que l'on croit si aisément à l'abri des *misères*.

Je viens de recevoir une lettre de tante Marie, du 3 Octobre; je ne comprends pas où elle est restée si longtemps en chemin. Elle se plaint un peu de sa santé, mais elle ne veut pas retourner dans le midi, à ce qu'elle dit, à son grand contentement. A présent elle aura à Londres une relation fort agréable pour elle, celle de Marie de Linanges. Je vous dis adieu maintenant, ma chère et adorée Maman; je vous écris établie dans la chambre où Pedro est couché et où il dort maintenant, ce qu'il y a de mieux quand on est malade. Je lui ai fait la lecture, la plus grande partie de la journée. Il n'a que moi pour l'entretenir, les frères n'osant venir le voir. Son père est venu le voir, trois fois, mais sans rester, naturellement. Je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre vieille fille, *Stéph.*

Le temps est affreux, du brouillard, des pluies torrentielles, des orages et des ouragans; il faut bien que nous ayons aussi notre hiver.

Lisbonne, le 22 Nov. 58.

XXXV

Ma chère et adorée Maman. — Deux lignes pour vous donner des nouvelles du bon Pedro qui me charge de

---

(1) ... e a sua influência passo a passo, porque isso não é tão fácil como se me tinha afigurado.

mille tendres compliments pour vous. Il va, Dieu merci, très bien; aujourd'hui même, il est levé sans oser, toutefois, sortir de la chambre à coucher. Je crois que cela n'était pas la rougeole, mais un fort *Friesel* (1). Moi, je me porte très bien, *unberufen!* (2), quoique je sois continuellement autour de lui. Je lui fais la lecture: portraits politiques de M. de Guizot et des contes de fées de Brentano; puis je lui raconte une quantité de choses, enfin je tâche de lui faire passer le temps le mieux possible, ce qui n'est pas difficile, *denn bei seinen so grossen Ernst, hat er doch ein kindliches Gemüt, welches sich mit Wenigem unterhält* (3).

Le temps est affreux, des pluies, comme je n'en ai jamais vues, des ouragans et des orages. J'ai vu dans le journal de Düsseldorf que vous y êtes arrivés le 17, au soir. J'espère qne j'aurai bientôt de vos nouvelles. Adieu maintenant, chère et adorée Maman, je vous baise tendrement les mains et suis — Votre vieille, fidèle fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 25 Nov. 1858.

XXXVI

Ma chère et adorée Maman. — Je suis très triste de ne plus recevoir de nouvelles du tout; la dernière lettre que j'ai reçue de vous, ma chère Maman, était encore de la Weinburg. De Marie qui, ordinairement, m'écrit si régulièrement, je n'ai plus eu de lettre depuis la fin du mois d'Octobre; de Papa, plus depuis le 21 Octobre; d'Anton, je ne parle pas du tout car je crois qu'il ne

---

(1) Ataque de escarlatina.

(2) ... o diabo seja surdo.

(3) porque, dado o seu carácter sizudo, êle tem uma índole infantil que lhe permite entreter-se com pequenas coisas.

m'a plus écrit depuis le mois d'Août. J'ai eu hier une longue lettre de M.me d'Esebeck qui me donne tous les détails de sa visite à Mannheim. Elle me dit que vous y êtes arrivée avec une forte migraine et que Grand'Maman allait assez bien. Par le journal j'ai su que le 19 vous avez donné, comme d'habitude, le grand goûter aux pauvres enfants de l'école Bücheler. Tout m'intéresse, les plus petits détails. Ici tout va bien; Pedro est rétabli et se porte beaucoup mieux qu'auparavant. Il prétend même qu'il a repris courage et espoir pour une quantité de choses desquelles il désespérait avant. Il est bien de l'avis que la santé a une influence énorme sur la disposition morale. Moi, je ne suis pas pleine d'espoir; aussitôt que j'aurai une occasion sûre (Dieu sait quand M. de Santa Quiteria partira!) je vous écrirai une longue lettre pour vous dire tout, mes impressions, mes craintes, mes découragements à l'égard de P. Peut-être que je me trompe, mais enfin, vous me le direz si vous les trouvez exagérés. Vous me parlez de la formation d'un salon, mais, chère Maman, pour le moment c'est vraiment une chose impossible. Je vous en parlerai aussi en détails dans cette lettre que j'espère vous écrire bientôt. La première des difficultés est que Pedro déteste le salon. Voilá le *Christkind* (1) qui approche et sûrement que vous êtes déjà fort occupée de tous les arrangements. Je voudrais, comme toujours, pouvoir vous aider un peu, du moins courir un peu pour vous. Le soir du Christkind sera triste pour moi, mais en pensées je serai au milieu de vous tous. J'espère que, dans quelques années, ce soir aura aussi un intérêt pour moi. Nous avons un temps affreux, des pluies torrentielles et des ouragans terribles, où nous sommes très inquiets pour une de mes dames, la pauvre Maria

---

(1) Natal.

das Dores, que vous connaissez, qui est partie pour Madère, il y a près de 4 semaines, avec un frère mourant de la poitrine et nous n'avons pas de nouvelles (1). Dieu veuille, qu'elle n'ait pas trop souffert! Mais, en tout cas, elle a été ballotée 3 semaines sur mer, par ce temps, et c'est un voyage qu'avec un bon vent on fait en 2 ou 3 jours. Ma chère et bonne Maman, je vous dis adieu maintenant; j'espère que vous avez reçu mes lettres, je ne vous ai écrit que 3 fois le mois dernier, toujours à Düsseldorf. Je vous baise bien tendrement les mains, adorée Maman, et suis éternellement — Votre fidèle et tendre fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 1 Décembre 1858.

XXXVII

Ma bien aimée, et adorée Maman.— C'est aujourd'hui le 15, jour qui a bien des souvenirs pour nous, heureux *und doch auch ein wenig wehmütig* (2); tout ce temps-ci l'est pour moi et la fête de Noël le sera surtout! Avant tout, ma bien aimée Maman, laissez-moi vous remercier de tout mon cœur pour les bonnes let-

---

(1) D. Estefânia teve por camareira-mór a D. Maria Ana Luísa Filomena de Mendoça e Moura Barreto, duqueza da Terceira.

Foram também damas, D. Maria das Dores de Sousa Coutinho; D. Henriqueta Dyenhausen e D. Gabriela de Sousa Coutinho, filha do conde de Linhares.

Damas honorárias: duqueza de Saldanha, de Palmela, as Marquezas de Fronteira, de Pombal D. Margarida, das Minas, de Valada D. Maria Isabel. As condessas da Tôrre, Anadia D. Maria Joana, de Linhares, de Lumiares D. Luísa, de Farrobo D. Eugénia, D. Maria Leonor de Melo, de Penamacôr, das Galveias, das Alcáçovas D. Teresa, de Vila Real, do Rio Maior, da Ponte, do Sobral, de Murça, de Belmonte, de Vale de Reis, a viscondessa de Asseca D. Mariana.

A marqueza do Ficalho também foi dama honorária.

(2) ... e contudo também um pouco triste.

tres que vous m'avez écrites et qui m'ont rendue bien heureuse attendu que j'étais restée un mois sans en recevoir. Et la lettre, que vous me dites avoir écrite de Mannheim et envoyée de Düsseldorf, je ne l'ai pas reçue! J'ai reçu celles du 26 Nov. et du 2 Déc. ainsi que je vous l'ai télégraphié hier. Il y a, depuis quelque temps, un désordre vraiment désolant dans la poste. Des lettres que je n'ai reçues qu'après deux mois, d'autres perdues! Le mois dernier je ne vous ai écrit que trois fois, et ce mois-ci cela n'est que ma seconde lettre. Si seulement je pouvais voler à Düsseldorf, vous tenir compagnie dans vos heures de solitude! Comme c'est triste d'être loin de vous maintenant justement, chère et adorée Maman. C'est une consolation bien grande pour moi de pouvoir vous envoyer le bon Kratz, car, moi aussi, cela me fait croire que la distance entre Lisbonne et Düsseldorf n'est pas si grande. A son égard j'ai une prière à vous faire, qui est de bien le faire, ou plutôt le laisser parler, si même pour cela il commence à la création du monde. J'ai remarqué que ce n'est qu'alors qu'il raconte bien et en détails et avec une clarté vraiment admirable. Il pourra vous parler de tout, tout, car il est au fait et au courant de tout. Chère Maman, vous le garderez à Düsseldorf autant que vous le voudrez; de là il ira à Mannheim et à Bâle, chez son frère, et reviendra à Düsseldorf reprendre vos ordres pour revenir ici, par Paris. Pour moi cela sera un beau jour que celui de son retour! Il me manquera sous tous les rapports, car il est, au fond, une vraie perle que vous m'avez donnée. Aujourd'hui nous avons eu une fête, à la S.te Vièrge, faite par une congrégation de toutes les femmes et demoiselles nobles de Lisbonne et environs, dont la reine est la patronne. Elle date de l'année 1640, l'année de l'affranchissement du joug espagnol et de l'élévation de la maison de Bragance sur le trône de

Portugal. Le 27 du mois nous allons passer 2 jours à la campagne, chez le Duc et la Duchesse de Terceira, ce dont je me réjouis beaucoup, parceque je les aime tous deux beaucoup. M. Kratz saura bien vous parler de leurs avantages et leurs qualités. Après demain Pedro part, pour quelques jours, avec son père et tous ses frères, pour aller chasser. Il a une véritable passion de chasse; c'est au fond la seule chose qui l'amuse. J'en suis contente, parceque c'est bon pour sa santé! Il va maintenant bien; en général, on le trouve beaucoup mieux et beaucoup plus gai depuis son mariage; il est devenu aussi beaucoup plus allant. Il me charge de mille tendres compliments pour vous, ma chère Maman; moi, je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéph.*

Vous êtes si bonne, chère Maman, de vouloir que je vous envoie mon *Wunschzettel* (1); je vous en remercie de tout mon cœur et le joins à ma lettre avec beaucoup de plaisir. Ma dame d'honneur, dont je vous parlais dans ma dernière lettre, est enfin, après 22 jours de voyage, heureusement arrivée à Madère.

15 Décembre 1858.

XXXVIII

Ma chère et adorée Maman. — Je tiens à vous écrire d'ici, de chez le bon Duc de Terceira, chez lequel nous sommes depuis ce matin. C'est une maison de campagne fort bien arrangée, assez joliment située en remontant le Tage vers Santarem. Ce matin, à 8 heures, nous sommes partis de Lisbonne, en chemin de fer, (la première fois en Portugal) et à 9 heures nous

---

(1) Relação de desejos.

étions ici, où les gens de la campagne nous ont fait une réception charmante, très champêtre, *aber ungemein herzlich* (1). La maison du Duc est fort bien arrangée, un peu à l'anglaise, et puis ils sont si bons, le Duc et la Duchesse, si excellents, qu'il faut se bien trouver chez eux. Pedro est parti tout de suite pour la chasse avec Louis et Jean; moi, je me suis promenée avec la Duchesse dans le jardin, qui est charmant et maintenant je vais faire une promenade en voiture, si le temps le permet. Le 23 mes lettres pour Düsseldorf que M. de Quiteria a emportées étaient à peine fermées, lorsque Pedro vint m'apporter la nouvelle, si affreusement triste, de la mort de la pauvre Comtesse de Lavradio. J'en suis bien, bien triste et j'ai pensé de suite à vous, ma chère Maman, sachant combien vous partageriez mes sentiments. C'est un bien grand malheur pour le pauvre Comte, pour qui elle était tout, et pour toute sa nombreuse famille, dont, par son caractère, elle était le centre; et c'est bien triste pour tous ceux qui l'ont connue et qui, pour cela, ont dû l'aimer. Je sais que j'ai perdu en elle une véritable et bien dévouée amie, une des femmes qui, sous beaucoup de rapports, pouvaient m'être de plus de ressources que mille autres, la première Portugaise que j'ai connue. Elle qui vous aimait, vous connaissait, vous comprenait! C'étaient autant de raisons qui m'attachaient à elle. Je me réjouissais de la pensée de l'avoir un jour ici près de moi. Mais enfin, comme Dieu le veut! C'est une grande perte pour nous tous. Il paraît que c'est à la suite d'une inflammation des poumons qu'elle est morte, le 22 au matin. A Londres elle sera beaucoup regrettée aussi, car elle était généralement aimée et respectée. — Le 31. Je n'ai pu finir ma lettre à Sobral d'où nous sommes de retour depuis hier. Nous y

---

(1) ... mas singularmente cordial.

avons passé bien bons jours. Pedro était toute la journée à la chasse; moi, j'ai fait des excursions dans les petites villes des environs où partout j'ai été reçue à merveille, *mit einer wahrhaft rührenden Herzlichkeit* (1). Les rues étaient pavoisées, les maisons ornées de tapis; des petits enfants qui me jetaient des fleurs, la musique, les cris de « Vive notre reine », (chose rare ici, car les Portugais, en général, sont peu enthousiastes). La première chose, en arrivant dans un endroit, est de se rendre à l'église où l'on chante alors un Te Deum; j'en ai donc eu plusieurs. Puis j'ai visité l'hôpital d'une de ces petites villes, les fabriques d'une autre. Un jour nous avons fait une longue expédition dans le char-à-bancs du Duc de Terceira, tiré par 4 mulets, précédés des autorités des endroits, à cheval. C'était fort pittoresque et fort amusant. On est à merveille chez le Duc (Terceira); sa maison est très soignée et surtout ses diners sont exquis. Le chemin de fer, qui ne va pas plus loin encore que de Lisbonne à Santarem, est excellent, le service fort bien organisé. Triste, seulement, qu'il n'aille pas plus loin encore! Que donnerais-je, s'il allait jusqu'à Düsseldorf. Adieu, chère et aimée Maman, j'ai reçu à Sobral une lettre de vous pour laquelle je vous remercie tendrement, mais à laquelle je vous répondrai demain. Je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre tendre, fidèle fille, *Stéphanie.*

Sobralinho, le 27 Déc. 1858.

XXXIX

Ma chère et adorée Maman. — C'est aujourd'hui le premier jour de l'an; je ne vous exprime pas de vœux,

---

(1) ... com uma cordealidade verdadeiramente enternecedora.

car les vôtres sont les miens et je sais que les miens sont les vôtres. Je demande seulement à Dieu qu'Il m'accorde ce que je désire le plus, c'est de vous revoir, ainsi que Papa! et Dieu nous accordera ce bonheur dans le courant de cette année; vous ferez la connaissance de ce bon Pedro que vous aimez déjà. Le premier jour de l'an est toujours un jour sérieux, mais Dieu qui nous a conduits si paternellement jusqu'ici ne nous abandonnera pas plus dans l'avenir, surtout si nous avons confiance en Lui! Je vous remercie tendrement pour la bonne lettre que vous m'avez écrite et j'attends avec impatience la caisse promise. Une petite pelisse me sera fort utile et je la porterai avec bien grand plaisir, venant de vous, chère Maman. — Le 2 Janvier. Ces jours-ci je ne parviens pas du tout à écrire; c'est fort ennuyeux. J'ai une quantité de petites choses à faire qui me prennent tout le temps. Hier nous avions récéption du corps diplomatique, puis baise-main. Puis j'allai au jardin avec Pedro, les frères et sœurs. Le temps est admirable, on peut rester au jardin jusque vers 6 heures. Vous devez être maintenant au courant de bien des choses, par M. Kratz; j'attends avec impatience de ses nouvelles et son retour. Je suis si curieuse de ce qu'il me dira sur le compte de Marie... La nouvelle, que vous l'emmenerez à Berlin, m'avait beaucoup étonnée. Mais je crois aussi qu'il vaut mieux pour elle, sous tous les rapports, de ne pas y aller; et je pense bien comme vous, *je länger Kind je besser!* (1). Les lettres m'amusent beaucoup, on y reconnaît cependant un assez grand changement. Elle devient beaucoup plus demoiselle, et il me semble qu'elle commence à entrer dans cette phase où l'on s'exalte pour tout, surtout pour ses premières connaissances, ces compagnes de jeu, sans

(1) ... quanto mais tempo criança tanto melhor.

lesquelles on ne croit plus pouvoir vivre, auxquelles l'on jure amitié et fidélité pour la vie entière. Mais il faut passer par tout cela les uns plus tôt, les autres plus tard. *In der Entwicklung des Menschen sind viele solche Lebensphasen, die für ihn und seine Mitmenschen nicht immer angenehm sind, die aber durchzumachen nötig ist und, durchgemacht, später von Nutzen sind* (1). Je suis bien heureuse que le Père Wilmers soit son confesseur. Elle en paraît fort contente aussi. J'ai écrit dernièrement à Papa tout ce que je pense et je crois *über das Verhältnis Anton's u. H. Schäfer* (2) et sur l'impossibilité, à mon avis (mais je me trompe peut-être), de laisser aller Anton avec lui à Bonn. Vous aurez probablement lu ma lettre et je ne veux me répéter ici. Bibi écrit de charmantes lettres, très bien écrites, que Pedro lit toujours avec plaisir; il ne le nomme non plus jamais autrement que Bibi. Mais il faut que je vous quitte maintenant, chère et adorée Maman; Pedro vous dit bien des choses, moi, je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre vieille fille, *Stéphanie.*

Chère Maman, il m'est venu une idée: le fils de Lollo qui était valet de chambre de Tante Louise ne pourrait-il pas devenir le mien? Vous savez que je cherche un valet de chambre allemand; je serais bien contente d'avoir celui-là, qui a été chez Tante Louise et qui lui était si attaché! Si vous aviez la bonté d'en parler à Papa, cela pourrait peut-être s'arranger.

---

(1) No desenvolvimento do homem há muitas destas fases da vida, que para êle e para os seus semelhantes nem sempre são agradáveis, mas que é necessário passar e, passadas, são mais tarde de utilidade.

(2) a respeito das relações de António com H. Schäfer.

XL

Ma bien aimée et adorée Maman. — C'est aujourd'hui que j'ai eu le bonheur de recevoir votre chère, bonne lettre, si longue et si bonne et, quoique je vous aie écrit hier, il faut que je vous dise de suite combien elle me rend heureuse, que je vous en remercie de tout mon cœur. La lettre était à peine arrivée lorsque je reçus aussi la caisse avec le délicieux mantelet en hermine qui me fait un grand, grand plaisir, et qui me sera extrêmement utile; car, malgré notre climat du midi, il fait quelquefois très froid.

Nous avons des fêtes d'Église qui durent très longtemps, où l'on est en grande toilette, et c'est là, surtout, que je porterai toujours le mantelet; je vous en remercie tendrement. Vous pensez toujours à tout, chère Maman! Je ne puis vous dire combien je suis heureuse de ce que vous me dites par rapport à un voyage ici, chère et adorée Maman; comment pouvez-vous seulement demander quand? Toujours quand vous le voudrez, le plus tôt possible! Pedro en est tout heureux et il m'a bien chargé de vous le dire. Si je pouvais voler au-devant de vous, chère Maman, faire avec vous, au moins, le trajet sur mer! Mais je crois cependant que pour avoir la meilleure traversée, il serait désirable que vous prissiez le chemin d'Angleterre; je sais bien qu'il y a la quelques inconvenients, mais la traversée de Nantes à Lisbonne est moins bonne. Mais la vôtre le sera, car nous la mettrons bien spécialement sous la protection de la St. Vièrge. Puis si c'est possible, vous devriez bien amener Léopold, qui est si bon, si soigneux, qui n'est pas malade sur mer, qui connaît deja tout. — Oh! chère Maman, quel moment quand vous me serrerez dans vos bras. Je serai au paradis! Enfin, espérons en Dieu que cela

soit bien-tôt! — Marie viendra, naturellement, avec vous et peut-être Bibi aussi! Il pourrait très bien continuer ses études ici, du moins il n'aurait assurément pas trop de distractions, et à dire vrai je ne crois pas qu'on puisse désirer quelque chose de mieux pour lui que d'être avec vous, ma chère Maman. Puis j'espère bien que vous amenerez M. d'Esebeck, je le désire beaucoup, si c'est possible. Vous demeurez tout près de chez nous, c'est-à-dire, pour la nuit seulement, car le jour naturellement ma chambre sera la vôtre, *abwechselnd mit Pedro's Zimmer* (1). Nous ferons de jolies promenades ensemble, nous nous établirons au jardin, *wir werden ein recht gemütliches, ganz ungestörtes Leben führen* (2).

Le r. F., vous ne le verrez probablement qu'à diner; vous irez lui faire une fois une visite avec nous, vous *admirerez bien* son appartement, et puis aussi sa Penha *(sic)* et c'est tout ce qu'il faut *um ihn gut zu stimmen* (3). Les autres sont des enfants, pour ainsi dire, bons et simples au possible et Louis n'est presque pas avec nous. Je crois qu'il suit plutôt l'exemple de son père que celui de son frère. C'est une faute de chercher à acquérir de la popularité. C'est une chose qui passe comme le beau et le mauvais temps. Ce qu'il faut de nos jours, c'est à se faire estimer; c'est, je crois, ce que les peuples demandent et avec l'estime l'amour pour les souverains reviendra peut-être. *Viel Zerstreuungen werden wir Dir hier nicht bieten können, aber das ist auch nicht nöthig; denn was kann der Freude des Zusammenseins gleichkommen?* (4) Marie

---

(1) alternando com o quarto de Pedro.

(2) nós levaremos uma vida muito agradável sem que ninguém nos perturbe.

(3) para o dispor bem.

(4) muitas distracções não poderemos nós proporcionar-te aqui,

menera aussi une vie très tranquille; elle pourra dessiner et monter à cheval avec Antonica et courir au jardin, quand elle ne sera pas avec nous; et les matinées, elle pourra les employer à étudier. *Es wird himmlich sein!* (1) Comme je serai heureuse, chère et adorée Maman! Je vous en supplie, ne vous laissez pas décourager par la distance; elle est au fond plus grande dans l'idée que dans la réalité. Mais il faut que je vous dise adieu maintenant, chère et adorée Maman, vous êtes à Berlin maintenant. Dieu veuille que vous alliez bien, c'est tout ce que je désire, tout ce que je demande. L'aquarelle de Welldorf me fait grand plaisir, car c'est très aimable de la part de la Comtesse Spee, pour laquelle j'ai toujours eu beaucoup de sympathie. Je voudrais bien lui écrire un petit mot pour la remercier, que j'ajouterai et que vous aurez, peut-être, la bonté de lui donner, si vous le trouvez bon. J'ai eu la lettre du père Wilmers que vous avez eu la bonté de m'envoyer; elle m'a fait beaucoup de plaisir et j'y répondrai aussitôt que je le pourrai. — Je vous dis adieu maintenant, chère et adorée Maman, je vous baise les mains, ainsi qu'à Papa et suis éternellement — Votre tendre fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 20 Janvier. — Je vous prie aussi de bien vouloir lire la lettre ci-jointe, pour M. de Schadow *u. wenn Du damit einverstanden bist, ihm dann den Brief zukommen zu lassen; wenn nicht, so schickst Du ihn zurück mit Deinen Bemerkungen und ich schreibe einen anderen* (2). Il faut absolument que j'écrive aussi

---

e isso não é necessário, ¿pois o que pode comparar-se ao prazer de estarmos juntas?

(1) ¡Será delicioso!

(2) ... e, se tu concordas com isso, de lha deixar chegar às mãos; senão, devolvê-la hás com as tuas observações, e eu escreverei outra.

une fois à M.me de Francq, car elle m'a déjà écrit trois fois, mais des lettres d'un sentimental et d'une exagération vraiment terribles!

XLI

(Lettre suivante, sans date, évidemment du 21) (1).

Ma bien aimée et adorée Maman. — Depuis le départ du bon Kratz, je n'ai pas de grandes nouveautés à vous raconter, Hier le 20 Pedro est revenu de la chasse et nous sommes très heureux, *ganz kindisch vor Freude, uns gegenseitig wieder zu haben* (2), nous ne faisons que nous embrasser et nous dire de belles choses. Pendant l'absence de 3 jours de Pedro il m'a écrit deux longues lettres, et moi, je lui en ai écrit deux aussi; et nous avons trouvé que nous ne pouvions nous passer l'un de l'autre. — Je vous envoie, chère Maman, la lettre de Pedro, qui serait arrivée à temps pour M. Kratz, s'il n'avait dû partir 24 heures plus tôt. Il en est désolé, il dit: « *Was wird die gute Mama von mir denken!* » (3) J'ai une prière: c'est, quand vous me parlez de lui, de ne plus employer le mot roi; il est donc aussi votre Pedro! Pensez, chère Maman, que j'ai reçu hier votre lettre écrite à Mannheim; je crois qu'elle était ici depuis longtemps, mais comme elle a passé par le ministère, comme toutes les lettres qui viennent par l'Angleterre, ce n'est qu'hier que je l'ai reçue. *Es ist ein wahres Elend!* (4).

La lettre que j'ai reçue hier m'a rendue bien heureuse, elle est si si bonne! Je crois que j'ai reçu toutes

---

(1) Nota do Arquivo de Sigmaringen.

(2) ... felizes de uma alegria infantil por estarmos novamente juntos.

(3) ¿O que pensará de mim a boa Maman?

(4) ¡É verdadeiramente uma lástima!

vos lettres de la Weinburg, aussi celle avec le charmant dessin du Comte Kalkreuth. Hier j'en ai reçu une de M.me Naudin, de Paris, la première depuis qu'elle vous a quittée. La pauvre! J'espère qu'elle sera heureuse, mais je crois qu'elle trouvera bien des vides, qu'elle se sentira souvent seule. Je crois qu'elle doit vous manquer beaucoup, car avec elle 15 années de souvenirs vivants *gemeinschaftlicher Erlebnisse, innerer und äusserer Stürme und Freuden* (1), ont quitté la maison; mais enfin elle pourra toujours revenir bien facilement à Düsseldorf. — Dans ce moment, chère et adorée Maman, je reçois votre chère lettre du 11 Décembre; je vous baise tendrement les mains, en vous remerciant de tout mon cœur. Si vous saviez, chère et adorée Maman, combien vos lettres me rendent heureuse, combien elles me font du bien! Quand j'ai eu une lettre de vous, *bin ich innerlich immer befriedigt, beruhigt, es bleibt Alles in Harmonie; auch wenn der teuerste Papa mir schreibt und die Geschwister; von Anderen kann ich dies aber nicht so sagen* (2). Mais, je vous parle de cela, chère Maman, en vous priant instamment de ne pas le dire aux personnes, *es ihnen gar nicht ahnen zu lassen, denn Du weisst, viele Naturen sind einmal so, sie können nicht anders* (3). Enfin, c'est bien indifférent; cela ne vous trouble et ne vous fâche que pour un moment; ensuite on l'oublie bien vite. Puis M.me Naudin, qui est si bonne, qui m'aime tant, qui a tant d'esprit, il y a certaines choses

---

(1) ... de aventuras comuns, tempestades e alegrias interiores e exteriores.

(2) ... fico sempre intimamente consolada, sossegada, e tudo fica em harmonia; o mesmo acontece quando o querido Papá me escreve ou os meus irmãos. Dos outros não posso eu dizer o mesmo.

(3) ...nem sequer lh'o deixar pressentir, pois tu sabes que muitas naturezas são assim e não podem ser de outro modo.

qu'elle ne comprend pas, parce qu'elle n'est pas mariée; je commence à vous comprendre, chère Maman, dans une quantité de choses dans lesquelles je ne pouvais vous comprendre tout à fait auparavant.

Ensuite, elle est cependant un peu *äusserlich* (1); je sais bien qu'il faut regarder à l'extérieur, à l'avantage, dans le monde, mais enfin, si cela ne peut-être qu'aux frais de la moindre des choses, vraiment essentielles, c'est-à-dire de celles qui concernent la conscience, le bonheur domestique, alors non, non; mieux vaut y renoncer et même souffrir les conséquences, souvent peu agréables. — Certainement, la manière dont je vis est peu faite pour gagner de l'influence dans le monde, mais que dois-je faire? Les personnes qui ne conaissent pas tout, *und Alles, was darum und daran hängt* (2), ne peuvent certainement pas juger des difficultés qui s'opposent à un changement dans cette manière de vivre; c'est comme quand Hortense vient me demander si je m'occupe des écoles, des établissements publics, des réformes dans l'instruction publique, des prisons, etc. etc.? Oui, je tâche de m'en occuper, mais pas comme Hortense l'entend. Je tâche de faire souvent en faisant semblant de ne pas faire; j'agis souvent, en n'agissant pas, à mon regret, oui. Mais ce n'est pas moi qui conduis les événements. Je ne puis pas faire que ce qui est ne soit pas, que ce qui manque, existe, *man muss den Boden so hinnehmen, wie er ist, und darauf säen und bauen so gut es geht* (3). Et puis, comment devrais-je, moi, arriver à réussir dans une chose pour laquelle Pedro, malgré tout son zèle, tout son esprit, toutes ses connaissances et son autorité, n'est

---

(1) superficial.

(2) e tudo que está em volta das coisas e ligado a elas.

(3) deve-se tomar o terreno como êle é, e sôbre êle semear e construir tão bem quanto possível.

arrivé à presque rien encore. Faire ce que l'on peut et aussi bien qu'on le peut, avec l'aide de Dieu, *und zu Gottes Ehren* (1), voilà la véritable manière, voilà comment on agit véritablement pour le bien solide qui ne subsiste qu'avec la bénédiction de Dieu. Mais pour cela il faut de l'abnégation, il faut le sacrifice de sa volonté et de sa vanité. Je suis bien, bien loin de tout cela, chère Maman; vous devez ne le savoir que trop bien, car vous me connaissez assez pour cela! Peut-être, je l'espère, qu'avec la grâce de Dieu j'y parviendrai. Oui, vous avez raison de dire qu'Hortense a la rage *der Weltverbesserung* (2). Oui, mais à quoi cela sert-il?

Ce n'est qu'en remplissant d'abord tous ses devoirs envers Dieu et envers sa famille, qu'une femme peut penser à la *Weltverbesserung* (3). Les femmes, en effet, peuvent y contribuer plus que personne, mais par l'influence qu'elles ont dans leur intérieur en remplissant la mission que Dieu leur a accordée principalement. Je voudrais voir Hortense à la tête d'un pays constitutionnel comme celui-ci. Pour arriver bientôt à toutes ces améliorations elle choquerait, de toutes les manières, le pays dans ce qu'il nomme ses droits, elle enfreindrait à chaque instant les limites posées à son pouvoir par cette même chère constitution. Voilà ce qu'elle ferait comme souveraine; comme simple reine, *würde sie es nicht lange aushalten*, ou bien, *sie würde ihrem Mann ins Handwerk pfuschen* (4) (car voilà le mot); elle ferait courir des périls à la paix de la famille; dans le public on l'applaudirait, ou l'élèverait

---

(1) e para honra de Deus.
(2) de endireitar o mundo.
(3) emendar o mundo.
(4) ela não aturaria isso por muito tempo — ela iria meter-se sem ser chamada no ofício do seu homem.

aux nues, peut-être, pour un moment, mais seulement pour la faire tomber de plus haut après. Elle ferait de très bonnes choses aussi, je n'en doute pas, car elle a enormément d'esprit et beaucoup de connaissances, mais ce n'est pas là la chose principale. Ne craignez rien, chère Maman, je serai prudente avec elle; d'ailleurs je ne lui ai écrit qu'une seule fois, ce qui la fâche; je m'en vais lui écrire maintenant par M. Kratz; je lui envoie un bracelet et à son mari une épingle. *Sie soll aber nichts von mir erfahren* (1). Chère Maman, j'étais si désolée de laisser partir M. Kratz, sans pouvoir envoyer le moindre petit souvenir à Papa, mais c'est que vraiment il m'a été tout à fait impossible de trouver quelque chose. Aujourd'hui on m'apporte des mouchoirs qui arrivent directement de l'Inde, et qui comme toile sont fort beaux. Je vous les envoie avec la prière de vouloir les faire arranger pour Papa, qui aime les foulards pour se moucher, et de les lui donner de ma part, car je suis vraiment honteuse de les lui envoyer directement; mais au moins il pourra, j'espère, s'en servir et, en se mouchant, il pensera à moi. J'ai aussi de la très belle toile des Indes; si vous la voulez, chère Maman, dites-le-moi; vous me ferez un grand plaisir, si j'ose vous l'envoyer. L'on peut aussi s'en servir comme nappe d'autel. Nous faisons partir ces jours-ci un tableau qui représente mon arrivée dans le Tage, où plutôt, celle du bateau. Pedro et moi nous vous prions de l'accepter. Aujourd'hui nous sommes allés voir le grand réservoir d'eau pour Lisbonne et nous avons fait une promenade souterraine dans le canal jusqu'au milieu du grand aqueduc d'Alcantara. C'est une œuvre vraiment admirable; c'est, comme construction, ce qu'il y a de plus beau et de plus intéressant à

---

(1) Mas ela não saberá nada de mim.

Lisbonne. Maintenant, ma chère Maman, il faut penser à vous quitter, je voulais vous prier seulement de ne pas en vouloir à la bonne M.me Naudin; si elle me trouble parfois dans ses lettres, *sie meint es so gut* (1); elle met si souvent de si bons conseils *und sie ist einmal so, nichts kann ihre Natur ändern* (2). — Du reste, j'aime beaucoup mieux qu'elle me dise une quantité de choses; je reste au courant, *es macht mich aufmerksam auf Dinge, die mir in meiner Zurückgezogenheit ganz entgehen würden* (3). Ma seconde belle sœur est très gentille et pourra devenir charmante si elle est bien dirigée. Elle a beaucoup de talent pour le dessin, elle est très folle, très enfant, piquante et spirituelle. Enfin, adieu maintenant, je vous baise bien tendrement les mains et suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéphanie.*

Les vues de l'hermitage sont bien jolies et me font grand plaisir; je vous remercie, chère Maman, de me les avoir envoyées. J'ai lu avec beaucoup d'intérêt les articles de la *Revue des deux-mondes* sur la situation politique de la Prusse; mais, en effet, la manière dont on parle du roi est *unbarmherzig* (4). (Oserais-je vous prier de donner la lettre ci-jointe à M. Kratz? J'espère, chère Maman, que vous avez reçu ma lettre que j'ai fait partir hier) (5).

XLII

Ma chère et adorée Maman. — Je ne vous ai pas

---

(1) ela não o faz por mal.

(2) e ela é assim mesmo: nada pode alterar a sua natureza.

(3) faz-me dar atenção às coisas, que, no meu retraimento, me passariam despercebidas.

(4) sem piedade.

(5) Trouvé sur une feuille détachée. *(Nota do Arquivo).*

remercié encore pour votre chère et bonne lettre du 31 Décembre, qui m'a rendue bien heureuse. Je le fais aujourd'hui. J'attends avec impatience des nouvelles, car il y a une éternité que je n'en ai plus eues de Papa. M. Kratz ne m'a pas du tout écrit depuis qu'il est parti; je ne comprends pas pourquoi. Pendant deux jours j'étais un peu inquiète de l'horizon politique qui se troublait terriblement; mais il me semble que les choses s'arrangent un peu maintenant, que les nations sont peu disposées à la guerre. Dieu le veuille! Mais décidément il me semble, et c'est triste à voir, l'Empereur baisse, il commence à faire des maladresses. Walewski paraît être son mauvais génie, ou bien, le Prince N. n'aurait-il un certain pouvoir de le faire agir maintenant? Il y a des bruits à cet égard qui pourraient le faire supposer. Par charité et pitié, je ne crois pas à la nouvelle du mariage du P. N. avant qu'il ne soit conclu. C'est triste d'être *sacrifié* ainsi à la politique, surtout quand elle n'est plus juste que me paraît l'être celle-là. La Prusse est cependant le pays qui, je crois, doit inspirer, sous tous les rapports le plus de sympathie. Je n'ai pu achever ma lettre hier et je la reprends aujourd'hui. Avant tout, il faut que je vous dise que j'ai reçu une longue lettre du bon et excellent Kratz, qui me rend heureuse, *denn er malt mir* (1) l'intérieur du Jägerhof (2), de ce cher Jägerhof auquel je pense tant! J'avais les larmes aux yeux lorsque je lus le passage où il me décrit son arrivée et la manière dont il a été reçu par vous, chère

---

(1) porque êle me descreve.

(2) Castelo pertencente ao rei da Prússia, em Düsseldorf, dado como residência ao príncipe Carlos António, pai de Estefânia, na sua qualidade de comandante da 14.ª divisão do exército prussiano. Alí se reüniam os artistas, sábios e políticos eminentes do seu tempo.

et adorée Maman. Quand vous verrai-je, quand? j'en ai un tel besoin, *eine solche Sehnsucht; komme, komm' bald, theuerste Maman* (1); Pedro vous aime tout à fait comme une mère que vous êtes donc aussi pour lui. Il est si bon, il a un tel fond de tendresse en lui, qui n'a besoin que de rencontrer quelqu'un qui le comprenne et qui la lui rende, ce que, hélas! il n'a pas trop rencontré jusqu'à présent. *Er ist ganz zu Hause bei uns* (2); il connaît aussi tous les bons et vieux amis. A propos, chère Maman, des dessins, je vous en supplie de garder celui qui vous plaît davantage; vous me ferez un plaisir immense et j'ai déjà dit à Pedro que c'est la même chose si c'est vous ou moi qui l'avez; car je sais que, pour vous il aura tout autant de prix que pour moi; ainsi si vous voulez me faire un grand plaisir, vous le garderez. M. Kratz me dit dans sa lettre un mot sur Anton, que M. Schäffer doit accompagner à Bonn. Vous savez ce que je pense à ce sujet; vous savez aussi ce que j'ai écrit à Papa. Je lui écrirai encore, au risque même de lui être désagréable; mais j'aurai agi selon ma conscience. Enfin, chère Maman, ne vous désolez pas trop. Dieu viendra en aide là comme Il l'a toujours fait, quand on le Lui a demandé. Ici aussi Il nous vient en aide, et depuis que je vous ai écrit, j'ai eu des moments heureux, consolants, surtout pleins d'espoir, par rapport à ce que je regarde *als das Nöthigste fürs Land* (3); vous me comprenez?

Il y a des dames vraiment excellentes, qui font énormément de bien *und ich baue auf sie* (4). Je ne puis rien vous dire de nouveau sur cela. *Alles geht seinen*

---

(1) um tal anceio; vem, vem já, breve, querida Maman.
(2) Êle está em nossa casa inteiramente como se fôsse na sua.
(3) como o mais necessário para o país.
(4) e eu construo com o seu auxílio.

alten, einförmigen Gang (1). Les plaisirs du carnaval ont commencé; mais ils passent inaperçus pour nous et, je crois que pour le moment c'est bon; du moins on n'y perd rien, on y gagne plutôt. Nous n'avons pas encore assez d'ascendant pour donner la loi à la société. Mais ce moment viendra aussi, je n'en doute pas. Je suis convaincue que vous êtes aussi, maintenant de mon avis, *dass man hier nicht denselben Masstab anzulegen braucht und vielleicht nie brauchen wird* (2). Je reviens toujours à la même chose: continuer par l'exemple l'œuvre de moralisation que la reine D. Maria a commencée, seulement ne pas négliger l'extérieur: telles que les formes, l'étiquette, comme c'était un peu le cas de son temps. J'espère, chère Maman, que vous avez reçu ma lettre du 1er de ce mois; je ne vous ai plus écrit depuis. J'espère que Grand'Maman aura reçu ma lettre que j'ai envoyée par voie de terre. Je n'ai pas reçu encore la caisse annoncée que j'attends avec impatience. Je vous dis adieu maintenant, chère et adorée Maman, avec les tendres compliments de Pedro; je vous baise bien, bien tendrement, les mains et suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéphanie.*

Lisbonne, le 20 Janvier.

XLIII

Ma chère et adorée Maman. — Je me sens coupable, car il y a bien, bien longtemps que je ne vous ai écrit, mais il y a aussi une éternité que je n'ai plus eu de nouvelles. Marie m'a écrit dernièrement, mais seulement pour me dire qu'elle n'avait pas le temps de

---

(1) Tudo segue a sua marcha antiga, uniforme.

(2) que aqui não se precisa empregar a mesma medida, e talvez nunca se venha a precisar.

m'écrire, c'était fort consolant! J'attends maintenant avec une impatience inexprimable M. Kratz, qui me rapportera de vos nouvelles *bien détaillées*, qui pourra peut-être me dire quand j'aurai le bonheur de vous voir ici, adorée Maman; je ne veux pas trop y penser d'avance; si je me laisse aller, je ne pense à rien d'autre. Je vous envoie, chère Maman, dans cette lettre une mauvaise photographie d'après un charmant tableau, représentant Pedro, Louis et Jean, enfants. Ils sont ressemblants tous les trois encore, surtout Pedro et Jean. Sur le compte de ce dernier, je dois révoquer mon premier jugement que j'ai porté avant de le connaître, car il est, au fond, très difficile à connaître, son apparence étant très froide, peu agréable. Il a un caractère vraiment distingué, un cœur excellent, de l'esprit et une candeur tout à fait remarquable pour son âge. — Je n'ai pu finir ma lettre hier, car j'ai fait une longue course avec Pedro, nous sommes allés visiter le fort de S. Julião à l'embouchure du Tage, une position admirable; quand vous viendrez ici vous passerez entre S. Julião et la tour de Bugio pour entrer dans le Tage. — A propos de Bugio il est arrivé une très drôle d'histoire à M. Lampenscherf, de Sigmaringen (1), qui, à l'occasion de notre mariage, à écrit à Pedro (je ne sais pas, au fond, pourquoi) et il dit dans sa lettre: « *Wenn der Kanonendonner von S. Julião et S. Bugio ertönen wird* » (2); or Bugio veut dire en portugais *singe* et ainsi, sans le savoir, il a canonisé un singe. Cette histoire a beaucoup fait rire Pedro qui a la passion des petites histoires de ce genre. Mais je ne voudrais pas que cela revienne au pauvre homme, car probablement cela le mettrait au désespoir. J'ai

---

(1) Preceptor de Estefânia em doutrina cristã, em Düsseldorf.
(2) quando troar o canhão de S. Julião e de S. Bugio.

lu maintenant un livre qu'il faut que vous lisiez, chère Maman, car je sais que vous l'aimerez beaucoup, *dass es Dir ganz aus dem Herzen sprechen wird*(1). C'est l'avenir politique de l'Angleterre par M. de Montalembert. Voilà des idées et des principes que l'on peut partager de tout son cœur, qui vous font du bien, qui vous raniment. Il faut admirer l'Angleterre plus que tout autre nation et, moi, je crois avec pleine raison. Il montre comme ce n'est que dans le libéralisme *bien entendu* que l'on peut tròuver le remède pour tant de maux; qu'il y a des germes du triomphe de notre religion et pour moi c'est déjà tout. Je sais que vous me comprenez, et je ne crois pas nécessaire de m'expliquer davantage. En lisant ce livre sur l'Angleterre, j'ai dû penser beaucoup à Tante Marie! Engagez-la, chère Maman, à le lire, à lui faire comprendre *tout ce qu'elle perd* en ne laissant élever ses enfants en Angleterre, en ne les laissant pas devenir de *véritables Anglais*; c'est bien triste pour eux. Je sens que je vous fais de la peine, chère Maman, en parlant ainsi, mais vous pensez tout à fait la même chose, je le sais; et puis il est encore temps pour Tante Marie, ses enfants sont si jeunes encore, il n'y a encore rien de perdu. Et quelle source de bonheur pourrait-elle se créer, en améliorant le sort de ses sujets en Ecosse! Elle pourrait tant et tant faire dans ce pays pour la religion catholique. Qui pourrait l'empêcher de faire venir des sœurs, d'établir des salles d'asile, des écoles, enfin d'élever, de former cette population qui l'aimerait, qui la vénérerait comme sa mère. *Welche Verdienste um die Kirche und um die reine Menschlichkeit könnte sie sich erwerben!*(2) Et elle est plus puissante, elle peut

---

(1) que êle te falará ao coração.

(2) ¡Que de merecimentos pela igreja e pela pura humanidade poderia ela alcançar!

disposer de plus de moyens qu'une reine quelconque! Cela serait aussi le seul, le véritable moyen d'attirer le Duc, d'obtenir cette conversion qu'elle désire si ardemment, mais pour laquelle, j'ai la conviction, elle ne *fera rien*, tant qu'elle mènera cette vie de Paris, tant qu'elle l'entrainera partout dans le midi; ce n'est assurément pas là, *hélas!* qu'il faut espèrer convertir un esprit sérieux et profond, un esprit anglais. Je sais fort bien que cela dépend de la grâce divine seulement, mais les hommes peuvent s'éloigner ou se rapprocher de la voie qui vous mène à y devenir plus ou moins accessible. — Je sais qu'elle n'aime pas la cour anglaise, pour différentes causes; mais étant en Ecosse, qui peut la forcer d'y aller? Elle a bien le droit de vivre comme elle veut sans que personne trouve à y redire, pourvu qu'elle reste en Angleterre, qu'elle soit avec son mari et qu'elle ne gâte pas l'avenir de ses enfants. Qu'est-ce qu'elle gagne là bas, dans ce, permettez-moi de le dire, mauvais *und halbverfaulte Luft von Paris?* (1) Rien, rien, rien.

Ah! chère Maman, ne soyez pas fâchée contre moi, *Du weisst ja, wie es gemeint ist! Du hast das Alles längst vor mir gedacht, aber jetzt erst verstehe ich Dich vollkommen darin und Du hast so, so recht!* (2) Moi, vous comprenez, je me garderai bien de dire quelque chose à Tante Marie; d'abord, elle ne m'en a jamais donné la permission et elle dirait, *ich sei eben ganz unter englischer Influenz* (3), ce que je ne suis pas du tout. Non, j'admire l'Angleterre, je ne puis le nier, car tous ceux qui sont de bonne foi ne peuvent

---

(1) nesse ar meio podre de Paris.

(2) Tu sabes muito bem o que isto quer dizer. Tu já o pensaste muito antes de mim, mas só agora eu te compreendo perfeitamente e tu tens tanta, tanta razão.

(3) que eu estaria completamente sob a influência inglesa.

s'en empêcher. Je respecte et j'aime la reine, car il faudrait que je sois bien profondément ingrate, si je ne le faisais pas. Mais, sans cela, je ne suis pas du tout Anglaise, je suis *beaucoup trop Portugaise* pour cela, et je serais bien bête de ne pas l'être, car, nêcessairement, l'honneur du Portugal c'est le nôtre. Quant à nos sympathies françaises, elles ne peuvent être grandes avec la meilleure volonté du monde; nous avons été trop blessés et trop souvent; mais je sais qu'il faut savoir oublier, surtout quand c'est dans l'intérêt. *Die Nationen, besonders die schwächeren können darin nicht so christlich und so edelmütig denken wie der einzelne Mensch* (1). Les menaces de guerre paraissent se dissiper toujours de plus en plus, Dieu merci! Avez-vous lu, chère Maman, la brochure de M. Laguéronière? Je n'ait fait que parcourir la parte qui concerne le Pape, *denn das ist das Einzige in der ganzen Geschichte, was mir am Herzen liegt* (2). Et il me semble que sa part est belle et digne, qu'elle serait acceptable, mais enfin tout cela sont encore des rêves; Dieu conduira tout pour le mieux, mais l'on ne peut nier que le gouvernement temporel du Pape inspire beaucoup de craintes! — Comme la mort de cette pauvre Anna de Saxe, à Naples, est affreusement triste! sa pauvre mère, comment pourra-t-elle supporter de pareils chagrins! c'est vraiment affreux! Nous ne savons pas encore de quoi elle est morte. — Nous avons ici le temps le plus admirable que l'on peut désirer: des journées comme les plus belles journées d'été chez nous. Je n'ai qu'un regret, qu'un dé-

---

(1) As nações, principalmente as mais fracas, não podem pensar a êsse respeito tão cristãmente e tão nobremente, como o indivíduo.

(2) porque é isto a coisa única em toda a história por que me interesso do íntimo do coração.

sir, c'est que vous, chère et adorée Maman, puissiez jouir de ce climat, car il est vraiment excellent et je crois qu'il vous conviendra tout à fait. Ce n'est pas un climat énervant, car il y a l'air de la mer, les vents du nord qui le rafraîchissent beaucoup. Il y a quelques jours nous avons passé une charmante soirée chez le Vicomte da Carreira. Il y avait assez de monde et l'on a fait un peu de musique. Il donne tous les ans cette soirée, puis il joue du violon (mon b. f. Louis, du violoncelle, mais ce dernier très faux et il croit jouer fort bien), etc. etc.

Je vous dis adieu maintenant, en vous baisant bien, bien tendrement les mains; Pedro vous fait mille compliments respectueux. Éternellement — Votre tendre fille, *Stéphanie.*

Lisbonne, le 18 Février 1859.

XLIV

Ma chère et adorée Maman. — J'ai reçu hier votre bonne lettre du 22 Février, je vous en remercie tendrement. En effet, j'ai laissé passer un assez long intervalle sans vous écrire et je vous en demande pardon; c'était pendant le temps où je ne recevais non plus de lettres et puis pendant quelques jours j'étais fort paresseuse et beaucoup à l'air, voulant profiter cet admirable temps, qui dure toujours encore. Cependant l'on n'ose pas trop s'y fier, car le soleil peut-être dangereux, il donne des rhumes de cerveau et affaiblit un peu. Pedro me charge de ses respectueux et tendres compliments pour vous, chère et adorée Maman, et vous attend avec moi avec une bien grande impatience. Marie paraît m'avoir oubliée, car il y a près d'un mois que je n'ai plus eu de ses nouvelles et cependant elle m'écrivait si régulièrement avant. J'espère, chère

Maman, que vous avez reçu ma lettre du 2, avec quelques petites photographies. Je ne sais rien encore de M. Kratz, si ce n'est qu'il est à Paris; mais je l'attends avec une grande impatience. Pedro aussi, car il l'aime beaucoup. Il faut que je vous dise Adieu maintenant, chère et adorée Maman, je vous baise bien, bien tendrement les mains et suis éternellement — Votre tendre et fidèle fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 4 Mars 1859.

LXV

Ma chère et adorée Maman. — Voilà le 19 Mars qui approche, un grand jour de fête pour nous vos enfants. Je serai en pensées avec mes vœux auprès de vous, ce jour-là plus encore que je ne le suis de coutume. Je prierai surtout St. Joseph pour vous, adorée Maman, et vous savez que l'on dit que l'on ne s'adresse jamais avec confiance en vain à lui. Pedro me charge aussi de vous exprimer ses tendres vœux pour ce jour. J'attends, avec une impatience toujours croissante M. Kratz, qui, au fond, devrait déjà être ici, étant parti le 7, d'Angleterre. Je ne comprends pas pourquoi, cette fois-ci, le paquebot met tant de temps à faire le trajet. Je suis si impatiente d'avoir de vos nouvelles bien détaillées, de savoir quelque chose sur vos plans, du moment où vous pensez pouvoir venir ici! Enfin, j'ai besoin de nouvelles. Je vous remercie pour la lettre que vous m'avez écrite le 22 Février, de Düsseldorf. C'est la dernière fois que j'ai eu de vos nouvelles, car Marie ne m'écrit plus du tout. J'ai reçu dernièrement une bonne lettre de Grand'maman, à laquelle j'ai répondu le même jour pour réparer un peu mon trop long et impardonnable silence. Tante Marie aussi est fâchée contre moi, mais à dire vrai, je n'ai pas su son

adresse à Paris et, dès que je la saurai positivement, je lui écrirai. Depuis une quinzaine de jours il y a ici un Marquis de Visconti, qui m'a apporté des lettres de Grand'maman et de Tante Marie, qui me demandaient de le recevoir. Nous l'avons tous vu et je lui ai fait faire un peu les honneurs de Lisbonne par mon Grand-Maître, qui a une maison et qui reçoit tous les étrangers. Il m'a dit que Tante Marie irait à Londres, le mois prochain, pour faire entrer Auguste à Eaton; je lui ai dit que cette nouvelle me faisait grand plaisir. Je ne sais pas si elle est vraie, si elle se réalisera. Chère Maman, je ne vous parle ni de guerre, ni de paix, vous êtes beaucoup plus au courant de tout, vous êtes au centre du grand mouvement politique; je ne me borne qu'à faire bien des vœux pour la paix, car outre l'intérêt général que l'on n'ose pas oublier dans ses vœux, c'est bien affreux d'être loin de tous les siens dans de pareils moments. Si la paix nous est conservée, nous la devons principalement à la politique de la Prusse. Ici tout va tranquillement son chemin, il n'y a qu'un très grand mouvement religieux. Jusqu'à présent, il a eu un bon côté: il a fait connaître les députés qui probablement ne seront plus jamais réélus, car ils ne s'occupent de rien de sérieux; ils ont réveillé l'esprit religieux trop endormi, mais trop profondément enraciné dans le cœur du peuple portugais pour que l'on puisse impunément l'attaquer avec cette violence. Cette espèce de réaction religieuse, fort modérée, tenue dans des limites convenables pourra peut-être produire du bien. Mais ici il y a dans tout toujours le danger de l'excès qui est très bon pour les mauvaises idées, car alors, elles tombent d'elles-mêmes; mais qui est très dangereux pour la religion, qui lui porte plus d'atteintes que tous ses ennemis réunis. Ce qui rendra toujours le gouvernement des peuples du midi très difficile, c'est qu'ils voient, qu'ils sentent et qu'ils jugent par l'imagi-

nation. C'est un très grand écueil dans le système représentatif, surtout. Le manque de réflexion, de sérieux, de profondeur, se sent dans tout et rend tout plus difficile. Enfin, il faut savoir prendre les hommes comme ils sont. Pedro aurait grand besoin d'un voyage, il le sent lui-même, il le désire, mais je crains qu'il ne puisse en être question de si tôt, pas au moins avant une année ou deux. Adieu, ma chère et adorée Maman, je vous baise bien, bien tendrement les mains et suis éternellement — Votre fidèle, vieille fille, *Stéphanie.*

J'embrasse Marie, Toni et Bibi.

Lisbonne, le 12 Mars 1859.

XLVI

Ma chère et adorée Maman. — Quoiqu'il me soit possible de ne vous écrire qu'un mot, je ne puis laisser partir la poste anglaise sans vous l'écrire, car pour le moment je ne compte envoyer mes lettres que par cette voie, la poste française étant trop peu sûre; il paraît qu'elle ouvre tout. Je vous remercie tendrement pour la bonne, chère lettre que vous m'avez écrite. Quant à M. Kratz, je n'ai pu causer encore avec lui, j'avais le cœur trop plein, je ne savais par où commencer et lui, de même était tellement ému; ensuite je ne l'ai presque pas vu seul encore, ces jours-ci étant fort remplis et agités car nous avons enfin un nouveau ministère fort bien composé avec le Duc de Terceira à la tête; et vous pensez bien combien j'en suis contente; j'espère qu'il saura seconder Pedro dans ses bonnes et excellentes intentions et que ce bien aimé reprendra un peu *(sic)* courage. J'ai écrit une longue lettre à Papa, que j'envoie à M. de Bernsdorff; il y a beaucoup de détails sur tout, que je ne puis plus vous donner aujourd'hui.

Vous me demandez des nouvelles de ma santé et je vous promets de vous le dire dès que je remarquerai un changement. Je vous écrirai une longue lettre par le prochain paquebot; j'espère que vous avez reçu la mienne du 12 Mars. Dieu merci, les nouvelles sont plus à la paix; Dieu veuille qu'elle nous soit conservée et que vous puissiez venir bientôt! M. Kratz ne m'a rien dit du moment. Lorsque je lui ai demandé, il n'a fait que lever les bras. Enfin j'espère, je remets tous mes désirs entre les mains de Dieu. Je suis obligée de vous quitter, je vous baise bien tendrement les mains. Pedro vous envoie ses tendres compliments. Éternellement — Votre tendre fille, *Stéphanie.*

Lisbonne, le 16 Mars 1859.

XLVII

(Lettre sans date qui paraît être la suivante) (1).

Ma chère et adorée Maman. — Je vous remercie tendrement pour la chère et bonne lettre que vous avez commencée le 27 Février et finie le 14 Mars. Elle m'a rendue bien heureuse, car je languissais depuis longtemps après une lettre de vous. Cette fois-ci je vous envoie des photographies de Pedro qui lui ressemblent beaucoup quand il est sérieux; quand il est animé et content, il a une toute autre figure, vraiment très jolie. La photographie n'est pas bonne, elle est mal posée; mais j'ai pensé qu'elle vous ferait du plaisir cependant, et c'est pour cela que je ne me suis pas laissé arrêter par ces considérations. Pedro y a écrit un mot, ainsi que sur celles qui sont destinées à Papa et aux frères, que je vous prie de bien vouloir leur envoyer. La

(1) Nota do Arquivo de Sigmaringen.

mienne est devenue horrible; j'ai peur de vous l'envoyer; en tout cas j'attends le prochain paquebot, parce qu'en attendant, j'en ferai faire une autre. J'ai reçu votre dépèche; je n'y ai pas répondu, pensant que vous deviez avoir reçu ma lettre qui parlait de l'arrivée de M. Kratz le lendemain ou le surlendemain. Il va bien maintenant et commence à être reposé de toutes les fatigues du voyage. Il est revenu avec plus de courage et plus de fermeté et je crois qu'il vaquera mieux que jamais à ses affaires. Je reconnais bien qu'il est d'un prix inestimable pour moi, sous tous les rapports. Je crois que sa modestie ne peut pas l'empêcher de sentir cela et que cette conviction, que son dévoûement est utile, le rend heureux. Je suis bien heureuse que Papa se soit enfin décidé à remplacer M. Schäffer par quelq'un d'autre auprès d'Anton, pour lequel c'eût été un vrai danger d'aller avec cet homme, dans lequel il n'avait pas la moindre confiance et, ce qui pire est, qu'il n'estimait pas, à Bonn où, naturellement, il serait exposé à des tentations toutes nouvelles pour lui *im geistigen wie im physischen Bereich* (1). Mais, chère M'aman, vous avez dû passer de terribles moments avant que tout ait été décidé, avant que M. Schäffer soit au fait de tout. Il doit être hors de lui. Les éventualités de guerre auront pu aider à lui faire comprendre la nécessité d'un changement. Dieu veuille que nous gardions la paix; je suis avec anxiété toutes les nouvelles politiques; *man wird aber nicht recht klug daraus* (2). Enfin, espérons, tant qu'on peut espérer. Vous savez, chère Maman, que nous avons ici un nouveau ministère, très bien composé, qui nous donne beaucoup d'espoir. Le bon Duc de Terceira s'est très bien conduit dans cette

---

(1) ... tanto no campo moral como no físico.

(2) ... mas, nem por isso se fica a fazer grande idea das coisas.

(affaire) occasion *(sic)*, très patriotiquement, car il a sacrifié tous ses désirs personnels à l'espoir de faire plus de bien en choisissant des hommes qui, au fond, sont de toute autre couleur politique que lui. Ce sont des sacrifices qui comptent toujours, surtout dans un pays où l'on est si passionné dans ce qui concerne la politique. Chère Maman, je suis désolée, mais je suis obligée de finir, pour aujourd'hui je n'ai plus de temps. Pardonnez-moi cette lettre si courte, cela n'est pas de ma faute; mais je vous écrirai par terre, sous l'adresse de M. de Werner. Je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre tendre, vieille fille, *Stéph.*

LXVIII

Ma chère et adorée Maman. — C'est de Mafra que je vous écris aujourd'hui, où nous sommes depuis avant-hier. Ce séjour est nécessaire à Pedro qui l'aime et qui se repose, ce dont il a fort besoin. Il en convient, lui-même, qu'il a trop travaillé. Nous pensons rester, en tout, 6 jours ici. Je profite aussi de l'air de la campagne et me promène autant que possible. Au fond, Mafra est bien laid *(sic)* je suis sûre que vous le trouverez aussi. C'est un séjour qui peut être agréable en été, quand une chaleur étouffante rend tout autre séjour presque insupportable. Mais par un temps douteux, comme à présent, et peu de personnes seulement, c'est bien triste! On n'y a pas l'idée d'un confort quelconque et cependant, dit-on, qu'on y est beaucoup mieux que du temps de la reine D. Maria. Enfin, je tâcherai de l'arranger avec le Comte da Ponte qui, lui, en sent bien la nécessité. Notre temps ne permet plus un certain degré de simplicité, surtout, quand il y a mélange de fastes royaux, qui, ici, sont les abus; et vous comprenez, chère Maman, que c'est une chose

qui me rend de mauvaise humeur, quand, d'un côté, je vois le nécessaire, pour ainsi dire, manquer, et de l'autre, une profusion qui, si elle n'est pas arrêtée, jouera le plus mauvais tour à la maison. Cette terre de Mafra pourrait rapporter, annuellement, 50 a 60.000 francs et elle coûte cela maintenant au roi. *Ist das nicht wahrhaft himmelschreiend?* (1). Si Pedro voulait sérieusement, il pourrait mettre fin à cela, non sans que, pour le commencement, il ait des ennuis, des intrigues etc. etc. innombrables à supporter; mais quand voudra-t-il, je n'en sais rien. *Er beschäftigt sich gar nicht mit solchen Dingen, versteht nichts davon, interessiert sich nicht dafür und unterstützt nicht genug den Gr. Ponte* (2). Cela me rend quelquefois tout à fait nerveuse. S'il voulait faire venir d'Allemagne, par exemple, un homme, que Mr. de Weckerlin recommenderait mieux que personne, pour le charger de cultiver et de faire valoir cette terre, je suis sûre qu'elle rapporterait. Cela serait, outre cela, donner un bon exemple à tous ceux, *die Grundbesitz haben* (3), et qui ne veulent, ou qui ne savent plutôt pas en tirer parti. Cela serait un exemple pour les paysans qui apprendraient à mieux cultiver; cela serait, par cela même, un moyen de rendre le pays plus riche, les habitants plus heureux, et serait même, à côté des écoles, un moyen de moralisation puissant; car il n'y a pas de doute que le travail et le bien être dans les campagnes moralisent ses habitants. Mais Pedro, jusqu'à présent, croit que tout cela sont des utopies! Peut-être; mas pourquoi ne pas faire un essai? Voilà pourquoi je voudrais, avec le

---

(1) ¿Na verdade, não brada isto aos ceus?

(2) Porque êle não se ocupa de tais coisas, não percebe nada daquilo, não se interessa e não apoia suficientemente o conde da Ponte.

(3) ... que têm propriedades rústicas.

temps, acheter une terre, la faire administrer complétement par des Allemands, et si l'essai réussit, en faire une école pour de jeunes agriculteurs portugais. Pourquoi donc des choses qui sont possibles ailleurs ne le seraient-elles pas ici? Et l'agriculture est vraiment tout pour notre pays et, je dirai: Dieu merci! Car nous n'aurons pas, ou, au moins, pas de si tôt à craindre et à combattre les suites funestes que l'industrie des fabriques entraîne toujours, plus ou moins, après-elle. Si l'on pouvait tout faire, on serait trop heureux, mais on voudrait avoir des millions à sa disposition! Très souvent, les personnes qui ont les plans les plus vastes, qui en ont le plus, sont celles qui font le moins. Dieu veuille qu'il n'en soit pas ainsi pour moi! Je saurai me contenter de peu mais, souvent, une chose petite en apparence peut devenir la cause d'une grande chose. Ce n'est qu'aujourd'hui, 2 Avril, que je puis continuer ma lettre. Tous les moments de la journée sont pris. Le temps s'est remis au beau; Pedro se porte déjà mieux et a beaucoup meilleure mine. A moi aussi le séjour m'a fait du bien, étant tous les jours 4 à 5 heures à l'air et dans un air très pur et fortifiant, ce qui n'est pas tellement le cas à Lisbonne. Mais je suis séparée presque toute la journée de Pedro, ce que je n'aime pas, vous le comprenez. Je suis presque toute la journée avec ma dame, D. Gabriella de Sousa, le Comte da Ponte, et parfois, un vieux et excellent général, aide de camp, de service, dans ce moment, de Pedro. J'ai passé, deux fois, deux heures à l'école de Pedro, qui fait beaucoup de bien et où les enfants sont à merveille. J'ai passé une heure dans une école de filles laissant beaucoup à désirer, comme toutes les écoles portugaises. Il faut, avant tout, élever des maîtresses. J'ai été à l'hôpital du village aujourd'hui; j'irai dans un village des environs, à l'aventure. Pedro tire à la cible avec un canon; avant-hier j'ai assisté à ces expé-

riences, qui durent tout un après-diner. Hier je suis allée à la rencontre de Pedro, à la chasse, et nous avons encore fait une belle et longue promenade dans les champs et les bois, en faisant de beaux bouquets. Le soir, je fais assez souvent une partie de whist avec mon beau frère Louis et deux vieux généraux. Pensez que j'ai pris le goût du whist et que j'aime beaucoup à faire une partie, de temps à autre. Vous savez, chère Maman, que maintenant, au grand contentement de tous, nous passons la soirée avec tout le monde au salon. Chacun fait ce qu'il veut; on cause, on joue, on travaille, on lit, on écrit, on dessine. Les enfants sont très contents de cet arrangement. Après demain nous retournons à Lisbonne. — Voilà dans 6 semaines déjà le mariage de Marie. Elle passera par Düsseldorf; Louis, à son retour de Dresde, ira vous faire une visite. Il sera donc le premier de ma nouvelle famille qui aura le bonheur de vous voir. Léopold devrait bien venir, pour ce moment-là, à Düsseldorf; cela serait aussi beaucoup plus agréable pour vous, chère Maman. Vous trouverez peut-être qu'il devrait aller à Berlin; mais je crois qu'il vaut mieux pour lui, dans ce moment, *sich nicht zu viel zu zeigen* (1). Il passera, en revenant d'Allemagne, quelque temps en Angleterre, séjour duquel nous espérons beaucoup pour lui. Il a besoin de vivre un peu dans une atmosphère comme celle de la reine d'Angleterre.

Il pourra être à Düsseldorf les derniers jours du mois de Mai, ou les tous premiers du mois de Juin. Le mariage doit être le 4 ou 5; départ d'ici, 8 ou 9; séjour à Londres, deux ou trois jours; à Bruxelles un jour *und mehr weiss ich nicht* (2). Marie a beaucoup changé dans les derniers temps; *sie ist viel weicher*

(1) ... não se mostrar demasiadamente.
(2) ... e mais não sei.

und milder geworden (1), maintenant; sous tous les rapports je ne puis que me louer d'elle. — Kratz est resté à Lisbonne à cause des affaires; il va bien. Il a la garde du nouveau Bergmann, qui a été accueilli à merveille *und der schon ganz eingebürgert ist* (2). Il faut que j'écrive à M.me de Francq pour la remercier. Le 5 Avril. — Je n'ai plus fini ma lettre à Mafra, que nous avons quitté hier matin, à notre regret; car il fait une chaleur comme au mois de Mai, qui rend le séjour de Lisbonne beaucoup moins agréable. J'ai reçu, avant-hier, une lettre de Papa; il ne parlait presque que de politique et l'on ne sait vraiment que penser et que dire. Je crains bien que, malgré le congrès et toutes les belles paroles, nous ne conservions pas la paix. Le *Journal universel* d'Augsburg est insupportable avec son admiration pour la politique autrichienne; c'est à peine si l'on peut le lire. En effet, je ne saurais pourquoi mettre toute l'Allemagne en feu et en sang pour des intérêts qui, au fond, ne la regardent pas le moins du monde directement! L'Autriche a bien raison de se défendre; elle se conduit, sûrement, fort bien en ce qui la regarde, elle, quoiqu'elle n'ait pas plus de droit que qui que soit de posséder la Lombardie. Mais, d'un autre côté, personne moins que l'Empereur N. a le droit de demander des réformes, dans le sens libéral, pour un autre pays, lui qui est l'absolutisme personnifié.

Il n'y a qu'une chose certaine, c'est que c'est un *temps bien sérieux*, où l'on reconnaît, plus que dans d'autres, l'insuffisance humaine, la fragilité de tout ce qui est basé sur des lois sorties de la main de l'homme. Papa me done une nouvelle qui me fait beaucoup de plaisir, c'est qu'Anton restera à Düsseldorf pour le

(1) ... ela tornou-se muito mais terna e mais meiga.

(2) ... e que está já de todo naturalizado.

moment, qu'il y fera des études militaires sous la direction d'un officier qui doit remplacer M. Schäffer auprès de lui. Je crois que Fritz sera très bien chez M. de Hagens, car Düsseldorf, en été surtout, n'était pas bon pour lui. Il est nécessaire que son esprit d'indépendance, qui s'est extrêmement développé à Düsseldorf soit un peu *eingezäumt* (1). Autant que je suis heureuse pour Anton de ce qu'il reste à Düsseldorf, autant je suis contente pour Fritz de ne pas l'y voir rester. *Ich glaube, dass er dort zu viel Nahrung für seine Faulheit und sein kleines, ihm über Alles gehende Wohlbefinden, fand* (2). Pauvre Bibi! vous me trouverez peut-être injuste envers lui. Et puis, ce qui était le cas, il y a un an, peut être changé maintenant. Ah! chère Maman, quand viendrez-vous me voir, c'est la question qui me tient le plus à cœur, *dem alle anderen Wünsche untergeordnet sind* (3). Pourquoi ne pouvons-nous pas aller vous voir? Mais ceci, vous le savez, c'est impossible, quoique Pedro en ait un vif désir, quoique je sache que cela lui ferait beaucoup, beaucoup de bien; *aber seinen Posten darf man eben nicht verlassen!* (4). Mais je ne doute pas que dans quelques années il nous soit possible de voyager, car en somme tout va beaucoup mieux; ici il y a du progrès depuis quelques années et, maintenant, avec le ministère qui, on peut le dire, est composé de presque tout ce que nous avons de meilleur, dans le sens libéral et conservateur modéré, nous avons l'espoir de marcher. Ah! Dieu le veuille! je le désire de tout mon cœur et je sens bien

---

(1) ... refreado.

(2) Eu creio que êle encontrou ali farta alimentação para a sua preguiça e para o seu egoístico bem-estar, coisa com o que êle mais que tudo se importa.

(3) ... à qual todos os meus outros desejos se subordinam.

(4) ... mas o seu pôsto, justamente, não o deve ninguém abandonar.

que je suis, au fond, Portugaise de cœur et d'âme, sans être, assurément, aveugle; vous en avez assez de preuves. Je sens que je m'attache toujours plus au pays et à ses habitants; tout ce qui est en moi et enfin tout est donc voué à son roi et, par conséquent, a son bonheur, à sa prospérité, mais surtout prospérité morale; car où celle-là manque, la prospérité materielle n'est peut-être qu'un mal de plus et, en tout cas, elle n'est, elle ne peut pas être durable. Je ne sens que trop bien que, pour le moment, vous ne pouvez me donner de réponse positive, mais c'est ce qui me désole. Le 6. — Aujourd'hui il faut absolûment que je finisse ma lettre, qui doit partir demain avec le paquebot. Je vous demande bien pardon du décousu qui y règne, qui est terrible, mais je n'ai eu, tous ces jours-ci, que peu de moments pour écrire. Pedro vous envoie mille tendres compliments, je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre fidèle, vieille fille, *Stéphanie.*

J'espère que vous avez reçu les photographies de Pedro, la mienne n'a pas été faite depuis. Si le congrès se rassemble définitivement à Mannheim, Grand-maman sera bien agitée.

Mafra, le 30 Mars 1859.

XLIX

Ma chère et adorée Maman. — Je viens de recevoir, à l'instant, la lettre datée du 2 Avril, que vous avez eu la bonté de m'écrire; je vous en remercie tendrement. Cela me rend si triste de penser que vous êtes si seule à Düsseldorf, si souvent souffrante, avec un si affreux temps. Que je voudrais doublement alors être auprès de vous! Avec cela, la perspective d'une guerre, qui,

en tout cas, sera assez difficile à éviter, avant laquelle je n'aurai plus eu le bonheur de vous voir; car, une fois qu'elle sera commencée, Dieu seul sait à quand sera renvoyée la possibilité pour vous ou pour nous de faire un voyage. C'est aussi pour cela, ma bien aimée Maman, que je voudrais vous supplier de ne pas trop retarder vos projets de voyage. En parlant ainsi, je me trouve si horriblement égoiste, mais, d'un autre côté, croyez-vous possible que je désire quelque chose plus que vous revoir? 17 Avril. — Je suis honteuse, mais ce n'est pas ma faute de ne pouvoir qu'aujourd'hui continuer ma lettre. Je viens de recevoir la vôtre du 9 Avril, je vous baise tendrement les mains en vous remerciant. Je suis heureuse de pouvoir espérer qu'aujourd'hui Papa et les frères sont auprès de vous, à Düsseldorf. Je voudrais y être aussi avec mon bon Pedro, nous en serions tous les deux bien heureux. Pedro a un tel désir de vous voir et m'en parle tous les jours. Pourrez-vous prendre une décision maintenant, chère Maman. Je crains bien que l'état politique ne le permette guère. Nous voyons, ici, très en noir; peut-être est-ce parceque nous sommes loin du centre d'action; je voudrais qu'il en soit ainsi et que nous nous trompions. Je reçois aujourd'hui une lettre de Grand'maman qui assure que l'Emp. Napoléon ne veut pas la guerre: il est intéressant qu'il veuille faire croire cela à certaines personnes; mais c'est une manœuvre qui ne lui réussira pas. C'est lui, du reste, qui perdra le plus dans le jeu qu'il joue maintenant. Chère Maman, s'il est possible que vous veniez, je veux toujours encore l'espérer; on pourrait, si vous le vouliez, vous envoyer le bateau jusqu'à Anvers; le voyage sur mer serait, naturellement, plus long mais vous pourriez éviter le passage de la France et vous n'iriez pas en Angleterre où vous ne passeriez pas sans aller voir Tante Marie, quand même elle serait au fond de

l'Écosse, et où vous seriez obligée d'aller voir la bonne reine. Enfin, vous direz ce que vous voudrez pourvu que vous arrangiez le voyage de la manière la moins fatigante pour vous; car il ne faut pas être déjà fatiguée pour se mettre en mer. Si vous le désirez, M. Kratz sera envoyé, qui a déjà l'expérience du voyage; cela ne serait pas nécessaire si Léopold vous accompagnait, ce que nous désirons tant, Pedro et moi. Cela serait si bon, sous tous les rapports, si même il ne pouvait rester aussi longtemps que vous, ma chère Maman. Si vous vouliez amener M.lle de Lindhein et Eynatten, j'en serais charmée et j'ai déjà demandé à Papa que ce soit M. d'Esebeck qui vous accompagne. Chère Maman, je vous supplie vraiment de vous décider bientôt, car si nous gardons momentanément la paix, Dieu seul sait pour combien de temps cela est. Enfin, je dis à cela, comme à toute autre chose aussi: que la volonté de Dieu se fasse. Ces jours-ci me rendent mélancolique en pensant que c'étaient les derniers jours que j'ai passés à la maison paternelle. Mais, pour rien au monde, je voudrais recommencer les mois d'Avril, de Mai et de Juin de l'année dernière. Ce sont de ces moments pour lesquels l'on n'a qu'une fois une force, je voudrais presque dire, surnaturelle. Je ne puis pas penser à Ostende, a Plymouth, sans un serrement de cœur! Quand une fois vous connaîtrez Pedro, tout sera autre. Pour nous, nous sentons que nous nous entendons tous les jours mieux, que nous sommes faits l'un pour l'autre. Le mariage de Marie n'aura lieu que le 8 du mois de Mai. Ils ne seront donc que les derniers jours du mois à Dresde. Nous donnons un très beau collier et broche, en émeraudes et diamants, montés à merveille, que M. Kratz a commandé à Paris. De notre côté tout sera fait à merveille, et c'est ce que je veux. Tout sera vraiment royal. J'y tiens extrêmement. Nous avons, maintenant, ici le frère

du roi Ferdinand, le Pr. Auguste. Il restera ici jusqu'après le mariage de Marie. L'Impératrice ne va pas plus mal, ni mieux; elle est toujours excellente pour moi. J'aime beaucoup à aller chez elle. Elle est, au fond, très gaie et pleine de vie, prenant une part très vive à tout ce qui se passe. — Grand'maman Catherine m'écrit souvent; il me semble qu'elle se trouve un peu dans un état d'exaltation qui, pour cela, ne pourra, je crains, pas durer toujours et qui fera place à autre chose, peut-être. Enfin, c'est bien hardi à moi de dire cela; ce n'est qu'une impression. Comme c'est agréable pour vous d'avoir ce *Kleeblatt der Zeitung*. Il faut vraiment être d'un aveuglement *(vielleicht beneidenswert)* (1) incroyable pour rester dans ces idées-là, pour croire à la bonne foi de ces gens-là; c'est une naiveté d'enfant *für Diejenigen, die, wie diese Damen, keine selbstsüchtigen Pläne in diesen Ideen verfolgen* (2). Je suis obligée de vous dire adieu pour que ma lettre parte encore. Le jeudi saint nous communierons et je me réunirai en intentions avec vous, chers parents et les frères. Je vous prierai d'embrasser les frères et Marie de ma part. Pedro vous envoie ses tendres et respectueux compliments, je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre vieille fille, *Stéph.*

M.me Naudin m'écrit rarement. Le grand-duc de Weimar m'a écrit une lettre de 15 pages et sur chaque feuille, il a fait faire un charmant dessin des environs de Weinburg, par le comte Kalkreuth; c'est vraiment bien aimable.

Lisbonne, le 16 Avril 1859.

---

(1) ... talvez invejável.

(2) ... para aqueles que, como estas senhoras, nenhum fim egoísta têm em vista nestas ideas.

L

Chère et adorée Maman. — Je profite d'un moment pour vous écrire deux mots, car ces jours-ci l'on a bien peu de temps à soi. Avant hier nous avons passé 5 heures à l'église et hier 8 heures. Je vous assure, je n'en pouvais plus, je ne pouvais même plus penser. Aujourd'hui nous y passerons encore 5 ou 6 heures. Hier matin nous avons communié tous ensemble et j'ai bien pensé à vous qui, à la même heure, deviez communier avec Papa et les frères et Marie à l'église de la garnison. Ces jours-ci font faire bien des reflexions sérieuses et tristes, quand on pense à la quantité de pauvres âmes qui se perdent et pour lesquelles Jésus-Christ s'est sacrifié. Combien chacun qui le peut devrait-il contribuer à ramener le plus d'âmes à la vérité, par les moyens que Dieu lui a mis en main. Mais, en général, on ne pense qu'aux besoins de cette terre et si peu à l'autre vie! — La journée d'aujourd'hui a beaucoup de souvenirs pour nous. C'est l'anniversaire du jour où le Cardinal Geissel est venu diner chez vous, Léopold et moi, à Helldorf, chez la comtesse Spee. Papa est allé, le soir, au chemin de fer voir à leur passage les Portugais et apporta les lettres de Pedro et son portrait, peint en miniature, duquel je ferai faire une copie pour vous, ma chère et bonne Maman, parcequ'il faut que vous ayez ce portrait. Vous devez avoir reçu maintenant les photographies de Pedro.

Les nouvelles politiques deviennent de plus en plus embrouillées; à juger d'après les journaux, il ne dépend plus que de l'Empereur Napoléon d'avoir la paix ou la guerre. Car il me semble que, si la France nie qu'elle ait armé et que, par conséquent, elle ne veuille désarmer, l'Autriche ne pourra le faire et les choses

seront au même point. Enfin, à quoi sert-il de parler de tout cela. Je n'y entend cependant rien et cela ne sert, non plus, à rien. Mais je désire la paix de toutes les forces de mon âme, comme vous aussi et presque tout le monde. — Il y a, ici avec le Duc de Coburg un aide de camp, un Saxon de Dresde, qui connaît Albert, *der in früheren Jahren sein Spielkamerad gewesen ist* (1) et qui connaît aussi Carola. Il m'a dit qu'elle était généralement chérie et estimée en Saxe *und dass man von ihrer Liebenswürdigkeit entzückt sei* (2). Cela fait toujours du bien à entendre et il m'a dit aussi que tous ceux qui approchaient d'Albert l'aimaient *und schätzten ihn* (3). Nous avons eu de la pluie et même très abondante; les récoltes ont été sauvées, car elles étaient bien menacées par la terrible sécheresse qui durait depuis quatre mois. J'espère, chère Maman, que vous avez reçu ma lettre du 17 et Papa celle du 16, qui ont été envoyées sous l'enveloppe adressée à M. de Werner. Je vous dis adieu, chère et adorée Maman, en vous baisant tendrement les mains; je suis toujours — Votre fille, *Stéphanie.*

Veuillez dire au P. Wilmers qu'aujourd'hui un Père Jésuite a prêché dans notre chapelle. Dans le public on ne sait pas qu'il est Jésuite. Il est ici depuis quelques années; il a un collége qu'on dit excellent.

Vendredi Saint, 22 Avril 1859.

---

(1) o qual em tempo foi seu companheiro de divertimentos.
(2) e que ali estava encantado com a sua amabilidade.
(3) e o estimavam.

LI

Ma chère et adorée Maman. — Je ne parviens plus du tout à écrire, car je n'ai, pour ainsi dire, pas un moment à moi. Il m'en a tout coûté de n'avoir pu vous écrire le 29, car vous pensez bien que j'étais avec vous en prières et en pensée et c'est avec une bien grande joie que j'ai reçu votre bonne lettre et la dépêche. Quoique éloignée matériellement de vous, je ne le suis pas en rien, par le cœur et par l'esprit, car je vis avec vous, je crains et j'espère avec vous, maintenant surtout, où vous devez être si triste, si tourmentée. Je le suis doublement à cause de cela, mais je trouve, malgré tout, qu'il faut espérer encore. S'il était possible que la guerre se limite aux trois puissances intéressées, cela serait bien heureux, mais cela n'est pas probable. Il faut penser et, c'est ce qui donne du courage et de la force, qu'au-dessus de tous ces plans, de ces menées humaines, il y a un Dieu juste et puissant, qui permet bien l'injustice pendant un certain temps, mais qui sait aussi l'arrêter et la punir quand il en est temps et mener tout à sa gloire et à la meilleure fin. La conduite de l'Autriche paraît inexplicable, on voudrait presque dire, impardonnable, tandis que celle de l'Emp. Nap. paraît d'une mauvaise foi et surtout d'un égoisme consommé; celle de l'Angleterre laisse supposer qu'elle est très faible dans ce moment, qu'elle craint d'être entrainée dans une guerre contre la France; celle de la Russie paraît être tout à fait russe, c. à. d., infâme. Au milieu de tout cela, il n'y a plus que la Prusse qui puisse inspirer des sympathies, de laquelle on peut-être sûr qu'elle prendra le parti le plus honorable, pour elle et pour l'Allemagne, quoique elle puisse paraître indécise au yeux de bien du monde.

3 Mai. — J'ai encore été interrompue et ne puis con-

tinuer qu'aujourd'hui ma lettre que, du reste, je ne pourrai faire partir que le 7, par l'Angleterre, la voie de la France étant trop peu sûre dans ce moment. Je ne puis pas croire que Dieu permette une guerre générale; j'espère toujours en sa miséricorde. Les nouvelles d'Italie, nous les recevons directement par le télégraphe. A l'heure qu'il est, une bataille doit déjà avoir été livrée, d'après les dernières nouvelles; c'est affreux à penser.

Nous commençons naturellement aussi à armer, il faut être prêt à tout événement, car si l'Espagne s'alliait à la France, nous serions nécessairement sur un pied de guerre avec elle. — Dieu nous en préserve, nous avons plus besoin de la paix que qui que cela soit. Nos libéraux sont fort tranquilles et paraissent ne faire grand cas de cette guerre, où cependant la révolution joue un rôle, en Italie au moins. C'est qu'eux, comme personne, n'ont confiance dans l'Emp. Nap.; c'est encore heureux!

Au milieu de toutes ces préoccupations, nous avons celles du mariage, qui aura lieu le 9, je pense. Georges doit arriver le 6 ou le 7 et je pense qu'ils nous quitteront le 14 ou le 15. Ce départ sera triste, Marie nous laissera un grand vide et pour son père c'est une véritable perte. Elle était dans beaucoup plus qu'une fille pour lui; elle avait une très bonne influence sur lui et sur ses frères. Nous nous entendions fort bien ensemble, elle me manquera beaucoup. Dans les derniers temps, tous les bons côtés de son caractère se sont surtout développés et j'espère bien que Georges l'appréciera comme elle le mérite. Elle voudrait tant s'arrêter à Düsseldorf, mais cela ne dépend pas d'elle. Pauvre Grand'Maman doit être bien inquiète aussi, maintenant, car il est à prévoir et, je dois l'avouer, même désirable, que, si tout cela prend une mauvaise fin, que cela soit pour l'Emp. Napoléon. Vous trou-

verez mal de ma part peut-être de parler ainsi. Mais il y a des intérêts bien plus grands, bien plus chers pour nous tous, que je crois mis en jeu, si l'Emp. réussit dans ses plans. Il n'est plus le même homme; depuis le dernier attentat il a commencé à montrer (si l'on peut s'exprimer ainsi) ses dents dans l'affaire de *Charles et Georges*. C'était prouver déjà que l'alliance anglaise ne lui tenait plus tellement à cœur. — Enfin, il vaut mieux ne pas parler de tout cela; cela ne sert cependant à rien. Il faut avoir espoir et confiance dans la Providence.

Hier, chère et adorée Maman, le 5, il y avait un an que je vous ai dit adieu! un triste, bien triste anniversaire, surtout ne pouvant maintenant espérer vous revoir de si tôt; et cependant j'y avais compté si sûrement! Mais, comme je vous dis, je ne renonce pas encore à tout espoir parcequ'une guerre générale me paraît impossible; Dieu et toute l'humanité s'y opposeront! — Il y a deux jours que j'ai reçu les photographies pour le stéréoscope que vous avez eu la bonté de faire faire pour moi; je ne puis vous dire combien elles m'ont réjouies; *ich sehe sie mit einer wahren Wonne an und bin ganz nach Düsseldorf versetzt* (1). J'ai tout de suite remarqué les quelques petits changements qui ont été faits. Fritz me paraît changé, Anton grandi, Marie toujours la même! M.elle d'Eynatten paraît bien jolie sur les photographies, elle a l'air distingué. Lorsque je vous ai vue, assise à la table, dans le salon rouge où l'on est le soir et avant et après le dîner, j'ai cru pouvoir m'agenouiller auprès de vous, appuyer ma tête contre votre cœur et baiser vos chères et adorées mains. Quand est-ce que Dieu me permettra cela de nouveau?

---

(1) olho para elas com verdadeiro prazer, e sinto-me transportada a Düsseldorf.

quel bonheur cela sera pour moi! — Pedro me charge de ses plus tendres et respectueux compliments; pardonnez-lui s'il ne vous a écrit depuis si longtemps, mais il a tant à faire. Il a besoin de tant de repos, *ich lasse ihn nur das allernötigste in seinen Geschäften tun* (1). — Je vous embrasse tendrement chère et adorée Maman. Je vous baise les mains et suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéphanie.*

Lisbonne, le 1er Mai 1859.

LII

Ma chère et adorée Maman. — Il m'a été malheureusement impossible de vous écrire ces jours derniers, ayant eu, les jours qui ont précédé le mariage de ma belle sœur, une légère inflammation aux yeux, qui m'a forcée de rester dans une chambre à moitié obscure, et ces jours derniers, vous comprenez que c'est à peine si j'ai pu écrire à la reine de Saxe et un griffonnage à Carola. Ma belle-sœur est partie hier à deux heures; c'étaient de bien, bien tristes adieux. Dieu veuille qu'elle soit bien heureuse! Mais, je l'espère, car elle aime son mari et lui, il paraît l'aimer beaucoup aussi; puis la famille dans laquelle elle entre est si bonne, si excellente!

Georges a voulu remonter le Rhin avec sa femme; par conséquent il ne passe par Düsseldorf. Louis, qui les accompagne, ira de Dresde à Berlin et reviendra de là à Düsseldorf vous voir, chère Maman; il m'a demandé s'il pourrait rester quelques jours chez vous sans vous déranger et j'ai pris la liberté de lui dire que oui. Pardonnez-moi, mais je ne pouvais faire autrement, car la manière dont il a arrangé tout cela *und*

---

(1) deixo-o fazer só o estrictamente necessário nas suas ocupações.

die Freude, die er ausgedrückt hat, bei Dir zu bleiben (1), m'on tant touchée et m'ont fait beaucoup de plaisir et de bien.

N'est ce pas, il pourra demeurer au Jägerhof, si même il n'y a pas beaucoup de place. Mais il en serait désapointé si cela ne pourrait être le cas, car il pense arriver au milieu de parents qui l'accueilleront comme tel. Je lui ai dit déjà qu'il ne pourrait être logé très largement et que Düsseldorf n'offrait pas beaucoup de distractions, mais il m'a dit: « *In der Familie werde ich genug Freude finden, dies ist Alles, was ich wünsche* » (2). — Il a enormément gagné dans les derniers temps, il est tout à fait redevenu ce qu'il était lorsque je suis arrivée. Il est très bon, plein de cœur, très simple, un peu timide, *man muss ihm zuvorkommen* (3). Il n'est surtout pas du tout moqueur. Ce qui l'amuserait et l'intéresserait beaucoup ce serait de visiter les fortifications de Cologne; il pourrait faire cela avec Léopold (qui viendra, j'espère, pendant ces jours à Düsseldorf) et Anton. Les fabriques d'armes et de machines l'intéressent aussi, l'art moins; il n'aime pas beaucoup monter à cheval, mais une promenade à Benrath, ou à Dyck et au Grafenberg l'amuserait. Ce qu'il aime passionnément, c'est la danse. Je vous dis tout cela, car je pense que vous désirez connaître ses goûts. *Hoffentlich wird Dir dieser Besuch nicht zu viel Umstände machen* (4). Le général qui l'accompagne, un aide de camp du roi Ferdinand, est un excellent, digne et brave homme, que nous aimons tous,

---

(1) ... e a alegria que êle exprimiu em ficar em tua casa.

(2) Na família encontrarei eu inteiro prazer; é tudo quanto eu desejo.

(3) é preciso ir ao seu encontro acolhedoramente.

(4) É de esperar que esta visita não te obrigue a muita cerimónia.

wie auch Lippipi's Adjudant, der ein guter, einfacher Marineoffizier ist, der nur sehr schlecht französisch spricht und jedenfalls sehr verlegen sein wird (1). Ils ne sont non plus gâtés par les petits agréments de la vie, surtout quand ils sont de service ici. Une chambre pour chacun sera tout à fait suffisant; en tous cas ça vaudra mieux que trois à l'hôtel. Louis vous apportera une petite caisse contenant quelques chinoiseries et un paquet de photographies que Pedro vous envoie. Je voudrais vous prier de donner à Papa et à chacun des frères un couteau à papier pour qu'ils s'en servent toujours; il y en a un pour vous aussi, adorée Maman; c'est bien peu de choses, mais c'est un tout petit souvenir. Le parasol chinois est pour vous, chère Maman, c'est une curiosité, mais, si vous le faites recouvrir autrement, il pourra vous servir, car le manche est très bien travaillé. Il y a quelques foulards indiens qui sont assez estimés; il y en a de jaunes et de blancs que j'ai destinés à Papa comme mouchoirs. Les petites figures en porcelaine sont pour Marie; ce sont les costumes de Lisbonne et environs; le petit éventail est pour Thérèse. Je vous demande bien pardon, ma chère Maman, de vous ennuyer avec toutes ces distributions. Il y a encore deux éventails pour la cheminée qui sont jolis *und ganz echt* (2); vous leur donnerez peut-être une place près de la cheminée dans le petit salon rouge qui doit être charmant, mais rempli au possible, d'après les stéréoscopes que vous avez eu encore la bonté de m'envoyer par M. de Rosenberg et qui me font un immense plaisir, surtout à cause des portraits de Papa et des frères qui y sont aussi. Je vous en remercie bien

(1) ... como também é ajudante de Líppipi, o qual é bom e simples oficial de marinha, o que sòmente fala muito mal o francês e por isso se sentirá muito embaraçado.

(2) e absolutamente autêntico.

tendrement, ainsi que pour la bonne chère lettre que vous avez eu la bonté de m'écrire par la même occasion. Pedro me charge de ses tendres compliments pour vous; il vous a écrit et a donné la lettre à Louis. Je suis obligée de vous dire adieu, car j'ai encore beaucoup à écrire pour après-demain. — J'ai presque toute la journée ma petite belle-sœur chez moi, qui est une charmante enfant. Le roi Férdinand me l'a recommandée, ce qui m'a beaucoup touché de sa part, parceque c'est la plus grande preuve de confiance et d'amitié qu'il peut donner à une personne. En général, il est excellent pour moi. Je vous baise tendrement les mains, adorée Maman, et suis éternellement — Votre fidèle, vieille fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 15 Mai 1859.

LIII

Ma chère et adorée Maman. — J'ai toujours *eine unendliche Sehnsucht nach Dir* (1), le désir de vous voir ici, mais il y a des moments où ce désir devient plus fort, plus impérieux, où il me domine tout à fait, et c'est le cas maintenant, quand je réfléchis à tout ce qui nous menace, quand je pense que vous ne viendrez peut-être pas encore cet été! C'est trop triste à penser pour moi et c'est pour cela que je voudrais vous supplier, si même c'est bien égoiste, de ne pas reculer devant le voyage; si l'on prévoyait, comme M. de Rosenberg le croit, que les choses traîneront en longueur, qu'il n'y aura point de décision pour l'Allemagne pendant le courant de l'été, mais pour l'automne ou l'hiver prochain elle soit obligée de se déclarer pour la guerre, alors quand viendrez-vous, quand vous reverrai-je, si

(1) ... uma infinita saüdade de ti.

vous ne profitez de ce temps, de ces mois d'été? Si vous étiez avec Papa et avec les frères, je me ferais plus de scrupules encore de vous parler ainsi, mais il est même à prévoir que vous soyez séparée d'eux pendant la plus grande partie de l'été. Une cure que vous deveriez prendre, vous ne la prendrez probablement pas, *weil Du nicht genug Gemütsruhe dazu haben wirst* (1).

Pour cela venez, adorée Maman, si cela vous est possible; pensez à mon bonheur et pensez que j'ai besoin de vous revoir, que j'ai besoin de vous voir, moralement et matériellement parlé. C'est trop triste d'être ainsi longtemps sans voir personne de sa famille. Puis, j'ai tellement besoin de vos conseils, de votre soutien, il y a tant de choses que je ne puis dire qu'à vous où vous seule pouvez me donner de bons conseils, où vous seule pouvez m'aider! Tout cela vous paraîtra bien égoiste, mais c'est pour cela donc que vous êtes Maman, que vos enfants dans tous leurs besoins ont recours à vous, qu'ils attendent tout de vous. Si je le pouvais, certainement que c'est moi qui irais vous voir, mais vous savez que c'est une impossibilité. — Il est presqu'à présumer qu'il ne fera pas trop chaud cet été-ci; jusqu'à présent nous grelottons plutôt que nous nous plaignons de la chaleur. Mais en tout cas, le climat est excellent; si la chaleur devenait trop forte ici, nous irions de suite à Cintra où l'on en est à l'abri. Oh oui, chère et adorée Maman, venez! Marie, cette chère Marie, viendra avec vous; et sous tous les rapports je désirerais beaucoup que ce soit M. d'Esebeck qui vous accompagne; *es wäre wirklich auch* politiquement parlé, *wichtig. H. v. Maerken wird sich nie und nimmer-*

---

(1) porque não terás para isso a necessária tranqüilidade de espírito.

mehr hier zurechtfinden (1). — Si vous voulez amener les deux dames, il y aura parfaitement de place; cela ne dépend que de vous. Il serait peut-être bon d'amener aussi un médecin, quoique en mer ils ne peuvent guère vous aider. Il n'y a pas de remède contre le mal de mer, si ce n'est de rester couché, une fois qu'on l'a, où bien de rester sur le pont du bâtiment, ce qui est cependant impossible durant un long voyage. Prendre du bouillon, 4 ou 5 fois par jour, avec un peu de poulet est aussi une bonne chose, parceque cela nourrit sans fatiguer l'estomac qu'il ne faut ni charger ni laisser sans rien. Ce sont mes expériences. Le 17 j'ai reçu votre dépêche, chère et adorée Maman; je vous en remercie de tout mon cœur; j'ai été bien touchée de ce bon souvenir. Je n'ai pas répondu pour ce qui regarde les yeux car vous devez avoir reçu des nouvelles ces jours-ci. J'ai envoyé une lettre par le bateau du 17 qui vous annonce la visite de Lippipi. — Je vous dis adieu, chère et adorée Maman, je ne puis aujourd'hui vous parler d'autre chose que de mon désir, *meiner unendlichen Sehnsucht, Dich wiederzusehen!* (2). — Je vous baise tendrement les mains, Pedro vous envoie ses tendres et respectueux compliments et je suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéphanie.*

Chère Maman, n'auriez-vous pas la bonté de dire à M. de Werner qu'il m'envoye cet ouvrage sur les chateaux et jardins du Duc de Saxe-Gotha, que nous avons vu à Arran, chez Tante Marie? Je voudrais en faire cadeau au roi Ferdinand.

Lisbonne, le 20 Mai 1859.

---

(1) isso seria também realmente, politicamente falando, importante. H. v. Marken nunca se achará aqui bem.

(2) ... da minha infinita anciedade de te tornar a ver!

LIV

Ma chère et adorée Maman. — Avant tout il faut que je vous demande pardon de revenir avec mes prières, de vous tourmenter peut-être, mais je ne puis faire autrement. Pedro vous demande, moi, je vous supplie, (naturellement toujours si les événements le permettent) de profiter de la bonne occasion pour venir ici avec Louis! Je sais bien qu'au commencement vous aurez une quantité d'objections contre cette proposition; je sais même toutes les pensées qui vous viendront, qui vous feront hésiter; mais, adorée Maman, il n'y a cependant rien de plus simple, de plus facile, de plus convenable, de plus sûr et, au fond, de plus agréable pour vous. Si vous ne vouliez pas vous arrêter en Angleterre, vous vous embarqueriez à Anvers, où le bateau viendrait vous chercher, et avec un beau temps vous seriez ici en 6 jours! ce qui avec un autre bâtiment ne serait guère possible, parcequ'il n'y en a pas qui marche comme le *Bartolomeo Diaz* qui est le même qui m'a amenée en Portugal. Louis serait très content, *Dich hierher zu geleiten; er wäre Dein Beschützer auf der Reise und sehr stolz darauf* (1). Maintenant que vous aurez fait sa connaissance, vous aurez bien vu combien peu il est embarassant, comme il est bon et simple. *Du würdest mit Marie und allen Deinen Damen und Frauen in dem einen Stockwerk wohnen und Ludwig mit seinem ganzen Etat-Major im anderen. Man kommt so gar nicht zu viel in Berührung* (2). Je

(1) ... de te conduzir até aqui; êle seria o teu protector durante a viagem e muito orgulhoso ficaría com isso.

(2) Tu ficarias com Maria e todas as tuas damas e aias habitando em um andar, e Luís com todo o seu estado-maior em outro. Assim não haveria um grande contacto.

vous en supplie, adorée Maman, ne vous laissez pas arrêter par une quantité de petites considérations qui, peut-être, n'en valent pas la peine. C'est un sentiment unanime que vous devriez profiter de cette bonne occasion et, chère Maman, permettez-moi de vous le dire, à part le bonheur immense de nous revoir, quelle tranquillité, quelle consolation, quel bon sentiment pour vous d'avoir fait ce voyage, une fois que vous serez de retour en Allemagne. Au lieu que si, comme on le prévoit, rien ne se décide pendant l'été, vous aurez attendu seule et tourmentée et triste à Düsseldorf; l'été sera passé sans que vous n'ayez rien fait de ce que vous auriez voulu ou même dû faire (une cure). Louis, en quittant Düsseldorf, va passer quelques semaines, deux ou trois, en Angleterre, et puis il revient ici. Ainsi vous avez tout le temps de vous décider et de faire tous les arrangements. Me le feriez-vous peut-être savoir par le télégraphe pour que je le sache plus vite, tout de suite? Ah! Dieu veuille, je le Lui demande de tout mon cœur que cela soit possible! Je ne parle d'aucun d'eux, ne pourra vous accompagner; mais si c'était possible que n'est-ce pas que vous en amenirez un *(sic)*. Ah! chère et adorée Maman, je n'aime rien au monde plus que vous, que Papa et que mes frères. Je vous dis adieu maintenant espérant en Dieu et en vous; je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre tendre fidèle, vieille fille, *Stéph.*

J'espère que vous avez reçu ma lettre du 20. Je me suis rappelée qu'une des choses qui intéresseraient le plus Louis serait d'aller voir: *die grosse Kanonengiesserei von Krupp in Essen* (1).

---

(1) ... a grande fundição dos canhões Krupp em Essen.

LV

Adorée Maman. — Je ne puis vous le dire, tout ce que je sens, mais vous le savez, vous me comprenez sans que j'aie besoin de parler et vous, adorée Maman, vous avez encore bien moins besoin de me le dire pour que je sache tout ce que vous sentez, tout ce que vous souffrez en ce moment! Que ne puis-je être auprès de vous! Ici, je ne puis que prier pour vous, afin que le bon Dieu vous fortifie, vous console dans ce moment si triste, si affreusement triste! Vous devez avoir reçu, maintenant, les lettres que je vous ai écrites pour vous supplier de venir me voir, et maintenant je le regrette presque, si ces lettres ont dû contribuer à augmenter tous vos regrets, car enfin il est bien possible que vous ne vouliez, que vous ne puissiez quitter Düsseldorf maintenant, et qui le comprendra mieux que moi? Personne ne saura mieux que moi que, si vous ne venez pas, c'est que cela était impossible; c'est pour cela que je viens aujourd'hui vous demander pardon, si elles ont augmenté votre chagrin; mais ne m'accusez pas d'égoisme, car lorsque je vous les ai écrites, j'étais vraiment si convaincue de la possibilité d'un voyage pour vous. Je n'ai qu'une prière maintenant à vous faire, et cela de tout mon cœur: c'est que vous preniez la décision que votre cœur vous conseillera, que vous ne suiviez que votre sentiment intime; car alors vous pouvez être sûre que, quelle que soit la décision que vous preniez, vous serez tranquille, vous ne la regretterez jamais. Je vous fais cette prière parceque toujours et toujours, vous et nous tous avons été contents lorsque nous suivons notre conviction et que nous l'avons toujours regretté lorsque nous ne le faisions pas. *Dein Herz kann Dich nicht irre führen; was es Dir sagen wird, wird das einzige Wahre, Rechte sein,*

dem wir uns Alle beugen sollen, an das ich wie an einen Glaubenssatz glaube (1). Pour cela, si vous venez, je louerai Dieu à genoux, je serai heureuse, heureuse, au possible; si vous ne venez pas, je me soumettrai à la volonté du bon Dieu, à la vôtre et j'attendrai avec la patience d'une volonté sacrifiée. Mais encore une fois je vous supplie, ne faites rien qui soit contre votre sentiment, votre conviction intime. Perdonnez-le-moi, si je parle avec trop de libérté, trop de franchise; mais vous savez pourquoi, parceque je vous adore, parcequ'il faut que je vous dise tout ce que je pense, parceque je vous comprends et que je sens avec vous dans tout et toujours. Enfin, adorée Maman, ayons confiance en Dieu, qui nous donnera de la force pour tout et qui ne nous abandonnera pas. Pedro vous présente l'hommage de son respect filial et moi, je vous baise tendrement les mains en pensées; je vous serre dans mes bras et suis éternellement — Votre fidèle fille, *Stéph.*

Je vous supplie, n'écrivez plus autrement à Pedro qu'en l'appelant par son nom; vous nous faites de la peine sans cela. Je reçois en ce moment votre lettre du 24 Mai, datée de Bade. Que dois-je vous dire? Je tremble encore tout à fait de joie en pensant à votre proposition d'un rendez-vous en Angleterre! Mais, mon Dieu, cela sera-t-il possible? *Ich kann Dir das Gefühl nicht schildern, welches mich erfüllt; es wäre so himmlisch, es wäre soleicht, wenn wir darin nicht so krähwinkelig in Portugal wären! Dass aber Pedro im jetzigen Augenblick weg kann, glaube ich schwerlich; er wird es, fürchte ich, nicht wollen, obgleich Alles in 14 Tagen abgemacht sein könnte, wenn das*

---

(1) O teu coração não pode enganar-te; o que êle te disser será a única verdade e o único direito, a que nós todos devemos curvar-nos e em que eu creio como num artigo de fé.

rendez-vous zum Beispiel auf der Insel Wight wäre. Wir brauchten 3 Tage hin, 10 bleiben, 3 Tage zurück, ach! es wäre so leicht, so einfach (1) et je verrais aussi Papa! Mais Pedro qui ne peut pas sortir du pays sans permission des Côrtes, qui sont fermés maintenant! Moi seule, ce qui serait la chose la plus naturelle du monde, la plus simple, je serai naturellement tout aussi prête à entreprendre le voyage; mais ici, et même à Pedro, cela paraîtra une énormité, *etwas Unerhörtes! Darum sage ich, dass wir krähwinkelig sind* (2). Je n'ai pas parlé encore avec Pedro, je ne l'ai pas vu depuis que j'ai votre lettre, je ne veux donc rien dire de plus, parceque *ich bin so aufgeregt, dass ich Dir doch nichts Gereimtes sagen kann* (3). Hélas! je l'avais bien prévu, c'est impossible. Les Côrtes sont fermés; sans leur permission le roi ne peut sortir du pays et seule on ne me le permet pas. C'est bien dur, voilà tout ce que je puis dire. Je vous envoie cette réponse par le télégraphe pour que vous ne restiez pas dans l'hésitation pendant si longtemps; c'est si pénible quand ensuite on doit cependant recevoir une réponse négative. Ah! ma chère et adorée Maman, je suis bien triste! Mais encore une fois je vous supplie de ne pas venir ici maintenant, si c'est contre votre

---

(1) Não posso descrever-te a sensação que experimento; seria tão deliciosa, tão suave, se nós não fôssemos aqui em Portugal uns pacóvios de uns provincianos! Mas, que Pedro no actual momento possa sair do país, creio que será difícil; penso que êle não quererá, ainda que em catorze dias tudo se poderia fazer, se o *rendez-vous*, por exemplo, fôsse na ilha de Wight. Nós necessitamos de 3 dias para chegar lá, 10 para ficar e 3 para a volta; ah! isso era tão fácil, tão simples!

(2) ... alguma coisa de inaudito! Por isso digo eu que nós estamos uns pacóvios de uns provincianos.

(3) ... estou tão agitada, que não posso dizer-te nada de acertado.

sentiment intime, si vous vous sentez intérieurement retenue, car sans cela je me ferais d'éternelles reproches de vous y avoir engagée avec tant d'instance. Adieu encore une fois. — Votre fidèle fille.

Lisbonne, le 3 Juin 1859.

LVI

Ma chère et adorée Maman. — Il y a quelque temps déjà que je ne vous ai écrit, et que je n'ai eu de lettres *von zu Hause* (1) et, maintenant je voudrais naturellement en recevoir tous les jours, ce que vous trouverez bien exigeant. Je crains seulement toujours que, si l'attitude de l'Allemagne devient plus menaçante pour la France, il ne nous restera plus que la voie de l'Angleterre pour notre correspondance. Cette lettre-ci je la donne au ministre de Belgique ici, qui fait un voyage et qui l'emporte jusqu'à Bruxelles, où il la mettra à la poste pour Düsseldorf. J'espère qu'elle arrivera à bon port. Que devons-nous penser de l'avenir politique; la mobilisation d'une partie de l'armée prussienne doit-elle effrayer ou donner de l'espoir qu'une politique plus décidée de la Prusse fera entrevoir une issue à ces tristes complications? Et l'Angleterre, peut-on compter le moins du monde sur elle? Vraiment *man sucht vergebens nach einem Ruhepunkt für seine Gedanken* (2). Adorée Maman, comme je n'ai reçu de dépêche télégraphique, je me prépare à recevoir une bien triste lettre qui m'ôtera tout espoir de vous voir ici cet été. Je le comprends si bien, que vous ne puissiez quitter l'Allemagne maintenant justement; mais cela ne peut

(1) ... e casa.

(2) ... procuramos em vão um ponto de refúgio para os nossos pensamentos.

me consoler, cela ne peut adoucir tous mes regrets, mon chagrin! Pour cela pardonnez-moi si je vous ai encore télégraphié, il y a quelques jours, mais je ne pouvais faire autrement. J'espère que Papa ne sera pas fâché contre moi, mais vraiment, jusqu'à présent, j'avais cru notre projet réalisable. Si vous ne pouvez pas, c'est que c'est impossible; *davon bin ich ganz sicher* (1). Pedro vous envoie ses tendres compliments; il espérait toujours encore vous voir bientôt ici. Aujourd'hui il a posé une heure pour une miniature que je fais faire pour vous et que j'espère pouvoir vous envoyer par la prochaine occasion. C'est la copie de celle que Pedro m'a envoyée et que vous aimiez tant. Le peintre l'a seulement un peu corrigée d'après nature; j'espère qu'elle ne sera pas trop mal. Je l'ai encadrée dans un bracelet pour que vous portiez toujours le portrait de mon bon Pedro. Il était si heureux de l'idée de vous voir bientôt! Enfin, c'est un sacrifice bien difficile que Dieu exige de nous, il faut savoir le porter. Nous n'avons pas la moindre nouvelle de Louis; nous savons seulement qu'il est en Belgique maintenant; mais depuis qu'il a quitté Lisbonne il n'a pas écrit un mot. Nous avons eu la visite du Prince de Galles pendant 15 jours, qui est un bon et agréable jeune homme, très enfant encore, un peu trop. Son séjour s'est très bien passé, je crois qu'il s'est beaucoup amusé. Tous les jours nous faisions des courses, ou bien nous allions voir quelque chose en ville. Nous avons passé deux jours à Mafra, qui commence à se civiliser, grâce au comte da Ponte et à moi. De là nous avons fait une excursion à Torres Vedras, petite ville fort ancienne, dominée par un fort que les Portugais et les Anglais ont érigé durant la guerre péninsulaire et qui commence les fameuses lignes de Torres Vedras contre lesquelles

---

(1) disso estou eu absolutamente certa.

l'on peut dire que l'ancien empire s'est brisé. C'était un voyage tout à fait *alterthümlich* (1) que nous avons fait, Pedro à cheval avec tous les messieurs, moi en voiture, tirée par des mulets, sur un chemin qui ressemble plutôt à toute autre chose qu'à une route. Partout nous avons été reçus de la manière la plus touchante, les endroits les plus pauvres par lesquels nous passions *geschmückt und in festlichem Gewande* (2). Toute les populations sur pied. En arrivant à Torres, nous nous dirigeâmes directement à l'église où l'on chanta un Te Deum, ancienne coutume portugaise qui se conserve de nos jours et qui se pratique dans chaque village que le roi ou la reine visite. Chère et adorée Maman, je vous prie de bien vouloir envoyer cette lettre à Grand'Maman et l'autre à Fritz, car je ne sais au juste où il est maintenant. Adieu, chère et adorée Maman, je vous baise bien tendrement les mains et suis éternellement — Votre fidèle, tendre et vieille fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 22 Juin 1859.

LVII

Ma chère et adorée Maman. — Il y a près d'un mois que je n'ai plus reçu de lettre de vous, ce qui me rend triste, car en pensées je suis presque toujours avec vous. Le 22 du mois dernier je vous ai écrit pour la dernière fois et j'ai mis dans votre enveloppe une lettre pour Grand'maman. Le mois dernier je ne vous ai écrit que deux fois, mais 4 fois pendant le mois de Mai. J'ai reçu les deux lettres que vous avez eu la bonté de m'écrire de Bade, mais aucune depuis. Les

---

(1) ... à antiga.
(2) ... ornamentados em trajos de gala.

seules nouvelles que j'ai de Düsseldorf sont de Marie qui m'a écrit deux fois depuis le retour de Bade. Je vous dis tout cela dans la crainte qu'il y ait encore des lettres de perdues, ce qui maintenant ne serait vraiment pas étonnant pour celles qui prennent la voie de France. Je sens si vivement tout ce que vous devez éprouver, maintenant, adorée Maman, toutes les angoisses de votre cœur, mais aussi, il y a de quoi. Dans ce monde, la bonne fortune est presque toujours avec ceux qui ne la méritent pas, ce qui prouve bien qu'elle est de ce monde, et, par conséquent, trompeuse et injuste. Je dis cela à propos de la lutte en Italie. Si tout pouvait finir avec l'indépendance, la liberté, le bonheur de l'Italie, tout le monde ne pourrait que s'en réjouir; mais qui et quoi nous le garantit? Au contraire, nous avons tout à craindre pour l'avenir, si N. réussit encore cette fois-ci dans tous ses plans. Enfin, il vaut mieux ne pas commencer à parler de tout cela; il y a trop à dire et c'est inutile. Que Dieu bénisse les décisions de la Prusse, ses tentatives pour la paix. Je vous envoie par ce même paquebot le portrait de Pedro dont je vous ai parlé! Il est frappant, c'est ce qui a été fait de plus ressemblant de lui; vraiment, il ne laisse presque rien à désirer et c'est un immense plaisir pour moi de pouvoir vous l'envoyer. Je n'ai qu'une prière, c'est que vous le portiez bien, bien souvent. Pedro vous envoie ses bien tendres et respectueux compliments. Nous faisons maintenant beaucoup plus de courses, parceque c'est absolument nécessaire pour lui. Il faut presque faire attention à tous les détails de sa santé, comme pour un enfant; aussi je suis très sévère sous ce rapport. Il a eu jusqu'à présent un mauvais régime qui l'a affaibli et dont il faut combattre les suites; mais Dieu merci, il est fort sans cela; il a une très bonne constitution. Il faut que je vous raconte quelque chose qui vous intéressera et que vous devez

savoir. Le couvent de Mafra a été fondé par le roi Jean comme vœu pour la succession de la couronne; il était marié pendant 3 ans sans avoir d'enfants (1)... Je vous l'écris à vous, adorée Maman, parceque vous devez le savoir; si vous ne pouviez vous unir à nos prières, cela ne nous porterait pas bonheur; mais je vous prie de le garder tout à fait pour vous; cela vaut

---

(1) Aqui vem o trecho que está a pág. 404 do livro *D. Pedro V e o seu Reinado* e diz assim:

«Le couvent de Mafra a été fondé par le Roi Jean V comme vœu pour la succession de la couronne; il était marié pendant trois ans sans avoir d'enfants, lorsque un moine fort vénérable lui prophétise que, s'il fondait à Mafra un couvent de franciscains dédié à S. Antoine de Padoue, saint de grande vénération ici, il aurait des enfants. Et, en effet, dès que le Roi eut pris la décision, son désir se trouva accompli. Depuis les Reines n'ont toujours eu d'enfants que lorsque les moines faisaient certaines prières sous l'invocation de S. Antoine et aussi de S. Pedro de Alcantara, qui en Portugal fut le rénovateur de l'ordre de S. François.

«Du temps de la Reine D. Marie II l'ordre n'existait plus. On avait dit qu'elle n'aurait pas d'enfants, lorsque quelques pieuses dames se rappelèrent le vœu du Roi, choisirent trois prêtres de l'ordre qui, avec l'approbation de la Reine, furent chargés (pour l'extérieur) de garder la bibliothèque de Mafra, mais qui firent des exercices prescrits par l'ordre et qui sont valables, dès qu'il y a trois moines de l'ordre réunis. Et 9 ou 10 mois après Pedro est né.

«C'est cependant fort remarquable et il serait très mal de dédaigner une pareille chose, car ce n'est une superstition, ce n'est que l'accomplissement d'un vœu formé par un de nos antécesseurs.

«Quelques bonnes dames en ont réuni trois encore qui peut-être pourront commencer le mois prochain leurs exercices.

«Mais personne n'en sait rien, si ce n'est Pedro et moi et deux ou trois dames.

«Je vous l'écris à vous, adorée Maman, parce que vous devez le savoir; si vous ne pouviez vous unir à nos prières, cela ne nous porterait pas bonheur; mais je vous prie de le garder tout à fait pour vous; cela vaut mieux.

«Maintenant j'attends avec impacience de vos nouvelles».

mieux. Maintenant j'attends avec impatience de vos nouvelles, *denn ich weiss gar nichts mehr von Dir* (1). De l'espoir je n'en ai plus ! Cela sera pour plus tard, mais c'est triste. Adieu, adorée et bien aimée Maman; ayez du courage, de la confiance en Dieu. Je vous baise tendrement les mains et suis éternellement — Votre tendre et fidèle fille, *Stéph.*

Lisbonne, le 6 Juillet 59.

---

(1) ... porque nada mais sei de ti

NOTA

Aqui acabam as cópias das Cartas da Rainha D. Estefânia, existentes no Arquivo da Casa de Hohenzollern Sigmaringen. São cartas íntimas, como tais não destinadas à publicidade, escritas à pressa, numa língua que não é a própria da pessoa que as escreveu e, por isso, sujeitas, naturalmente, a impurezas de redacção.

Cumpre advertir, contudo, que em documentos desta ordem deve procurar-se, maiormente, a sua conformidade com o original, e nesse ponto diligenciámos fazer que saísse o melhor possível.

O valor destas cartas está na sua importância histórica, à uma porque nos dão, em determinada época, o conhecimento autêntico da vida e dos costumes dos nossos Reis e das pessoas que os acompanhavam, à outra porque está nestes documentos especialmente o retrato moral da Rainha D. Estefânia e de seu marido, o Rei D. Pedro V.

A Sua Alteza Real, o Príncipe Guilherme, agradece a Academia das Sciências de Lisboa o grande favor que lhe fez, enriquecendo a sua biblioteca com as cópias autênticas, e facilitando a publicação desta página da história de Portugal.

E também não podemos esquecer o digníssimo dr. Hebeisen, arquivista, que tanto trabalho e boa vontade dispendeu em catalogar as cartas que se achavam dispersas e em as comparar com os traslados.

FIM.

ERRATA

Pág.	*Linha*	*Erros*	*Emendas*
15	26	déroutè	dérouté
23	22	grande	grand
23	23	éxprimer	exprimer
30	32	je mettai	je mettrai
32	17	m'a	n'a
33	34	ê	é
43	3	Rocoon	Racoon
55	27	a mais	mais
59	6	bonneur	bonheur
73	36	pais	num país
78	2	les moments	*Eliminado*

ÍNDICE

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

ÍNDICE DAS CARTAS

U

V

W